CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FEI

AUDREY SILVA

QUALIDADE DE VIDA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE COOPERATIVAS EM SP: estudo de casos múltiplos.

São Paulo

2015

AUDREY SILVA

QUALIDADE DE VIDA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE COOPERATIVAS EM SP: estudo de casos múltiplos.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro Universitário da FEI como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Administração, orientada pela Profª Drª Carmen Augusta Varela.

São Paulo

2015

Silva, Audrey.
Qualidade de Vida dos Catadores de Materiais Recicláveis de Cooperativas em SP : estudo de casos múltiplos / Audrey Silva. São Bernardo do Campo, 2015.
222 f. : il.

Dissertação - Centro Universitário FEI.
Orientadora: Prof.ª Dra. Carmen Augusta Varela.

1. Resíduos Sólidos Urbanos. 2. Catador de Material Reciclável. 3. Cooperativas de Catadores. 4. Vulnerabilidade Socioambiental. 5. Qualidade de Vida. I. Varela, Carmen Augusta, orient. II. Título.

Elaborada pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da FEI com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Centro Universitário da **FEI**

APRESENTAÇÃO DE DISSERTAÇÃO
ATA DA BANCA EXAMINADORA

PPGA-10

Programa de Mestrado de Administração

Aluno: Audrey Silva **Matrícula:** 311406-3

Título do Trabalho: "Qualidade de Vida dos Catadores de Materiais Recicláveis de Cooperativas em São Paulo: Quatro Estudos de Caso"

Área de Concentração: Sustentabilidade

Orientador: Profª Dra. Carmen Augusta Varela

Data da realização da defesa: 15 de dezembro de 2015

Avaliação da Banca Examinadora:

São Paulo, 15 / 12 / 2015.

ORIGINAL ASSINADA

MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Carmen Augusta Varela Ass.: _____

Prof. Dr. Pedro Jaime Coelho Junior Ass.: _____

Prof. Dr. Luciel Henrique de Oliveira Ass.: _____

A Banca Julgadora acima-assinada atribuiu ao aluno o seguinte resultado:

APROVADO ☒ REPROVADO ☐

VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO

APROVO A VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO EM QUE FORAM INCLUÍDAS AS RECOMENDAÇÕES DA BANCA EXAMINADORA

_____

Aprovação do Coordenador do Programa de Pós-graduação

_____

Prof. Dr. Edmilson Alves de Moraes

À minha amada mãe, Iolanda Maria dos Santos Silva, ao meu amado pai, José da Silva (*in memorian*), ao meu outro amado pai, Ladislau Pardubsky e ao meu também amado noivo, Carlos Hein, sem os quais eu nunca teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre caminhar ao meu lado, me confortar e me guiar nos momentos de dúvida, fazendo com que meus dias sigam os caminhos que Ele sabe que serão os melhores para a minha vida.

À minha mãe e ao meu pai (*in memorian*) por todo seu amor, dedicação e força, mas principalmente por sempre me incentivarem a seguir na direção que escolhi e nunca desistirem de mim.

À minha irmã, Marjorie Silva, por seu companheirismo e por acreditar sempre em mim.

Ao meu segundo pai que está sempre presente nos momentos bons e em outros difíceis de minha vida me apoiando e me incentivando.

Ao meu noivo que tem me acompanhado com dedicação e carinho nessa jornada.

Aos meus tios Célia Cristine Santos e Délcio Bispo dos Santos por toda a proteção dada a mim.

À Professora Doutora Carmen Augusta Varela por sua orientação e dedicação em me ensinar além do que se exige para a formação de um mestrando, tornando-me apta a alçar voos mais altos.

Aos Professores Doutores Pedro Jaime de Coelho Júnior e Luciel Henrique de Oliveira por participarem da minha banca examinadora e por suas importantes contribuições.

A todos os meus professores da Pós-Graduação em Administração do Centro Universitário da FEI, campus Liberdade, por sua generosidade durante as aulas e a qualquer tempo: Edmilson de Moraes (Prof. e Coordenador), Edson Sadao, Jacques Demajorovic, Juliana Santos, Fernanda Ribeiro e Roberto Bernardes.

Aos meus amigos Suzana Salomão, Warton da Silva Souza, Marcelo Barbosa César pela acolhida, disponibilidade em me ajudar, pelo convívio, troca de experiências e pela amizade.

Por fim, à Carmen Carlos pela disponibilidade, incentivo e apoio imprescindíveis no desenvolvimento do meu curso.

“As liberdades não são apenas os fins primordiais do desenvolvimento, mas também os meios principais. (...) O desenvolvimento tem de estar relacionado sobretudo com a melhora da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos.”

Amartya Sen

RESUMO

A destinação dos Resíduos Sólidos Urbanos tornou-se uma preocupação e alvo de estudos que indicam a necessidade de tratamento e de locais adequados para a sua disposição final. Nesse contexto, observa-se que a coleta seletiva e a reciclagem são ações que possibilitam a melhora da qualidade de vida da sociedade e viabiliza ajustes nos custos financeiros, por contribuir para o meio ambiente e a saúde humana e auxiliar na diminuição de resíduos que deverão ser tratados. Nesse aspecto, a ação dos catadores de materiais recicláveis, responsáveis pela coleta de uma grande quantidade de material, os tornam os principais agentes da coleta seletiva no Brasil e em vários países em desenvolvimento. Observa-se que políticas públicas que buscam promover a inclusão social dos catadores devem considerar as condições de saúde, da qualidade de vida e os riscos a que esses trabalhadores costumam estar expostos, e não somente aspectos relativos ao direito de trabalho e renda. Nota-se que as pesquisas desenvolvidas sobre os catadores costumeiramente abordam aspectos econômicos, sociais e ambientais, mas poucas abordam os possíveis problemas de saúde e qualidade de vida relacionados à função ocupacional do catador. Nesse sentido, este estudo buscou responder a seguinte pergunta de pesquisa: como o processo de organização coletivista do trabalho influencia a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis em SP? Deseja-se verificar como funcionam as cooperativas e como estas influenciam a qualidade de vida dos catadores e quais as mudanças que ocorreram na vida desse indivíduo a partir do ingresso em cooperativas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de estudo de casos múltiplos e de natureza interpretativa. Os dados foram coletados por meio de entrevistas, observação direta e documentos. Observou-se que a qualidade de vida é vista pelos catadores como a capacidade para trabalhar e que a doença somente é reconhecida quando esta os impede de trabalhar. Os cooperados percebem melhorias na sua qualidade de vida após ingressarem nas cooperativas expressando-as quanto aos parâmetros financeiros. Constata-se que a dinâmica das cooperativas favorece transformações sociais e econômicas, tornando-se uma alternativa viável para o desenvolvimento local. No entanto, há a necessidade de ampliação e aprofundamento de uma educação voltada ao cooperativismo, tendo em vista o perfil dos trabalhadores abordados nessa pesquisa.

Palavras-chave: Resíduos Sólidos Urbanos. Catador de material reciclável. Cooperativas de catadores. Vulnerabilidade Socioambiental. Qualidade de vida.

ABSTRACT

The disposal of urban solid waste has become a concern and the subject of studies that indicate the need for treatment and sites suitable for final disposal. In this context, it is observed that the selective collection and recycling are actions that enable the improvement of society's quality of life, enables adjustments to financial costs, for contributing to the environment and human health, and help to reduce waste to be treated. In this respect, the action of recyclable waste pickers, responsible for collecting a large amount of material, make them the main agents of selective collection in Brazil and several developing countries. It is observed that public policies that seek to promote the social inclusion of waste pickers should consider the health, quality of life and the risks to which these workers are usually exposed, not only aspects of labor law and income. It turns out that the developed research on the waste pickers routinely address economic, social and environmental aspects, but few address the potential risks to health and quality of life related to occupational function of the collector. Thus, this study sought to answer the following research question: how the collectivist organization of the work process influences the quality of life of waste pickers in SP? Want to check how they work cooperatives and how they influence the quality of life of waste pickers and what changes occurred in the life of that individual from entering into cooperatives. It is a qualitative research, developed through multiple case studies and interpretative nature. Data were collected through interviews, direct observation and documents. It was observed that the quality of life is seen by the pickers as the ability to work and the disease is recognized only when it hinders the work. The cooperative receive improvements in their quality of life after joining the cooperatives expressing them as financial parameters. It was found that the dynamics of cooperatives promotes social and economic transformations, making it feasible for local development. However, there is the need for broadening and deepening of an education to cooperativism, in view of the profile of workers covered in this research.

Key words: Urban Solid Waste. Recyclable waste pickers. Waste pickers cooperatives. Environmental Vulnerability. Quality of life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Hierarquia da gestão de resíduos.....31

Figura 2 – Tipos de organizações de catadores de materiais recicláveis.....37

Figura 3 – Métodos para alcançar os objetivos geral e específicos.....61

Quadro 1 – Agentes físicos capazes de interferir no meio ambiente e na saúde humana 42

Quadro 2 – Agentes etiológicos, aplicações e doenças classificadas conforme CID-10 43

Quadro 3 – Agentes biológicos capazes de interferir no meio ambiente e na saúde humana ..45

Quadro 4 – Riscos ocupacionais e acidentes relacionados ao trabalho direto com RSU.....46

Quadro 5 – Descrição das cooperativas de catadores estudadas 77

Quadro 6 - Triagem por mês por cooperado.....79

Quadro 7 - Identificação dos gestores participantes.....80

Quadro 8 - Identificação dos cooperados participantes.....89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – População e variação na geração de RSU entre 2012 e 2030 21
Tabela 2 – População e geração de RSU em 2010 21
Tabela 3 – Estimativa dos benefícios econômicos e ambientais gerados pela coleta e reciclagem 24

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AMLURB	Autoridade Municipal de Limpeza Urbana
CBO	Classificação Brasileira de Ocupação
CETESB	Companhia Ambiental do Estado de São Paulo
CEMPRE	Compromisso Empresarial para Reciclagem
CID	Classificação Internacional de Doenças
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
EPA	*Environment Protection Agency*
EPI	Equipamento de Proteção Individual
GEEs	Gases de Efeito Estufa
GIZ	*Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit*
GTZ	*Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit*
HIV	Imunodeficiência Humana
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICD	*International Statistical Classification of Diseases*
INSS	Instituto Nacional da Seguridade Social
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LOGA	Logística Ambiental de São Paulo S.A.
MNCR	Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis
OMS	Organização Mundial de Saúde
PAHO	*Pan American Health Organization*
PET	Politereftalato de Etileno
PNRS	Política Nacional de Resíduos Sólidos
PNSB	Política Nacional de Saneamento Básico
QVT	Qualidade de Vida no Trabalho
QWLQ	*Quality of Working Life Questionnaire*
RH	Recursos Humanos

RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
RSU	Resíduos Sólidos Urbanos
SMA	Secretaria do Meio Ambiente
SNIS	Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento
UN	*United Nations*
USP	Universidade de São Paulo
WBCSD	*World Business Council for Sustainable Development*
WHO	*World Health Organization*
WHOQOF	*World Health Organization Quality Of Life*
WIEGO	*Women in Informal Employment Globalizing and Organizing*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15

1.1 Justificativa e pergunta de pesquisa 18

1.2 Objetivo geral e objetivos específicos 19

2 REFERENCIAL TEÓRICO 20

2.1 O cenário dos resíduos sólidos urbanos e o avanço da coleta seletiva 20

2.2 A inserção de catadores de materiais recicláveis no processo de coleta seletiva 26

2.3 Gestão integrada e sustentável de resíduos sólidos e a nova Política Nacional de Resíduos Sólidos 30

2.4 Modelos e entraves das organizações de catadores de materiais recicláveis 35

2.5 Vulnerabilidade socioambiental dos catadores de materiais recicláveis 40

2.6 Saúde e qualidade de vida 47

2.7 Qualidade de vida no trabalho e instrumentos de mensuração 52

3 MÉTODO DE PESQUISA 56

3.1 Abordagem metodológica 56

3.2 Instrumentos de coleta de dados 57

3.3 Análise e tratamento dos dados 59

4 RESULTADOS E ANÁLISE 63

4.1 Descrição das cooperativas e da sua forma de gestão 65

4.1.1 Cooperativa Fênix Ágape 65

4.1.2 Cooperativa Regional de Coleta Seletiva e Reciclagem da Região Oeste – Cooperação 68

4.1.3 Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Papelão, Aparas e Materiais Reaproveitáveis – Coopamare 71

4.1.4 Cooperativa de Catadores Autônomos de Materiais Reaproveitáveis – Coopere-Centro 74

4.1.5 Resumo das características das cooperativas Fênix Ágape, Cooperação, Coopamare e Coopere-Centro 76

4.2 Análise das entrevistas com os gestores 80

4.3 Análise das entrevistas com os cooperados 89

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 98

REFERÊNCIAS 104

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Semiestruturada para os Gestores das Cooperativas.....113
APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista Semiestrutura para os Catadores de Materiais Recicláveis...115
APÊNDICE C - Entrevista com a Gestora da Cooperativa Fênix Ágape 118
APÊNDICE D – Entrevista com as Gestoras da Cooperativa Cooperação 139
APÊNDICE E – Entrevista com os Gestores da Cooperativa Coopamare 154
APÊNDICE F – Entrevista com os Gestores da Cooperativa Coopere-Centro 167
APÊNDICE G – Entrevistas com os Cooperados da Cooperativa Fênix Ágape.....177
APÊNDICE H – Entrevistas com os Cooperados da Cooperativa Cooperação.....187
APÊNDICE I – Entrevistas com os Cooperados da Cooperativa Coopamare.....197
APÊNDICE J – Entrevistas com os Cooperados da Cooperativa Coopere-Centro.....207
APÊNDICE K – Observações Diretas 217

1 INTRODUÇÃO

O crescimento populacional, o avanço tecnológico, a industrialização e o desenvolvimento econômico, além do aumento do consumo, são algumas variáveis que têm proporcionado uma elevação na geração de Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) e causado alteração em sua composição (EPA, 2010; OMS, 2010a; JACOBI; BESEN, 2011; SANTOS; SILVA, 2011; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; BESEN *et al*., 2014).

Especialmente em relação ao desenvolvimento demográfico, estudos da *United Nations* (UN) identificam, no mundo atual, 28 megacidades[1] e, segundo estimativas da organização, haverá 41 megacidades no planeta em 2030 (UN, 2014). Em termos populacionais, as maiores cidades apontadas pela *United Nations* são Tóquio, com 38 milhões de habitantes; Delhi, com 25 milhões; Shanghai, com 23 milhões; e Cidade do México, Mumbai e São Paulo, cada uma com cerca de 21 milhões de habitantes (UN, 2014).

Nesse cenário, o Estado de São Paulo, com quase 42 milhões de habitantes, em 2012[2], gerou em torno de 36,3 mil toneladas de RSU por dia. A previsão para 2030 é o aumento na produção desses resíduos atingir 107,60% (BRASIL, 2014). Deve-se observar, também, que o crescimento da quantidade de RSU leva à ampliação dos custos de seu tratamento para as cidades (IPEA, 2010). Normalmente, a receita arrecadada pelas prefeituras com os serviços relacionados ao manejo dos resíduos tem sido insuficiente para sua gestão (SNIS, 2014).

Diante dessas circunstâncias, nota-se que a destinação dos RSU tornou-se uma preocupação e tem sido alvo de estudos que indicam a necessidade de tratamento e de locais adequados para a sua disposição final (JACOBI; BESEN, 2011; GOUVEIA, 2012; BESEN *et al*., 2014).

Pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2010 apresenta possíveis benefícios econômicos e ambientais, gerados pela coleta e reciclagem de RSU, estimados em R$ 8 bilhões anuais (IPEA, 2010). Nesse contexto, observa-se que a coleta seletiva de RSU e a reciclagem são ações que possibilitam a melhora da qualidade de vida da sociedade e viabilizam ajustes nos custos financeiros, por contribuir para o meio ambiente e a saúde humana e auxiliar na diminuição de resíduos a serem tratados (JACOBI; BESEN, 2011).

Nesse âmbito, insere-se a ação dos catadores de materiais recicláveis, responsáveis pela coleta de uma grande quantidade de material. No Brasil, em 2012, 18% dos resíduos foram

[1] Denominação para cidades com mais de 10 milhões de habitantes (UN, 2014).
[2] Hoje, a população do Estado de São Paulo é de pouco mais de 44,5 milhões de pessoas, de acordo com a estimativa do IBGE (2015).

coletados pelos catadores e o restante ficou a cargo de atacadistas que costumam usar essa mesma mão de obra (CEMPRE, 2013). Verifica-se, assim, que os catadores são os principais agentes da coleta seletiva no Brasil e em vários países em desenvolvimento (ASIM; BATOOL; CHAUDHRY, 2012).

Trata-se de uma população estimada em um milhão de catadores no país, entre cooperados e autônomos (CEMPRE, 2013). A inclusão desses indivíduos organizados em um sistema de coleta seletiva busca promover a inserção social dessa população carente de recursos para sua sobrevivência e com dificuldades para atuar no setor de trabalho formal (SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; BESEN *et. al*., 2014). O manuseio de resíduos, por meio da coleta, representa um meio de sobrevivência para as populações pobres de países em desenvolvimento, que possuem uma realidade diferente das nações desenvolvidas. Como há escassez de capital e abundância de mão de obra barata e desqualificada, torna-se comum o desenvolvimento de uma estratégia de gestão de resíduos que tire partido desses trabalhadores (MEDINA, 1997, 2000).

No Brasil, a Política Nacional de Saneamento Básico (PNSB), de 2007, surgiu como um instrumento de política pública de inclusão social que, entre outras ações, proporcionou a dispensa de licitação às prefeituras para a contratação de cooperativas e associações de catadores. Em 2010, a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) ampliou essa esfera, ao dispor sobre a gestão integrada dos resíduos e a responsabilidade compartilhada entre os diversos atores dessa cadeia, como governos, organizações, consumidores etc. (JACOBI; BESEN, 2011; DEMAJOROVIC; MIGLIANO, 2013; BESEN *et. al*., 2014). Essa política foi responsável por inserir a figura do catador no contexto da gestão dos resíduos (DEMAJOROVIC; MIGLIANO, 2013).

Quanto à composição dos RSU, diversos estudos têm indicado a presença de agentes capazes de interferirem na saúde humana e no meio ambiente (FERREIRA; ANJOS, 2001; BESIOU; GEORGIADIS; VAN WASSENHOVE, 2012; LUNDGREN, 2012). Enquanto antes os RSU eram predominantemente orgânicos, atualmente são constituídos por uma quantidade maior de resíduos de difícil degradação, apresentando microorganismos infectantes e agentes químicos, o que tem elevado a sua periculosidade (FERREIRA; ANJOS, 2001; EPA, 2010; OMS, 2010b; JACOBI; BESEN, 2011; SANTOS; SILVA, 2011; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; BESIOU; GEORGIADIS; VAN WASSENHOVE, 2012; GOUVEIA, 2012; LUNDGREN, 2012; BESEN *et al*., 2014). Além disso, outro aspecto a ser considerado a respeito do manuseio dos RSU refere-se aos riscos ocupacionais e aos acidentes relacionados ao trabalho direto com os resíduos (FERREIRA; ANJOS, 2001; PORTO *et al*. 2004).

Por conseguinte, verifica-se que um gerenciamento inadequado dos RSU pode ter consequências para a saúde de populações vulneráveis às questões ambientais, com a diminuição de sua qualidade de vida e o surgimento de problemas de saúde (FERREIRA; ANJOS, 2001).

As condições insalubres a que os catadores de materiais recicláveis estão expostos os tornam a parcela da população com a maior taxa média de morbidade e mortalidade (SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012). Observa-se que as populações mais vulneráveis são as mais expostas a situações que envolvam riscos, que são mais sensíveis a essas exposições e com menor capacidade de recuperação (MOSER, 1998). Desse modo, a vulnerabilidade social abrange a insegurança e os desequilíbrios provocados por mudanças econômicas ou por outros eventos, considerando-se a capacidade das famílias para enfrentarem e se adaptarem aos efeitos dos riscos, quando estes efetivamente ocorrem (KAZTMAN *et. al*., 1999). Nesse sentido, Alves (2013) explica que a exposição ao risco ambiental somado à pobreza pode gerar maior fragilidade e insegurança, desencadeando uma alta vulnerabilidade socioambiental.

Para a mudança desse cenário de vulnerabilidade socioambiental para outro que contemple qualidade de vida, vários autores (BUSS, 2000; MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000; SEIDL; ZANNON, 2004; ALMEIDA *et. al.*, 2009; SIQUEIRA; MORAES, 2009) explicam que se faz necessário o acesso às condições que satisfaçam as necessidades humanas básicas, tais como ter uma boa nutrição, água, habitação, saneamento, saúde, educação e lazer, entre outros.

O trabalho constitui um dos meios para suprir essas necessidades, tornando-o significativo para a conquista e a manutenção da qualidade de vida (ALMEIDA *et. al*., 2009; SIQUEIRA; MORAES, 2009). Além disso, ambientes benéficos à saúde humana possibilitam o desenvolvimento das capacidades e autoconfiança dos indivíduos (OMS, 1991), assim como deve-se considerar que a avaliação da qualidade de vida observa como o indivíduo se sente quanto às suas perspectivas físicas, emocionais e sociais, do trabalho e modo de vida (ALMEIDA *et. al*., 2009).

Sendo o trabalho um dos meios para alcançar a qualidade de vida, busca-se compreender a abrangência dessa questão no ambiente de trabalho. A Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) aborda os conceitos de saúde e qualidade de vida introduzindo-os no ambiente de trabalho. Trata-se do comprometimento sobre as condições de vida no trabalho de forma a propiciar bem-estar, saúde e segurança física, mental e social, além da capacitação para a realização de tarefas com segurança (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995).

1.1 Justificativa e pergunta de pesquisa

A partir da compreensão da importância da ação dos catadores (ASIM; BATOOL; CHAUDHRY, 2012; BESEN *et al*., 2014), diversas pesquisas sobre esse profissional têm sido desenvolvidas. Esses estudos costumeiramente abordam os aspectos econômicos, como a possibilidade de aumento de renda se esses trabalhadores estiverem organizados em cooperativas ou associações (FILARDI; SIQUEIRA; BINOTTO, 2011; BOURAHLI *et. al*. 2012; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; BESEN *et. al*., 2014); a probabilidade de contribuírem para a diminuição do custo resultante do tratamento de resíduos sólidos pelos municípios (CHIKARMANE, 2012); ou os aspectos sociais e ambientais, como a contribuição desse profissional para uma boa manutenção do meio ambiente e para a promoção da saúde da sociedade (FILARDI; SIQUEIRA; BINOTTO, 2011; BOURAHLI *et. al*., 2012; CHIKARMANE, 2012; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; BESEN *et. al*., 2014). No entanto, ainda são poucas as abordagens que buscam despertar a atenção para os problemas de saúde e qualidade de vida relacionados à função ocupacional do catador. Nesse âmbito, observa-se que há, mais comumente, o desenvolvimento de pesquisas relacionadas aos problemas de saúde pública e associadas ao modo de gerenciamento dos RSU. Nota-se, ainda, que são limitadas as pesquisas que relacionam o catador, sua atividade laboral e seu ambiente de trabalho com as condições de saúde e qualidade de vida.

Observa-se também que políticas públicas que buscam promover a inclusão social dos catadores, como a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), devem considerar as condições de saúde, a qualidade de vida e os riscos a que esses trabalhadores costumam estar expostos, e não somente aspectos relativos ao direito de trabalho e renda (MANDELI *et. al.*, 2013). Deve-se atentar que não se trata unicamente de questões técnicas e econômicas, mas de uma questão política comprometida com a transformação social no contexto federal, estadual e municipal (VAN ZEELAND, 2013).

Isto posto, este estudo busca contribuir para a complementação das informações acerca das circunstâncias vividas e percebidas pelos catadores de materiais recicláveis, por meio da identificação do que pode influenciar a sua qualidade de vida, enquanto trabalhadores em cooperativas. Dessa forma, esse debate poderá favorecer a adoção de políticas públicas desenvolvidas com o propósito de fomentar a transformação social dos catadores e da sociedade em que se inserem.

Esta é uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de estudo de casos múltiplos e de natureza interpretativa. Para responder à **pergunta de pesquisa** - como o processo de

organização coletivista do trabalho influencia a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis em SP? – utilizou-se três estratégias de coleta de dados: observação direta não participante, entrevistas por meio da aplicação de roteiro semiestruturado e análise de documentos.

1.2 Objetivo geral e objetivos específicos

O **objetivo geral** deste estudo é analisar de que maneira a organização coletivista do trabalho influencia a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis em SP.

Para alcançar o objetivo geral proposto, foram tratados os seguintes **objetivos específicos**:

a) verificar como funciona um dos processos de organização coletivista do trabalho e como influencia a qualidade de vida dos catadores;
b) elencar os riscos, no ambiente de trabalho, que possam afetar a saúde e a qualidade de vida dos catadores;
c) conhecer a percepção dos catadores cooperados sobre as transformações que ocorreram em sua vida, a partir do ingresso na cooperativa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo destina-se a apresentar abordagens que possibilitem a elucidação do tema em estudo. Primeiramente, ele procura retratar o cenário dos resíduos sólidos urbanos, o avanço da coleta seletiva, no Brasil, e a consequente inserção dos catadores nesse processo. Em seguida, aponta o caminho percorrido para a gestão integrada de resíduos e o contexto relacionado à nova Política Nacional de Resíduos Sólidos. São mostradas algumas das diversas formas de organização dos catadores, os motivos que, normalmente, os levam a se organizar e algumas dificuldades para a manutenção dessas instituições. Busca-se mostrar o cenário de vulnerabilidade socioambiental destes indivíduos, quando expostos a situações de risco. Serão apresentados os conceitos de saúde e qualidade de vida e será feita uma breve discussão sobre qualidade de vida no trabalho. Por fim, são elencados alguns instrumentos para mensurá-la.

2.1 O cenário dos resíduos sólidos urbanos e o avanço da coleta seletiva

A versão preliminar do Plano Estadual de Resíduos Sólidos do Estado de São Paulo, formulado em conjunto pelo Governo do Estado de São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente (SMA) e pela Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CETESB), aponta que a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) - formada por 39 municípios – constitui o maior polo de riqueza nacional e a maior concentração urbana do Brasil (BRASIL, 2014).

A RMSP produz um quinto do PIB brasileiro (18,9%) e é formada por uma população urbana que a torna a terceira maior cidade do mundo, com aproximadamente 20 milhões de habitantes em 2012 (BRASIL, 2012b). Essa região é responsável pela geração de mais da metade do total de resíduos sólidos no estado de São Paulo. Em 2012, esse montante representou cerca de 18,4 mil toneladas/dia de RSU e uma boa parcela de outros resíduos sólidos provenientes da indústria, da construção civil, de serviços de transporte, dentre outros. Esse cenário se amplia com uma previsão de aumento da produção de resíduos em 105,80% para os próximos quinze anos (BRASIL, 2014).

O estado de São Paulo, com aproximadamente 41,9 milhões de habitantes, em 2012, produziu cerca de 36,3 mil toneladas/dia de RSU nesse mesmo ano. A variação prevista do aumento da geração destes resíduos, entre 2012 e 2030, é de 107,60% (BRASIL, 2014). A Tabela 1 procura facilitar a visualização desse cenário.

Tabela 1 – População e variação na geração de RSU entre 2012 e 2030

Região	População		Crescimento Populacional	RSU (t/dia)		Variação (%)
	2012	2030*	2012-2030*	2012	2030*	2012-2030*
RMSP	19.973.125	22.143.440	10,87%	18.394	37.858	105,80%
Estado de São Paulo	41.939.997	46.826.327	11,65%	36.338	75.427	107,60%

Fonte: Autora "adaptado de" BRASIL (2014, p. 71).
Nota: *Trata-se de uma previsão indicada no Plano Estadual de Resíduos Sólidos do Estado de São Paulo de 2014.

O Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS) projetou uma média de geração de RSU, no Brasil, em torno de 1 kg a 1,15 kg por habitante/dia (SNIS, 2010). Considerando a proporção de 1 kg de RSU por habitante/dia, acredita-se que somente o município de São Paulo, com uma população de pouco mais de 11 milhões de habitantes (IBGE, 2010a), gerou, em média, 11 mil toneladas/dia de RSU em 2010, como demonstra a Tabela 2.

Tabela 2 – População e geração de RSU em 2010

Região	População*		Crescimento Populacional	RSU (t/dia)*
	2010	2014	2010-2014	2010
Município de São Paulo	11.253.503	11.895.893	5,71%	11.000

Fonte: Autora com base em IBGE (2010a) e SNIS (2010).
Nota: *Os dados da população de 2010 e de 2014 são provenientes do último censo realizado em 2010 pelo IBGE. O Dado sobre a geração de RSU considera a proporção de 1 kg por habitante/dia com base no SNIS (2010).

Diante dessas estimativas, observa-se que há uma projeção de aumento da geração de RSU para os próximos anos (BRASIL, 2014). Além disso, estudos têm alertado para mudanças em sua composição e características, denunciando a possível ampliação de sua periculosidade, elevando a preocupação quanto à sua destinação (EPA, 2010; OMS, 2010b; JACOBI; BESEN, 2011; GOUVEIA, 2012; BESEN *et al*., 2014). Por esse motivo, pesquisas indicam a necessidade de tratamento e da existência de locais adequados para a sua disposição final, para que haja a minimização dos riscos à saúde humana e ao meio ambiente (JACOBI; BESEN, 2011; GOUVEIA, 2012; BESEN *et al*., 2014).

Nesse sentido, a norma ABNT NBR 10004:2004 os classifica com o objetivo de que sejam gerenciados de maneira a diminuir esses riscos. A classificação é realizada por meio da identificação do processo ou da atividade responsável pela origem dos resíduos, de sua

constituição e características. Faz-se então a comparação dos constituintes com listagens de substâncias com impactos conhecidos no meio ambiente e na saúde (ABNT, 2004). Desse modo, a ABNT NBR 10004 classifica os resíduos em dois tipos:

> a) resíduos classe I – Perigosos;
> b) resíduos classe II – Não perigosos:
> __ resíduos classe II A – Não inertes.
> __ resíduos classe II B – Inertes. (ABNT, 2004, p. 3)

Os resíduos classificados como perigosos são os que, em decorrência de suas propriedades químicas, físicas ou infecto-contagiosas, podem expor a saúde pública e o meio ambiente a riscos. Também são incluídos nesse grupo os resíduos que apresentam qualquer uma das seguintes características: inflamabilidade, corrosividade, reatividade, toxicidade e patogenicidade. Os resíduos não perigosos são subdivididos em Não Inertes, que além de não estarem classificados como classe I ou classe II B, podem ter propriedades como biodegradabilidade, combustibilidade ou solubilidade em água; e Inertes que são:

> Quaisquer resíduos que, quando amostrados de uma forma representativa [...] e submetidos a um contato dinâmico e estático com água destilada ou desionizada, à temperatura ambiente [...] não tiverem nenhum de seus constituintes solubilizados a concentrações superiores aos padrões de potabilidade de água, excetuando-se aspecto, cor, turbidez, dureza e sabor [...] (ABNT, 2004, p.5).

A destinação inadequada dos resíduos pode acarretar o agravamento da qualidade dos recursos hídricos, do ar e do solo. No Brasil, os tratamentos e destinos mais frequentes dados aos resíduos são: lixões, aterro sanitário, reciclagem e incineração. Os lixões são terrenos abertos, localizados dentro ou fora das cidades, onde os resíduos são depositados sem tratamento e separação dos restos sólidos. O despejo desses materiais ocorre a céu aberto, o que propicia a contaminação do meio ambiente e, comumente, há pessoas e animais no local. No aterro sanitário a deposição dos resíduos sólidos é feita de maneira controlada para evitar a contaminação do solo, do ar e da água. Trata-se de um destino com custos elevados para a sua efetivação, porém menores do que os custos socioambientais causados pela deposição em lixões a céu aberto. Para a reciclagem, há a separação de materiais que podem ser reutilizados contribuindo para a diminuição da pressão sobre os aterros sanitários ou outros destinos. A incineração possui limitação na sua utilização, porque a queima de resíduos gera outras substâncias indesejáveis e que devem ser controladas. Esse processo tem alto custo operacional, sendo justificável diante da necessidade de queima de lixo hospitalar ou de resíduos contaminados (FRANÇA; RUARO, 2009).

Nota-se que um dos motivos para o descarte incorreto dos RSU pode ser a falta de locais adequados, consequência de cidades amplamente urbanizadas e, portanto, com pouco espaço disponível. A sua disposição costuma ocorrer em aterros sanitários sem tratamento, o que pode resultar tanto na contaminação do solo e da água, pelo chorume, quanto do ar, pelos gases liberados no processo de decomposição do lixo, representando uma ameaça para o meio ambiente e para a saúde humana (ADEDIPE *et. al*., 2005; FRANÇA; RUARO, 2009; JACOBI; BESEN, 2011; BESEN *et al*., 2014).

Nesse contexto, a disposição de RSU em aterros sanitários, no Brasil, tem aumentado nos últimos anos (IBGE, 2010a). O SNIS, em seu relatório denominado Diagnóstico do Manejo de Resíduos Sólidos Urbanos de 2012, confirma as estatísticas do IBGE (2010a), ao estimar que, do total de resíduos sólidos coletados anualmente, 59% são dispostos em aterros sanitários, 14,0% em aterros controlados, 23% em lixões e 4% seguem para unidades de triagem e de compostagem. Entretanto, verifica-se a redução da disposição em lixões, decorrente do aumento da coleta dos resíduos sólidos e de seu descarte em locais apropriados. Essa melhoria deve-se a um conjunto de ações para gerir os RSU, como apoio e orientação técnica aos municípios, além da adoção de políticas públicas exercidas pela SMA e pela CETESB. Devido à saturação de alguns aterros sanitários, contudo, parte dos resíduos é transportada a longas distâncias. No caso da cidade de São Paulo, percorrem até 30 km para o descarte final (CETESB, 2012).

Diante dessa circunstância, ainda é preciso considerar que o aumento da quantidade dos resíduos sólidos acarreta acréscimo nos custos de seu tratamento para a cidade (IPEA, 2010). A SNIS (2014) informa que a receita arrecadada pelas prefeituras não costuma suprir metade das despesas com o manejo dos RSU e faz um exercício em que estima o valor total de R$ 14,4 bilhões desembolsado pelas prefeituras com pessoal, veículos, manutenção, insumos, terceirizações e outras remunerações, sem considerar os investimentos.

No entanto, o relatório de pesquisa sobre Pagamento de Serviços Ambientais Urbanos para Gestão de Resíduos Sólidos do IPEA, de 2010, apresenta estimativas dos benefícios econômicos e ambientais possíveis de serem gerados por meio da coleta e reciclagem de RSU. Os benefícios ambientais são decorrentes da possibilidade de minimização dos impactos ao meio ambiente, quanto ao consumo de energia e de água, perda de biodiversidade, e sobre as emissões dos Gases de Efeito Estufa (GEEs). Os econômicos são relativos ao custo que pode ser evitado pela reciclagem, no que diz respeito ao consumo de recursos naturais e energia (IPEA, 2010).

Para realizar essa pesquisa, o IPEA selecionou um grupo de materiais, devido a sua maior presença nos RSU: aço, alumínio, papel (celulose), plástico e vidro. Os resultados, apresentados na Tabela 3, demonstram que, se todo esse resíduo fosse coletado e reciclado, poderia haver benefícios potenciais estimados em R$ 8 bilhões anuais. Ainda assim, essas atividades já têm gerado benefícios entre R$ 1,4 bilhões a R$ 3,3 bilhões anuais (IPEA, 2010).

Tabela 3 – Estimativa dos benefícios econômicos e ambientais gerados pela coleta e reciclagem

Materiais	Benefícios relacionados ao processo produtivo (R$/t)		Benefícios (custos) associados à gestão de resíduos sólidos (R$/t)		Benefício por tonelada (R$/t)	Quantidade disponível nos resíduos coletados (t/ano)	**Benefício potencial total (R$ mil/ano)**
	Benefícios econômicos	Benefícios ambientais	Coleta	Disposição Final			
Aço	127	74			88	1.014	**89.232**
Alumínio	2.715	339			2.941	166	**488.206**
Celulose	330	24	(136)	23	241	6.934	**1.671.094**
Plástico	1.164	56			1.107	5.263	**5.826.141**
Vidro	120	11			18	1.110	**19.980**
Total							**8.094.653**

Fonte: IPEA (2010, p. 8).

Em relação aos benefícios, a coleta seletiva apresenta-se como uma das principais atividades capaz de promover a melhoria da qualidade de vida da sociedade, ao contribuir para o meio ambiente e a saúde humana, e colaborar para um melhor ajuste nos custos financeiros, uma vez que auxilia na diminuição dos resíduos que devam ser tratados (BESEN *et. al*., 2014).

No entanto, faz-se necessário distinguir as atividades de coleta seletiva e reciclagem, uma vez que esses termos costumam ser usados como sinônimos. A definição pouco clara sobre a terminologia cria equívocos que dificultam a compreensão de questões relativas ao lixo, dificultando a comunicação e a reflexão sobre estes temas (CORNIERI; FRACALANZA, 2010). As autoras citam uma situação ocorrida enquanto realizavam uma pesquisa de campo junto ao Departamento de Limpeza Urbana da Prefeitura de São Paulo. Observou-se que havia uma falta de entendimento sobre a expressão "coleta seletiva" pelos professores da rede municipal de ensino de São Paulo. Para as atividades de educação ambiental, os professores incentivavam seus alunos a separar os materiais recicláveis na escola e nas suas residências, acreditando que essa medida seria suficiente para que os resíduos fossem destinados à reciclagem. Porém, a separação ocorria apenas na fonte. Os materiais recicláveis separados eram colocados para ser recolhidos pela coleta regular de lixo, não havendo preocupação com uma coleta diferenciada para o encaminhamento à reciclagem.

Dessa maneira, tem-se que a coleta seletiva é a atividade que recolhe materiais recicláveis (plásticos, papéis, vidros e metais) na fonte geradora (residências, empresas e comércios). Esses materiais passam pela triagem e, em seguida, pelo pré-beneficiamento em que são: separados por tipos, cores, tamanhos e densidades; lavados; secados; prensados; moídos e enfardados. Após essa etapa, são vendidos às empresas ou aos atravessadores (ferros velhos e sucateiros). Já a reciclagem contempla uma série de atividades em que há o desvio de materiais, que seriam descartados no lixo, para o fluxo produtivo de outros produtos. Trata-se do processo de transformação dos resíduos sólidos, o que implica mudanças das propriedades físicas, físico-químicas ou biológicas, para convertê-los em matéria-prima para a fabricação de novos produtos ou outros insumos. (CORNIERI; FRACALANZA, 2010). A coleta seletiva de resíduos sólidos e a reciclagem são, portanto, atividades passíveis de contribuir para o desenvolvimento da sustentabilidade urbana (BESEN *et. al*., 2014).

No Brasil, a coleta dos RSU, realizada pelo serviço público, é de responsabilidade dos municípios, conforme institui a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 2012a). Os municípios, por sua vez, operam esse serviço de maneira terceirizada ou mediante parcerias com catadores cooperativados ou em associações desde a década de 1990 (BESEN *et. al.*, 2014). Porém, a participação de cooperativas e associações ainda é pequena, quando comparada ao total de resíduos coletados (IPEA, 2012a).

A demora na adoção de iniciativas voltadas a reduzir o volume de resíduos sólidos aparece como uma das dificuldades existentes para a disseminação da coleta seletiva e se caracteriza pela ausência, em mais de vinte anos, de uma política nacional direcionada para o seu manuseio (JACOBI; BESEN, 2011). Dados do IPEA (2010) demonstram que 37% do consumo total anual de materiais recicláveis aparecem misturados aos RSU e são "enterrados" junto com matéria orgânica e demais materiais descartados.

A literatura sobre o assunto (DIAS 2009; RIBEIRO *et. al*., 2009; DAMÁSIO, 2010; JACOBI; BESEN, 2011; IPEA 2012a; ABRAMOVAY; ESPERANZA; PETITGAND, 2013) indica algumas das dificuldades com as quais prefeituras e organizações de catadores têm-se defrontado para prestar o serviço de coleta seletiva. Dentre elas, os autores apontam a ausência de cobrança aos moradores dos municípios e a falta de remuneração às organizações de catadores pelo serviço prestado, além da não cobrança pelo serviço de logística reversa, realizado junto à coleta seletiva em importadores e fabricantes de produtos e embalagens.

No entanto, ressalta-se que o cenário da coleta seletiva tem avançado no Brasil. O governo federal tem investido na capacitação de cooperativas e organizações de catadores, assim como em infraestrutura (construção de centrais de triagem e de compostagem). Faz-se

necessário, contudo, maior compromisso dos gestores dos municípios na busca por soluções adaptáveis ao cenário local (PINHEIRO *et al.*, 2014; REICHERT; MENDES, 2014).

Compreende-se, por outro lado, que, para que haja ações concretas no âmbito da coleta seletiva junto aos municípios, não basta somente o compromisso dos gestores municipais. É essencial o envolvimento da comunidade local, apontada como grande geradora de resíduos sólidos. Para tanto, deve-se informar e divulgar os programas e outras iniciativas implantadas sobre os princípios, diretrizes, práticas, instrumentos e modalidades adotados para a efetivação da coleta. A comunidade deve ser motivada e sensibilizada de maneira a que os conceitos e práticas sejam incorporados ao dia a dia dos cidadãos. Com efeito, o envolvimento da população viabiliza a operacionalização e a continuidade das práticas que visam a sustentabilidade. Entretanto, é preciso considerar que a participação social na coleta seletiva está diretamente relacionada ao perfil socioeconômico e sociocultural da comunidade, principalmente quanto ao acesso à educação e seu grau de instrução. O comportamento da população e o desempenho da reciclagem a começar pela coleta seletiva dependem da adequação do projeto ao contexto local. Dessa forma, a regularidade no funcionamento do programa e a eficiência das estratégias traçadas para a sensibilização da comunidade levam a ações conjuntas entre os órgãos municipais e os moradores da região (BRINGHENTI; GÜNTHER, 2011).

2.2 A inserção de catadores de materiais recicláveis no processo de coleta seletiva

De acordo com o Compromisso Empresarial para Reciclagem (CEMPRE), os catadores de materiais recicláveis, profissão registrada na Classificação Brasileira de Ocupação (CBO), desde 2002, são responsáveis pela coleta de uma grande quantidade de material reciclável. No Brasil, em 2012, 18% dos resíduos separados para reciclagem foram coletados por catadores, sendo que o restante ficou a cargo de atacadistas, que geralmente também utilizam a mão de obra desses trabalhadores (CEMPRE, 2013). Observa-se, assim, que os catadores são importantes agentes da coleta seletiva no Brasil e em muitos países em desenvolvimento (ASIM; BATOOL; CHAUDHRY, 2012).

Um estudo do IPEA (2012a) indicou que, no Brasil, aproximadamente 388 mil pessoas se declararam catadores e, desse total, quase 80 mil encontram-se no estado de São Paulo. No entanto, o CEMPRE (2013) faz uma estimativa da ordem de um milhão de catadores em todo o país, entre cooperados e autônomos.

Os catadores autônomos formam a base da cadeia de reciclagem e são responsáveis pela coleta nas ruas e pela venda dos recicláveis para organizações intermediárias, que estão divididas em três níveis, conforme seu tamanho e atuação na comercialização. Elas realizam a prensagem, a armazenagem e o transporte. No último nível, encontram-se as empresas recicladoras que atuam na transformação desse material e providenciam sua venda direta às indústrias (DEMAJOROVIC *et. al*., 2014).

Gutierrez e Zanin (2011) salientam que a importância do papel do catador está na sua atuação na coleta de resíduos, fato que tem proporcionado a evolução do panorama desse profissional. A maior parcela de agregação de valor, contudo, encontra-se concentrada nas empresas recicladoras, o que mantém a posição dos catadores como o nível mais fraco na cadeia de reciclagem. Atuando sem uma rede de apoio organizada, esses profissionais podem ser mais facilmente explorados, pois possuem limitações para realizarem o processamento e o armazenamento dos materiais coletados (WILSON; VELIS; CHEESEMAN, 2006).

Além disso, apesar da conscientização sobre a importância da coleta seletiva para a melhora da qualidade de vida da população e sobre a relevância dos catadores de materiais recicláveis (BESEN *et al*., 2014; ASIM; BATOOL; CHAUDHRY, 2012), a questão econômica, de geração de renda a partir do lixo, ganha mais destaque do que as questões ligadas ao contexto ambiental, referentes à escassez de recursos naturais. A coleta e reciclagem do lixo torna-se atrativa devido à possibilidade de geração de emprego e renda para uma população com dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal (CARMO, 2009).

Somam-se a esse cenário de restrição de renda e trabalho uma visão negativa do catador, associado ao lixo como algo repulsivo, e a categorização do trabalho de catação como sendo realizado por pessoas sem qualificação, costumeiramente confundidas com ladrões e mendigos (CARMO, 2009; SEMBIRING; NITIVATTANANON, 2010; CASTILHOS JUNIOR *et al*., 2013).

Um estudo realizado em Bandung, uma cidade da Indonésia onde uma pessoa em cada 1000 habitantes trabalha como catador autônomo nas ruas, constatou que a atividade do catador de lixo está sempre associada ao risco, ambientes sem higiene, desemprego, falta de moradia e pobreza. Esta associação de ideias aumenta a discriminação dessa atividade e conduz a políticas de exclusão desse trabalhador informal das políticas de gestão de resíduos sólidos. No entanto, essa pesquisa estima que aproximadamente 14% do total do lixo diário gerado pela cidade é recolhido por estes trabalhadores e são destinados à reciclagem (SEMBIRING; NITIVATTANANON, 2010).

Todavia, a noção de que o "lixo", conceito carregado de conotações pejorativas, contém objetos úteis e que podem retornar à cadeia produtiva, é tida como algo relevante, dado que essa noção de utilidade permeia a realização da coleta seletiva (CARMO, 2009; CASTILHOS JUNIOR *et al*., 2013). A percepção do que pode ser considerado lixo pode estar relacionada ao tipo de utilidade que ele pode ter. Alguns o veem como resíduos passíveis de expor o meio ambiente e a saúde pública a riscos, outros somente como um inconveniente estético, e há os que vislumbram no lixo uma possibilidade de gerar renda (SEMBIRING; NITIVATTANANON, 2010).

Chikarmane (2012), em relatório para a *Women in Informal Employment Globalizing and Organizing* (WIEGO), a partir das diferentes perspectivas sobre o que é lixo, realiza uma discussão sobre a necessidade do catador informal, na Índia e em outros países, e afirma que nenhuma pessoa deveria ter como meio de sobrevivência o que é descartado nas ruas, lixeiras e aterros. Apesar dessa posição, Chikarmane (2012), assim como estudo realizado pela GTZ (2010), traz argumentos que justificam a ação dos catadores, como a possibilidade de reciclagem dos materiais recuperados, a redução dos custos com o manuseio de RSU, a possibilidade de geração de empregos e a contribuição para o meio ambiente e a saúde pública.

Todavia, essa percepção sobre a utilidade da coleta seletiva não tem apresentado benefícios para os catadores, no campo social, mesmo diante do contexto de finitude dos recursos naturais e do conhecimento sobre as consequências desfavoráveis da má gestão dos resíduos sólidos (CARMO, 2009; FILARDI, SIQUEIRA, BINOTTO, 2011; ASIM; BATOOL; CHAUDHRY, 2012; CASTILHOS JUNIOR *et al*., 2013). A profissão de catador tem enfrentado baixo reconhecimento social, o que parece resultar em profissionais com baixa autoestima (CARMO, 2009; CASTILHOS JUNIOR *et al*., 2013). Além disso, eles costumam trabalhar em condições de insegurança, mantendo sua condição de pobreza (KOJIMA**;** DAMANHURI, 2009). A imagem do catador tem-se apresentado como parte do problema da desigualdade social e da elevada quantidade de RSU e não como uma das possíveis alternativas para contornar essas questões (CASTILHOS JUNIOR *et al*., 2013).

Entretanto, na contramão desse cenário, Bourahli *et. al*. (2012), em estudo com catadores no Distrito Federal, apontam melhorias no âmbito socioeconômico para esses profissionais, decorrentes da atividade de reciclagem, como o aumento da renda, acesso a saneamento básico, melhora das moradias, aquisição de bens e acesso a crédito. Os autores concluem que um dos aspectos positivos da reciclagem é a sua contribuição para a prática da coleta seletiva, o que favorece o trabalho dos catadores organizados em cooperativas e sua

inclusão socioeconômica. Nesse estudo, os autores apontam que os profissionais cooperativados sentem-se seguros e respeitados pela sociedade.

Filardi, Siqueira e Binotto (2011) reforçam os estudos que indicam avanços sociais e econômicos no caso desses trabalhadores, ao notarem que a inserção de catadores no processo de coleta seletiva ameniza a sua exclusão social. Assinalam, porém, a existência de uma ambiguidade desse processo junto às organizações, tidas como grandes geradoras de resíduos sólidos. Os autores identificam que onde há amenização da exclusão social dessas pessoas, existe um sistema produtivo ineficiente, incapaz de proceder com o retorno do descarte de seus produtos ao ciclo produtivo (logística reversa). A distância entre a ação dos catadores e as organizações, supostamente, aumenta a dificuldade desse retorno. Sob esse aspecto, há estudos que discutem a importância do trabalho conjunto de empresas e catadores cooperativados para a expansão da logística reversa no Brasil e a adoção de políticas que fomentem essa perspectiva (REVEILLEAU, 2011; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; DEMAJOROVIC; MIGLIANO, 2013; DEMAJOROVIC *et. al*., 2014; JESUS; BARBIERI, 2014).

Um sistema de coleta seletiva com a inclusão de catadores organizados em cooperativas ou associações difere da contratação tradicional de serviços privatizados (BESEN *et. al*., 2014), uma vez que busca promover a inserção social de uma parcela da população de importante atuação no contexto dos resíduos e meio ambiente, mas carente de recursos para sua sobrevivência e com dificuldade para atuar no mercado de trabalho formal (SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; BESEN *et. al*., 2014).

Diante do cenário de inclusão social de catadores, Medina (1997, 2000) alerta para o fato de que o manuseio dos resíduos sólidos, por meio da coleta, representa um modo de sobrevivência para as populações pobres de países em desenvolvimento. A realidade dos países desenvolvidos difere das nações em desenvolvimento, onde há escassez de capital e abundância de mão de obra barata e desqualificada. Nesse contexto, torna-se natural o desenvolvimento de uma gestão de resíduos que objetive a diminuição de seus custos por meio dessa mão de obra.

No Brasil, políticas públicas têm buscado a inclusão de catadores na coleta seletiva. Primeiramente, por meio da PNSB, em 2007. Antes, as prefeituras não possuíam meios para justificar a contratação de catadores organizados para a prestação de serviços de coleta seletiva sem licitação, pois eles não atendiam aos parâmetros de um processo legal de contratação. Assim, a PNSB surgiu, inicialmente, como um importante instrumento da política pública de inclusão social, ao proporcionar a dispensa de licitação para a contratação de cooperativas e associações de catadores. Dando continuidade a essa política, em 2010, foi sancionada a PNRS, que se tornou referência para outros países no que tange à gestão de resíduos, devido à

integração entre investimentos financeiros e políticas públicas, mediante a aprovação de leis pelo governo federal (BESEN *et. al*., 2014).

Em São Paulo, o Programa de Coleta Seletiva da Prefeitura tem 20 cooperativas conveniadas, onde atuam aproximadamente 1.200 pessoas. A coleta de materiais recicláveis é realizada pelas cooperativas e concessionárias em 75 dos 96 distritos do município de São Paulo. A coordenação desse serviço é feita pela Secretaria Municipal de Serviços, por meio da Autoridade Municipal de Limpeza Urbana (AMLURB), que tem a responsabilidade de estabelecer normas e procedimentos sobre a implementação, gerenciamento, fiscalização e controle da coleta seletiva (BRASIL, 2015b).

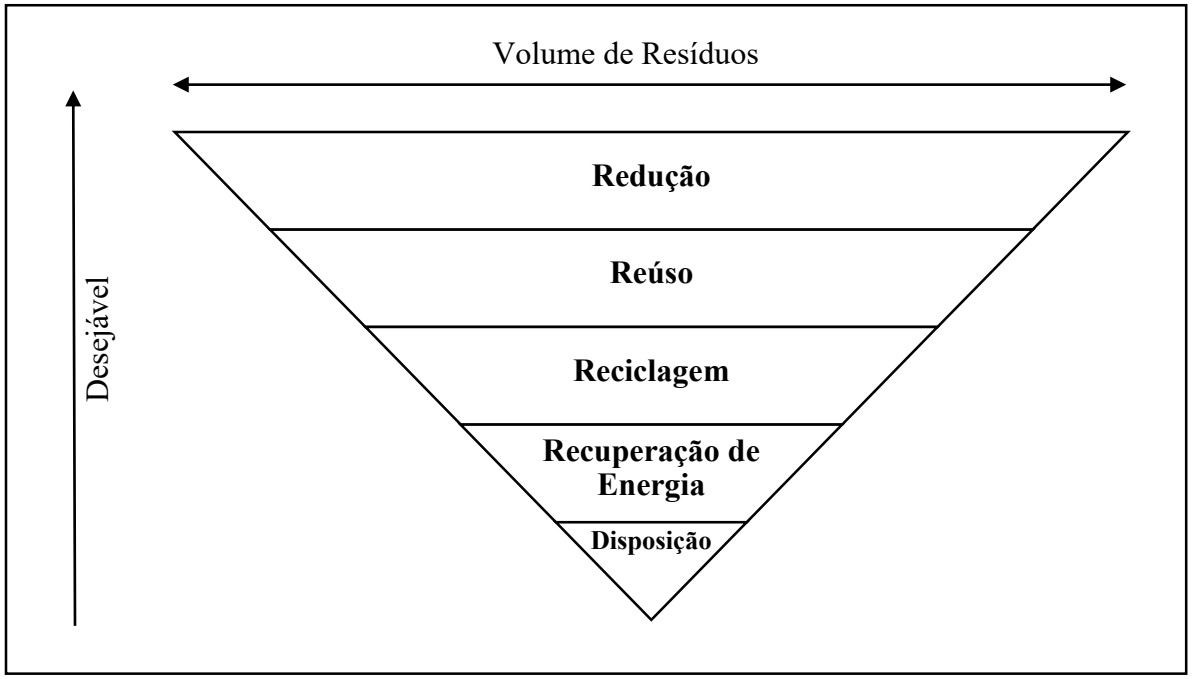
2.3 Gestão integrada e sustentável de resíduos sólidos e a nova Política Nacional de Resíduos Sólidos

Um dos intuitos da gestão sustentável de resíduos sólidos é promover práticas que possam ser realizadas de maneira integrada pelos diversos setores da sociedade, governos e indústrias. Discutida na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Rio-92, a gestão de RSU apresenta-se como uma das alternativas para as questões sobre aquecimento global e alterações climáticas, tanto para os países em desenvolvimento quanto para os países desenvolvidos. Trata-se de práticas que buscam redução de resíduos gerados por toda a cadeia produtiva, maximização do reaproveitamento, reciclagem e recuperação de energia, e minimização da disposição em solo, incluindo a coleta seletiva com a atuação de catadores de materiais recicláveis (KLUNDERT; ANSCHIITZ, 2001; JACOBI; BESEN, 2011; GOUVEIA, 2012).

Diante dessas práticas de gestão de resíduos, a Diretiva 2008/98/EC, proposta pela União Europeia, estabelece princípios tais como exigir que a sua geração não coloque em risco a saúde humana nem prejudique o meio ambiente, e apresenta a hierarquia representada na figura 1.

A *Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit* (GIZ) – Sociedade Alemã para Cooperação Internacional –, em relatório sobre a integração do setor informal na gestão de resíduos sólidos, explica que essa hierarquia segue uma ordem de prioridades, na qual reduzir, reutilizar e reciclar são as abordagens mais destacadas para o uso eficiente dos recursos e sua recuperação no ciclo produtivo do produto (GIZ, 2011).

Figura 1 – Hierarquia da gestão de resíduos



Fonte: "Adaptado de" *Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit* (GIZ), 2011, p. 22

A gestão integrada dos resíduos pode, portanto, favorecer o alcance de vários objetivos, como a diminuição da sua geração durante o processo produtivo, a redução de impactos negativos que possam causar, a maximização da sua utilidade por meio da reutilização, reciclagem e compostagem, além do estímulo para o tratamento e a busca da recuperação de energia (KLUNDERT; ANSCHIITZ, 2001; ADEDIPE *et al*., 2005; BESEN *et. al*., 2014).

A combinação dessas técnicas e tratamentos resultaria em um ambiente mais adequado, socialmente aceito e economicamente viável. A meta está em enviar para os aterros sanitários somente o que não for possível reaproveitar em decorrência da tecnologia disponível no momento (REICHERT; MENDES, 2014).

Para tanto, a promoção da participação e coordenação dos atores envolvidos na gestão de resíduos sólidos (geradores de resíduos, catadores, usuários de bens reciclados, instituições acadêmicas, organizações não governamentais, governos, entre outros) deve envolver o processo político e a implementação da hierarquia de gerenciamento (KOJIMA; DAMANHURI, 2009).

Reichert e Mendes (2014), contudo, alertam para o uso de soluções pontuais para gerir os resíduos, ressaltando que, embora haja muitas propostas para se alcançar a autossuficiência na gestão dos RSU, a adoção de práticas isoladas não parece solucionar a questão. Os autores consideram necessário o gerenciamento integrado dos resíduos sólidos. Ainda assim, segundo

eles, não há uma maneira ideal para manuseio e gerenciamento desses resíduos, devendo ser consideradas as particularidades de cada município.

Por outro lado, um sistema de gestão de resíduos não abrange somente as dimensões técnicas e econômico-financeiras, mas acolhe os fenômenos socioculturais, ambientais, institucionais e políticos que influenciam a sustentabilidade dessa gestão. Trata-se, portanto, de uma estratégia de longo prazo, vista como uma questão de saúde pública e como um patrimônio ao qual a sociedade tem direito (KLUNDERT; ANSCHIITZ, 2000).

Nesse cenário em que a gestão sustentável e integrada de resíduos sólidos é adotada internacionalmente (BESEN *et. al*., 2014), surge, no Brasil, a Lei nº 12.305/2010 que institui a PNRS, dispondo sobre a gestão integrada e a responsabilidade dos geradores e do poder público. Essa Lei traz aspectos da responsabilidade compartilhada inerentes ao ciclo de vida de vários produtos, define objetivos, planos de ação e programas que obrigam os diversos envolvidos, na a cadeia de resíduos (governos, organizações, consumidores etc.) a providenciarem uma destinação adequada para eles. A percepção sobre a necessidade da responsabilidade compartilhada dos RSU poderá permitir o avanço desse tema, visto que permeia o envolvimento de todos (JACOBI; BESEN, 2011; DEMAJOROVIC; MIGLIANO, 2013).

A PNRS busca alavancar o entrelaçamento de diversos temas (coleta seletiva, logística reversa, atividades dos catadores de materiais recicláveis, entre outros), abordando questões na esfera das relações entre União, Estados e Municípios, com a participação de várias esferas da sociedade (indústria, agricultura, pecuária, catadores de materiais recicláveis e demais setores organizados). Adota, dessa forma, a gestão integrada de resíduos sólidos (BRASIL, 2010; BESEN *et. al*. 2014).

Mediante esse entrelaçamento, a PNRS estabelece o Plano Nacional de Resíduos Sólidos, instrumento que abrange diversas alternativas de gestão e gerenciamento e propõe metas a ser implementadas. Esse Plano está diretamente relacionado com outros existentes: Plano Nacional de Mudanças do Clima, Plano Nacional de Recursos Hídricos, Plano Nacional de Saneamento Básico e Plano de Produção e Consumo Sustentável. O intuito está em estabelecer o estreitamento entre os diversos setores da economia, com vistas ao desenvolvimento sustentável (BRASIL, 2011).

Uma das metas estabelecidas pelo Plano Nacional de Resíduos Sólidos referia-se à eliminação de lixões a céu aberto e à disposição final dos resíduos de forma ambientalmente adequada até o final do ano de 2014 (BRASIL, 2011). No entanto, esta meta não foi alcançada e tramita no Congresso Nacional um novo projeto de lei, PL 2.289/2015, que prevê a ampliação do prazo para a eliminação dos lixões a céu aberto para 2021 (BRASIL, 2015a).

O IPEA (2012b), em estudo sobre a situação dos RSU no Brasil, traz propostas para a eliminação dos lixões, como o fortalecimento operacional e financeiro de municípios de pequeno porte, que já foram responsáveis por 96% dos lixões existentes em território nacional.

Outro alvo desse Plano é a inclusão de 280 mil catadores, em 2015, pelo Plano Brasil sem Miséria, de um total de 600 mil catadores (BESEN *et. al*., 2014). Pretende-se que, por meio de políticas públicas de economia solidária e autogestão, haja a promoção da organização dessas pessoas em cooperativas e associações e a sua inserção na coleta seletiva de cada município (PACHECO; RIBEIRO, 2009). A integração dos trabalhadores informais ao contexto da gestão de resíduos sólidos pode garantir o emprego e melhorar as oportunidades de renda dessa população, além de contribuir para os objetivos de desenvolvimento dos países (GIZ, 2011).

Apesar da tramitação dessa Lei ter sido conduzida por cerca de vinte anos até a sua aprovação, Demajorovic e Migliano (2013) enfatizam tratar-se de um "marco regulatório para a sociedade brasileira" (p. 68) e "um dos eventos mais importantes na evolução dos modelos de gestão de resíduos sólidos no país" (p. 77). A PNRS inova, ao trazer para o contexto da gestão dos resíduos a figura dos catadores de materiais recicláveis e inseri-los nas iniciativas de expansão da coleta seletiva e destinação, principalmente ao considerar que a maior parte dos resíduos que retorna para a reciclagem, no Brasil, o faz pelas mãos dos catadores (DEMAJOROVIC; MIGLIANO, 2013).

Reveilleau (2011) define a PNRS como clara e objetiva ao incentivar a redução da quantidade e periculosidade dos resíduos; promover o desenvolvimento de produtos e serviços que gerem menos resíduos durante todo o seu ciclo de vida; impulsionar o reaproveitamento de produtos e a criação de mercados para produtos reciclados; proporcionar condições para o desenvolvimento de tecnologias para a gestão adequada dos resíduos; efetivar programas de educação ambiental e estimular a criação de cooperativas de catadores. A autora salienta ainda que a inserção da gestão compartilhada dos resíduos sólidos poderá minimizar a complexidade dos tratamentos e destinação destes resíduos.

No que tange ao incentivo à criação de cooperativas, a Seção IV, Art. 18, § 1º define a implantação da coleta seletiva, mediante a participação de catadores em suas formas de organização, como um dos itens para a priorização de acesso aos recursos da União. O Art. 19 prossegue orientando que o plano municipal de gestão integrada de resíduos sólidos deve conter programas e ações de participação de catadores organizados (BRASIL, 2010).

Besen *et. al*. (2014) observam, contudo, que, apesar da mudança no setor brasileiro de resíduos sólidos, desde a aprovação da PNRS, com a agregação dos setores formais e informais da cadeia de resíduos, poucos foram os avanços, uma vez que a maior parte dos municípios

possui projetos piloto de menor amplitude. Os autores acrescentam que a difusão da contratação dos serviços de cooperativas e associações de catadores pelas prefeituras ainda é pequena. Souza, Paula e Souza-Pinto (2012) ainda apontam que, embora as cooperativas de catadores sejam necessárias para a implementação da PNRS, suas parcerias no setor público e privado recebem poucos investimentos.

Entretanto, a integração entre empresas, cooperativas e poder público quanto à destinação adequada dos resíduos sólidos tem a capacidade de promover benefícios sociais, ambientais e econômicos. Um dos desafios para o alcance dessa meta encontra-se na melhora dos processos de gestão organizacional e dos sistemas de informação das cooperativas, tanto para facilitar a venda direta dos resíduos coletados por elas para a indústria, quanto para promover parcerias ainda pouco exploradas entre esses atores (DEMAJOROVIC *et. al*., 2014).

Heber e Silva (2014), em estudo sobre dilemas na institucionalização da PNRS em Sergipe, consideram discutível o grau de conhecimento dessa política pelos gestores públicos, assim como indicam dificuldades de ordem operacional e de execução de questões técnicas, bem como a necessidade de ampliação do envolvimento dos Estados.

Essa situação aparece também em outros estudos. As dificuldades encontradas pelos municípios para realizar uma gestão integrada e sustentável dos resíduos podem ser relacionadas a questões de ordem técnica, econômica e institucional (JACOBI; BESEN, 2011). Em função de sua complexidade, essa forma de gestão pode trazer despesas expressivas para os governos locais. Os custos podem variar de acordo com as peculiaridades de cada município, como tamanho e distância até o local para a disposição final, e a qualidade do serviço prestado, como a coleta seletiva de materiais recicláveis, frequência da coleta e da varrição, entre outros (IPEA, 2012b). Observa-se, assim, a necessidade de proporcionar capacidade gerencial aos municípios brasileiros, principalmente aos de tamanho territorial menor e baixo orçamento (HEBER; SILVA, 2014).

No âmbito social, a PNRS ainda prevê a participação social na gestão dos resíduos. Ela deve acontecer na elaboração, implementação e fiscalização do plano municipal de gestão integrada de resíduos sólidos. Para tanto, faz-se necessária a ampliação dos meios para a participação social, com o objetivo de criar formas que facilitem a participação de qualquer pessoa interessada em contribuir. Para se adequar à lei, o município deve considerar essa exigência. Ao definir as responsabilidades sobre a gestão dos resíduos sólidos, os municípios podem reavaliar seus planos de gestão e inserir a participação social. Desta forma, ficam mais próximos de definirem o diagnóstico dos resíduos municipais e de se adequarem à PNRS. Compreende-se que um município que atinja essas considerações é capaz de propiciar qualidade

de vida à sua população. Do contrário, quando há deficiência da inclusão da participação social, a gestão de resíduos fica comprometida, o que poderá ocasionar prejuízo ao meio ambiente e atingir a qualidade de vida das pessoas (OLIVEIRA *et. al*., 2014).

2.4 Modelos e entraves das organizações de catadores de materiais recicláveis

Ao final da década de 1980, no Brasil, os catadores de lixo e ex-moradores de rua passaram a se organizar em cooperativas para escapar às condições precárias de vida e à visão de desconfiança da sociedade (MAGNI; GÜNTHER, 2014). As primeiras iniciativas ocorreram em São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte e foram originárias de ações realizadas por organizações ligadas à Igreja Católica. Progressivamente, a inclusão social desses trabalhadores passou a ser percebida pela sociedade (PEREIRA; TEIXEIRA, 2011). Várias associações e cooperativas de catadores se formaram, nas décadas seguintes. Órgãos governamentais começaram a realizar programas de coleta seletiva com a inclusão de catadores. A PNSB informou que 994 municípios implementaram a coleta seletiva, índice que, comparado aos estudos anteriores, pode ser considerado um progresso (IBGE, 2010a).

Em todo o mundo, os catadores têm se organizado com o intuito de alcançar reconhecimento sobre suas contribuições para o meio ambiente e para a economia, e como meio de garantir a valoração de seu papel nos sistemas de gestão de RSU. Os desafios enfrentados por esses trabalhadores estão associados às características socioculturais, socioambientais, políticas e econômicas dos países em que atuam. Os caminhos que os levam a se organizarem relacionam-se às políticas de seus países e afetam o modo como suas associações são concebidas e implementadas. De acordo com a perspectiva sobre como entendem o contexto em que estão inseridos, há diferenças ligadas à forma como gostariam de se relacionar com os governos e sistemas de gestão de resíduos (SAMSON, 2009).

Diversos estudos apontam as formas de organizações de catadores e as categorizam. Dependendo do âmbito da pesquisa, há nuances nas categorizações, decorrentes dos aspectos econômicos, sociais e ambientais encontrados nos espaços definidos para os levantamentos e de acordo com os processos de trabalho investigados. Geralmente, as associações e cooperativas são apontadas como a forma mais comum de organização entre os catadores de materiais recicláveis.

Deve-se considerar, no entanto, que as atividades de “catação” ou de “recuperação” podem ocorrer em qualquer lugar, como em ruas, terrenos baldios, corpos d’água, lixões e aterros sanitários. Além disso, nos últimos anos, muitos países têm incorporado a mão de obra

de catadores aos programas de reciclagem que envolvem a separação na fonte (MEDINA, 2011).

No Brasil, o Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) tem a missão de auxiliar na organização e auto-gestão dos catadores. O avanço desses trabalhadores, na cadeia de reciclagem, ocorrerá mediante sua organização em associações, cooperativas, redes de comercialização e unidades industriais. Nesse caso, segundo a Declaração de Princípios e Objetivos do MNCR, independentemente da forma de associação, esta deve ser composta e dirigida pelos próprios catadores. Esse princípio reforça que os trabalhadores são proprietários das ferramentas e equipamentos de produção, assim como são responsáveis pelo planejamento, execução e decisões inerentes à organização. Tal processo inicia-se pelas Bases Orgânicas, espaços destinados à formação e informação dos catadores quanto aos princípios, objetivos e ações deste movimento (MNCR, 2012). O princípio da gestão das cooperativas realizada pelos próprios cooperados encontra embasamento nas Leis do Cooperativismo (BRASIL, 1971) e das Cooperativas de Trabalho (BRASIL, 2012c).

Dando destaque às possíveis consequências próprias dos modelos de organização de catadores, Zaneti, Sá e Almeida (2009) consideram que trabalhadores organizados em movimentos, associações e cooperativas adquirem mais força para equilibrar os efeitos da fragilidade, característica da atuação informal, que constitui a base da pirâmide da cadeia de reciclagem. Atuando informalmente, esses indivíduos continuam a constituir o elo mais frágil de todo o sistema (ZANETI; SÁ; ALMEIDA, 2009; GUTIERREZ; ZANIN, 2011).

Carmo, Oliveira e Migueles (2004) identificam dois grupos de catadores: os cooperados e os não cooperados. No segundo grupo, distinguem as seguintes categorias: catador de usina ou aterro sanitário – que cata o lixo proveniente da coleta urbana; catador de rua – que se antecipa à coleta urbana e faz a cata diretamente no lixo dispensado em sacos nas ruas e calçadas; carroceiro – entrega material de construção, entulho e frete, e cata material reciclável para vender.

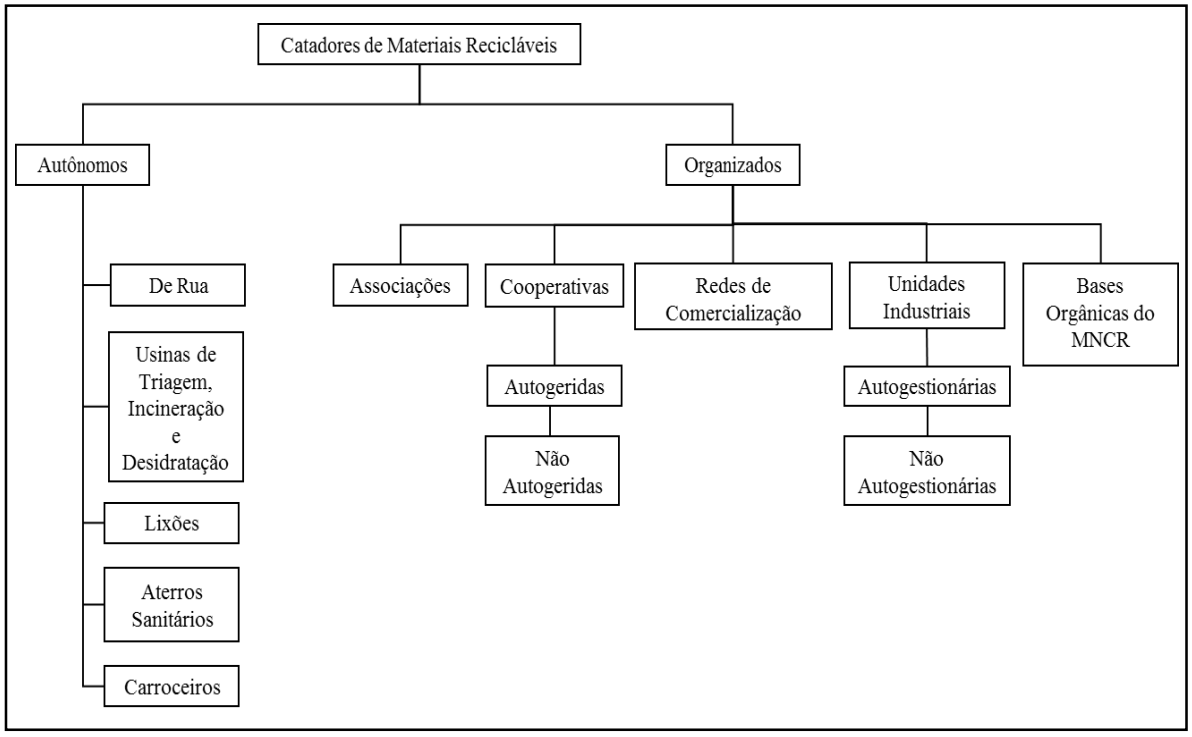
Siqueira e Moraes (2009) diferenciam os catadores em três categorias: catador de rua, catador cooperado e catador de lixão. A primeira denominação refere-se aos que realizam a coleta em sacos de lixo deixados pela população na rua, pelo comércio local e pelas indústrias, e usam uma carroça ou outro tipo de transporte ajustado para carregar a carga. Os catadores cooperados são os que atuam de forma autogestionária e prestam o serviço de coleta seletiva com qualidade, de maneira organizada, gerando trabalho e renda. Organizados em cooperativas, possuem apoio de organizações não governamentais e buscam afirmar sua participação em programas municipais de coleta seletiva. Os catadores de lixão, por sua vez, não possuem

nenhum vínculo assistencial ou organizacional, e a catação é feita diretamente nos lixões dos municípios.

Em estudo sobre a organização capitalista do trabalho informal, Bosi (2008) interpreta a atuação dos catadores como um processo que está à margem do mercado de trabalho. Segundo o autor, essa atividade geralmente é constituída pelo trabalho autônomo, em que o próprio trabalhador reconhece uma oportunidade em meio às mudanças do mercado de trabalho. Desse modo, um trabalhador é autônomo ao atuar por conta própria e negociar livremente o produto de seu trabalho. No entanto, em meados da década de 1980, a força de trabalho dos catadores tornou-se uma realidade no contexto da estruturação do setor de reciclagem, estimulada pelo numeroso contingente de trabalhadores. Esta foi uma das condições favoráveis para sua inserção nos programas de coleta seletiva. Gradativamente, a situação de trabalho informal tem passado a constituir relações formalizadas, por meio de cooperativas (BOSI, 2008).

Mediante as informações do MNCR (2012) e com base em Carmo, Oliveira e Migueles (2004), Bosi (2008), Siqueira e Moraes (2009), Zaneti, Sá e Almeida (2009) e Gutierrez e Zanin (2011), pode-se compor um cenário com diversas possibilidades de organizações de catadores. A Figura 2 apresenta esse contexto.

Figura 2 – Tipos de organizações de catadores de materiais recicláveis



Fonte: Autora com base em MNCR (2012), Carmo, Oliveira e Migueles (2004), Bosi (2008), Siqueira e Moraes (2009), Zaneti, Sá e Almeida (2009), Gutierrez e Zanin (2011).

Como este estudo aborda o cenário das cooperativas, pretende-se dar maior ênfase a essa estrutura organizacional e analisá-la de acordo com seus princípios e responsabilidades envolvidas, assim como se deseja compreender como essa forma de organização pode contribuir para uma possível melhoria nas condições de trabalho e qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis.

Diante desses objetivos, tem-se que uma cooperativa é alicerçada pelos princípios democráticos que consideram cada indivíduo como provido de liberdade, solidariedade e movido pelo senso igualitário. O cooperado não é responsável somente pela atividade que executa, mas é parte integrante e atuante de todos os departamentos e dimensões da organização. Esse princípio da cooperativa é executado por meio de assembleias, onde são abertos debates sobre a gestão. A interação social é condicionada pela participação, diálogo e argumentação, sendo possível refletir sobre o trabalho e expressar opinião sobre a gestão (PICCININI, 2004; COELHO; GODOY, 2011).

As Leis do Cooperativismo (Lei nº 5. 764/1971) e das Cooperativas de Trabalho (Lei nº 12.690/2012), criadas com o objetivo de disciplinar o funcionamento das cooperativas, buscam propor uma relação de trabalho e renda sustentada pelo esforço dos sócios cooperados. Os benefícios tratados nessas Leis trazem a garantia de alguns dos direitos trabalhistas previstos na Constituição Federal de 1988. Os princípios baseiam-se na criação das cooperativas por iniciativa dos trabalhadores, com o intuito de combater os prejulgamentos de que o cooperativismo está associado à precarização do trabalho e mão de obra barata. Assim sendo, a constituição de cooperativas visa o coletivo e elas são formadas exclusivamente por trabalhadores que optam pela autogestão (BRASIL, 1971; BRASIL 2012c).

Apesar disso, Carmo e Arruda (2010) mostram outro lado dessa argumentação e salientam que o cooperativismo costuma ser desprezado por uma parte dos catadores de rua, justamente pelo tempo que terão que dispor para participar de assembleias e outros eventos próprios das atividades de uma cooperativa, como tomar decisões relativas aos aspectos econômicos e financeiros. Piccinini (2004) explica que o envolvimento do cooperado é muito maior do que o usufruto dos serviços oferecidos por sua participação em assembleias e reuniões. A participação em seminários, encontros e eventos, que lhe permitam conhecer melhor a cooperativa, são inerentes a sua condição de cooperado, assim como o dever de buscar a capacitação constante no trabalho que lhe possibilite, também, assumir posições de dirigente ou membro de comissões.

Os catadores autônomos estão livres dessas responsabilidades, fato que pode contribuir para a decisão de continuarem a trabalhar sozinhos nas ruas. Em contrapartida, Carmo e Arruda

(2010) explicam que, em função dessa escolha, continuam presos à base da pirâmide da cadeia de reciclagem, dependentes de sucateiros e do valor pago definido por estes. Uma das bases para formar o preço da mercadoria está relacionada ao volume. Atuando sozinhos, os catadores não têm possibilidade de acesso a maiores quantidades do produto a ser negociado e, portanto, recebem menos (CARMO; ARRUDA, 2010). Essa visão é compartilhada por Wilson, Velis e Cheeseman (2006) que afirmam que, ao estarem organizados e passarem por treinamentos, os catadores adquirem a capacidade de agregar valor ao material coletado.

Além disso, os catadores organizados em cooperativas e associações o fazem porque percebem uma possibilidade de fuga da pobreza, pelo ensejo de ter sua profissão valorizada e legitimada pela sociedade, pela condição de acesso a direitos trabalhistas, assim como pela alternativa de ter sua renda aumentada com a diminuição da dependência de intermediários (WILSON; VELIS; CHEESEMAN, 2006; JESUS; BARBIERI, 2014; MAGNI; GÜNTHER, 2014). No entanto, diversas são as dificuldades encontradas por esses profissionais, entre elas, dispor de uma gestão administrativa que sane os problemas internos, como a instabilidade de renda, falta de qualificação profissional e de recursos tecnológicos (JESUS; BARBIERI, 2014; MAGNI; GÜNTHER, 2014).

Diante do contexto da gestão administrativa, Jesus e Barbieri (2014) observam que a escolha pela inserção de catadores organizados em associações e cooperativas na coleta seletiva foi uma opção na busca pela solução do problema do descarte dos resíduos sólidos e tornou-se mais uma prática no âmbito da política social.

Entretanto, alguns entraves permanecem na esfera empresarial dessas organizações. Souza, Paula e Souza-Pinto (2012), ao analisarem o papel das cooperativas de reciclagem em programas de coleta seletiva no município de São Paulo, indicam que, a despeito do mérito do trabalho das cooperativas, estas são as que menos se favorecem de suas ações. Há falta de infraestrutura e equipamentos que forneçam os recicláveis em quantidade e qualidade para as indústrias, que optam pela compra de sucateiros. Nesse sentido, o apoio dos setores público, privado e da sociedade às cooperativas precisa ser ampliado (SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; JESUS; BARBIERI, 2014). Embora as cooperativas, ao introduzirem novas atividades de triagem e processamento, enfrentem dificuldades iniciais para atingir taxas de eficiência de produção que lhes possibilitem tornarem-se parceiras das grandes indústrias, uma gestão de negócios e consultorias pode auxiliar na diminuição dessas deficiências (GIZ, 2011).

Na esfera de atuação dos catadores como cooperados, estudo realizado por Oliveira *et. al.* (2014) sobre a promoção da participação social exigida pela PNRS constatou que parece haver uma incompreensão desses indivíduos quanto ao significado do seu papel na cooperativa.

Os cooperados se veem como empregados e cobram da administração pública ações que deveriam ser conquistadas por eles, como melhores condições de trabalho, benefícios e demais facilidades. Os autores observaram a falta de educação para o cooperativismo, o que torna qualquer ajuda insuficiente, pois sempre precisarão de mais.

Outros obstáculos inerentes à atuação das cooperativas encontram-se na baixa escolaridade, acompanhada de históricos de exclusão social, e na relutância em obedecer aos regulamentos, dando preferência ao trabalho autônomo, mesmo que com rendimentos ínfimos (CARMO, 2009; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012).

Souza, Paula e Souza-Pinto (2012), no entanto, enfatizam que os catadores organizados em cooperativas possuem maior poder de barganha, tanto com a indústria, quanto com o poder público, e há a oportunidade da venda direta, com a exclusão da figura do intermediário, possibilitando-lhes o acesso a melhores rendimentos. Para tanto, ao invés de atuarem isoladamente, faz-se importante a criação de uma rede de cooperativas. Dessa forma, há a chance de maior acúmulo de recicláveis, o que poderá resultar na obtenção de melhores preços (SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012).

Em relação à promoção da inclusão social dos catadores, por meio de políticas como a PNRS, Mandeli *et al* (2013) notam que, além do direito ao trabalho e renda, as ações do poder público devem considerar as condições de saúde e riscos a que esses trabalhadores costumam estar expostos, em função de fragilidades sociais e da precariedade do trabalho.

O registro da profissão como "Catador de Material Reciclável", na Classificação Brasileira de Ocupação, apoia o empreendedorismo e a criação de trabalho e renda, além de buscar a eliminação da exclusão social e o avanço da educação ambiental (MANDELI *et. al*., 2013). Sob esse aspecto, Van Zeeland (2013) reforça que as políticas públicas devem promover e fortalecer a interação entre a economia popular e os movimentos sociais. O autor argumenta que não se trata apenas de questões técnicas ou econômicas, mas de questão política comprometida com a transformação social nas esferas federal, estadual e municipal.

2.5 Vulnerabilidade socioambiental dos catadores de materiais recicláveis

A vulnerabilidade, dentro do âmbito das ciências sociais, pode ser entendida em três dimensões: grau de exposição ao risco, susceptibilidade ao risco e resiliência diante da ocorrência do risco. Dessa maneira, verifica-se que a vulnerabilidade não trata somente da exposição aos riscos, mas também aborda a capacidade das populações de reagirem aos riscos

e de se adaptarem ao novo contexto quando o risco efetivamente ocorre. Observa-se, assim, que as populações mais vulneráveis são as mais expostas a situações que envolvam riscos, que são mais sensíveis a essas exposições e com menor capacidade de recuperação (MOSER, 1998).

Neste sentido, a vulnerabilidade social abandona os enfoques tradicionais relativos à pobreza baseada unicamente na renda monetária. Ela abrange a insegurança e os desequilíbrios provocados por mudanças econômicas ou por outros eventos, partindo de uma visão mais abrangente sobre as condições de vida da população mais pobre, e considerando a disponibilidade de recursos e estratégias das famílias para enfrentarem e se adaptarem aos efeitos que as afetam (KAZTMAN *et. al*., 1999).

Diante disso, um gerenciamento inadequado dos RSU pode ter consequências à saúde de populações vulneráveis às questões ambientais, com a diminuição da qualidade de vida e o surgimento de problemas de saúde (FERREIRA; ANJOS, 2001).

Dentre essas populações vulneráveis, no contexto dos RSU, há as que não dispõem de coleta domiciliar e descartam seus resíduos ao redor do local onde vivem, produzindo um ambiente impróprio para se habitar e propício à transmissão de doenças. Os indivíduos residentes próximos desse cenário, e não necessariamente de baixa renda, também são vulneráveis a essa realidade, pelo alcance da fumaça, do mau cheiro e da possibilidade de transmissão de doenças, pelo lixo arrastado pelas chuvas ou pela invasão de áreas. Do mesmo modo, moradores das vizinhanças das áreas de tratamento e destinação de resíduos constituem outra população suscetível à exposição ao mau cheiro, presente em áreas de manuseio de grandes quantidades de resíduos domiciliares. Desta população que reside ao redor de locais destinados aos resíduos, uma parcela é formada por catadores que, devido ao seu trabalho, encontram-se expostos a riscos como contaminação e danos à sua integridade física, causados por acidentes no manuseio dos resíduos, além da possibilidade de se tornarem portadores e transmissores de doenças (FERREIRA; ANJOS, 2001). As condições insalubres a que estão expostos os tornam a parcela da população com a maior taxa média de morbidade e mortalidade (SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012).

Varela e Lopes (2013) desenvolveram uma pesquisa cujo objetivo foi conhecer as condições de trabalho de uma população de catadores. As autoras notam que essa profissão encontra-se exposta a vários riscos de saúde. Os motivos aparecem ligados à exposição ao lixo de maneira inadequada, sem o uso de EPI; à possibilidade de atropelamento, por puxarem carroças no trânsito; e a de contraírem diversos problemas de saúde. O ambiente de trabalho dessa população costuma ser crítico, devido às ameaças relacionadas às atividades de gestão de resíduos, tendo ainda perigos adicionais inerentes aos ambientes de vida (GIZ,2011).

Observando a exposição aos riscos decorrentes da atividade ocupacional dos catadores, tem-se que diversos agentes estão presentes nos RSU e são capazes de interferir no meio ambiente e na saúde humana. A pesquisa de Ferreira e Anjos (2001) sobre problemas de saúde coletiva e ocupacional relacionados aos resíduos sólidos municipais destaca os agentes físicos, químicos e biológicos mais frequentemente encontrados nesses resíduos e as possíveis doenças que podem causar. A seguir, faz-se uma breve discussão sobre cada agente, de acordo com os autores.

Quanto aos agentes físicos, conforme sintetiza o Quadro 1, destacam-se o odor, que pode causar dores de cabeça, náuseas e mal-estar; os ruídos que, em excesso durante as operações com os resíduos, podem levar à perda permanente ou parcial da audição, estresse, hipertensão arterial e tensão nervosa; a poeira, que pode provocar desconforto, breve perda de visão e problemas respiratórios; a vibração dos equipamentos utilizados nas operações, que pode motivar o aparecimento de lombalgias, dores no corpo e estresse; os objetos perfurocortantes, que podem ocasionar ferimentos e cortes nos trabalhadores; além da estética, dado que uma visão desagradável pode ter como consequência náuseas e desconforto.

Quadro 1 – Agentes físicos capazes de interferir no meio ambiente e na saúde humana

Agentes	**Composição**	**Doenças**
Físicos	Odor	Dores de cabeça, náuseas e mal-estar.
	Ruídos em excesso	Perda permanente ou parcial da audição, estresse, hipertensão arterial e tensão nervosa.
	Poeira	Desconforto, breve perda de visão e problemas respiratórios.
	Vibração dos equipamentos	Lombalgias, dores no corpo e estresse.
	Objetos perfurocortantes	Ferimentos e cortes.
	Estética desagradável	Náuseas e desconforto.

Fonte: Autora
Nota: Dados de Ferreira e Anjos (2001)

Em relação aos agentes químicos, têm-se a presença de pilhas, baterias, óleos e graxas, pesticidas e herbicidas, produtos de limpeza, remédios, aerossóis, pois uma parte dos componentes que compõem esses resíduos é classificada como perigosa para a saúde humana e o meio ambiente. Há ainda os metais pesados, como o chumbo e o mercúrio, que, ao se acumularem no organismo humano, podem causar, entre outras doenças, distúrbios no sistema nervoso.

Com o objetivo de melhor abranger os agentes químicos capazes de interferir no meio ambiente e na saúde humana (BESIOU; GEORGIADIS; VAN WASSENHOVE, 2012; LUNDGREN, 2012), o Quadro 2 apresenta os agentes etiológicos cádmio, chumbo, cromo, mercúrio e níquel, que possuem diversas aplicações em produtos e que podem ser encontrados nos RSU. Para tanto, as bases de dados pesquisadas foram: a norma ABNT/CB 03.-.1º Projeto 03:111.01-009, que estabelece normas para a proteção do meio ambiente e controle dos riscos de saúde e segurança no trabalho em referência à atividade de manufatura reversa de resíduos eletroeletrônicos; a *International Statistical Classification of Diseases Related to Helth Problems* da Organização Mundial da Saúde (WHO – ICD-10 – 2010), que realiza a classificação de doenças com o objetivo de permitir a análise, interpretação e comparação de dados de morbidade e mortalidade coletados em diversos países e em diferentes momentos; e a Portaria 1339/GM/1999-CID-10 do Ministério da Saúde, que apresenta uma relação de agentes etiológicos ou fatores de risco de natureza ocupacional com as respectivas doenças que possam estar relacionadas a eles.

Quadro 2 – Agentes etiológicos, aplicações e doenças classificadas conforme CID-10

Agente etiológico	**Aplicações**	**Doenças causalmente relacionadas com os respectivos agentes**
Cádmio	Baterias, pigmento, tratamento anticorrosivo, materiais eletroeletrônicos, material ótico, estabilizante, depósitos, pigmento para resina, material fluorescente, eletrodo, solda, contatos elétricos, ponto de contato, depósito de zinco, estabilizante para PVC.	Neoplasia maligna dos brônquios e do pulmão; Transtornos do nervo olfatório; Bronquite e Pneumonite devida a produtos químicos, gases, fumaças e vapores (“Bronquite Química Aguda”); Edema Pulmonar Agudo devido a produtos químicos, gases, fumaças e vapores (“Edema Pulmonar Químico”); Síndrome de Disfunção Reativa das Vias Aéreas; Bronquiolite Obliterante Crônica, Enfisema Crônico Difuso ou Fibrose Pulmonar Crônica; Enfisema intersticial; Alterações pós-eruptivas da cor dos tecidos duros dos dentes; Gastroenterite e Colites tóxicas; Osteomalácia do Adulto Induzida por Drogas; Nefropatia Túbulo-Intersticial induzida por metais pesados; Efeitos Tóxicos Agudos.

Continua...

Conclusão...

Agente etiológico	Aplicações	Doenças causalmente relacionadas com os respectivos agentes
Chumbo	Baterias, pigmento, tinta, endurecedor de borracha, lubrificante, estabilizador de plástico, materiais para bateria, ligas para usinagem, aços para usinagem, materiais óticos, proteção para raios X em vidros de CRT, soldas elétricas, soldas mecânicas, agentes de cura e de vulcanização, Materiais Ferroelétricos, estabilizadores de resinas, depósitos ligas metálicas, aditivos de resina, cabos de energia.	Anemia Sideroblástica secundária a toxinas; Hipotireoidismo devido a substâncias exógenas; Outros transtornos mentais decorrentes de lesão e disfunção cerebrais e de doença física; Polineuropatia devida a outros agentes tóxicos; Encefalopatia Tóxica Aguda; Encefalopatia Tóxica Crônica; Hipertensão Arterial; Arritmias Cardíacas; "Cólica do Chumbo"; Gota Induzida pelo Chumbo; Nefropatia Túbulo-Intersticial induzida por metais pesados; Insuficiência Renal Crônica; Infertilidade Masculina; Efeitos Tóxicos Agudos.
Mercúrio	Lâmpadas fluorescentes, pigmentos, anticorrosivos, interruptores, tratamento antibactérias, baterias.	Outros transtornos mentais decorrentes de lesão e disfunção cerebrais e de doença física; Transtornos de personalidade e de comportamento decorrentes de doença, lesão e de disfunção de personalidade; Transtorno Mental Orgânico ou Sintomático não especificado; Episódios Depressivos; Neurastenia (Inclui "Síndrome de Fadiga"); Ataxia Cerebelosa; Outras formas especificadas de tremor; Transtorno extrapiramidal do movimento não especificado; Encefalopatia Tóxica Aguda; Encefalopatia Tóxica Crônica; Arritmias cardíacas; Gengivite Crônica; Estomatite Ulcerativa Crônica; Dermatite Alérgica de Contato; Doença Glomerular Crônica; Nefropatia Túbulo-Intersticial induzida por metais pesados; Efeitos Tóxicos Agudos.
Níquel	Aço inox, exemplo: aplicações onde há contato prolongado com a pele: fone de ouvido.	Neoplasia maligna da cavidade nasal e dos seios paranasais; Neoplasia maligna dos brônquios e do Pulmão; Outras Rinites Alérgicas; Rinite Crônica; Alterações pós-eruptivas da cor dos tecidos duros dos dentes.

Fonte: Autora, adaptado de Portaria 1.339, 1999, p. 1-32.
Nota: Dados obtidos em ABNT/CB-03 1º Projeto 03:111.01-009, 2012; UN-WHO-ICD-10, 2010; Portaria n. 1339/GM/1999 - CID-10, 1999.

Com relação aos agentes biológicos encontrados nos resíduos sólidos, há microorganismos capazes de produzir diversas doenças, tais como os que se encontram presentes em curativos, *band-aids*, lenços de papel, fraldas descartáveis, absorventes, camisinhas, agulhas e seringas descartáveis, sendo uma parte desses resíduos originados não somente pelos domicílios, mas também por clínicas, farmácias, laboratórios e hospitais. O Quadro 3 faz uma breve síntese dos agentes biológicos.

Quadro 3 – Agentes biológicos capazes de interferir no meio ambiente e na saúde humana

Agentes	**Composição**	**Doenças**
Biológicos	Microorganismos presentes em curativos, *band-aids*, lenços de papel, fraldas descartáveis, absorventes, camisinhas, agulhas e seringas descartáveis etc.	Podem causar diversas doenças, entre elas doenças de pele, diarreias, verminoses etc.

Fonte: Autora
Nota: Dados de Ferreira e Anjos (2001)

A Portaria 1339/GM/1999-CID-10 do Ministério da Saúde apresenta, ainda, a possibilidade de se contrair outras doenças, como a Imunodeficiência Humana (HIV), pela exposição ocupacional decorrente de acidentes com materiais perfurocortantes contaminados. Contudo, especificamente quanto à contaminação pelo vírus HIV, Ferreira e Anjos (2001) ressaltam que esse risco, de contaminação pelo manuseio inadequado de resíduos, é baixo, uma vez que o vírus tem baixa resistência em ambientes adversos. Os autores destacam, todavia, que há a possibilidade de contágio pelo vírus causador de hepatite, além dos microorganismos responsáveis por dermatites, por meio de agentes biológicos causadores de doenças do trato intestinal.

Além dos agentes que compõem os resíduos sólidos que podem causar transtornos à saúde humana e ao meio ambiente, devem ser considerados os riscos ocupacionais e os acidentes relacionados ao trabalho direto dos envolvidos no gerenciamento desses resíduos, como os catadores. Os acidentes mais comuns entre as pessoas que manuseiam os RSU são os cortes com vidro; cortes e perfurações com objetos pontiagudos, como pregos, agulhas e seringas; atropelamentos devido à sobrecarga e condições do trânsito e das ruas; ferimentos diversos causados por mordidas de animais e picadas de insetos (presença de ratos, moscas, abelhas etc.); além da perda de membros pela prensagem de equipamentos de compactação (FERREIRA; ANJOS, 2001; PORTO *et al*. 2004).

A exposição ao frio e ao calor, à fumaça, à poeira, aos gases, como o monóxido de carbono, às posturas forçadas, aos microorganismos causadores de doenças, são facetas relacionadas às doenças ocupacionais decorrentes do manuseio dos RSU. Ferreira e Anjos (2001) ressaltam que as mais comuns são as micoses que ocorrem com maior frequência nas mãos e nos pés, e que o estresse pode ser uma das causas dos acidentes de trabalho. O Quadro 4 faz uma breve apresentação dos riscos ocupacionais e dos acidentes relacionados ao trabalho direto com os RSU, de acordo com Ferreira e Anjos (2001) e Porto *et al*. (2004).

Quadro 4 – Riscos ocupacionais e acidentes relacionados ao trabalho direto com RSU

<table>
<tr><th>Riscos Ocupacionais</th><th>Acidentes relacionados ao trabalho</th><th>Causas</th></tr>
<tr><td>Exposição ao frio e calor</td><td>Cortes com vidro</td><td rowspan="7">- Ausência de treinamento;
- Condições impróprias de trabalho;
- Estresse;
- Inadequação da tecnologia;
- Contato direto e mais próximo da geração do resíduo, onde há maior probabilidade de existência de microorganismos infecciosos.</td></tr>
<tr><td>Exposição à fumaça</td><td>Cortes e perfurações com objetos pontiagudos (pregos, agulhas, seringas etc.)</td></tr>
<tr><td>Exposição à poeira</td><td>Atropelamentos (sobrecarga e condições do trânsito e da rua)</td></tr>
<tr><td>Exposição ao monóxido de carbono</td><td>Ferimentos diversos (mordidas de animais e picadas de insetos - presença de ratos, moscas, abelhas, etc.)</td></tr>
<tr><td>Posturas forçadas</td><td rowspan="2">Perda de membros (prensagem de equipamentos de compactação)</td></tr>
<tr><td>Exposição aos microorganismos causadores de doenças (micoses nas mãos e nos pés)</td></tr>
</table>

Fonte: Autora
Nota: Dados de Ferreira e Anjos (2001); Porto *et al*. (2004)

Apesar de todas essas condições adversas, Porto *et. al*. (2004) destacam que, para os catadores, o lixo é uma fonte de renda e sobrevivência. Assim, normalmente, a doença somente é reconhecida quando os impede de trabalhar. Nesse caso, a saúde é vista como a capacidade de trabalhar e, por esse motivo, esses trabalhadores negam a relação entre o trabalho e possíveis problemas de saúde. Os autores chamam a atenção para o fato de os catadores, entrevistados em sua pesquisa, mencionarem poucas vezes doenças típicas do manuseio de resíduos sólidos, como diarreias, verminoses, doenças de pele e leptospirose.

Outras vulnerabilidades sociais a serem consideradas referem-se à desvalorização do papel dos catadores pela sociedade, na exploração desta mão de obra pelos demais agentes do setor da reciclagem, como atravessadores e indústrias, além da remuneração precária. As

condições insalubres e de periculosidade dessa atividade são ampliadas pelas condições de vida dessa população, como os locais de moradia (PORTO *et. al*., 2004). Nesse aspecto, a exposição ao risco ambiental somado à pobreza pode originar maior fragilidade e insegurança, resultando em alta vulnerabilidade socioambiental (ALVES, 2013).

2.6 Saúde e qualidade de vida

O cenário sobre a exposição aos riscos inerentes à atividade dos catadores de materiais recicláveis evidencia a necessidade de compreensão sobre o que é saúde e qualidade de vida e a inter-relação desses temas. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde como sendo "o estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade" (OMS, 1946, p. 1).

A partir desse conceito, Almeida *et. al*. (2009) enfatizam que devem ser considerados os aspectos físicos, emocionais e sociais das pessoas envolvidas e vão mais além, ao evidenciarem a relevância da forma como o indivíduo se vê diante da vida. Nesse sentido, a avaliação da qualidade de vida observa como o indivíduo se sente quanto às suas perspectivas físicas, emocionais e sociais, do trabalho e modo de vida.

Buss (2000) argumenta que a promoção da saúde é decorrente de atividades que buscam a transformação dos comportamentos das pessoas, com foco no modo de vida junto às famílias e comunidade. O autor salienta que variáveis como a distribuição de renda, o grau de escolaridade, o analfabetismo, as habitações e os ambientes são importantes determinantes nas condições de vida e saúde do indivíduo.

Nesse aspecto, a Carta de Ottawa, elaborada na Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, evento organizado pela OMS e realizado na capital do Canadá em 1986, define a promoção à saúde como sendo:

> [...] o nome dado ao processo de capacitação da comunidade para atuar na melhoria de sua qualidade de vida e saúde, incluindo uma maior participação no controle deste processo. Para atingir um estado de completo bem-estar físico, mental e social os indivíduos e grupos devem saber identificar aspirações, satisfazer necessidades e modificar favoravelmente o meio ambiente. A saúde deve ser vista como um recurso para a vida, e não como objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Assim, a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global (OMS, 1986, p. 1).

Diante dessa definição, observa-se que o documento indica que os determinantes de saúde são múltiplos, ao apontar para o completo bem-estar físico, mental e social, e envolve a intersetorialidade, ao afirmar que a promoção da saúde não é de responsabilidade única do setor de saúde (BUSS, 2000).

Complementando a definição anterior, a Carta de Ottawa (1986) salienta a importância do acesso à paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade, como pré-requisitos para a saúde, e segue afirmando que:

> A saúde é construída e vivida pelas pessoas dentro daquilo que fazem no seu dia-a-dia: onde elas aprendem, trabalham, divertem-se e amam. A saúde é construída pelo cuidado de cada um consigo mesmo e com os outros, pela capacidade de tomar decisões e de ter controle sobre as circunstâncias da própria vida, e pela luta para que a sociedade ofereça condições que permitam a obtenção da saúde por todos os seus membros (OMS, 1986, p. 3 e 4).

A Carta de Ottawa (1986, p. 1) ainda ressalta que "A saúde é o maior recurso para o desenvolvimento social, econômico e pessoal, assim como uma importante dimensão da qualidade de vida". Entende-se, portanto, que a saúde, dentro dos parâmetros apontados nessa Conferência, é um recurso essencial para o desenvolvimento da vida (BUSS, 2000).

Apoiando esses conceitos, Buss (2000), Minayo, Hartz e Buss (2000), Seidl e Zannon (2004), Almeida *et. al*. (2009) e Siqueira e Moraes (2009) explicam que, para que haja qualidade de vida, é importante satisfazer as necessidades humanas mais básicas, como boa alimentação e nutrição, água, habitação, saneamento, trabalho, saúde, educação e lazer, meios para obtenção de conforto e bem-estar, apoio social para famílias e indivíduos, realização pessoal e coletiva. O trabalho é considerado um dos meios que asseguram a satisfação dessas necessidades, sendo relevante para a obtenção e a manutenção da qualidade de vida. Aqui, compreende-se que o trabalhador tem o direito de trabalhar em boas condições físicas, mentais e materiais, em um ambiente adequado de trabalho, para que tenha a possibilidade de desempenhar, da melhor forma possível, as suas atividades (ALMEIDA *et. al*., 2009; SIQUEIRA; MORAES, 2009).

Ao especificar as condições físicas e mentais dos trabalhadores, Minayo, Hartz e Buss (2000) indicam o estresse e a dor como outros motivos que afetam a qualidade de vida, pela capacidade de modificar comportamentos, alterar a forma de atuação no trabalho e, até mesmo, provocar mudanças no modo de viver, motivo pelo qual são objetos de vários estudos. Verifica-se que o estresse pode ter como causa o não atendimento à contrapartida esperada pelo trabalho,

como salário e oportunidade de desenvolvimento e crescimento, e isso se traduz em ansiedade, irritabilidade, tensão, raiva e nervosismo (ALMEIDA *et. al*., 2009).

O conceito de saúde está baseado, portanto, na intangibilidade, por meio de valores como solidariedade, inserção social e realização pessoal, mas também em valores materiais, que englobam as complexidades das sociedades, suas condições de vida e necessidades básicas; ele indica a necessidade da formação de ambientes propícios ao seu desenvolvimento, mediante as relações de interdependência nas diversas esferas da sociedade (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000; SIQUEIRA; MORAES, 2009).

Desse modo, a proteção ao meio ambiente e o cuidado com o que a sua alteração pode acarretar à saúde humana interferem na qualidade de vida. A construção da história da sociedade, em diferentes épocas e espaços, por meio de valores, vida em coletividade, experiências e conhecimentos, demonstra como o homem tem vivido, adoecido e morrido. Esses acontecimentos estão relacionados à maneira como a sociedade se comporta ambiental e socialmente ao longo de sua trajetória (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000; SIQUEIRA; MORAES, 2009).

Alicerçados nesse prisma, Siqueira e Moraes (2009) vinculam o homem à natureza. As autoras partem da premissa de que problemas ambientais são problemas de saúde, uma vez que interferem no histórico da sociedade, em suas várias dimensões. Sendo assim, o homem faz parte da natureza e o cenário dos padrões mundiais de consumo e produção é um dos motivos do comprometimento da saúde coletiva e da qualidade de vida.

Nessa perspectiva, a Terceira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, organizada pela OMS e realizada na Suécia, em 1991, elaborou a Declaração de Sundsvall. Esse documento, sob a ótica da promoção da saúde por meio de ambientes favoráveis, ressalta que "Um ambiente favorável é de superior importância para a saúde. Os dois são interdependentes e inseparáveis." (OMS, 1991, p. 2). Esse evento trouxe à cena as múltiplas dimensões do ambiente ao afirmar que:

> No contexto da saúde, a expressão «ambientes favoráveis à saúde» refere-se aos aspectos físicos e sociais que nos rodeiam. Isto é, os locais onde as pessoas residem, trabalham e passam os seus tempos livres. O que também envolve as questões estruturais que determinam o acesso aos recursos vitais e às oportunidades de capacitação (empowerment). Assim, a acção para criar ambientes favoráveis tem várias dimensões, física, social, espiritual, económica e política, que estão ligadas entre si e em interacção dinâmica. (OMS, 1991, p.4)

A Declaração de Sundsvall, elaborada às vésperas da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – Rio-92 –, busca ampliar a compreensão da sociedade, dos movimentos sociais e dos governos para os perigos decorrentes da degradação do meio ambiente (BUSS, 2000) e insiste que "[...] ambientes favoráveis à saúde habilitam as pessoas a expandir as suas capacidades e a desenvolver a sua autoconfiança" (OMS, 1991, p. 7).

Sobre meio ambiente, segurança humana e condições de saúde, o relatório *Health in the Americas* da *Pan American Health Organization* (PAHO), de 2012, por sua vez, aborda os possíveis riscos que mudanças no meio ambiente podem causar à saúde humana e descreve prováveis impactos decorrentes da ação do homem, como a contaminação do ar e da água potável. Esse relatório relata que a violência, a segurança na produção, o acesso e o consumo de alimentos, assim como o ambiente de trabalho afetam os indivíduos e as comunidades. O texto tem como tema principal a desigualdade nos recursos e na distribuição da saúde e bem-estar, entre vários países na região das Américas, considerando os ambientes próprios de cada comunidade (OMS, 2012).

Dessa forma, a saúde deixa de ser um conceito estático, mas vincula-se à totalidade da esfera humana, ao identificar o bem-estar e a qualidade de vida como estados dinâmicos e sociais. Ter saúde abrange a ampliação da autonomia e da qualidade de vida e, nesse âmbito, inserem-se as ações intersetoriais, mediante a participação das políticas públicas, sociedade, ações comunitárias, entre outros (BUSS, 2000).

Diante dessa síntese sobre os conceitos de saúde e qualidade de vida, observa-se que esses termos são comumente usados como sinônimos. Estudos na área de saúde pública têm indicado que o funcionamento físico do corpo, tendo algumas variáveis como dor, fadiga e energia, encontra-se mais fortemente relacionado à percepção do estado de saúde, enquanto a saúde mental parece ligar-se mais significativamente à qualidade de vida (SEIDL; ZANNON, 2004). Sob o aspecto da percepção, a qualidade de vida possui uma natureza multidimensional, com quatro grandes dimensões:

> (a) física – percepção do indivíduo sobre sua condição física; (b) psicológica – percepção do indivíduo sobre sua condição afetiva e cognitiva; (c) do relacionamento social – percepção do indivíduo sobre os relacionamentos sociais e os papéis sociais adotados na vida; (d) do ambiente – percepção do indivíduo sobre aspectos diversos relacionados ao ambiente onde vive. (SEIDL; ZANNON, 2004, p. 584)

De acordo com essas dimensões e sob seu amparo, encontram-se incluídos os determinantes da saúde. Buss (2000) os segmenta em duas categorias: os que estão sob maior controle do indivíduo (condutas individuais) e os de abrangência coletiva (dependentes das condições públicas, econômicas, sociais, culturais, ambientais e biológicas). Na primeira categoria, as atividades são dirigidas à mudança de comportamentos dos indivíduos, com foco nos seus estilos de vida e no ambiente cultural da comunidade em que se encontram inseridos. Os fatores para a promoção da saúde que estão sob controle do indivíduo fazem parte desse grupo. A segunda categoria relaciona diversos fatores com a qualidade de vida, como padrão adequado de alimentação, habitação e saneamento, boas condições de trabalho, oportunidades de educação, apoio social às famílias e ao indivíduo, entre outros. Aqui, as ações estão voltadas ao coletivo e às condições favoráveis de desenvolvimento da saúde, da capacidade das pessoas e das comunidades.

Diante dessas categorias, a OMS, com o objetivo de desenvolver um instrumento para mensurar a qualidade de vida aplicável aos diversos contextos culturais e temporais sob uma perspectiva internacional, reuniu especialistas de vários lugares do mundo para definir o conceito de qualidade de vida. Ele foi definido como "a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações." (The WHOQOF GROUP, 1997, p.1, "tradução livre da autora"). Este conceito, de acordo com o *The* WHOQOG *Group* (1997), envolve a complexa inter-relação do meio ambiente com os aspectos físicos, psicológicos, nível de dependência, relações sociais e crenças pessoais.

Analisando a saúde e a qualidade de vida como uma ampliação da autonomia humana, o relatório *Vision 2050 – The new agenda for business*, do *World Business Council for Sustainable Development* (WBCSD) traz uma visão do mundo a ser atingida até o ano de 2050, que engloba saúde, qualidade de vida e o ambiente onde o ser humano deverá viver. Nesse relatório, o olhar dirige-se para um futuro quando será possível "viver bem" e "dentro dos limites do planeta". De acordo com esse documento, viver bem significa ter um padrão de vida em que as pessoas possam desfrutar de boas condições econômicas que lhes possibilitem ter acesso à educação, saúde, mobilidade, alimentos básicos, água, energia, moradia e bens de consumo. Contudo, viver bem dentro dos limites do planeta é explicado como viver de maneira a que esse padrão de vida sustente-se com os recursos naturais existentes e sem prejuízos para a biodiversidade, o clima e os ecossistemas (WBCSD, 2010).

2.7 Qualidade de vida no trabalho e instrumentos de mensuração

A QVT abrange os conceitos de saúde e qualidade de vida e os introduz no ambiente de trabalho, acrescentando a necessidade de qualificação para a execução das tarefas. Dessa forma, Limongi-França e Assis (1995) esclarecem que:

> QVT (Qualidade de Vida no Trabalho) é uma compreensão abrangente e comprometida sobre as condições de vida no trabalho, incluindo aspectos de bem-estar, garantia de saúde e segurança física, mental e social e capacitação para realizar tarefas com segurança e bom uso da energia pessoal. (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995, p. 26)

A QVT, conforme Albuquerque e Limongi-França (1998, p. 41) é "(...) um conjunto de ações de uma empresa que envolve diagnóstico e implantação de melhorias e inovações gerenciais, tecnológicas e estruturais dentro e fora do trabalho, visando propiciar condições plenas de desenvolvimento humano para e durante a realização do trabalho."

A implantação de ações que colaborem para um ambiente favorável à realização do trabalho, como as relacionadas à ergonomia, luminosidade, ventilação, alteração de *layout*, dentre outros, promovem situações que propiciam a diminuição do absenteísmo e de erros na execução de tarefas. Entretanto, ao se avaliar as condições de vida no trabalho não é comum encontrar, na gestão das organizações, práticas que levem à melhoria da saúde física e mental e que contemplem tecnologias adaptadas às necessidades do trabalhador (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995).

Deve-se compreender que a QVT trata de um contexto complexo e amplo relativo às estruturas organizacionais e às pessoas, sendo construída quando os objetivos da organização olham o todo de maneira a incluir a qualidade das relações de trabalho e o seu resultado para a saúde das pessoas e das organizações (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995).

Ao se considerar as pessoas e a empresa conjuntamente e diante de novos paradigmas sobre o modo de vida dentro e fora das organizações, verifica-se que a QVT é multidisciplinar e multidimensional e envolve contribuições específicas de várias ciências, como apontam Albuquerque e Limongi-França (1998):

> - Saúde – nessa área, a ciência tem buscado preservar as integridades física, mental e social do ser humano e não apenas atuar sobre o controle de doenças, gerando avanços biomédicos e maior expectativa de vida.
> - Ecologia – vê o homem como parte integrante e responsável pela preservação do ecossistema dos seres vivos e dos insumos da natureza.

> - Ergonomia – estuda as condições de trabalho ligadas à pessoa. Fundamenta-se na medicina, na psicologia, na motricidade e na tecnologia industrial, visando ao conforto na operação.
> - Psicologia – juntamente com a filosofia, demonstra a influência das atitudes internas e perspectivas de vida de cada pessoa em seu trabalho e a importância do significado intrínseco das necessidades individuais para seu envolvimento com o trabalho.
> - Sociologia – resgata a dimensão simbólica do que é compartilhado e construído socialmente, demonstrando as implicações de quem influencia e é influenciado nos diversos contextos culturais e antropológicos da empresa.
> - Economia – enfatiza a consciência de que os bens são finitos e que a distribuição de bens, recursos e serviços deve envolver de forma equilibrada a responsabilidade e os direitos da sociedade.
> - Administração – procura aumentar a capacidade de mobilizar recursos para atingir resultados, em ambiente cada vez mais complexo, mutável e competitivo.
> - Engenharia – elabora formas de produção voltadas para flexibilização da manufatura, armazenamento de materiais, uso da tecnologia, organização do trabalho e controle de processos. (ALBUQUERQUE; LIMONGI-FRANÇA, 1998, p. 41)

Entretanto, Muzzio (2014) considera que embora o discurso no âmbito organizacional contemple melhores condições de trabalho, a utilização e o desenvolvimento de novas ferramentas gerenciais de auxílio ao trabalhador, a adoção de iniciativas que resultem na melhora da qualidade de vida no trabalho e a valorização da classe trabalhadora, as ações adotadas são decorrentes da "manutenção de uma condição vigente", uma vez que as práticas organizacionais estão ligadas a um contexto extremamente competitivo. Apesar disso, o autor adverte que:

> (...) a organização nunca poderá abdicar de sua realidade humana. Competitividade, eficiência e outros conceitos instrumentais não existem por si. Assim como na cultura, o homem é, ao mesmo tempo, criador e criatura das práticas organizacionais. Parece razoável o reconhecimento de que a autonomia deve ser a humana, jamais a organizacional. Assim, como o homem e a organização são elementos indissociáveis, espera-se uma relação que possibilite, cada vez mais, a convergência de visões que leve à plenitude do alcance dos propósitos desses dois elementos (MUZZIO, 2014, p.715) .

Vieira e Limongi-França (2004) salientam, porém, que as organizações que relacionarem a produtividade com a valorização do desenvolvimento humano estarão à frente de seus competidores. Essa é mais uma forma que possibilitará a sobrevivência das organizações que contarão com colaboradores com maior qualidade de vida. Nota-se que o mundo competitivo organizacional está em constante mudança e inovação. Assim também surgem novas maneiras de compreender e administrar o bem-estar. À vista disso, questões como legislação mais rigorosa, maior consciência social e ambiental, globalização, estresse, saúde e segurança no trabalho, entre outras, geram a procura por qualidade de vida no trabalho.

Percebe-se que a QVT se relaciona com os aspectos inerentes à vida no trabalho, mas também à vida fora dele. Isso significa que a qualidade de vida em geral possui ligação com a QVT, assim como interage com a saúde. Essa relação entre qualidade de vida e saúde trouxe grandes avanços na medicina, que não possuem efeitos em todas as áreas, uma vez que as pessoas que não têm acesso à saúde, também não têm melhorias na sua qualidade de vida (CHEREMETA *et. al.*, 2011).

No entanto, verifica-se que a QVT e a qualidade de vida relacionada à saúde têm como base a qualidade de vida (CHEREMETA *et. al.*, 2011). Baseada nesses dois contextos, a OMS desenvolveu um instrumento para sua medição chamado *World Health Organization Quality of Life* (WHOQOL). O WHOQOL busca avaliar a percepção do indivíduo, dentro do seu contexto cultural, de valores, objetivos pessoais e preocupações (WHO - THE WHOQOL GROUP, 2015).

A aplicação de instrumentos de avaliação de qualidade de vida tem trazido avanços na vida das pessoas. Sendo assim, novos instrumentos foram criados com o propósito de expandir essa prática (CHEREMETA *et. al.*, 2011). O WHOQOL-100 é composto por 100 questões alocadas em seis domínios: físico, psicológico, nível de independência, relações sociais, ambiente e espiritualidade/religião/crenças pessoais. Sua construção objetivou avaliar a qualidade de vida globalmente. Porém, a quantidade de questões é extensa, o que dificulta a sua aplicação (CHEREMETA *et. al.*, 2011).

Dessa forma, o Grupo WHOQOF elaborou o WHOQOL-bref, uma versão abreviada do WHOQOL-100. Essa versão, contudo, deixou de contemplar a qualidade de vida de forma global, apesar de ter a mesma validade e confiabilidade do instrumento original (CHEREMETA *et. al.*, 2011).

Outro instrumento criado para a avaliação da QVT, baseado na metodologia de desenvolvimento do WHOQOF-100, foi o *Quality of Working Life Questionnaire* (QWLQ-78). Desenvolvido por Reis Junior (2008), ele é uma versão reduzida e validada para o Brasil e pode ser utilizado junto a diversos tipos de população, em vários tipos de empresas e em diferentes culturas socioeconômicas (REIS JUNIOR; PILATTI; PEDROSO, 2011; CHEREMETA *et. al*., 2011).

O QWLQ-78 é composto por 78 questões organizadas em quatro domínios criados com base no instrumento WHOQOF-100:

> – Físico/Saúde: Aborda todos os aspectos relacionados com a saúde, doenças relacionadas ao trabalho e hábitos saudáveis dos colaboradores (17 questões);
> – Psicológico: Aborda todos os aspectos relacionados à satisfação pessoal, motivação no trabalho e auto-estima dos colaboradores (10 questões);
> – Pessoal: Aborda aspectos familiares, crenças pessoais e religiosas e aspectos culturais que influenciam o trabalho dos colaboradores (16 questões);
> – Profissional: Aborda os aspectos organizacionais que podem influenciar a QV dos colaboradores (35 questões). (REIS JUNIOR; PILATTI; PEDROSO, 2011, p. 5).

Os domínios físico/saúde e psicológico também pertencem ao WHOQOF-100. O domínio pessoal está relacionado a outros quatro domínios do WHOQOF-100: nível de independência, relações sociais, meio ambiente e espiritualidade/religião/crenças pessoais. Já o domínio profissional foi criado para atender o objetivo de mensurar a qualidade de vida no trabalho (REIS JUNIOR; PILATTI; PEDROSO, 2011).

Reis Junior, Pilatti e Pedroso (2011) avaliam que o instrumento QWLQ-78 pode auxiliar as empresas que queiram implantar e gerenciar um programa de QVT com segurança, e que este instrumento apresenta indicadores que podem influenciar e avaliar a QVT dos colaboradores de forma confiável.

3 MÉTODO DE PESQUISA

3.1 Abordagem metodológica

Esta pesquisa aborda o fenômeno que relaciona a atividade e o ambiente de trabalho dos catadores com as suas condições de saúde e qualidade de vida. Para responder à **pergunta de pesquisa** – Como o processo de organização coletivista do trabalho influencia a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis em SP? – adotou-se a metodologia qualitativa.

A metodologia qualitativa é provida de inúmeros meios de pesquisa que buscam a compreensão do fenômeno social e sua explicação do ponto de vista dos participantes (GODOI; BANDEIRA-DE-MELO; SILVA, 2010). Essa forma de investigação aborda várias concepções filosóficas, estratégias de pesquisa e meios para coleta, análise e interpretação dos dados (CRESWELL, 2010).

De acordo com a pergunta de pesquisa, o **objetivo geral** deste estudo procura analisar de que maneira a organização coletivista do trabalho influencia a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis em SP.

Para alcançar o propósito deste trabalho, este estudo propõe os seguintes **objetivos específicos**:

a) verificar como funciona um dos processos de organização coletivista do trabalho e como influencia a qualidade de vida dos catadores;
b) elencar os riscos, no ambiente de trabalho, que possam afetar a saúde e a qualidade de vida dos catadores e;
c) conhecer a percepção dos catadores cooperados sobre as transformações que ocorreram em sua vida, a partir do ingresso na cooperativa.

Dessa maneira, verifica-se que esta pesquisa também é descritiva, pelo propósito de retratar determinadas características referentes ao ambiente e às pessoas nele inseridas e pela busca da compreensão do fenômeno objeto deste estudo (GODOY, 1995a).

Para atingir o primeiro e o segundo objetivos específicos, optou-se pelo uso da pesquisa bibliográfica, da observação direta, entrevistas e análise de documentos. Dessa forma, foi possível obter informações sobre as atividades e a atuação dos catadores nas cooperativas, sobre o ambiente de trabalho, e analisar a influência desses fatores na saúde e qualidade de vida desses trabalhadores relacionando os dados levantados com a teoria. Para o terceiro objetivo específico definiu-se o uso de pesquisa bibliográfica e entrevistas.

Dada a natureza do fenômeno a ser investigado, quanto aos meios, adotou-se o método de pesquisa de estudo de caso, como forma de aprofundar a compreensão do evento apontado na pergunta de pesquisa (YIN, 2010).

Yin (2010, p. 39) enfatiza que "O estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real [...]".

Godoy (2010) afirma que:

> O estudo de caso deve estar centrado em uma situação ou evento particular cuja importância vem do que ele revela sobre o fenômeno objeto da investigação. Essa especificidade torna o estudo de caso um tipo de pesquisa especialmente adequado quando se quer focar problemas práticos, decorrentes das intrincadas situações individuais e sociais presentes nas atividades, nos procedimentos e nas interações. (GODOY, 2010, p. 121).

Para este estudo foram escolhidas quatro cooperativas de catadores de materiais recicláveis localizadas em SP: Fênix Ágape, Cooperação, Coopamare e Coopere-Centro. Essas cooperativas foram selecionadas por terem projetos sociais e uma gestão voltada a contribuir para a qualidade de vida aos catadores cooperados, conforme informações fornecidas pelas próprias cooperativas em mídias eletrônicas ou em reportagens publicadas nos meios eletrônicos. A Coopamare foi escolhida também por ser a primeira cooperativa de catadores criada no Brasil. Dessa maneira, tem-se um estudo de casos múltiplos que, de acordo com Godoy (2010), é favorável às comparações e assegura resultados mais robustos.

3.2 Instrumentos de coleta de dados

A compreensão de que o cerne da pesquisa científica é contribuir para o progresso do conhecimento requer que se considere a produção anterior sobre o assunto tratado (GODOY, 2010). O desenvolvimento deste trabalho iniciou-se pela revisão da literatura, buscando o que já foi pesquisado e publicado sobre o tema de interesse em livros, sites organizacionais e governamentais e bases de dados eletrônica. Eisenhardt (1989) indica que comparar conceitos do que desponta como resultado da pesquisa de campo com o que existe na literatura trará indagações sobre o que confirma e o que contradiz a teoria.

Godoy (1995a) afirma que a melhor forma de captar a realidade de um fenômeno a ser estudado é colocar-se no lugar do outro, de maneira a ver o mundo segundo o olhar dos entrevistados e sugere vários procedimentos investigativos, como a observação direta, o trabalho de campo, a observação participante, a entrevista, o uso de documentos públicos, entre outros. A triangulação desses métodos produz a fundamentação das construções e hipóteses.

Contudo, pode-se fazer uso de apenas alguns dos métodos de coleta de dados ou adicionar outros aos já existentes (EISENHARDT, 1989).

Nesta pesquisa, os dados foram coletados por meio de entrevistas com a aplicação de roteiros semiestruturados, observação direta não participante realizada em campo e documentos. As visitas às cooperativas foram marcadas antecipadamente por e-mail e confirmadas por telefone. Cada cooperativa disponibilizou um dia de visita em que foram feitas as entrevistas com os gestores e cooperados e as observações diretas. Alguns dados foram complementados por meio de análise de documentos impressos das próprias cooperativas e outros disponibilizados nos meios eletrônicos ou por telefonemas realizados no mês de agosto. Todos os dados foram coletados nos meses de julho e agosto de 2015.

Para este estudo, as entrevistas com os gestores das cooperativas visitadas foram gravadas, conforme autorização prévia, e realizadas mediante a aplicação de um roteiro semiestruturado elaborado especificamente para os gestores, com o intuito de conhecer a maneira como as cooperativas são geridas. Foram entrevistados oito gestores. Destes, um não é cooperado e está ligado à ONG Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos. As transcrições das entrevistas dos gestores encontram-se nos Apêndices C, D, E e F ao final deste trabalho. Essas entrevistas tiveram uma duração média de quarenta e cinco minutos, sendo a da Fênix Ágape a mais longa, com uma hora e quinze minutos de duração, e a da Coopere-Centro a mais curta, realizada em meia hora. Todas ocorreram em salas das cooperativas destinadas à sua administração.

As entrevistas com os demais cooperados, autorizadas pelos gestores, ocorreram enquanto eles trabalhavam junto às esteiras de triagem, prensas e próximos dos locais de descarregamento dos materiais recicláveis, com duração média de quinze minutos cada. Estas entrevistas também seguiram um roteiro semiestruturado e elaborado de forma a explorar sua história de vida e aspectos condizentes com a sua qualidade de vida, mediante suas perspectivas. Entretanto, estas entrevistas não puderam ser gravadas, uma vez que se percebeu que esse método gerava desconforto e desconfiança por parte dos entrevistados, prejudicando o andamento da pesquisa. Nesse caso, optou-se pela anotação dos dados fornecidos pelos entrevistados e que encontra-se disponível nos Apêndices G, H, I e J. Dessa forma, houve a possibilidade de recolher dados dentro da própria interpretação de aspectos do mundo que os rodeiam (GODOY, 2010). Foram entrevistados três cooperados de cada cooperativa. A seleção dos cooperados para a entrevista ocorreu mediante sua disponibilidade, uma vez que nenhum cooperado interrompeu seu trabalho para ser entrevistado.

A observação direta não participante, no estudo de caso, ocorre no local de pesquisa do fenômeno, onde o pesquisador atua somente como espectador (GODOY, 2010; YIN, 2010; QUIVY; CAMPENHOUDT, 2013). Presume-se que os comportamentos e as condições ambientais que se deseja estudar estarão disponíveis no ambiente natural (YIN, 2010). Trata-se do único método de investigação, no campo da ciência social, que capta os comportamentos no momento em que ocorrem (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2013).

As observações diretas não participantes foram realizadas durante a visita de campo, incluindo os momentos em que ocorreram as entrevistas. As anotações decorrentes das observações encontram-se no Apêndice K. Apoiado nos objetivos da pesquisa e em um roteiro de observação procurou-se registrar:

a) as condições de trabalho referentes à existência de agentes físicos como odor, ruídos em excesso, poeira e estética desagradável (FERREIRA; ANJOS, 2001);
b) o tratamento dado aos equipamentos eletroeletrônicos, visto que contêm agentes químicos capazes de interferirem no meio ambiente e na saúde humana (FERREIRA; ANJOS, 2001);
c) a presença de agentes biológicos, como lixo orgânico e hospitalar, misturados aos resíduos recicláveis (FERREIRA; ANJOS, 2001);
d) a existência de riscos ocupacionais no local de trabalho, como posturas forçadas e exposição à poeira e microorganismos causadores de doenças (FERREIRA; ANJOS, 2001; PORTO *et. al*., 2004);
e) o uso de EPI's pelos cooperados e a existência desses equipamentos de proteção à sua disposição (FERREIRA; ANJOS, 2001; PORTO *et. al*., 2004) e;
f) qualquer situação que pudesse acontecer no decorrer das visitas.

3.3 Análise e tratamento dos dados

A análise dos dados busca extrair a compreensão e interpretação de significado. Refere-se ao processo de aprofundamento sobre os dados, por meio de uma reflexão contínua (CRESWELL, 2010).

Os dados são apresentados sob a forma de transcrições de entrevistas, anotações de campo, e diversos documentos. Para que haja uma ampla compreensão do problema objeto do estudo, todos os dados foram considerados e examinados. O ambiente e as pessoas que atuam nele devem ser observados em sua totalidade, uma vez que não é possível separar os

sentimentos, pensamentos e ações dos indivíduos do contexto dos ambientes em que vivem (GODOY, 1995a).

Nesse sentido, Creswell (2010) afirma que

> A pesquisa qualitativa é uma forma de investigação interpretativa em que os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem. Suas interpretações não podem ser separadas de suas origens, história, contextos e entendimentos anteriores. (CRESWELL, 2010, p. 209)

Godoy (1995b, p. 23) considera igualmente que "a abordagem qualitativa, enquanto exercício de pesquisa, não se apresenta como uma proposta rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoques."

Com isso, tem-se que o processo de análise desse estudo não é conduzido pela lógica científica positivista, mas segue abertamente para a construção de uma interpretação dependente do conhecimento e da experiência do pesquisador, o que Coelho e Godoy (2011, p. 733) definem como "(...) sendo, dessa maneira, uma leitura à moda do pesquisador, uma interpretação para o fenômeno em seu contexto."

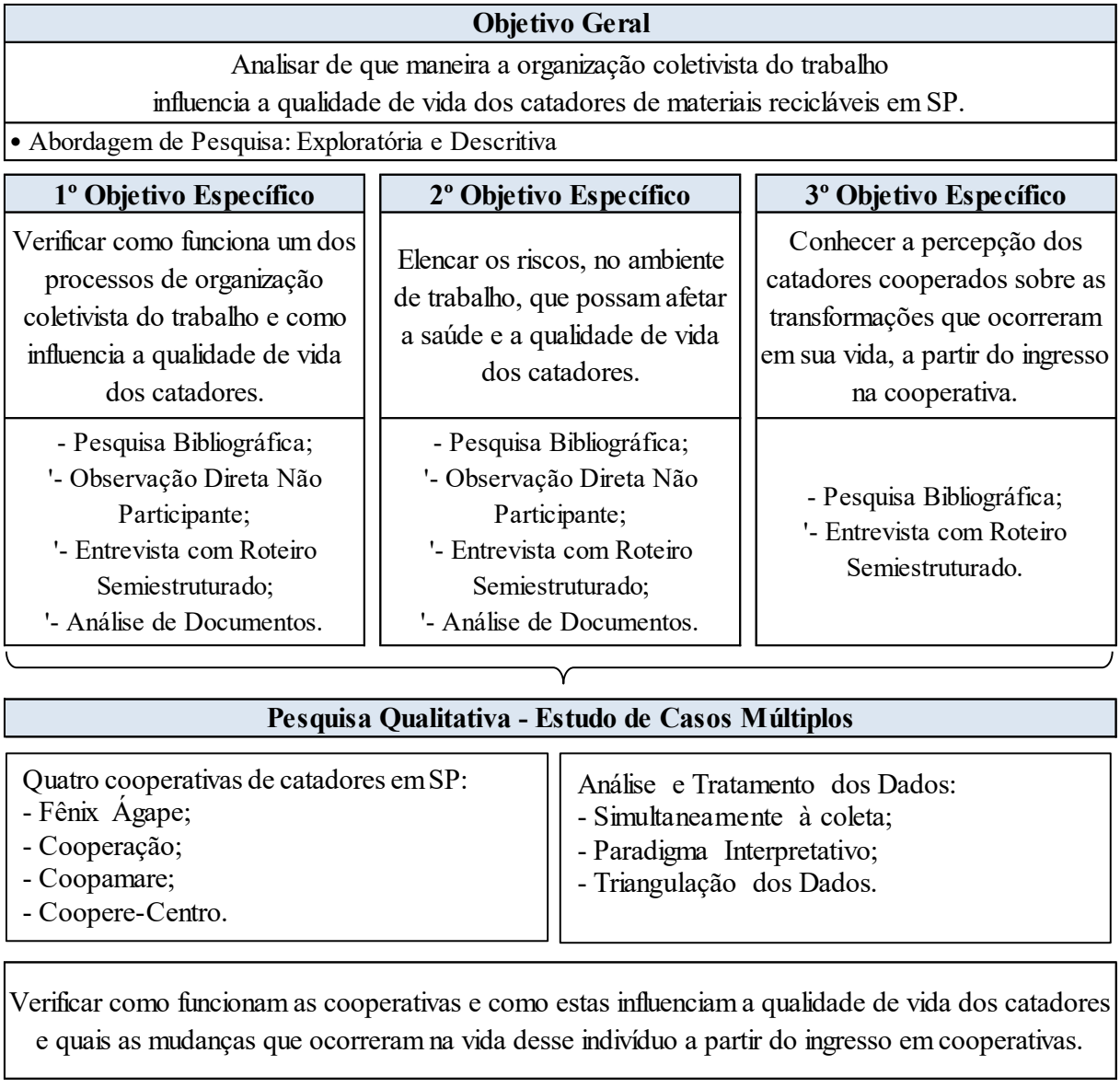
Observa-se que este estudo é de natureza interpretativa. Trata-se de um paradigma indutivo, porque parte da percepção dos próprios indivíduos sobre a forma como percebem seus mundos. O que está em jogo nesse paradigma, ao contrário do positivista voltado à previsão e controle, é o desejo de compreensão (GODOY, 1995a).

A análise e o tratamento dos dados ocorreram simultaneamente à sua coleta, começando a partir da primeira entrevista e observação direta. Inicialmente, descreve-se o contexto em que se deu a pesquisa, apresentando características de funcionamento e gestão das cooperativas de catadores. A análise das transcrições, das observações e dos documentos procurou identificar similaridades e diferenças nos processos de gestão das cooperativas de catadores, quais as condições que favorecem melhorias na qualidade de vida dos catadores, assim como buscou-se verificar se a percepção de qualidade de vida é diferente entre gestores e demais cooperados.

Aos dados disponíveis nas entrevistas semiestruturadas, observações diretas não participantes e documentos, foram feitos cortes de maneira a responder às questões elaboradas, o que permitiu a análise das informações em conjunto com a teoria, por meio da triangulação dos dados. Dessa maneira, a triangulação dos dados ocorreu durante toda a sua análise e tratamento, articulando-os à proposição deste estudo (CRESWELL, 2010; GODOY, 2010; YIN, 2010).

A Figura 3 apresenta o esquema para responder à pergunta de pesquisa e atingir os objetivos deste estudo:

Figura 3 – Métodos para alcançar os objetivos geral e específicos



Fonte: Autora

Foram elaborados dois roteiros de entrevista semiestruturada, sendo um para os gestores e outro para os catadores das cooperativas visitadas. Com relação ao roteiro de entrevista semiestruturada aplicado aos gestores, tem-se que a sua aplicação teve o intuito de conhecer a história das cooperativas e a dos gestores, a maneira como as cooperativas são geridas e aspectos relacionados aos riscos para a saúde e qualidade de vida dos catadores. Este roteiro encontra-se no Apêndice A, ao final deste trabalho, e foi baseado nos estudos dos autores discutidos no Referencial Teórico: OMS (1946; 1986); Limongi-França e Assis (1995);

Albuquerque e Limongi-França (1998); Buss (2000); Minayo; Hartz; Buss (2000); Ferreira; Anjos (2001); Porto *et. al.* (2004); Seidl; Zannon (2004); Wilson; Velis; Cheeseman (2006); Almeida *et. al.* (2009); Siqueira; Moraes (2009); Zaneti; Sá; Almeida (2009); Carmo; Arruda (2010); Asim; Batool; Chaudhry (2012); Souza; Paula; Souza-Pinto (2012); Mandeli *et. al.* (2013); Jesus; Barbieri (2014); Magni; Günther (2014) e Oliveira *et. al.* (2014).

Para elaborar o roteiro de entrevista semiestruturada para os catadores das cooperativas (ver Apêndice B, no final deste trabalho), utilizou-se como base o instrumento de avaliação da qualidade de vida no trabalho, chamado de *Quality of Working Life Questionnaire* (QWLQ-78), desenvolvido por Reis Junior (2008). As questões do roteiro foram adaptadas desse instrumento. A aplicação do roteiro aos catadores cooperados teve a intenção de levantar sua percepção sobre saúde e qualidade de vida, e conhecer as transformações que ocorreram na sua vida como catador após o ingresso na cooperativa. Na coluna à esquerda do roteiro de entrevista semiestruturada que foi aplicado aos catadores de materiais recicláveis das cooperativas são mostradas as questões do QWLQ-78 que foram utilizadas, mantendo-se sua numeração original e sua escrita exatamente como são apresentadas nesse instrumento. A coluna da direita apresenta as questões adaptadas ao roteiro a partir do QWLQ-78.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

Este capítulo apresenta e analisa os dados coletados por meio de: entrevistas semiestruturadas com oito gestores e cooperados participantes da gestão das cooperativas de catadores visitadas, bem como com doze cooperados atuantes na operação dessas cooperativas; documentos das cooperativas e outros disponibilizados em meios eletrônicos e; observação direta não participante. A descrição das cooperativas e da sua forma de gestão segue a ordem em que estas foram visitadas, sendo a primeira a Fênix Ágape, em seguida a Cooperação, depois a Coopamare e a quarta e última cooperativa a Coopere-Centro.

Um aspecto comum encontrado nas quatro cooperativas de catadores visitadas trata do significado das palavras catador e lixo. Para os cooperados, catador é a pessoa que cata na rua com um carrinho, denominado também "carroceiro". A atividade de catação é realizada por trabalhador autônomo que se antecipa à coleta urbana e "cata" diretamente no lixo dispensado nas ruas, negociando livremente os produtos de seu trabalho (CARMO; OLIVEIRA; MIGUELES, 2004; BOSI, 2008; SIQUEIRA; MORAES, 2009). Trata-se de uma fase pela qual a maioria dos cooperados já passou, mas que não realiza mais. Somente a Coopamare afirmou ter dois carroceiros no seu quadro de cooperados e que, diferentemente dos demais, eles ganham de acordo com a sua produção, ou seja, recebem mediante o volume de resíduos que catam nas ruas e entregam na cooperativa.

Carmo (2009), Sembiring e Nitivattananon (2010) e Castilhos Junior *et. al.* (2013) afirmam que o trabalho de catação está ligado ao conceito de que este é realizado por pessoas sem qualificação e que normalmente são confundidas com mendigos e ladrões. Por isso, muitos têm vergonha de se declararem catadores de materiais recicláveis, como explica a gestora da Fênix Ágape:

> Porque isso já é uma luta alguém querer ser catador. Hoje, que nem eu tenho (...) o cadastro lá, eu tenho que, pra mim passar fila, e ir adiante, eu tenho que me declarar catador e muitas pessoas não se declara, por que ela tem vergonha, entendeu? (...) na verdade, ela não é um catador. Ela é um separador. Catador, quem cata é máquina, né?

Hoje, as cooperativas afirmam que sua mão de obra é formada por separadores, triadores ou recicladores, cooperados que trabalham na triagem, prensa, enfardamento e estocagem dos materiais ou na coleta seletiva realizada por caminhões. As cooperativas enfatizam que é feita uma separação prévia por aqueles que disponibilizam seus resíduos para a coleta. Dessa forma,

a separação do lixo orgânico dos materiais recicláveis é feita antes de sua coleta e entrega nos galpões. A coleta seletiva é realizada pela prefeitura de SP, por intermédio de duas concessionárias – Loga e Ecourbis, ou pelos próprios cooperados. Há cooperativa que recebe o material reciclável coletado pela prefeitura de SP, mas que também realiza esse serviço utilizando caminhões adaptados. Da mesma forma, há aquelas que optam pela coleta seletiva feita exclusivamente pelos cooperados e as que dependem do trabalho executado somente pela prefeitura de SP.

O mesmo ocorre com a denominação do que é lixo. Esta percepção do que é considerado lixo está ligada a utilidade que ele pode ter (SEMBIRING; NITIVATTANANON, 2010). Este termo, para os cooperados, é empregado por quem o descarta. Refere-se ao lixo depositado nas ruas pelas residências, comércio e até mesmo empresas, sendo este o material que os catadores (carroceiros) vasculham em busca de resíduos recicláveis. Para os que dão um destino diferente ao que foi descartado como "lixo", essa expressão não é adequada, uma vez que o material coletado resulta no seu sustento. Notadamente, os entrevistados evitam a palavra "lixo" como forma de desvincular sua imagem como cooperado das conotações negativas dessa expressão (CARMO, 2009; CASTILHOS JUNIOR *et. al*., 2013). O material que chega às cooperativas é chamado de resíduo ou material reciclável, mesmo quando está misturado ao lixo orgânico.

Por este motivo, adota-se nesta análise o termo cooperado, para distinguir catadores de rua de trabalhadores de cooperativas, e material reciclável ou resíduo para diferenciá-lo do que seja considerado lixo.

Outro cenário comum às quatro cooperativas, apontados pelos gestores entrevistados, refere-se às alterações do mercado de recicláveis e à sazonalidade do consumo que afetam diretamente o faturamento e, por conseguinte, a renda dos cooperados. Sua remuneração está à mercê deste mercado que costuma ter variações em decorrência, entre outros fatores, dos acontecimentos econômicos internacionais, como o valor do dólar e o preço dos derivados de petróleo. Da mesma forma, períodos de festas, férias escolares e os dias que antecedem o pagamento de grande parte dos trabalhadores costumam interferir na quantidade descartada de resíduos recicláveis, na sua coleta e comercialização.

Se, por um lado, o aumento de resíduos recicláveis, principalmente no final do ano, pode significar o aumento do faturamento da cooperativa, por outro, traz algumas inquietações para sua gestão. As cooperativas informaram que, nessa época, as empresas que se utilizam dos materiais recicláveis, principalmente papéis mistos, papelão, alumínio e plástico, interrompem suas atividades, retomando-as em meados de janeiro ou em fevereiro do ano seguinte. Como nessa época o volume de resíduos recicláveis é maior, as cooperativas precisam decidir entre

vender a preços menores, quando possível, ou estocar o material. Por experiência, as cooperativas optam por não paralisar suas atividades e continuar com as negociações sempre que possível. Primeiro, para manter a regularidade na relação comercial construída com as empresas. Segundo, devido à dificuldade em manter um estoque muito grande de material, o que exige áreas cobertas e controle de riscos de roubo e incêndio.

4.1 Descrição das cooperativas e da sua forma de gestão

Cada uma das cooperativas visitadas – Fênix Ágape, Cooperação, Coopamare e Coopere-Centro – é descrita de maneira a: conhecer a maneira como são geridas e como surgiram; abranger as condições de trabalho e as dos cooperados, quanto à sua segurança e QVT; saber como os rendimentos são rateados entre gestores e demais cooperados; levantar quais os materiais que mais são triados e como realizam a sua comercialização junto às empresas e atravessadores. Dessa maneira, busca-se elencar quais os riscos, no ambiente de trabalho, que podem afetar a saúde e qualidade de vida dos cooperados e apresentar alguns aspectos relativos à gestão das cooperativas.

4.1.1 Cooperativa Fênix Ágape

A Cooperativa Fênix Ágape foi formada em 2005 por um grupo de donas de casa que, desde 2000, descobriram na catação nas ruas uma possibilidade de sobrevivência. Hoje, a cooperativa possui duas áreas distintas, uma para a administração e outra para a operação da cooperativa. Na administração encontram-se o Eco Banco Fênix Ágape, uma agência de empregos, a Casa do Fazer e uma biblioteca.

O Eco Banco Fênix Ágape funciona como um banco de recicláveis e foi criado para receber os resíduos dos moradores da região do Itaim Paulista. O peso dos materiais recicláveis entregues à cooperativa passa a constar como uma poupança ao morador que poderá trocá-la por aulas de informática e inglês ou mesmo por atendimento odontológico e oftalmológico ou, se preferir, realizar o resgate em dinheiro e com juros.

A agência de empregos faz parte de uma estratégia para captação de pessoas para atuar na cooperativa e para o projeto de criação de um centro de capacitação profissional com encaminhamento às empresas. Essa agência atua em conjunto com a Casa do Fazer que é um

projeto constituído em parceria com o instituto Ressoar da Rede Record e onde são realizados os cursos profissionalizantes e os atendimentos odontológicos e oftalmológicos.

Na área operacional encontram-se o refeitório, banheiros e o galpão de triagem. O chão do galpão não é cimentado, o que dificulta o trabalho. Em dias de chuva forma-se muita lama no local de triagem do material e as poças d'água que persistem são criadouros de insetos. Por esse motivo, observou-se a presença de muitos pernilongos no local de trabalho. Entretanto, o galpão é cercado por muros, o que contribui para a permanência da cooperativa no local, uma vez que os moradores da região tentaram retirá-los no início de sua operação.

O Itaim Paulista, região em que está localizada a Fênix Ágape, é o único distrito de SP que possui convênio com duas cooperativas. Por ser a segunda cooperativa a se conveniar com a subprefeitura desse local, com a ajuda da Rede Record, a Fênix Ágape não recebeu maquinários da prefeitura. Esses equipamentos foram fornecidos pela prefeitura de SP à primeira cooperativa conveniada. No entanto, a cooperativa comprou uma balança e uma esteira, que ainda está pagando, e recebeu uma prensa como doação do MNCR, mas não dispõem de outros equipamentos. A gestora explica que a cooperativa ainda não oferece qualidade de vida no trabalho aos seus cooperados, porque falta uma estrutura que ofereça melhores condições para realizar a atividade. Ainda assim, a coleta seletiva é realizada pela prefeitura de SP, por meio de uma concessionária, que disponibiliza dois caminhões para o serviço.

Para manter-se conveniada à prefeitura de SP, a Fênix Ágape precisa atender a alguns requisitos, entre eles proceder com o recolhimento do INSS e enviar mensalmente um relatório financeiro à prefeitura. A cooperativa tem uma dívida de R$ 40.000,00 adquirida devido ao não recolhimento de dois anos de INSS, mas houve uma renegociação para que esse pagamento seja realizado no prazo de cinco anos. Dessa forma, a Fênix Ágape conseguirá renovar o seu convênio junto à prefeitura. O relatório financeiro disponibilizado para a prefeitura contém dados sobre as quantidades de materiais que entraram na cooperativa, de resíduos recicláveis vendidos, do total de material triado e, também a quantidade de rejeitos que vão para os aterros sanitários. Nesse relatório constam igualmente o faturamento, as despesas e custos e o número de cooperados. A gestora salienta que essa exigência da prefeitura não implica na sua interferência na gestão da cooperativa.

A Fênix Ágape é autogestionária e seu Conselho Administrativo é constituído por uma presidente, uma diretora administrativa e auxiliares administrativos, mas não há conselheiros fiscais, como instrui a Lei das cooperativas de trabalho (Lei nº 12.690/2012). Os cargos de Presidente e Diretor Administrativo são preenchidos por cooperados eleitos por meio de

votação. É realizada anualmente uma Assembleia Geral para tratar dos direitos e deveres de todos os cooperados do setor administrativo e do operacional, da gestão da cooperativa, da organização do trabalho e dos resultados econômicos, como consta na Lei de Cooperativismo (Lei nº 5.764/1971).

Apesar da cooperativa ser autogestionária constatou-se que várias decisões são tomadas sem consulta prévia aos demais cooperados. A razão para isso encontra-se na resistência destes em participar dos assuntos econômico-financeiros da Fênix Ágape, delegando as ações ao Conselho Administrativo. Nota-se que há uma relação, ainda que não escrita, semelhante à de patrões e empregados: a gestora ordena a forma de realização do trabalho e resolve problemas, enquanto aos cooperados cabe a execução da sua atividade.

A cooperativa possui quarenta cooperados, sendo a sua maioria formada por mulheres. Só há doze homens atuando na cooperativa. No dia da visita, somente alguns cooperados usavam luvas enquanto trabalhavam. Observou-se que aos homens cabe o trabalho mais pesado, como arrastar as *bags* (sacolas grandes com o material triado), carregar e descarregar os caminhões. Para a realização das várias tarefas da cooperativa, somente os cooperados com maior capacitação e comprometimento com o trabalho participam do rodízio de atividades, incluindo a participação na gestão e a realização de palestras.

Diariamente, a prefeitura de SP entrega cinco toneladas de resíduos à Fênix Ágape. A cooperativa faz a triagem de 120 toneladas de materiais recicláveis por mês, mas há meses em que, devido aos feriados, a separação é de apenas 90 ou 100 toneladas. Os resíduos que a cooperativa recebe para a triagem são vários tipos de plástico, ferro, vidro, papel, papelão e alumínio, porém os materiais recolhidos e triados em maior quantidade são o papel e o papelão. A cooperativa também recebe óleo usado. A meta diária de produção individual é de triagem de 270 kg de material reciclável. Desta forma, de acordo com a gestora, os cooperados retiram, pelo menos, um salário mínimo por mês, após o recolhimento do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS). No entanto, a média de retirada mensal, que varia de acordo com a produção de cada cooperado, pode chegar a R$ 1.500,00. O desempenho de cada cooperado é controlado por meio da pesagem do material separado cada dia e anotado em um caderno com o seu nome. As cooperadas entrevistadas concordam com a forma como o pagamento é realizado, mas o cooperado entrevistado discorda, porque acredita que seu trabalho deveria ser mais valorizado devido ao esforço físico exigido para realizá-lo.

Atribuiu-se à situação econômica atual brasileira, a diminuição do faturamento da cooperativa Fênix Ágape. A média mensal oscilava entre R$ 30.000,00 e R$ 33.000,00. Nesse ano, a gestora apontou que o faturamento médio mensal caiu para R$ 26.000,00. Desse valor,

30% vão para despesas e custos, restando em torno de R$ 18.000,00 para serem rateados entre os cooperados, conforme a produção individual de cada um. Os gestores da cooperativa recebem diferentemente dos demais cooperados. Há uma taxa administrativa e um valor fixo que geram uma renda mensal aproximada de R$ 1.800,00 para cada gestor.

O material triado é vendido para empresas, como FEMSA (distribuidora da Coca-Cola), Comarel, Ciclopel e Líder, evitando os atravessadores. Apesar disso, a venda dos recicláveis ocorre quase diariamente, pela necessidade de dinheiro para as despesas que surgem e para pagamento dos cooperados. Devido a essa urgência, a cooperativa possui um baixo poder de negociação em relação ao preço dos recicláveis, o que a torna vulnerável diante das empresas que compram o material.

4.1.2 Cooperativa Regional de Coleta Seletiva e Reciclagem da Região Oeste - Cooperação

Inicialmente, a Cooperação formou-se a partir de sete grupos de catadores de regiões como a de Jaguaré e Pirituba, no município de São Paulo, que se reuniram com o intuito de juntar o maior volume possível de material reciclável para venda direta às empresas. Essa união não perdurou, restando somente o grupo Cooperação. Os motivos para a separação dos grupos, apontados pelas gestoras, foram a falta de uma infraestrutura mínima que desse condições de criarem uma cooperativa, como maquinários e caminhões para coleta, e documentação para a prefeitura.

A Cooperação iniciou suas atividades como cooperativa em um local próximo àquele em que se encontra localizada hoje. Sua primeira localização ficava ao lado de uma usina de compostagem, que hoje está desativada. Devido ao forte mau cheiro oriundo da usina, de acordo com suas gestoras, os moradores da região providenciaram um abaixo assinado para a retirada da cooperativa do bairro Vila Leopoldina. Dessa maneira, a prefeitura de SP disponibilizou o galpão onde hoje realizam suas atividades, no mesmo bairro.

Desde 2003, a Cooperação encontra-se instalada em um galpão amplo e subdividido em salas para a separação do alumínio, para o trabalho com equipamentos eletrônicos e uma área para papel e papelão. Há, também, um setor para separar e triturar o vidro. O restante do galpão é direcionado para a separação dos vários tipos de plástico. A cooperativa também recebe óleo usado.

Dentro da cobertura do galpão foi construído um andar para a administração, refeitório e banheiros. Nas paredes desse andar, encontram-se documentos de interesse dos cooperados, como a apresentação dos departamentos administrativos e suas funções, anotações sobre a

produção de cada cooperado, a prestação de contas da cooperativa por mês, informações sobre INSS e Previdência Social, regimento interno da Cooperação, livro de registro de inscrição de chapas que traz a formação do conselho administrativo e a nova lei do cooperativismo (Lei das Cooperativas de Trabalho nº 12.690/2012).

Apesar da organização do local, algumas áreas no galpão estavam bastante sujas e sem ventilação e percebeu-se a presença de lixo orgânico junto aos demais materiais recicláveis. Observou-se também o uso de EPIs. Na sua maioria, os cooperados estavam uniformizados, porém nem todos usavam algum tipo de EPI, apesar da existência de cartazes sobre segurança no trabalho que alertavam para a necessidade do uso de equipamentos de proteção. Verificou-se também que o responsável por dirigir a empilhadeira não tinha habilitação para essa atividade e dirigia de maneira inadequada, mas os cooperados avisaram que ele trabalhava muito bem.

Diariamente, a Cooperação recebe em torno de vinte toneladas de resíduos por meio da coleta seletiva realizada pela própria cooperativa e da coleta feita pela prefeitura de SP, de acordo com o convênio junto a esta. Para trabalhar com esse material, existem equipamentos para a sua separação, prensagem e armazenamento, como duas esteiras, uma trituradora de vidros, duas trituradoras de papéis, duas empilhadeiras e uma *mob cat* (uma máquina compacta com boa capacidade de carregar peso), duas prensas, uma máquina de enfardar, duas balanças, um caminhão próprio e seis caminhões disponibilizados pela prefeitura de SP.

Uma das gestoras informou que não há um material reciclável que chegue à cooperativa em maior quantidade. Apesar disso, os documentos mostram que a Cooperação recebe mais papelão, papel e vidro para triagem. O volume maior de papel branco e papelão é também devido à doação de 10% de todo o material reciclável dos Correios da região em que a cooperativa atua. Várias cooperativas participam da licitação dos Correios, contudo, e o material doado é dividido entre elas.

O corpo administrativo da Cooperação é formado pelo Conselho Administrativo e Conselho Fiscal seguindo o estabelecido pela Lei do Cooperativismo. São cinco cooperados para as funções de presidente, secretário, tesouraria e dois suplentes. Além disso, há seis fiscais, que também trabalham na operação, responsáveis por fiscalizar toda a parte contábil da cooperativa.

A Cooperação realiza assembleias gerais e extraordinárias para a tomada de decisões econômico-financeiras e para tratar situações específicas como disciplina, obrigatoriedade do uso de EPI’s e demais deveres e direitos dos cooperados. Isso os estimula a participar ativamente das assembleias, reuniões e demais atividades da cooperativa. Apesar disso, a

autogestão da cooperativa é apoiada por uma empresa contratada para algumas funções administrativas.

A cooperativa trabalha com sessenta cooperados, sendo sua maioria formada por mulheres - são somente 15 homens - e todas acima de trinta anos. Essa regra definida pela Cooperação deveu-se aos inúmeros problemas de relacionamentos entre homens e mulheres, inclusive com casos de invasão do galpão por pessoas armadas. Outro ponto levantado pelas gestoras para essa tomada de decisão referiu-se ao alto índice de gravidez, o que colocava uma parte importante da mão de obra de licença maternidade. Assim, constatou-se a presença de várias senhoras trabalhando no galpão, com idades acima dos 50 anos. As cooperadas entrevistadas dessa cooperativa encontram-se na faixa etária entre 57 e 70 anos.

Há cooperados que participam de todas as atividades operacionais e de gestão da cooperativa, mas há também os que preferem permanecer executando a mesma tarefa. Geralmente, os cooperados com mais idade e com dores físicas permanecem em tarefas que exijam menor esforço físico e que podem causar menos dores.

A retirada média mensal por cooperado é em torno de R$ 1.500,00 e a Cooperação faz o recolhimento do INSS. O envio do relatório financeiro à prefeitura de SP, o recolhimento do benefício previdenciário e o atendimento à Lei do Cooperativismo são algumas das premissas do convênio com a prefeitura. Este contempla ainda o fornecimento de maquinário e caminhões à cooperativa.

Após a comercialização realizada pela cooperativa, dentro do período de um mês, e retiradas as despesas, o pagamento é realizado de acordo com a produção individual, que é pesada e anotada diariamente em uma planilha. As duas cooperadas mais velhas reclamaram que deveriam receber mais, apesar de terem conhecimento sobre como o pagamento é realizado e confirmarem que as gestoras trabalham direito. Outra cooperada concorda com a forma de remuneração, uma vez que é feito conforme a sua produtividade.

O faturamento médio mensal da cooperativa encaixa-se na faixa entre R$ 100.000,0 e R$ 120.000,00. Desse valor, são separados 30% para as despesas e custos e uma parcela para a remuneração dos gestores que fazem parte do Conselho Administrativo e que recebem diferentemente dos demais cooperados. A renda média mensal dos gestores é de R$ 2.400,00. O restante é rateado entre os cooperados e os gestores do Conselho Fiscal, que trabalham na operação, conforme a sua produção individual e mensal.

A comercialização dos materiais recicláveis é feita diretamente para várias empresas, como Gerdau, Unnafibras e Suzano, onde a venda ocorre pelo melhor preço oferecido. No entanto, há uma tabela de valores médios negociados por tonelada de cada resíduo nesse

mercado dos recicláveis. Uma das gestoras informou que elas não gostam de vender para os atravessadores, em razão da cooperativa ter nascido com o intuito de eliminá-los e, desta forma, alcançar a própria sobrevivência e a melhoria de vida dos cooperados, que deixaram de ser carroceiros e passaram a ter uma renda maior. Apesar disso, a Cooperação apresenta dados de venda dos materiais recicláveis em que a comercialização ocorre tanto com empresas, quanto com atravessadores.

4.1.3 Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Papelão, Aparas e Materiais Reaproveitáveis - Coopamare

Em 1989 foi fundada a primeira cooperativa de catadores do Brasil. Desde essa época, a Coopamare encontra-se localizada embaixo do viaduto Paulo VI, no bairro dos Pinheiros, considerada uma das áreas nobres de SP. Seu início deu-se em 1986 com a Organização Não Governamental (ONG) Organização e Auxílio Fraterno (OAF) que auxiliava os moradores e catadores de rua do bairro do Glicério. Essas pessoas passaram a se reunir com o objetivo de juntarem a maior quantidade possível de papel e papelão e com isso obterem melhores valores na venda do material coletado. Em 1989, a prefeitura de SP, durante a gestão da prefeita Luiza Erundina, cedeu o espaço em que a Coopamare permanece até hoje.

Apesar do lugar ter sido disponibilizado pela prefeitura, a Coopamare passou por várias tentativas para retirá-los do bairro pelas gestões seguintes, devido ao alto valor imobiliário da região, sendo este um dos motivos alegados pelos gestores da cooperativa para não trabalharem com a prefeitura. Uma das investidas ocorreu em 2005, durante a gestão de José Serra, que intimou a cooperativa a deixar o local em 24 horas. Esse episódio ficou conhecido como o "Abraço da Coopamare", em que outras cooperativas e a comunidade local se reuniram em torno da Coopamare, de mãos dadas como um grande abraço, em protesto à decisão da prefeitura.

Por estar embaixo de um viaduto, a estrutura da Coopamare na área de triagem não oferece boas condições de trabalho. As aberturas existentes nas laterais da cooperativa permitem a entrada da chuva, que quando é forte, desce pelo viaduto molhando todo o chão e dificultando a permanência no local e o trabalho dos cooperados. Os sacos de resíduos são arrastados pelo chão que não é cimentado e acumula água da chuva e, por esse motivo, surgem buracos que atrapalham o caminhar das pessoas e podem causar acidentes. O refeitório e banheiros para os cooperados ficam em outra parte do viaduto e é preciso atravessar uma avenida para ter acesso ao lugar. Os gestores têm buscado meios para a melhoria da estrutura

interna da cooperativa para melhor desenvolvimento do trabalho. Foram feitos dois projetos para a reforma da cooperativa, mas o valor de quase R$ 1 milhão para as obras tem inviabilizado uma doação por parte de parceiros.

Observou-se que há um setor para cada material triado, entre eles plástico, papelão, alumínio, vidro e aparelhos eletroeletrônicos. Para tratar este último, dois cooperados passaram por um curso na Universidade de São Paulo (USP). Dentre essas áreas, uma especificamente chama a atenção por conter resíduos sólidos não comercializáveis pela cooperativa, como entulhos, restos de móveis de madeira, colchões e cadeiras de plástico. Esses materiais costumam ser depositados na calçada da cooperativa pelos moradores e são recolhidos pela Coopamare para evitar problemas com a prefeitura.

A Coopamare possui três caminhões para a coleta seletiva que é realizada pelos próprios cooperados, a partir de um roteiro para a retirada do material disponibilizado pelos moradores de casas, prédios residenciais e pelo comércio da região de Pinheiros. Além disso, recebem, diretamente na cooperativa, doações de recicláveis de moradores e comerciantes. Notou-se a presença de lixo orgânico, mas o gestor informou que hoje isso ocorre com menos frequência e menor quantidade. Para a realização do trabalho contam também com três prensas, uma balança e uma empilhadeira. Contudo, não há esteira, mas um balcão onde realizam a separação dos materiais.

A cooperativa recebe em torno de cento e vinte toneladas de resíduos por mês, sendo a maior parte constituída por papel e papelão. Entretanto, vende entre oitenta e noventa toneladas, pela falta de mão de obra para triar todo o material. À vista disso e ao contrário das outras cooperativas visitadas, a Coopamare trabalha todos os dias e em dois turnos, enquanto que as demais possuem horários comerciais de segunda a sábado. Atualmente são vinte cooperados e destes somente seis são homens. Porém, no dia da visita havia somente sete pessoas trabalhando no espaço e nenhuma usava EPI, nem mesmo a outra gestora da cooperativa. Além disso, constatou-se que as mulheres costumam assumir serviços considerados pesados, como trabalhar nas prensas, descarregar os caminhões, arrastar as *bags* e fazer a coleta com os caminhões. O rodízio de atividades operacionais acontece conforme a necessidade observada pelos cooperados.

No início de sua operação, a Coopamare teve mais de cem carroceiros cooperados. A respeito disso, a prefeitura, durante a gestão do prefeito Gilberto Kassab, alegou que essa quantidade de carroceiros atrapalhava o trânsito local e que havia a necessidade de diminuir a sua atuação na região, se quisessem permanecer no local. Hoje, a cooperativa tem somente dois carroceiros entre seus cooperados e que recebem de acordo com o volume de material que levam

para a cooperativa. Os demais cooperados recebem mensalmente, segundo as horas trabalhadas de cada um que são marcadas diariamente em um caderno. Como não costumam receber ajuda financeira, o gestor afirma que, apesar de haver uma boa receita com a venda dos materiais, os custos e despesas da cooperativa são elevados, o que torna o pagamento pequeno para os cooperados, que pode ser entre R$ 500,00 e R$ 1.300,00, no máximo. Entretanto, a cooperativa recolhe o INSS, o que, de acordo com o gestor, é benéfico para os cooperados como uma garantia contra possíveis afastamentos por acidente. Quanto à remuneração, os entrevistados aprovam a maneira como os recursos são distribuídos, mas ponderam que os valores deveriam ser maiores e que há vezes em que realizam outros trabalhos para completar a renda da família.

O faturamento médio mensal da Coopamare costuma oscilar entre R$ 23.000,00 e R$ 30.000,00. Porém, nos últimos meses seu faturamento teve uma redução de quase 50%, variando entre R$ 15.000,00 e R$ 18.000,00. No final do ano, a retirada dos cooperados paga somente a condução para ida e volta da cooperativa, uma vez que as empresas encerram suas atividades e a compra de materiais recicláveis. Os custos e despesas da cooperativa consomem 35% do seu faturamento mensal. O restante é dividido entre os cooperados. Não há diferença de remuneração entre os gestores e demais cooperados. Independentemente do trabalho que realizam, aprovaram em assembleia que todos devem receber igualmente, de acordo com os dias e horas trabalhados de cada um.

No que se refere à auxílios que tenha recebido, a Coopamare ganhou dois benefícios do Banco do Brasil. O primeiro foi em 2006 quando receberam dois caminhões, uma empilhadeira, duas prensas, equipamentos para o escritório e cozinha, além dos uniformes. Em 2009 foram premiados com uma Brigada de Incêndio, em parceria com o Corpo de Bombeiros. Há vezes que o MNCR faz repasses à cooperativa, mas o gestor afirma que são pequenos, mesmo enfatizando que o Movimento surgiu a partir deles e que um dos seus principais integrantes foi cooperado da Coopamare.

A gestão da cooperativa é realizada pelos cooperados, desde a parte administrativa até a venda dos materiais recicláveis. O corpo administrativo é formado por cooperados eleitos em assembleia. No entanto, observou-se que não há fiscais, como determina a Lei de Cooperativas de Trabalho. As decisões são tomadas em assembleias realizadas às sextas-feiras, mas constatou-se que os cooperados não gostam de participar das decisões de ordem econômica da cooperativa, delegando essa tarefa aos gestores.

Os resíduos são vendidos principalmente para duas empresas, a Suzano e a Saint Gobain, mas também negociam os recicláveis com outras corporações conforme o preço

oferecido pela tonelada, e não vendem para intermediários, que apontam como sendo os maiores exploradores da cadeia de reciclagem.

4.1.4 Cooperativa de Catadores Autônomos de Materiais Reaproveitáveis – Coopere-Centro

De acordo com um dos analistas operacionais da Coopere-Centro, a cooperativa surgiu como uma alternativa para inclusão social de pessoas moradoras de rua. Para tanto, atua em parceria com a ONG Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos que, por meio do programa Reviravolta, busca promover a inserção social de indivíduos em situação considerada precária para a sua própria subsistência. Verifica-se que a mão de obra é formada por pessoas em estado de vulnerabilidade social, como moradores de rua, ex-presidiários, presidiários em regime semiaberto, ex-drogados, idosos e jovens com pouco ou nenhum estudo. No total, a Coopere-Centro, no dia da visita, contabilizou cento e vinte e seis cooperados. Porém esse número varia semanalmente entre cem e cento e trinta cooperados, devido à alta rotatividade. A quantidade de mulheres cooperadas é maior do que a de homens, mas os agentes não souberam precisar o número exato.

Desde 2004, a Coopere-Centro sempre esteve localizada no mesmo local, em um barracão cedido pela prefeitura de SP na Avenida do Estado. Ao lado da cooperativa há uma Central de Triagem Mecanizada chamada LOGA (Logística Ambiental de São Paulo S.A.). Essa Central de Triagem é conveniada da prefeitura de SP e é responsável pela coleta, transporte, tratamento e disposição final de resíduos domiciliares e da área de saúde. Diariamente solicita a mão de obra de cinquenta e quatro cooperados da Coopere-Centro para atuar em suas instalações. Durante a visita pelas instalações da cooperativa, a analista foi constantemente abordada pelos cooperados, que queriam saber se trabalhariam na LOGA naquele dia e alguns comportamentos sugeriam uma troca de favores em que a boa atuação na cooperativa poderia ser recompensada com uma indicação para trabalhar na central de triagem.

Na entrada da cooperativa são descarregados os resíduos que chegam da coleta seletiva realizada pela própria Coopere-Centro. Dentre os materiais há todo tipo de reciclável, inclusive isopor, além de óleo usado, mas os mais coletados são papelão e garrafas PET (politereftalato de etileno). Dentre os equipamentos para a realização da atividade da cooperativa, os cooperados dispõem de nove caminhões, cinco prensas, uma esteira, picotadeiras, enfardadoras e empilhadeiras, além dos equipamentos necessários para a cozinha e refeitório. A cooperativa recebe trezentas e cinquenta toneladas por mês de resíduos. No entanto, esse material encontra-se misturado ao lixo orgânico e hospitalar, embora os agentes aleguem que em menor

quantidade do que há anos atrás. Essa mistura é uma das causas da existência de forte mau cheiro nesse espaço e a presença de muitos insetos e ratos.

A venda dos materiais recicláveis é feita para empresas, como PolyOne, Schütz Vasitex e Abrividro. Os resíduos que não têm volume suficiente para a venda às organizações são vendidos aos atravessadores que, nesse caso, vão à cooperativa para selecionar o material que desejam comprar.

O galpão da Coopere-Centro é o maior das quatro cooperativas visitadas, com alguns dos seus espaços cobertos e outros sem uso. A organização do lugar é muito parecida com a das demais, com uma área destinada para cada tipo de material reciclável e um prédio separado para administração e atendimento médico. Além disso, há uma infraestrutura que permite aos cooperados tomar banho e fazer suas refeições em local adequado.

Verificou-se que todos os cooperados presentes estavam uniformizados e usavam EPIs, como máscaras, botas de bico de aço e óculos para o trabalho. Para que sejam seguidas as exigências para a proteção individual, em todas as áreas da cooperativa são colocados coordenadores que, entre outras tarefas, são responsáveis pela fiscalização da segurança de cada trabalhador. Aos homens são delegadas as atividades que exigem maior esforço físico, como a prensagem do material, carregamento e descarregamento dos caminhões, entre outras.

A receita arrecadada no mês, retiradas as despesas da cooperativa, é rateada entre os cooperados conforme as horas trabalhadas que cada um realizou no período. A Coopere-Centro recolhe o INSS e também um fundo de férias que os cooperados podem escolher retirar em dinheiro ou tirar férias do trabalho. Os recebimentos são de, ao menos, um salário mínimo e podem chegar à R$ 1.200,00. Os cooperados entrevistados reconhecem esta forma de pagamento como justa, mas apontam que os homens deveriam ter um rendimento maior, por considerarem seu trabalho mais difícil do que o dos demais.

A Coopere-Centro informou que houve uma queda de 5% no seu faturamento mensal, que costumava ser de R$ 150.000,00 em média, nos últimos três meses. São destinados entre 25% e 30% desse valor para despesas e custos da cooperativa e há uma parcela direcionada ao pagamento dos gestores do Conselho Administrativo. O restante do valor é dividido entre os cooperados e os fiscais, que são atuantes na área operacional da cooperativa. Os gestores fazem uma retirada média mensal de R$ 2.500,00. No entanto, enfatizam que esse valor oscila de acordo com o faturamento, podendo variar entre R$ 1.700,00 e R$ 3.000,00.

A Coopere-Centro é uma cooperativa autogestionária e a coordenadoria é dividida em operacional, administrativa e fiscal. São cinco coordenadores cooperados e eleitos a cada três anos em assembleia geral. Cada coordenador é responsável por uma das seguintes áreas: Geral

e Administrativo, Operacional de Produção, Comercial e Contábil, Secretaria e Relações entre Núcleos. Dentre suas responsabilidades estão as atribuições de tarefas aos cooperados e a divisão dos núcleos de trabalhos, como a recepção do material reciclável, triagem desse material, trabalho nas prensas e estocagem para a venda.

Os cooperados da Coopere-Centro costumam realizar atividades diversificadas na cooperativa. Semanalmente, discutem o andamento da produtividade e demais situações que levem à necessidade de alterações do *layout* de trabalho e das tarefas que cada núcleo de trabalho realiza.

Além do conselho administrativo, a Coopere-Centro tem também um conselho fiscal formado por três cooperados que fiscalizam sua contabilidade em conjunto com o Centro Gaspar Garcia que disponibiliza técnicos que auxiliam na parte administrativa da cooperativa, atendendo a Lei das Cooperativas de Trabalho. Há, por exemplo, um agente voltado às questões relativas à área de Recursos Humanos (RH), graduado em assistência social e que faz parte do núcleo do programa Reviravolta do Centro Gaspar Garcia.

Assim como as outras cooperativas alvo deste estudo e conveniadas à prefeitura de SP, a Coopere-Centro disponibiliza mensalmente um relatório financeiro à prefeitura e busca corresponder aos requisitos das Leis do Cooperativismo e das Cooperativas de Trabalho.

Além do Centro Gaspar Garcia, que entre outros auxílios, disponibiliza uma verba mensal de R$ 1.400,00 para a compra de alimentos, a Coopere-Centro atua em parceria com o Posto Escola Barra Funda da Santa Casa que presta atendimento médico aos cooperados, o Instituto Coca-Cola Brasil que busca o retorno das garrafas PET ao seu ciclo produtivo e a Tetra-Pak que realiza ações para a reciclagem junto às cooperativas de catadores. Às vezes, ainda recebem doações em dinheiro e alimentos.

4.1.5 Resumo das características das cooperativas Fênix Ágape, Cooperação, Coopamare e Coopere-Centro

Para visualizar as características levantadas das quatro cooperativas visitadas, apresenta-se o Quadro 5, a seguir.

Quadro 5 – Descrição das cooperativas de catadores estudadas

Cooperativas / Dados Gerais	Fênix Ágape (Desde 2005)	Cooperação (Desde 2003)	Coopamare (Desde 1989)	Coopere-Centro (Desde 2004)
Localização	Itaim Paulista / zona leste de SP	Vila Leopoldina (Lapa) / zona oeste de SP	Pinheiros / zona oeste de SP	Bom Retiro / região central de SP
Tipo de Gestão	Autogestionária	Autogestionária, porém tem o auxílio de uma empresa contratada.	Autogestionária	Autogestionária, porém tem o auxílio da ONG Centro Gaspar Garcia na contabilidade.
Realização da Coleta seletiva	Pela prefeitura de SP.	Pela prefeitura de SP e pela cooperativa. Os Correios doam 10% de todo seu material reciclável.	Pela cooperativa. Recebe doações de materiais recicláveis.	Pela cooperativa.
Quantidade de materiais recicláveis triados por mês	Recebimento: 120 toneladas. Triagem: entre 90 e 120 toneladas.	Triagem: entre 250 e 300 toneladas.	Recebimento: 120 toneladas. Triagem: entre 80 e 90 toneladas.	Triagem: 350 toneladas.
Materiais triados	- vários tipos de plástico; - ferro; - vidro; - papel e papelão (em maior quantidade); - alumínio; - recebe óleo usado.	-vários tipos de plástico; - ferro; - vidro (em maior quantidade); - papel e papelão (em maior quantidade); - alumínio; - equipamentos eletrônicos; - recebe óleo usado.	-vários tipos de plástico (PET em maior quantidade); - vidro; - papelão (em maior quantidade); - alumínio; - equipamentos eletrônicos.	-vários tipos de plástico (PET em maior quantidade); - ferro; - vidro; - papel e papelão (em maior quantidade); - alumínio; - equipamentos eletrônicos; - isopor; - recebe óleo usado.
Equipamentos para separação, prensagem, enfardamento, armazenamento e caminhões para a coleta seletiva	1 esteira; 1 prensa; 1 balança; 2 caminhões da prefeitura de SP.	2 esteiras, 1 trituradora de vidros, 2 trituradoras de papéis, 2 empilhadeiras e 1 mob cat, 2 prensas, 1 máquina de enfardar, 2 balanças, 1 caminhão próprio e 6 caminhões da prefeitura de SP.	3 prensas, 1 balança, 1 empilhadeira e 3 caminhões próprios.	5 prensas, 1 esteira, picotadeiras, empilhadeiras e enfardadoras e 9 caminhões próprios.
Para quais empresas vendem os materiais recicláveis	FEMSA, Comarel, Ciclopel e Líder. Não vendem para atravessadores.	Gerdau, Unnafibras e Suzano. Também vendem para atravessadores.	Suzano e a Saint Gobain. Não vendem para atravessadores.	PolyOne, Schütz Vasitex e Abrividro. Também vendem para atravessadores.

Continua...

...Conclusão

Cooperativas / Dados Gerais	Fênix Ágape (Desde 2005)	Cooperação (Desde 2003)	Coopamare (Desde 1989)	Coopere-Centro (Desde 2004)
Há catadores que "catam" material nas ruas (carroceiros)	Não.	Não.	Sim. 2 carroceiros.	Não.
Nº de homens	12	15	6 (incluindo os 2 carroceiros)	Não souberam informar.
Nº de mulheres	28	45	14	Não souberam informar, mas afirmam que há mais mulheres.
Total de cooperados (inclui os gestores)	40	60	20	126
Faturamento médio mensal	R$ 26.000,00	Entre R$ 100.000,00 e R$ 120.000,00.	Entre R$ 15.000,00 e R$ 18.000,00.	R$ 142.500,00
% destinada às despesas e custos	30% do faturamento	30% do faturamento	35% do faturamento	Entre 25% e 30% do faturamento.
Recolhe INSS	Sim.	Sim.	Sim.	Sim. Também é recolhido um fundo de férias.
* Faixa de rendimentos mensais dos cooperados	De um salário mínimo à R$ 1.500,00.	Média de R$ 1.500,00.	** De R$ 500,00 à R$ 1.300,00.	De um salário mínimo à R$ 1.200,00.
Rateio entre os cooperados	De acordo com a produção mensal.	De acordo com a produção mensal.	De acordo com as horas mensais trabalhadas.	De acordo com as horas mensais trabalhadas.
Faixa de rendimentos mensais dos gestores	Recebem em torno de R$ 1.800,00.	Em torno de R$ 2.400,00 para os participantes do Conselho Administrativo.	Participam igualmente dos rateios junto aos demais cooperados.	Em torno de R$ 2.500,00 para os participantes do Conselho Administrativo.
Nº de Gestores que recebem de forma diferente aos cooperados	1 Presidente; 1 Diretora Administrativa.	Conselho Administrativo formado por: 1 Presidente; 1 Secretário; 1Tesoureiro.	-	Conselho Administrativo formado por 5 Coordenadores: Geral e Admnistrativo; Operacional de Produção; Comercial e Contábil; Secretaria; Relações entre Núcleos.

Fonte: Autora

Nota: * O valor do salário mínimo nacional, em vigor desde 1 de janeiro de 2015, é de R$ 788,00 (Decreto Presidencial 8.381/2014). ** Verifica-se que os cooperados recebem menos do que um salário mínimo.

Uma análise do Quadro 5 traz alguns pontos a serem considerados. Observando-se as toneladas de resíduos triados por mês *versus* o número de cooperados de cada cooperativa verifica-se que a Fênix Ágape e a Coopere-Centro possuem produtividade equivalente. A Fênix Ágape, porém, não possui todos os maquinários necessários para o trabalho. Da mesma forma, a Cooperação e a Coopamare têm suas produtividades próximas. Entretanto, a Coopamare trabalha todos os dias e em dois turnos, enquanto a Cooperação realiza suas atividades em horário comercial (segunda à sexta, das 8:00hs às 17:00hs; sábado, das 8:00hs às 15:00hs). O Quando 6 mostra essa comparação.

Quadro 6 - Triagem por mês por cooperado

Cooperativas / Dados Gerais	**Fênix Ágape (Desde 2005)**	**Cooperação (Desde 2003)**	**Coopamare (Desde 1989)**	**Coopere-Centro (Desde 2004)**
Quantidade de materiais recicláveis triados por mês	Recebimento: 120 toneladas. Triagem: entre 90 e 120 toneladas.	Triagem: entre 250 e 300 toneladas.	Recebimento: 120 toneladas. Triagem: entre 80 e 90 toneladas.	Triagem: 350 toneladas.
Total de cooperados	40	60	20	126
Triagem/mês/ cooperado (em tonelada)	3,0	5,0	4,5	2,8

Fonte: Autora
Nota: Para essa análise considerou-se o volume máximo de material triado por cada cooperativa e a quantidade total de cooperados, uma vez que os homens e os gestores também trabalham na triagem dos materiais recicláveis.

Verifica-se também que, ao analisar os dados econômicos apresentados pelas cooperativas, os cooperados da Fênix Ágape podem retirar menos do que um salário mínimo por mês, ao contrário do afirmado pela gestora. Sendo o faturamento médio mensal de R$ 26.000,00, com despesas e demais custos consumindo 30% desse valor e retirando-se o rendimento médio dos gestores, nota-se que a renda dos cooperados pode ser inferior à metade do salário mínimo nacional vigente.

Outro aspecto a ser observado refere-se ao tipo de gestão das cooperativas. Piccinini (2004) e Coelho e Godoy (2011) salientam que os cooperados são responsáveis por todos os departamentos e dimensões da organização e que, portanto, não são responsáveis somente pela atividade que executam. Nesse aspecto, apurou-se que a administração das quatro cooperativas é realizada pelos próprios cooperados. No entanto, as duas maiores cooperativas em volume de material reciclável triado e em número de cooperados, Cooperação e Coopere-Centro, têm

auxílio de empresas terceiras. O cooperativismo exige disponibilidade de tempo para participar de eventos da cooperativa e para a tomada de decisões no âmbito econômico e financeiro (CARMO; ARRUDA, 2010). A Cooperação tem uma empresa contratada para ajudar na sua administração. De acordo com uma das gestoras, essa empresa realiza a maior parte do processo administrativo da cooperativa. Da mesma forma, a Coopere-Centro tem parceria com a ONG Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos que disponibiliza técnicos para auxílio na área contábil da cooperativa, além do analista do setor de Recursos Humanos.

4.2 Análise das entrevistas com os gestores

Com o objetivo de analisar como as cooperativas influenciam a qualidade de vida dos cooperados, quais foram as transformações em suas vidas atuando nas cooperativas e quais os riscos a que podem estar expostos em decorrência de sua atividade, busca-se apresentar uma análise da percepção desses temas pelos gestores das cooperativas, de acordo com o roteiro de entrevista semiestruturado aplicado a estes.

A primeira parte desta análise contempla dados levantados com o intuito de conhecer aspectos relativos à atuação dos gestores nas cooperativas, seu início como catadores de material reciclável e a sua percepção sobre as mudanças pelas quais passaram trabalhando na cooperativa.

Foram entrevistados oito gestores, sendo um da Fênix Ágape, três da Cooperação, dois da Coopamare e dois da Coopere-Centro. Destes, seis são mulheres, com idades entre 40 e 48 anos, e dois são homens, sendo que um tem 29 anos de idade e o outro tem 44 anos. A maioria estudou até o sexto ano do ensino fundamental.

Com o propósito de identificar os gestores entrevistados e as cooperativas as quais pertencem, foi estabelecida a seguinte codificação:

Quadro 7 - Identificação dos gestores participantes

Fênix Ágape	**Cooperação**	**Coopamare**	**Coopere-Centro**
G-FA	G-CO1	G-CP1	G-CC1
	G-CO2	G-CP2	G-CC2
	G-CO3		

Fonte: Autora

A possibilidade de sobreviver a partir da coleta seletiva realizada por uma população com dificuldades de atuar no mercado formal de trabalho (MEDINA, 1997, 2000; CARMO, 2009; CHIKARMANE, 2012; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; BESEN *et. al.*, 2014) é o cenário comum da vida dos gestores das cooperativas. A maioria dos entrevistados iniciou suas atividades como gestor juntamente com a criação das cooperativas. Há os que começaram como catadores de rua e outros que trabalharam em empresas como "chão de fábrica" (termo usado para designar funcionários que realizam atividades na área de fabricação de produtos). O início de todos foi difícil e caracterizado por preconceito, poucas oportunidades no mercado de trabalho, carência de formação profissional, baixo nível de escolaridade, dificuldades financeiras (CARMO, 2009; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012) e relegados a espaços da periferia de SP, como mostram alguns fragmentos retirados das entrevistas:

> (...) Fica eu e meu marido desempregado. Eu trabalhava em firma, já fui encarregada, já fui de linha de produção, já trabalhei com máquina de selagem, de prensagem. Comecei com treze anos em Barueri (...). Mas o negócio com reciclagem foi há quinze anos atrás, pela dor mesmo. O marido não conseguia emprego, e foi aquele negócio de fazer a palestra, ele não quis, eu quis. Aí foi. Aí nunca mais eu larguei. Gostei, não quis mais parar. (G-CO3)

> Eu fiquei desempregada e aí eu tive que buscar alguma coisa aqui no bairro que eu pudesse fazer (...) E aí, juntei mais umas dona de casa e nós fomo pra rua fazer coleta(...). Mas até então eu ainda estava com meu marido trabalhando. (...) mas aí chegou um dia em que ele perdeu o emprego também (...) aí nós tivemos que sobreviver com aquilo que, até então, era só uma ajuda, né (...). Eu costumo dizer que o difícil não é você ser catador, né. O difícil é se tornar um catador. Porque se você já é, você tá ali, tá acostumado com aquela, né, com aquela situação. Você tem um padrão de vida, de repente você tem que baixar, aí vem o preconceito, vem a discriminação. (G-FA)

> Eu era manicure (...) Eu fiz uma entrevista na Recifran, passei, comecei a trabalhar na Recifran, aprendi a lidar com materiais. Aí fiquei lá um ano. Depois de um ano me mandaram pra cá pra Coopere. (G-CC2)

> Eu só estudava. Comecei com dezoito. Minha história foi meia complicada. (...) a visão deles era outra na época, mendigo, essas coisas, né. Não tinha um conceito, né, entendeu? (...) Às vezes, o pessoal passava de carroça e jogava casca de banana na gente, xingava. (G-CP1)

Para fugir à precariedade das condições de suas vidas e do receio da sociedade, procuraram se organizar em cooperativas (WILSON; VELIS; CHEESEMAN, 2006; JESUS; BARBIERI, 2014; MAGNI; GÜNTHER, 2014). No entanto, todos os gestores relataram melhorias em suas vidas, no âmbito socioeconômico, com o ingresso nas cooperativas de catadores, confirmando os estudos de Filardi, Siqueira e Binotto (2011) e Bourahli *et. al.* (2012). Os cooperados que não alcançaram boas condições financeiras não souberam lidar com

o dinheiro e não valorizaram seu trabalho, de acordo com os gestores. Ter uma boa alimentação e acesso à saúde também são apontados como uma transformação relevante em suas vidas. Todos os gestores têm planos para o futuro, como ter filhos, comprar um apartamento, ter seu próprio negócio ou mesmo formar uma cooperativa de catadores em outro estado. A necessidade os levou a "puxar carroça nas ruas", como eles mesmos definem. Contudo, a cooperativa é vista como um meio que possibilitou o alcance da estabilidade financeira, garantindo o sustento da família, a compra de imóveis e, em alguns casos, permitindo que seus filhos escolhessem outra profissão que não a de catador de materiais recicláveis (FILARDI; SIQUEIRA; BINOTTO, 2011; BOURAHLI *et. al.*, 2012). As entrevistas também reforçam que o apoio familiar ajuda a superar os problemas relacionados com o trabalho.

> Antes da cooperativa eu era uma mulher que tinha casa (...) pagava aluguel. Hoje eu tenho minha casa, hoje eu tenho meu carrinho, já tô lutando pelo apartamento acolá. Financeiramente, graças à Deus, eu tô bem. (...) Quando eu comecei a mexer com reciclagem, tinha um terreno que comprei em duas pessoas. (...) com o tempo fui, paguei a parte do homem lá, hoje só é minha, tenho meu carrinho velho de andar pra lá e pra cá. Foi roubado um aqui na frente, com a graça de Deus comprei outro. (G-CO3)

> O meu filho, 18 anos, que ele que toca o trabalho. Hoje ele é diretor financeiro da cooperativa de lá (...). Mas tinha vergonha. Chorou um dia, um dia que eu fui na escola dele. Então quando eu chegava na escola, ele tinha vergonha até que um dia a diretora abriu uma brecha pra mim falar do meio ambiente, falar do meu trabalho, essa coisa toda. Nossa, quando foi no outro dia que eu fui buscar o menino "Bacana sua mãe!" aí o menino mudou, sabe? (G-FA)
> Igual sempre falo e graças à cooperativa. Porque quando trabalhava em firma, eu e ele, nós não tínhamos nada. Por isso então que eu falo "gente aqui, aqui a gente já ganhamos bem"(...). Depois que eu entrei, se falar assim "eu entrei na cooperativa, não deu pra nada, mal deu pra comer", tô mentindo. (...). A maioria das pessoas tá aqui há muitos anos (...). A gente conseguiu muita conquista. (G-CO3)

> Penso que a gente tem que valer o que a gente também come, a gente não sabe o dia de amanhã, se amanhece vivo ou morto, mas eu também penso de fazer alguma coisa pro futuro. Porque não adianta guarda, guarda, guarda, e não comer uma coisa que sente vontade(...). Morre amanhã e não leva nada também. (G-CO3)

> Então eu comprei um carrinho, né. (...) Tem que investir, né. Senão, dinheiro fica aí, e o pessoal briga, se mata. (...) Em casa eu tenho tv, assisto na hora que eu quero (...). Única coisa que eu tô pensando é ter um filho só, mas o resto. (G-CP1)

Além de atuarem na administração das cooperativas, os gestores costumam trabalhar na operação e executam atividades de coleta, triagem, prensagem, trituração e descarregamento dos caminhões. Isso ocorre pela necessidade de mão de obra para as tarefas.

> Nós já tava trinta dias atrasado o pagamento, o cara me arrumou R$ 7.500,00. Cheguei, fiz o pagamento e "ó gente, consegui o dinheiro, agora a gente vamo trabalhar pra pagar, né?" Vamo? Receberam o dinheiro, no outro dia não veio um pé

> de gente, ficou eu.(...) Foi todo mundo embora. Aí ficou eu, meu filho, essa minha sobrinha e meu marido. Fomo trabalhar. Eu e eles separando o material pra pagar os R$ 7.000,00 que eles foram embora. (G-FA)

> Enquanto eu tô no administrativo é só nessa área, pra cuidar das contas. De vez em quando é que a gente desce lá embaixo, ajuda. (...) de sábado e feriado a gente vai pra produção. O escritório fica fechado, a gente vai trabalhar com aqueles que vêm. Aqueles que vêm né? (G-CO1; G-CO2)

A segunda parte dessa análise aborda os dados relativos à percepção que os gestores têm sobre doenças que os cooperados podem ter em decorrência da sua atividade e riscos a que possam estar expostos e qual a sua percepção sobre a qualidade de vida no trabalho. Em decorrência disso, busca-se conhecer as ações, indicadas pelos gestores, que devem ser tomadas para a melhoria das condições de trabalho das cooperativas. Os gestores também apontam quais são as vantagens e desvantagens de se trabalhar em cooperativas e indicam os principais problemas que costumam enfrentar.

Ao serem questionados sobre possíveis doenças que os catadores possam ter em contato com o lixo, os gestores mencionaram a hepatite, a dengue e a leptospirose, mas ressaltaram que nem eles e nem nenhum dos cooperados tiveram essas doenças nos anos de atuação das cooperativas. Somente os gestores da Coopere-Centro especificaram que os cooperados comumente reclamam de dores nas costas e nas pernas, mas a doença mais frequente na cooperativa é a micose, mesmo com a obrigação do uso de EPIs.

> Nunca peguei hepatite, dengue, leptospirose, que são as doenças que você acaba atraindo por causa do lixo, essa coisa toda. Nunca peguei. (...) Aqui nunca ninguém ficou doente. Nunca por causa de resíduo. Nada. Ninguém. (G-FA)

> O que eu já acompanhei aqui, que eu vou sempre acompanhar pessoas ao médico, então é micose. Tem uma senhora aí que tá com micose. (G-CC1)

Percebe-se que várias doenças, relacionadas ao trabalho com RSU e que podem acontecer em decorrência da exposição aos agentes físicos e biológicos, não são consideradas pela maioria dos gestores, como dores de cabeça, dores no corpo provocadas por posturas forçadas, desconfortos, náuseas, mal-estar, diarreias e verminoses (FERREIRA; ANJOS, 2001; PORTO *et. al.*, 2004).

Ainda assim, há gestores que admitem que, às vezes, aparecem ratos no galpão, mesmo com o controle da zoonose e demais precauções, como o atendimento de pessoal da saúde aos cooperados e a desratização do local. Porém, as observações realizadas em campo mostraram a existência de mau cheiro e a presença de ratos e insetos em todas as cooperativas. Um dos motivos para isso é que o material coletado pela prefeitura de SP ainda se encontra misturado

com lixo orgânico e hospitalar, embora todos confirmem que a ocorrência dessa situação é menor hoje.

> O acompanhamento da zoonose a cada quinze dias vem aqui. Eles faz a desratização, eu tenho acompanhamento da dengue, essas coisas todas a gente tem. Nós temos tudo. Nós somos legalizados, entendeu? (G-FA)
>
> Porque antes vinha até animal morto, né. Bem no comecinho. Mas depois a gente começou a reclamar também, e parou. Só de vez em quando que vem. (G-CO1)
>
> Não podem trabalhar sem ser vacinados. Porque eu já vi exemplos aqui que já teve sacos cheios de agulhas. (G-CC1)

Quanto aos perigos inerentes ao trabalho de catação, Ferreira e Anjos (2001) e Porto *et. al.* (2004) ressaltam os cortes com vidro e perfurações com objetos pontiagudos, mordidas de animais e picadas de insetos como os acidentes mais comuns no âmbito do manejo dos RSU. Porém, os gestores alertam para os cortes nas mãos, nos braços e até nos pés, pelo manuseio com vidro, não havendo relatos sobre outros tipos de acidentes. Entretanto, os gestores confirmam que esses acidentes ocorrem por negligência do cooperado e há os que reforçam que a responsabilidade é de cada um, uma vez que todos são sócios da cooperativa. Observou-se nas quatro cooperativas a disponibilidade de EPIs, mas os cooperados somente os usam se quiserem, apesar da obrigatoriedade de observação das normas de segurança e saúde do trabalho prevista na legislação expedida pelo Ministério do Trabalho e Emprego (BRASIL, 2012c).

> Eles não tomam os cuidados necessários. Se você tá dentro de uma cooperativa, uma das coisas, não pode trabalhar sem luva. Você não pode trabalhar sem bota, sem os EPI's, máscara. (...) Um ou outro usa, o resto não. (...) Mas até aí, você não usar, porque você não quer, é uma coisa, porque você não tem, também é outra. (...) Acontece uma coisa ou outra? Acontece. (G-FA)
>
> É obrigação usar. (...) Só que a gente impõe, mas assim, nós somos uma cooperativa, nós somos dono do nosso negócio. Então se eu for dono da minha empresa, eu sou dono da minha saúde. (...) Eu vou cuidar de mim e vou avisar meu companheiro "ó, meu fio, fica doente, eu não vou te pagar não, viu?". (G-FA)

Nesse quesito, a Coopere-Centro é uma exceção, uma vez que se constatou que todos usavam EPIs e que este é um dos assuntos abordados em assembleias com o objetivo de salientar ao cooperado a importância dos cuidados no ambiente de trabalho. Vários cartazes espalhados por todo o galpão enfatizam a necessidade do uso de equipamentos de proteção. Esta cooperativa também foi a única a abordar a necessidade de vacinação.

> Por exemplo, tá mexendo com vidro, tem que usar óculos, é claro, né. Tá muito cheio de pó, tá poluído, então tem que usar máscara. Não podem trabalhar sem luvas. Não podem trabalhar sem ser vacinados. (G-CC1)

Quanto ao levantamento das ações que possam aprimorar as condições de trabalho das cooperativas, os gestores fizeram abordagens condizentes com a situação econômica em que cada cooperativa está inserida. A maior parte das ações levantadas pelos gestores referiram-se às necessidades de infraestrutura dentro do trabalho e tecnologia (maquinário) para um melhor desenvolvimento das atividades nas cooperativas (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995; ALBUQUERQUE; LIMONGI-FRANÇA, 1998; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; JESUS; BARBIERI, 2014). Para exemplificar, as gestoras da Cooperação compararam a situação atual da cooperativa, considerada muito boa para a realização dos trabalhos, com os seus primeiros anos de existência quando não havia maquinário para auxílio nas tarefas. Ainda assim gostariam que o galpão fosse maior para melhor manejo dos materiais recicláveis.

> Os homens são pra fazer aquela parte mais pesada. Nem tão pesada hoje em dia, porque tem maquinário, né? O que sai mais pesado é o quê? A coleta e a prensa. Que o resto das coisas é feito mais pelo maquinário, né. Mesmo assim, depende do que vem pesado no caminhão, a máquina vai pegar. (...) E antigamente era na mão, viu? Você batia um carrinho e levava como daqui pro outro lado lá. (...) Enchia o caminhão na mão. Quantas vezes eu subi em cima de caminhão virando carro? (G-CO3)

No entanto, ainda com relação a esse tema, a gestora da Fênix Ágape informa que ter um capital de giro possibilitaria melhores condições de trabalho. Dessa forma, não precisaria se preocupar com o pagamento aos cooperados e passaria a ter um tempo maior para armazenamento e venda do material reciclável. Um rendimento maior permitiria a compra de equipamentos necessários para o desenvolvimento do trabalho. Já os gestores da Coopere-Centro relataram que as condições de trabalho seriam muito melhores se o material reciclável não viesse misturado com lixo orgânico e hospitalar.

Nota-se que os objetivos das cooperativas, quanto a QVT, estão mais relacionados aos aspectos de infraestrutura no local de trabalho. A qualidade das relações de trabalho e a sua consequência para a saúde dos cooperados e das cooperativas (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995) não foram discutidas como um dos meios para favorecer as condições de trabalho.

Contudo, as relações de trabalho foram apontadas como um dos principais problemas enfrentados pelas cooperativas. As intrigas, as faltas ao trabalho e a não cooperação são os principais responsáveis pela queda na produção diária das cooperativas e, consequentemente, isso se reflete em seu faturamento e na renda dos trabalhadores. Medidas adotadas pelo Conselho Administrativo da Cooperação, como apenas trabalhar com mulheres acima de trinta

anos e ter somente duas pessoas pertencentes à mesma família na cooperativa para evitar favorecimentos, demonstram preocupação com a convivência entre os cooperados.

> A relação entre cooperados. É muito grande esse problema, porque são pessoas diferentes uma da outra, não tem o mesmo pensamento, então acaba arrumando encrenca e intriga. (G-CO1)

> Teve gente que nós trabalhava lá na usina, que teve cara que pulou pra poder atirar no marido e no amante. (...) as menininha nova vem mais interessada no rapazinho bonito. (...) A mulher mais velha tem um pouquinho mais de juízo, vai pensar duas vezes antes de acabar com seu casamento, alguma coisa assim no geral. (...) E tinha gravidez. Uma engravidava atrás da outra. Aí tavam de licença maternidade. (G-CO3)

> É dois por família só. (...) Porque senão fica muito aquela coisa familiar. A partir que você tem um filho, você não vai querer depender de algumas coisas que acontece, é mais complicado, né. (G-CO3)

> Às vezes é nós mesmo, o cooperado com problemas que trava a cooperativa. (...) Se eu fiz uma coisa que o outro não gostou, já dá uma confusão. Ah, pensa que onde trabalha assim umas 20 pessoas não vai ter problema? Aí começa uma encrenca com a outra, aí começa a travar. (G-CP1)

Outros problemas são apontados, como a desmotivação dos trabalhadores, o que gera a necessidade de conscientização diária sobre a importância de seu trabalho. As condições impróprias do trabalho e a incerteza de receberem o pagamento no dia certo, no caso da Fênix Ágape, são algumas das premissas para o desinteresse dos cooperados em continuar na cooperativa.

> A conscientização é todo dia. Todo dia é uma injeção, como se fosse um comprimido que você tem que tomar. A motivação é todo dia. Todo dia. Todo dia você tem que tomar, entendeu? (G-FA)

> Essa semana mesmo, o feriado acabou com a gente. Nós tinha que fazer pagamento sexta-feira, tinha que ter feito dia 10. Não consegui fazer...até hoje. E provavelmente ainda vou me estender até o final de semana. Porquê? Porque as empresas, elas compra, mas ela não paga na hora. Ela tem um sistema. Entra na produção dela. Ela tem mais três dias pra ela fazer transferência, ou ela dá um cheque. Então, não é assim, um dinheiro rápido, entendeu? Aí você corre o risco de ficar sem o trabalhador. (G-FA)

A alta rotatividade que ocorre tanto pelo desejo de ter os benefícios de um contrato CLT ("carteira assinada"), quanto pela precariedade de vida em que se encontra o cooperado é outra preocupação das cooperativas.

> No trabalho, a rotatividade é muito grande, alguns desistiram no meio do caminho, outros não acreditaram que pudesse dar certo, né. Embora hoje as portas estejam abertas pra eles de volta, mas hoje eles vêm até aqui procurando um emprego. Eles quer uma carteira assinada, entendeu? (G-FA)

> Tem pessoas que entram aqui, trabalham três dias, mas também o que que eu acho? A pessoa está em vulnerabilidade, ele não tá trabalhando. Ele não recebe nada, muitas vezes se alimenta pouco por aí. Chega aqui, ele não chega forte. Ele chega vulnerável realmente. Ele não recebe logo e continua trabalhando. Mas a alimentação aqui também, de sexta-feira, a cooperativa dá. Então de segunda à quinta ele vai comer o quê? (...) Mas a maior parte do motivo da evasão é por aí. (G-CC1)

Outra dificuldade enfrentada pelas cooperativas, de acordo com os gestores, é a falta de educação para o cooperativismo entre os cooperados, como demonstrado nos estudos de Carmo e Arruda (2010) e Oliveira *et. al.* (2014). Compreende-se que, ao invés de se verem como cooperados e atuarem desse modo, com participação em todos os setores da cooperativa, os trabalhadores se veem como empregados, o que denota falta de percepção desses indivíduos sobre o significado do seu papel nas cooperativas (OLIVEIRA *et. al*., 2014). Dessa forma, a gestão das cooperativas e demais atuações relacionadas à sua condição como cooperado costumam ser desprezadas. Os gestores afirmam que essa falta é compensada aos poucos pelo tempo de atuação na cooperativa. Com os anos, os cooperados passam a compreender o funcionamento de uma cooperativa e a atuar nas suas demais áreas.

> (...) outros que tem oito, sete [anos], têm a cabeça um pouquinho mais aberta, um pouco. (...) A gente tem que ensinar. Ainda mais quando a gente sabe, a gente ensina. (G-CO3)

> Ele não é um cooperado ainda. Ele é uma pessoa assim que ainda precisa aprender um pouquinho mais de cooperativismo. Que ele ainda tem a cabecinha de empresa. (...) Mas ele acha que tem que ter patrão sim, que senão as coisas não anda. E ele ainda pensa aquele negócio assim, ele não entende, tipo assim, abaixa, aumenta, abaixa, aumenta [referindo-se aos rendimentos mensais]. Ainda não cai. Uma pessoa que trabalha muito tempo fichado, demora cair um pouquinho a ficha. (G-CO3)

A Fênix Ágape convive com mais um contratempo. O lixo gerado pela região do Itaim Paulista, considerado "pobre" por conter mais papel do que outros tipos de materiais recicláveis que possibilitam uma receita maior à cooperativa, é tido como um agravante dos problemas que enfrentam.

> O preço é muito baixo. O melhor é plástico, alumínio, entendeu? Mas assim, papel, todos os papéis tá terrivelmente. Se você for lá agora, tão terminando de carregar um caminhão que vai dar mil e poucos reais, um caminhão lotado de material. (G-FA)

Apesar dos problemas levantados, várias são as vantagens de atuar em cooperativas. Entre elas, estão: ganho de força para equilibrar os efeitos da vulnerabilidade do trabalho informal (ZANETI; SÁ; ALMEIDA, 2009); possibilidade de fuga da pobreza; valorização profissional; legitimação da sociedade; possibilidade de aumento da renda e diminuição da

dependência de intermediários; e condição de acesso a direitos trabalhistas (WILSON; VELIS; CHEESEMAN, 2006; SOUZA; PAULA; SOUZA-PINTO, 2012; JESUS; BARBIERI, 2014; MAGNI; GÜNTHER, 2014).

De todos esses benefícios, a capacidade de se responsabilizar pelo seu próprio rendimento mensal foi uma das perspectivas apontadas pelos gestores. Não ter mais a necessidade de catarem os resíduos nas ruas e ser seu próprio "patrão" também são apontados como vantagens de ser cooperado.

> Hoje eu não preciso ir pra rua. Não precisa. Hoje o cooperado, ele não vai pra rua a pé, ele vai de caminhão, entendeu? (...) Eu disse "ó se eu perder o convênio, vocês tudinho vão embora. Vocês não têm coragem de pegar um saco e ir pra rua, não." Não tem. Nenhum dos que estão aí dentro. Só fazem porque ficam trancado aqui dentro e não tem que pôr a minha cara lá fora. Porque se tiver que pôr a minha cara lá fora, eu vou ter vergonha. (G-FA)

> Vantagem é que você é seu próprio patrão. Você não é empregado de ninguém. Tá trabalhando pra você. Autonomia é tudo. E chega pessoas aqui de albergue que em dois meses já alugou quarto, já saiu do albergue. Autonomia. (G-CC2)

> Não ter uma pessoa ficar mandando, né? (G-CP1)

A despeito da vantagem de serem responsáveis pelo seu próprio rendimento estando em uma cooperativa, as gestoras da Cooperação apontaram como desvantagem a variação da receita mensal, visto que esta oscila conforme a comercialização realizada e nem sempre o resultado final é o desejado, afetando a retirada dos cooperados.

> Todo mês é uma expectativa, todo fim de mês é uma expectativa pra gente. Como que a gente vai fazer a receita, como que a gente vai fazer a distribuição? Sabe o resultado final de todas as coisas? A gente fica muito apreensivo quando a gente faz o resultado final de todas as coisas. Não tem diferença de outros lugares, entendeu? (G-CO1)

Contudo, os demais gestores enfatizaram que não ter todos os direitos trabalhistas presentes na Carteira de Trabalho e Previdência Social, concedidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), é uma desvantagem.

> Eles quer uma carteira assinada, entendeu? Então, quer dizer, eles não acreditaram que esse é o nosso emprego, que esse é o nosso trabalho. (G-FA)

> A desvantagem é que quem trabalha muito tempo em cooperativa não recebe fundo de garantia, 13º. Eu tenho seis anos, se eu fosse sair da cooperativa? Eu tinha um dinheirinho pra receber, né? (G-CC2)

> Só os benefícios [CLT], né? Caso eu sair, não tenho nada, né? Mas tamo tentando procurar uma solução, né? Que, tipo assim, a pessoa que entra tem que pagar a quota parte da cooperativa. Aí, caso ele saia, ele recebe a quota parte, mas é pequeno, né.

> Então nós quer ampliar, né. Cada, todo mês, tirar um pouquinho, desse pouquinho, no final se torna um montante, né? Aí nós tamo pensando em fazer. (G-CP1)

Observa-se que os gestores se sentem desguarnecidos, principalmente atuando por vários anos nas cooperativas. Esta circunstância segue na direção da Política Nacional de Cooperativismo que estabelece que não deve haver vínculo empregatício entre a cooperativa e seus associados (BRASIL, 1971). Em alguns casos, para minimizar esta situação, tem-se buscado ações que proporcionem segurança financeira ao sair das cooperativas, como a criação de um fundo de férias e de uma poupança de uma parte dos rendimentos mensais.

4.3 Análise das entrevistas com os cooperados

Com o objetivo de elencar os riscos, no ambiente de trabalho, que possam afetar a saúde e qualidade de vida dos cooperados e de conhecer quais as transformações que ocorreram em suas vidas a partir do ingresso na cooperativa, apresenta-se uma análise da percepção desses temas pelos cooperados, de acordo com o roteiro de entrevista semiestruturado aplicado a estes. Buscou-se especificamente compreender: se há o sentimento de realização pessoal entre os cooperados; como são suas condições de vida e se têm suas necessidades básicas atendidas; se os ambientes em que trabalham e residem são favoráveis à sua saúde e qualidade de vida; e se, atuando como cooperados, possuem oportunidades que os capacitam a buscar melhorias nos ambientes que frequentam (OMS, 1991; BUSS, 2000; MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000; ALMEIDA *et. al*., 2009; SIQUEIRA; MORAES, 2009).

Foram entrevistados doze cooperados, sendo três de cada cooperativa. Destes, oito são mulheres, com idades entre 22 e 70 anos, e quatro homens, entre 25 e 48 anos de idade. A maioria estudou até a 4ª ou 5ª série do ensino fundamental. Somente dois cooperados completaram a 7ª série do ensino fundamental e dois não informaram sobre seus estudos.

Para identificar os cooperados entrevistados e as cooperativas as quais pertencem, foi estabelecida a seguinte codificação:

Quadro 8 - Identificação dos cooperados participantes

Fênix Ágape	**Cooperação**	**Coopamare**	**Coopere-Centro**
C-FA1	C-CO1	C-CP1	C-CC1
C-FA2	C-CO2	C-CP2	C-CC2
C-FA3	C-CO3	C-CP3	C-CC3

Fonte: Autora

Antes de ingressarem nas cooperativas trabalharam em empresas como “chão de fábrica”, empregadas domésticas, manicures, cozinheiras e também foram catadores de rua. Há ex-presidiários e pessoas que tiveram envolvimento com drogas. Verificou-se que se tratam de pessoas que vislumbraram no trabalho nas cooperativas um meio para sua sobrevivência e a de suas famílias com a possibilidade de obter uma renda maior, visto que informaram terem tido dificuldades de se inserir no mercado formal de trabalho ou de se manter nele, o que confirma os estudos de Medina (1997, 2000), Besen *et. al*. (2014), Asim, Batool e Chaudhry (2012), Carmo (2009) e Souza, Paula e Souza-Pinto (2012).

> Nunca trabalhei antes, mas me assustei com o trabalho quando entrei, mas resolvi tentar mesmo assim. (C-FA2)
>
> Já fui costureira e já catei na rua também. Se precisar, a gente faz qualquer coisa. (C-FA3)
>
> Eu sempre trabalhei em firma, com máquina, mas aí onde eu tava fechou e com a minha idade fica difícil alguém querer. (C-CO1)
>
> Já fiz de um tudo. Fui empregada, cozinheira, faxineira. O que aparecia tava bom. Quando fiquei desempregada, fui catar e aí depois vim pra cá. (C-CO2)
>
> Trabalhei como manicure, caixa de supermercado e já puxei carrinho também. (C-CP2)
>
> Eu me perdi muito nessa vida. Tava na rua e catava qualquer coisa que desse pra vender e ter a droga. (C-CC2)
>
> Já tive outros trabalhos, mas fiz umas coisas erradas aí e agora tô pagando. (C-CC3)

Ao serem questionados sobre quais doenças podem ter em contato com o lixo, os cooperados entrevistados demonstraram preocupação com a leptospirose e a dengue, ressaltando a existência de ratos e pernilongos no local de trabalho, e apontaram também doenças que já tiveram, principalmente micoses nas mãos.

> Aqui tem rato, leptospirose, dengue, mas aqui até agora nada. Tem uns ratinhos, mas doença nenhuma. (C-FA2)
>
> Eu nunca tive nada, não. Aqui a gente organiza as coisas. Não tem perigo, não. (C-CO1)
>
> Eu tive micose, mas agora acho que a pele acostumou. Dá pra ter doença do rato também, mas nunca tive. (C-CO2)
>
> Eu já tive tudo. Umas coceiras, feridas. Agora não tenho mais. (C-CC2)

Com relação as dores que sentem, todos confirmaram terem dores nas costas. Outras dores apontadas por eles foram as de cabeça e nas pernas. Enjoos também foram citados. Não

foram mencionadas, contudo, diarreias e verminoses que são comuns em pessoas que trabalham diretamente com RSU (FERREIRA; ANJOS, 2001; PORTO *et. al.* 2004). Para a metade dos cooperados entrevistados, essas dores não prejudicam o andamento de suas atividades na cooperativa. Todos afirmaram, porém, já terem faltado ao trabalho por causa de doença, mas apenas dois cooperados admitiram que a doença ocorreu em função das suas atividades, o que reforça o estudo de Porto *et. al*. (2004) quando cita a negação desses trabalhadores da relação entre o trabalho e possíveis problemas de saúde.

> A dor de cabeça não é não, acho que é velhice. (...) Tem vez que saio antes pra ir no posto. (...) Nenhuma vez [ficou doente por causa do trabalho] nesses sete anos que trabalho aqui. (C-FA3)
>
> (...) só quando vou encher a esteira. Tem que tirar dos sacos que vem do caminhão e a gente agacha muito pra coloca na esteira. (...) Não posso ficar dois dias aqui [enchendo a esteira], senão não consigo vir trabalhar. (...) Faltei só por causa da coceira. Tive que ficar uns dias fora. (C-CO1)
>
> Ah, dói. Já cheguei a ficar uma semana inteira no hospital, mas que nem a I., tô acostumada. (...) Tem vez que precisa faltar, mas é ruim, porque aí nós não recebe. (C-CO2)
>
> Dói todo dia [as costas]. Até quando tô no caminhão, porque são muitas horas, tem que fazer volume. (...) Eu trabalho mesmo assim. (C-CP3)

Quando se perguntou sobre os perigos do seu trabalho, alguns cooperados ressaltaram que o perigo de acidentes é maior quando não obedecem às regras de segurança e não usam EPIs. Também se levantou a possibilidade de adquirir doenças ou sofrer cortes nas mãos, além dos perigos de trabalhar com a prensagem dos materiais recicláveis e de cair objetos nos pés, como já demonstrados nos estudos de Ferreira e Anjos (2001) e Porto *et. al*. (2004). A maioria afirma que o trabalho não oferece perigo, talvez "só uns cortes" se não usarem luvas. Mas todos já se cortaram com vidro e outros materiais cortantes ou sofreram perfurações nas mãos causadas por pregos e seringas.

Notou-se que, para alguns cooperados, a segurança no trabalho está diretamente relacionada ao uso de EPIs, mas há os que preferem não utilizar para não atrapalhar a realização do trabalho. Entretanto, a maioria afirmou que a experiência no trabalho direto com resíduos sólidos é responsável por minimizar os riscos de se machucarem. Observa-se que a compreensão sobre suas condições de vida no trabalho aborda somente o aspecto físico e, em alguns casos, a capacitação para realizar suas atividades, deixando-se de lado as demais garantias de saúde e segurança mental e social (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995).

> Não tem perigo, não. (...) Com vidro é direto [cortes]. Sempre tô cortado, mas é pequeno. (...) Tem os EPI, mas nem sempre eu uso porque me atrapalha. Isso faz parte do nosso dia.(C-FA1)

> Pode machucar um pouco, se não cuidar. (...) Às vezes uns machucadinhos com vidro. Às vezes vem material com seringas e a gente separa. A gente já tem experiência, já vê e separa. (...) A segurança é bem. Só que no primeiro dia eu não sabia de nada e vim trabalhar de bermuda. Aqui é cheio de pernilongo e as minhas pernas saíram toda picadinha. (C-FA2)

> Eu cuido pra não me machucar. Uso luvas, botas, o que precisar, senão a gente machuca mesmo. (...) Já me cortei e uma vez entrou um prego na minha mão, porquê distraí. (...) É isso que cê tá vendo [a segurança no trabalho]. Eu cuido do meu trabalho, presto atenção. (C-FA3)

> Perigo de pegar doença, se machucar. (...) Não quero me machucar e perde dia de trabalho. Se não trabalhar, também não recebe. Nunca cortei porque uso luvas. (...) Eu uso os equipamentos, só que tem que tomar cuidado com os caminhão. É muito entra e sai. (C-CO1)

> Às vezes corta, mas é pouco. Aqui eu fico sentada, trabalhando e conversando, tá tudo bem. (...) a gente senta em cima das bag e faz o trabalho. (C-CO3)

> Pode se cortar, pode pisar onde não deve. Tem que ficar atento. (...) já cortei o braço, mas não foi nada. (...) Tem os EPI lá dentro se a gente precisar. Vai ter treinamento amanhã dos bombeiros. Então é boa [a segurança no trabalho]. A gente sabe o que faz. (C-CP3)

Quanto aos demais cuidados com a sua saúde, a maioria dos cooperados não costuma ir ao médico e poucos tomaram alguma vacina nos últimos anos. Assim como indicado pelo estudo de Seidl e Zannon (2004), a dor e o cansaço são mais relacionados à percepção dos cooperados sobre seu estado de saúde. Por isso, os cooperados passam por consultas médicas quando já estão doentes, como no aparecimento de doenças de pele. São poucos os casos em que são realizados exames preventivos, como o papanicolau (exame preventivo ao câncer de colo uterino). O acesso ao serviço de saúde ocorre por meio das cooperativas, mediante suas parcerias e, em alguns casos, pelo uso de postos de saúde.

> Às vezes vou no posto porque tenho dor de cabeça e as costas ardem. (C-FA3)

> Já tomei a antitetânica e pra gripe. (...) É difícil [ir ao médico]. Só fui da última vez porque não tava aguentando de coceira na mão. (C-CO1)

> Eu ia [ao médico] quando a mão coçava muito e virava ferida. O médico só disse que era micose e passou um remedinho. Hoje não tenho nada. (C-CP2)

> Faz muito tempo [que tomou vacina]. (...) acho que nem se eu tiver morrendo, eu não vou [ao médico]. (C-CP3)

> Aqui sim [acesso ao serviço de saúde]. A gente fala lá com o pessoal do escritório e marca. (...) Espero não precisar mais, nunca mais [ir ao médico]. (C-CC2)

Para a melhoria do trabalho, houve cooperados que mencionaram ações específicas às suas atividades nas cooperativas visando melhorias estruturais dentro do trabalho, tais como: a realização de algumas tarefas em duplas; melhores cadeiras para aqueles que triavam os tipos de papéis; e a necessidade de equipamentos para auxiliar nas atividades e, assim, amenizar as dores nas costas (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995; ALBUQUERQUE; LIMONGI-FRANÇA, 1998). Também foi cobrada uma participação maior do governo para providenciar a melhoria das cooperativas, tornando-se evidente a falta de compreensão destes cooperados sobre seu papel nas cooperativas, em que melhores condições de trabalho devem ser conquistadas por eles (OLIVEIRA *et. al.*, 2014). Entretanto, a metade dos cooperados declarou que nada precisa ser feito, mesmo com a existência de problemas mais imediatos relacionados a ergonomia, que foram observados na realização de seus trabalhos e são responsáveis pelas dores que sentem.

> O lixo tinha que vim mais separado, sem comida. Tem vez que tem bicho, tipo rato, cachorro morto (...). Se viesse sem isso, já ajudava muito. (C-CP2)
>
> O prefeito tem que olhar pra gente como gente. Tem que ajudar e não ficar querendo só arrancar nós daqui, atrapalhar. (C-CP3)
>
> Se tivesse ajuda aqui pra nós. Não dá pra fazer muita coisa. A gente se vira e ajuda os outros, né? Podia ter mais ajuda também. (C-CO1)

Cheremeta *et. al.* (2011) alegam que quando os trabalhadores passam a ter prazer na realização de tarefas é porque foi atingido um nível em que se concilia o trabalho e a vida pessoal, sendo possível perceber a interligação entre qualidade de vida e QVT. Porém, há cooperados que afirmam não gostarem do trabalho que realizam nas cooperativas e que a necessidade os mantêm trabalhando no local. A renda costuma complementar as finanças da família, mas há o desejo por um trabalho com "carteira assinada". Contudo, quando não pensam em sair da cooperativa, é porque não acreditam que tenham outras oportunidades de trabalho. Ainda assim, os cooperados indicaram vários pontos positivos de seu trabalho em cooperativas, como o fato de não precisarem catar resíduos nas ruas, onde o preconceito e a insegurança são maiores do que exercendo suas atividades numa cooperativa; a existência de apoio para se manterem longe das ruas e das drogas; a descoberta em discussões nas assembleias de que seu trabalho é importante para o meio ambiente e para a sociedade; e a possibilidade de ser seu próprio patrão.

> O trabalho não é bom, não. Mas tem pior e a gente, pelo menos não cata na rua. Vou pra onde dona? Aqui, pelo menos, tem trabalho. Eu não penso nisso, não. Eu só trabalho. (...) Era bom carteira assinada. Se aparecer algo por aí...(C-FA1)

> É a necessidade. É bom. Eu tiro um dinheirinho. Eu preciso trabalhar e aqui ninguém é patrão de ninguém. (...) Na rua é muito ruim. As pessoas pensa que a gente é indigente, que vai roubar. (...) Quem vai querer uma velha? Aqui, pelo menos, todo mundo é igual e ninguém manda em ninguém. (C-FA3)

> Aqui eu tô feliz. Venho pra cá ganhar meu dinheiro, não fico em casa pensando em doença. Dou muita risada. A gente trabalha, mas se diverte. (...) é a necessidade, fia. Preciso do dinheirinho. Ajuda. (C-CO3)

> Eu trabalho porque precisa, não dá pra não ter nada e aí faço como pra comer? É como qualquer outro [trabalho]. Aqui eu não tenho patroa me explorando. (...) mas a gente tem que fazer se quiser alguma coisa. Eu preferia ter a carteira por causa dos benefícios, mas quem quer pagar? (...) Se aparecer alguma coisa melhor, eu vou. Quem não vai? Vai ficar aqui a vida inteira? (C-CP1)

> Ele é bom [o trabalho]. Ajuda todo mundo, as pessoas, a natureza. (...) Aqui a gente tem mais ajuda, já sabe o que vai encontrar. Na rua, tem nego que odeia a gente. (C-CP2)

> Acho um trabalho importante, apesar de nem toda pessoa entender. (...) Tem gente que acha que a gente é lixo. (...) A gente ajuda o meio ambiente, então ajuda as pessoa. (C-CP3)

> Eles explicaram pra gente que é um trabalho importante pras pessoa, pro meio ambiente. Então acho que é bom. (...) Fico aqui com a minha musiquinha e nem vejo a hora passar. (...) Apesar de ser lixo, eu prefiro aqui. Não vão me querer em outro lugar. (C-CC1)

Apesar de observar-se a existência de uma educação voltada ao cooperativismo (CARMO; ARRUDA, 2010; OLIVEIRA *et. al*., 2014) em algumas das cooperativas visitadas, a maioria dos cooperados afirmou que há problemas de relacionamento entre eles. Essa dificuldade culmina na falta de cooperação no desenvolvimento do trabalho, atingindo diretamente a produtividade das cooperativas e, portanto, afetando a renda dos cooperados. Da mesma forma, essa falta se reflete no que suas famílias pensam sobre seus trabalhos. Constatou-se que a maioria dos cooperados não tem apoio de suas famílias que gostariam que realizassem outras atividades. Apesar disso, os cooperados disseram que seus familiares "aceitam" a sua ocupação, uma vez que esta gera uma renda importante para todos.

> Aqui a gente trabalha separado. Cada um faz o seu, a sua parte. Eu faço a minha parte. Antes era em dois, mas agora é sozinho. (...) Meu filho mais novo já trabalhou aqui. O do meio ficou uma semana, mas não gostou e saiu. (...) Meus filhos pedem pra eu parar. (...) Tem primo meu que me chama de Maria do Barro, que eu trabalho no lixão, mas é brincadeira. (C-FA2)

> Não precisa ajudar, não. Cada um faz o seu. Quando eu tava na rua, tinha gente que me xingava. Agora não. Meus filhos não gostam, não, mas já trabalharam aqui. (C-FA3)

> Aqui tem umas pessoas com tempo pra cuidar da vida do outro, que faz corpo mole. Devia trabalhar mais. (...) Meus filhos não gostam, mas sou eu que paga as conta, põe comida na mesa, então eles não têm que falar nada. (C-CO1)
>
> Sei lá. Cada dia é um que aparece aqui. Se não me atrapalhar. (...) Falam [a família] que eu mexo com lixo, que isso não é vida. Tem gente que olha torto quando fica sabendo, mas na hora que eu chego com o dinheiro, ninguém reclama. (C-CP1)
>
> A mulherada é meio complicada, mas qualquer problema eu posso falar com os coordenadores. (...) Minha mãe achava que eu tinha que continuar na casa dos outros, mas eu não volto, não. Os outros não sabem direito o que é. (C-CC1)

Com relação aos rateios, quase todos concordam com a forma como são realizados, independentemente se feitos de acordo com a produção mensal individual ou sobre as horas mensais trabalhadas. As exceções são de cooperados que acreditam que seu rendimento deveria ser superior ao dos demais, devido ao maior esforço físico para realizar a tarefa. Da mesma maneira, a maioria confirmou que a renda que tiram pela cooperativa é suficiente para suprir as suas necessidades e a de suas famílias. Ainda assim, dois cooperados disseram que fazem outros trabalhos fora da cooperativa para complementar a renda.

> Acho justo. Se trabalhar mais, recebe mais, senão não pode reclamar. (...) Se eu precisar de mais, dou um jeito. Que a vida tá difícil, aí faço uns bolos pra fora. (C-CO1)
>
> Tá bom assim, mas é pouco. (...) Quando aparece uns bico, a gente faz também, tipo faxina. (C-CP1)
>
> Os homem tinha que tirar mais. Não é qualquer um que faz isso aqui, não. Dói, cansa, deixa a gente tudo estrupiado. (...) minha mulher também trabalha, faz doces pra fora. (C-CP3)
>
> Tá certo assim, mas acho que homem tinha que tirar mais porque a gente faz o mais pesado. (C-CC3)

A vulnerabilidade socioambiental a que os cooperados estariam expostos, em decorrência da atividade que executam, pode ser ampliada devido a suas condições de vida, como os locais de moradia (FERREIRA; ANJOS, 2001; PORTO *et. al*., 2004). Por esse motivo, buscou-se conhecer alguns aspectos dos lugares onde residem e sobre suas residências. Constatou-se que todos os cooperados entrevistados residem em locais em que há coleta de lixo e saneamento básico. Os bairros onde moram não são propensos a terem alagamentos, mas metade dos cooperados confirmaram que suas casas ficam longe das cooperativas, sendo necessário o uso de transporte público para ir e voltar do trabalho. Em sua maioria, moram com suas famílias ou pagam aluguel. Somente dois cooperados disseram que suas residências são próprias. Nesse caso, quando questionados sobre quais planos têm para o futuro, a aquisição da

casa própria foi quase unânime. Também mencionou-se propiciar aos filhos melhores condições de vida e ter boa situação financeira, assim como ter um emprego com "carteira assinada".

> Hoje mora tudo junto. Tio e tia, sobrinhos e mais quem vier. Quero ter uma casa minha. A gente já entrou nesses planos do governo pra ver se consegue. (C-FA3)
>
> Eu vou comprar a minha própria casa. Eu e meu marido. Lá hoje é bom, mas não é meu. E a gente não sabe a precisão de amanhã. (C-CO1)
>
> É a precisão que faz a gente trabalhar até agora. (...) Eu quero poder chegar uma hora que eu fique um pouco com a minha família, descansando um pouco. (C-CO2)
>
> Eu queria é trabalhar de carteira assinada pra ficar sem preocupação. (...) Aqui tem mês que é um valor, no outro é outro, mas as conta tão aí só aumentando. (C-CP1)
>
> Eu quero ver meus filho bem. O resto não importa, que enquanto a gente tem saúde pra trabalhar, nós trabalha, depois morre, mas se os filho tiver bem, morre em paz. (C-CP3)
>
> Eu penso em ter família. Casa própria. Melhorar, né? Que é pra cuidar dos moleque. (C-CC2)

Com o intuito de saber qual a percepção desses cooperados sobre suas vidas a partir do ingresso nas cooperativas, perguntou-se se houve melhorias e, em caso afirmativo, quais foram. Todavia, constatou-se que as respostas a essas questões estão diretamente relacionadas a sua compreensão sobre qualidade de vida.

Todos avaliaram como positiva sua entrada nas cooperativas, sob o ponto de vista financeiro. Deve-se considerar que, antes de começarem a trabalhar nas cooperativas, encontravam-se em dificuldades econômicas devido ao desemprego. Dentre as premissas indicadas pelos cooperados para obtenção da qualidade de vida, o ponto mais destacado foi a possibilidade de comprar bens de consumo (BUSS, 2000; MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000; SEIDL; ZANNON, 2004; ALMEIDA *et. al*., 2009; SIQUEIRA; MORAES, 2009), como eletrodomésticos, televisões, roupas e alimentos, para a casa e, assim, ajudar a família. Também se levantou a possibilidade dos filhos não precisarem trabalhar na cooperativa e se dedicarem aos estudos.

> Consegui comprar mais coisas pra mim, que eu sou muito vaidosa e pra casa. Minha vida agora tá melhor. Agora eu sei que tô fazendo alguma coisa. (...) Qualidade de vida? Eu trabalhando me sinto melhor do que quando ficava em casa. Em casa tem os filhos dando problema. (C-FA2)
>
> A minha [vida] melhorou e da minha família. (...) A gente passa a ter mais coisas. Terminei minha casa, meus filhos não precisam trabalhar aqui, tão estudando. (...) Pra

> mim, qualidade de vida é poder trabalhar em paz, ter seu cantinho, ver os filhos da gente bem. (C-CP3)
>
> Eu ganho mais do que de empregada. Minha mãe viu isso também. Dá até pra ter uns luxo. (...) Ter uma casa, ver meus filho estudando, minha mãe aposentada sem precisão de trabalhar. Hoje tá melhor. (C-CC1)

Para a definição de qualidade de vida não foram abrangidas as condições de vida no trabalho, mas a capacidade para realizar as tarefas (LIMONGI-FRANÇA; ASSIS, 1995).

> Ah, melhorou. Pelo menos não tô mais desempregado. Eu e minha mulher, a gente coloca as coisa em casa. (...) Eu tenho que ter saúde pra trabalhar. Enquanto eu tiver firme, eu trabalho e levo as coisas pra casa. (C-FA1)
>
> Eu me mantenho ocupada, não fico pensando bobagem. Esses dias comprei uma televisão boa, ajudei a comprar um fogão novo. (...) Qualidade de vida é não sentir dor e ter força pra seguir e tá com minha família também. (C-CO2)
>
> É bom trabalhar aqui. Eu levo um dinheirinho pra casa. Antes eu sofria muito mais. (...) Eu ajudo em casa, né? Lá tem muita gente. (...) Faz bem ter saúde, um lugar pra descansar, uma novela, poder comer o que gosta. (C-CO3)
>
> Muito [a vida melhorou após entrar na cooperativa]. Estou feliz aqui. (...) Ninguém quer saber de drogado, nem mesmo se tá se tratando. Aqui eles me aceitaram. (...) A vida já tá boa. Saí das drogas. Tô me tratando. Trabalho. Tá bom demais. Agora as pessoas olha pra mim na cara. (C-CC2)

Percebe-se que a maneira pela qual a qualidade de vida se relaciona dentro e fora do trabalho, segundo os cooperados, possui ligação com a saúde (CHEREMETA *et. al*., 2011), enquanto condição para poderem trabalhar e não necessariamente pela ausência de doenças. Percebeu-se que a saúde ainda é vista como um objetivo para a sua sobrevivência, ao ser relacionada com a ausência de dor, e não como um recurso que capacita para a melhoria da qualidade de vida (OMS, 1946, 1986).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo foi analisar de que maneira a organização coletivista do trabalho influencia a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis em SP. Para tanto, optou-se pela realização de uma pesquisa qualitativa, por meio de estudo de casos múltiplos, e de caráter interpretativo, uma vez que se partiu da percepção dos próprios atores sobre a forma como percebem seu mundo.

O primeiro objetivo específico desta pesquisa buscou compreender como funciona um dos processos de organização coletivista do trabalho e como influencia a qualidade de vida dos catadores. Verificou-se que as cooperativas se apresentam como uma alternativa para prover trabalho, renda e minimização da exclusão social a uma parcela da sociedade que não consegue se recolocar no mercado formal de trabalho e tem dificuldades de prover o seu próprio sustento. Ainda assim, muitas práticas que promovem alterações positivas na vida dessas pessoas, tanto no trabalho, quanto fora deste, dependem de sua conscientização sobre a necessidade de atuar na gestão das cooperativas, cientes de que os meios de produção e o avanço da sua qualidade de vida estão em suas mãos.

A busca por melhorias nas condições de vida dessa população propiciou a formação das cooperativas observadas neste estudo. As dificuldades de inserção no mercado formal de trabalho e a insegurança caracterizada por preconceito, marginalização e desequilíbrios econômicos foram algumas das premissas que levaram os catadores e moradores de rua a se organizarem em cooperativas.

A motivação para o agrupamento em cooperativas buscou equilibrar os efeitos das fragilidades de sua atuação como catadores autônomos. No entanto, para a coordenação desse processo faz-se necessário que haja o engajamento de todos, o que na prática nem sempre é observado. As atitudes constatadas e expressas em termos “eu faço a minha parte” e “cada um aqui faz o seu” são compreendidas pelos que estão à frente da gestão como insuficientes para o progresso das cooperativas que resulte em melhorias na qualidade de vida de cada trabalhador. Todos devem sentir-se responsáveis para que o andamento das atividades da cooperativa opere em ritmo constante e possa ser aprimorado.

Em contrapartida, os que se percebem como proprietários dos meios de produção da cooperativa tornam-se responsáveis pelo trabalho que realizam e pelos resultados que alcançam. Estes cooperados sentem-se empoderados e têm a incumbência de aumentar a confiança na capacidade empreendedora do grupo. Dessa forma, passam a perceber a influência

da ação coletiva mediante as relações sociais que estabelecem. De maneira mais consciente, esta percepção é aguçada quando sua participação altera as suas condições materiais de vida.

Seria possível pensar, portanto, que quanto mais trabalharem, maiores serão os seus rendimentos. Essa condição, apesar de sua lógica e concordância dos cooperados, nem sempre é observada. As gestões das cooperativas demonstram preocupação com a discrepância entre os resultados financeiros que desejam alcançar e os efetivamente constatados. Dentre os motivos mais alegados para essa diferença no faturamento estão as ações de cada cooperado em relação ao grupo, como o comprometimento e o apoio aos colegas.

Dessa maneira, surgem questões constantemente levantadas pela gestão das cooperativas sobre de que forma manter um rendimento adequado ao grupo de cooperados, uma vez que disso depende a retirada mensal de todos, e como combater desempenhos insatisfatórios e as frequentes faltas ao trabalho. Trata-se de situações que são cobradas pelos próprios cooperados em relação aos que fazem “corpo mole”, como eles mesmos definem.

Essa preocupação com a produtividade e a remuneração, presente nas cooperativas, é o motivo que as levam a adotar estratégias para que haja um maior rendimento das atividades. O tema é discutido em assembleias e outras reuniões, buscando uma solução a este impasse. Algumas sugestões dos cooperados são adotadas, como a reorganização das tarefas dos grupos de trabalhos, dos próprios grupos de trabalho e dos *layouts* da operação. Dessa forma, passam a dar um sentido coletivo às ações na cooperativa, criando e desenvolvendo valores próprios em que os resultados servirão para todos.

Para que as cooperativas possam de fato oferecer QVT a seus cooperados, a maioria tem desafios relacionados à sua situação econômica, como a necessidade de melhorias na infraestrutura e na disponibilidade de tecnologia. No entanto, também foram observadas ações no sentido de aliar QVT à produtividade no trabalho valorizando o desenvolvimento humano por meio da realização de cursos profissionalizantes, oferta de atendimento médico e de programas de inserção social e educação ambiental.

As cooperativas Fênix Ágape e Coopamare, segundo seus gestores, passam por crises financeiras, com uma queda considerável do seu faturamento, e apresentam cenários em que as retiradas mensais são inferiores ao salário mínimo nacional vigente. Quanto a este ponto, verifica-se que ambas não têm conseguido cumprir uma das determinações da Lei das Cooperativas de Trabalho que institui que as retiradas dos sócios não devem ser inferiores ao piso da categoria profissional ou ao salário mínimo (BRASIL, 2012c). Devido a esse cenário financeiro, muitos trabalhadores deixam as cooperativas, sobrecarregando os que permanecem. Em decorrência disso, surge um clima organizacional que debilita a realização do trabalho, com

o aumento do número de faltas, interferindo ainda mais na produtividade do grupo, refletindo diretamente na sua renda mensal e, também, na sua saúde e qualidade de vida.

A Cooperação passou por essa mesma situação, com grandes dificuldades financeiras no início da sua formação. Isso tornou-se um marco na cooperativa e um exemplo passado a todos sobre a diferença entre aqueles que realmente estavam comprometidos com a cooperativa e os que se interessavam somente pela renda, segundo relatam os entrevistados. Essa experiência os levou a adotar uma série de medidas para superar as dificuldades, que são mantidas até hoje, como ações disciplinares aos que faltam sem motivo e não comparecem as assembleias. No entanto, deve-se considerar que, de um lado, encontram-se trabalhadores comprometidos com a cooperativa e que apostaram que trabalhando juntos superariam os contratempos financeiros, mas, de outro, há os que precisam sobreviver e pagar suas contas.

Com efeito, há uma duplicidade no sentido do cooperativismo, em que os "patrões" são os próprios trabalhadores. Ter "trabalho e renda" e ainda "trabalhar no que é seu" não é absorvido da mesma forma por uma parcela dos cooperados. Para alguns, trabalhar na cooperativa é um meio de se libertar da figura dos "patrões" e, coletivamente, atuar no que também é de sua propriedade. Para outros, trata-se somente de um trabalho que garante o seu sustento, como qualquer outro, onde se posiciona como um empregado que, no surgimento de uma oportunidade melhor, abandonará a cooperativa.

O segundo objetivo específico deste estudo buscou elencar os riscos, no ambiente de trabalho, que possam afetar a saúde e a qualidade de vida dos catadores e a impressão dos cooperados sobre este tema. Poucas atitudes preventivas foram observadas, como o uso de equipamentos de proteção individual, mas não se verificou nenhum sentimento de preocupação com este assunto. Os riscos e acidentes mais perceptíveis e aceitos pelos cooperados, como as doenças de pele e os cortes no corpo, são apresentados em suas histórias de vida e considerados inevitáveis e, portanto, devem ser enfrentados diariamente. Trata-se de um modo de defesa do trabalhador, uma estratégia defensiva que possibilita sua permanência na atividade.

Em razão disso, o trabalho é sinônimo de saúde. Negar a doença é premissa para quem deseja continuar a desempenhar sua tarefa. Os acidentes e as doenças relatados são apresentados no tempo passado. As cicatrizes são mostradas como marcas que demonstram a experiência e comprovam as conquistas alcançadas na cooperativa e em suas vidas pessoais. Diante disso, nota-se que a qualidade de vida é vista como a capacidade para trabalhar e, dessa forma, conquistar bens materiais. Assim, a doença costuma somente ser reconhecida quando os impede de trabalhar. Essa prática aumenta a sua vulnerabilidade, podendo afetar a sua qualidade de

vida, deixando-os mais expostos à riscos e acidentes e diminuindo a sua capacidade de reação e adaptação a novos contextos que surgem quando um acidente efetivamente acontece.

O terceiro objetivo específico deste estudo procurou conhecer a percepção dos cooperados sobre as transformações que ocorreram em suas vidas, a partir do ingresso na cooperativa. Constatou-se que, em sua maioria, os cooperados percebem melhorias em sua qualidade de vida expressando-as usando os parâmetros financeiros que possibilitam o seu acesso à renda, alimentação e habitação. No entanto, ao deixarem de "puxar carroça nas ruas", constatam que houve uma diminuição da precariedade das condições de vida a que estavam expostos. Passaram a planejar o futuro em que buscam a realização de projetos que, anteriormente à entrada na cooperativa, não vislumbravam, uma vez que a meta era somente sobreviver. Ainda assim, há cooperados aquém dessa realidade, casos em que a pobreza continua a expô-los a desequilíbrios econômicos e sociais, e a realidade da cooperativa não passa de mero meio de manutenção de sua vida.

Ao analisar de que maneira a organização coletivista do trabalho influencia a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis em SP, objetivo geral deste estudo, constata-se que a dinâmica das cooperativas favorece transformações sociais e econômicas, tornando-se uma alternativa viável para o desenvolvimento local. Esse modo de organização influencia positivamente a qualidade de vida dos cooperados, uma vez que promove aspectos sociais e políticos em suas vidas, apoiado na criação de políticas públicas voltadas a inserção social por meio do resgate da cidadania e redução da vulnerabilidade social.

Diante dessas considerações, verifica-se a importância da ampliação e aprofundamento de uma educação voltada ao cooperativismo, tendo em vista o perfil dos trabalhadores abordados nessa pesquisa. Há uma descrença entre os cooperados sobre a sua capacidade administrativa e muitos atuam nas cooperativas premidos pela necessidade. O desenvolvimento de programas de aprendizagem pode acrescentar noções de administração para uma melhor gestão das cooperativas. Deve-se considerar que a vivência na gestão proporciona uma dinâmica social em que os cooperados tornam-se mais aptos a participar e argumentar, aumentando a sua capacidade de organização coletiva.

Observou-se algumas limitações a este estudo, principalmente quanto ao tempo para a realização das entrevistas. Em alguns casos, a pressa dos gestores para finalizar a visita à cooperativa não permitiu o aprofundamento das questões abordadas no roteiro semiestruturado. Quanto aos cooperados atuantes na área operacional das cooperativas, as entrevistas ocorreram enquanto continuavam a trabalhar, o que também gerou algumas respostas que requerem maior análise.

Verificou-se também que o tipo de entrevista adotado dificultou a coleta e análise dos dados. Optou-se por manter as entrevistas em formato de diálogo para que os entrevistados pudessem se expressar espontaneamente, buscando evitar ou diminuir a inibição que pudesse surgir por serem submetidos à entrevista. Em alguns momentos, porém, constatou-se que o gravador inibia os depoimentos dos gestores. No caso dos cooperados, essa percepção foi decisiva para excluir o equipamento e proceder somente com anotações sobre as afirmações dos entrevistados.

Espera-se que esta pesquisa contribua para agregar informações ao debate sobre a qualidade de vida dos catadores de materiais recicláveis. Dessa forma, ao não evidenciar somente questões técnicas e econômicas sobre a inserção dos catadores de materiais recicláveis na gestão dos resíduos sólidos urbanos, essa discussão poderá favorecer o alcance de políticas públicas voltadas também à transformação social dos catadores e da sociedade. Para isso, sugere-se a implantação de medidas educacionais voltadas ao cooperativismo, de modo a promover a percepção dos cooperados quanto ao fato de que as suas ações coletivas são responsáveis pelo desenvolvimento da cooperativa, pela minimização dos riscos aos quais encontram-se expostos e pela melhoria da sua qualidade de vida. No entanto, o desenvolvimento desse processo educacional deve considerar o tema sob a ótica dos cooperados. Assim, será possível atender estes indivíduos em suas reais necessidades de capacitação e desenvolvimento.

Considerando-se que ainda são poucas as pesquisas que relacionam o catador, sua atividade laboral e seu ambiente de trabalho com as condições de saúde e qualidade de vida, são várias as oportunidades para o desenvolvimento de novos estudos, como os que são propostos a seguir: realização de pesquisas que contenham diferentes recortes territoriais para aprofundamento das questões levantadas nesse trabalho, uma vez que o cenário dos resíduos sólidos urbanos, o avanço da coleta seletiva e a inserção dos catadores nesse processo ocorre em todo território nacional e considerando que a formação das cooperativas de catadores está associada às características culturais, ambientais, políticas e econômicas das regiões em que atuam; desenvolvimento de estudos que aprofundem o conhecimento sobre a percepção dos catadores mediante as quatro grandes dimensões da qualidade de vida - física, psicológica, do relacionamento social e do ambiente; estudos que abordem mais especificamente os motivos que levam os catadores organizados a gerir seus negócios conjuntamente com empresas particulares ou ONG’s e de que forma esta parceria afeta o seu trabalho coletivista; pesquisas que examinem as recusas sobre a presença de organizações de catadores, provenientes da própria comunidade em que atuam e o que pode ser realizado para reverter ou minimizar esse

cenário; estudos que analisem as relações de trabalho entre gestores e demais cooperados referentes a comunicação, subordinação, empoderamento e capacitação entre eles; pesquisas que aprofundem as análises apresentadas neste estudo sobre outras formas de organização dos catadores, uma vez que abordou-se somente um dos modelos de organização do trabalho destas pessoas e; estudos que tragam as análises apresentadas nesta pesquisa sob a ótica da antropologia e da sociologia.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R.; ESPERANZA J. S.; PETITGAND, C. **Lixo zero**: gestão de resíduos sólidos para uma sociedade mais próspera. São Paulo: Planeta sustentável: Instituto Ethos, 2013.

ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT/CB-03 1º Projeto 03:111-01-009**. Resíduos de equipamentos eletroeletrônicos – requisitos para atividade de manufatura reversa, 2012.

_____. ABNT NBR. 10004: 2004. Resíduos sólidos: Classificação. Associação Brasileira de Normas, 2004.

ADEDIPE, N.O. *et al.* Waste management, processing, and detoxification. **Ecosystems and Human Well-Being**: Policy Responses, v. 3, p. 313-334, 2005.

ALBUQUERQUE, L. G.; LIMONGI-FRANÇA, A. C. Estratégias de recursos humanos e gestão da qualidade de vida no trabalho: o stress e a expansão do conceito de qualidade total. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 40-51, 1998.

ALMEIDA, J. R. *et al.* Efeito da idade sobre a qualidade de vida e saúde dos catadores de materiais recicláveis de uma associação em Governador Valadares, Minas Gerais, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 14, n. 6, p. 2169-80, 2009.

ALVES, H. P. F. Análise da vulnerabilidade socioambiental em Cubatão-SP por meio da integração de dados sociodemográficos e ambientais em escala intraurbana. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 349-366, 2013.

ASIM, M.; BATOOL, S. A.; CHAUDHRY, M. N. Scavengers and their role in the recycling of waste in Southwestern Lahore. **Resources, Conservation and Recycling**, USA, v. 58, p. 152-162, 2012.

BESEN, G. R. *et. al.* Coleta seletiva na região metropolitana de São Paulo: impactos da política nacional de resíduos sólidos. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 259-278, 2014.

BESIOU, M.; GEORGIADIS, P.; VAN WASSENHOVE, L. N. Official recycling and scavengers: symbiotic or conflicting? **European Journal of Operational Research**, [S.l.], v. 218, n. 2, p. 563-576, 2012.

BOSI, A. P. A organização capitalista do trabalho "informal": o caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S.l.], v. 23, n. 67, p. 101-116, 2008.

BOURAHLI, A. *et. al.* A reciclagem como fator de inclusão socioeconômica dos catadores de lixo no Distrito Federal do Brasil. **Revista Capital Científico-Eletrônica**, Paraná, v. 9, n. 2, p. 57-70, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** 35. ed. Brasília, DF, 2012a.

_____. Governo do Estado de São Paulo. Secretaria do Meio Ambiente. Companhia Ambiental do Estado de São Paulo. **Plano Estadual de Resíduos Sólidos do Estado de São Paulo**. Versão preliminar. São Paulo, v. II, p. 1-122, 2014.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Plano Nacional de Resíduos Sólidos – versão preliminar para consulta pública**. Brasília. 102p. 2011.

_____._____. **Política Nacional de Resíduos Sólidos. Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei /l12305.htm> Acesso em: 08 jan. 2015.

_____. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1339/GM.** Diagnóstico e Manejo das Doenças Relacionadas com o Trabalho: Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde. Lista de Doenças Relacionadas com o Trabalho do Ministério da Saúde. DF, Brasília: MS, 1999.

_____. Ministério do Trabalho. CBO - CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES. **CBO - 5192**: trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável. 2002. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/index.htm>. Acesso em: 10 dez. 2014.

_____. Parlamento Metropolitano de São Paulo. **Indicadores Metropolitanos 2012.** Conjuntura social e econômica analisada pelos legislativos municipais, produzindo conhecimento e planejamento integrado para a Região Metropolitana de São Paulo. São Paulo. 278p. 2012b.

_____. Prefeitura de São Paulo. **Programa de Coleta Seletiva.** Amlurb – Autoridade Municipal de Limpeza Urbana. 2015b. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/ cidade/secretarias/servicos/amlurb/coleta_seletiva/index.php?p=4623>. Acesso em: 02 fev. 2015.

_____._____. **Política Nacional de Saneamento Básico. Lei nº. 11.445, de 5 de janeiro de 2007**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/ lei/l11445.htm> Acesso em: 08 jan. 2015.

_____. Presidência da República. **Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971.** Define a Política Nacional de Cooperativismo, institui o regime jurídico das sociedades cooperativas, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ LEIS/L5764.htm> Acesso em: 30 set. 2015.

_____. _____. **Lei nº 12.690, de 19 de julho de 2012.** Dispõe sobre a organização e o funcionamento das Cooperativas de Trabalho; institui o Programa Nacional de Fomento às Cooperativas de Trabalho - PRONACOOP; e revoga o parágrafo único do art. 442 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943. 2012c. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12690.htm> Acesso em: 30 set. 2015.

_____. Senado Federal. **Projeto de Lei nº 2.289/2015.** Prorroga o prazo para a disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos de que trata o art. 54 da Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010. 2015a. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/proposicoesWeb/ fichadetramitacao?idProposicao=1555331> Acesso em: 08 jan. 2015.

BRINGHENTI, J. R.; GÜNTHER, W. M. R. Participação social em programas de coleta seletiva de resíduos sólidos urbanos. **Engenharia Sanitária Ambiental**, [S.l.], v. 16, n. 4, p. 421-430, 2011.

BUSS, P. M. Promoção da saúde e qualidade de vida. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 163-177, 2000.

CARMO, M. S.; ARRUDA, R. G. L. O trabalho com resíduos – considerações sobre reconhecimento social e identidade profissional de classificadores. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, São Paulo, v. 4, n. 1, 2010.

_____; OLIVEIRA, J. A. P.; MIGUELES, C. P. Significado do lixo e ação econômica - a semântica do lixo e o trabalho dos catadores do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO – ENANPAD. **Anais eletrônicos...**Rio de Janeiro. 2004.

CARMO, S. A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores de recicláveis: considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas na cidade do Rio de Janeiro. **Cadernos Ebape. BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 591-606, 2009.

CASTILHOS JUNIOR, A. B. *et. al.* Catadores de materiais recicláveis: análise das condições de trabalho e infraestrutura operacional no Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 18, n. 11, p. 3115-3124, 2013.

CEMPRE – COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA RECICLAGEM. **Cempre Review 2013**. Disponível em: < http://cempre.org.br/artigo-publicacao/artigos >. Acesso em: 08 jan. 2015.

_____. **Política Nacional de Resíduos Sólidos – Agora é lei**, 2010. Disponível em:< http://cempre.org.br/artigo-publicacao/artigos> Acesso em: 08 jan. 2015.

CETESB – COMPANHIA DE TECNOLOGIA DE SANEAMENTO AMBIENTAL. São Paulo. **Inventário estadual de resíduos sólidos urbanos – 2012**. Disponível em: <http://www.cetesb.sp.gov.br/solo/publicações-e-relatórios/1-publicações-/-relatórios>. Acesso em: 07 dez. 2014.

CHEREMETA, M. *et al.* Construção da versão abreviada do QWLQ-78: um instrumento de avaliação da qualidade de vida no trabalho. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Paraná, v. 3, n. 1, 2011.

CHIKARMANE, P. **Integrating waste pickers into Municipal Solid Waste Management in Pune, India.** Pune, India: Women In Informal Employment Globalizing and Organizing (WIEGO), 2012.

COELHO, D. B.; GODOY, A. S. De catadores de rua a recicladores cooperados: estudo de caso em empreendimentos solidários. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 3, p. 721-749, 2011.

CORNIERI, M. G.; FRACALANZA, A. P. Desafios do lixo em nossa sociedade. **Revista Brasileira de Ciências Ambientais,** São Paulo, n. 16, p. 57-64, 2010.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DAMÁSIO, J. (coord.). **Impactos socioeconômicos e ambientais do trabalho dos catadores na cadeia da reciclagem.** Centro de Referência de Catadores de Materiais Recicláveis - PANGEA – UNESCO, 2010.

DEMAJOROVIC, J. *et. al.* Integrando empresas e cooperativas de catadores em fluxos reversos de resíduos sólidos pós-consumo: o caso Vira-Lata. **Cadernos EBAPE. BR**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 513 a 532, 2014.

_____; MIGLIANO, J. E. B. Política Nacional de Resíduos Sólidos e sua Implicação na Cadeia da Logística Reversa de Microcomputadores no Brasil. **Gestão & Regionalidade**, São Paulo, v. 29, n. 87, 2013.

DEUTSCHE GESELLSCHAFT FÜR INTERNATIONALE ZUSAMMENARBEIT (GIZ). **Recovering resources, creating opportunities:** integrating the informal sector into solid waste management. Eschborn, 2011. Disponível em: < http://www.giz.de/de/downloads/giz2011-en-recycling-partnerships-informal-sector-final-report.pdf> Acesso em: 29 nov. 2014.

DEUTSCHE GESELLSCHAFT FÜR TECHNISCHE ZUSAMMENARBEIT (GTZ). **The waste experts:** enabling conditions for informal sector integration in Solid Waste Management. Lessons learned from Brazil, Egypt and India. GTZ, 2010. Disponível em: <https://www.giz.de/en/downloads/gtz2010-waste-experts-conditions-is-integration.pdf> Acesso em: 29 nov. 2014.

DIAS, S. M. **Trajetórias e memórias dos Fóruns Lixo e Cidadania no Brasil:** experimentos singulares de justiça social e governança participativa. 2009. 326 f. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

EISENHARDT, K. Building theories form case study research. **Academy of Management Review**, USA, v. 14, n. 4, p. 532-550, 1989.

EPA – ENVIRONMENT PROTECTION AGENCY. **Climate change and waste.** Reducing waste can make a difference. 2010. Disponível em:<http://www.epa.gov/epawaste/ nonhaz/municipal/pubs/ghg/climfold.pdf.>. Acesso em: 2 fev. 2015.

EUROPEAN COMMISSION. **Directive 2008/98/ EC on waste** (Waste Framework Directive). 2008. Disponível em: <http://ec.europa.eu/environment/waste/framework/>. Acesso em: 13 abr. 2015.

FERREIRA, J. A.; ANJOS, L. A. Aspectos de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 689-696, 2001.

FILARDI, F.; SIQUEIRA, E. S.; BINOTTO, E. Os catadores de resíduos e a responsabilidade socioambiental: a percepção sobre seu lugar social. **Revista de Gestão Social e Ambiental-RGSA,** São Paulo, v. 5, n. 3, p. 17-35, 2011.

FRANÇA, R. G.; RUARO, E. C. R. Diagnóstico da disposição final dos resíduos sólidos urbanos na região da Associação dos Municípios do Alto Irani (AMAI), Santa Catarina. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 14, n. 6, p. 2191-2197, 2009.

GODOI; BANDEIRA-DE-MELO; SILVA. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

GODOY, A. S. Estudo de caso qualitativo. In. GODOI; BANDEIRA-DE-MELO; SILVA. **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2010. cap. 4, p. 115-146.

_____. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE: Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995a.

_____. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE: Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995b.

GOUVEIA, N. Resíduos sólidos urbanos: impactos socioambientais e perspectiva de manejo sustentável com inclusão social. **Ciência e Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 17, n. 6, p. 1503-1510, 2012.

GUTIERREZ, R. F.; ZANIN, M. Empreendimentos econômicos de catadores de resíduos e legislações vigentes: avanços e limites. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, Uberlândia, v. 4, n. 2, p. 113-121, dez. 2011.

HEBER, F.; SILVA, E. M. Institucionalização da Política Nacional de Resíduos Sólidos: dilemas e constrangimentos na Região Metropolitana de Aracaju (SE). **RAP: Revista Brasileira de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 48, n. 4, 2014.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico**, 2008. Rio de Janeiro: IBGE; 2010a.

_____. **Censo Demográfico 2010**. 2010b. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=sp>. Acesso em: 23, jan. 2015.

_____. **Projeções e estimativas da população do Brasil e das Unidades da Federação**. 2015. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. Acesso em: 06, nov. 2015.

IPEA –INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Diagnóstico sobre Catadores de Resíduos Sólidos**. Relatório de Pesquisa. Brasília: IPEA, 2012a.

_____. **Diagnóstico dos resíduos sólidos urbanos**. Relatório de Pesquisa. Brasília: IPEA, 2012b.

_____. **Pesquisa sobre pagamento por serviços ambientais urbanos para gestão de resíduos sólidos**. Relatório de Pesquisa. Brasília: IPEA, 2010.

JACOBI, P. R.; BESEN, G. R. Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustentabilidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 25, n. 71, p. 135-158, 2011.

JESUS, F. S. M.; BARBIERI, J. C. Atuação de Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis na Logística Reversa Empresarial para Reciclagem por Meio de Comercialização Direta. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 20-36, 2014.

KAZTMAN, R. *et al.* **Vulnerabilidad, activos y exclusión social en Argentina y Uruguay**. Equipo Técnico Multidisciplinario para Argentina, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay. Organización Internacional del Trabajo. Chile. 1999.

KLUNDERT, A.; ANSCHIITZ, J. **The sustainability of alliances between stakeholders in waste management -** using the concept of integrated Sustainable Waste Management-Working paper. Netherlands: UWEP/CWG, 2000.

_____; _____. **Integrated Sustainable Waste Management - the Concept**. Netherlands: UWEP/CWG, 2001.

KOJIMA, M.; DAMANHURI, E. 3R Policies for Southeast and East Asia. **ERIA Research Project Report**, [S.l.], v. 10, 2009.

LIMONGI-FRANÇA, A. C.; ASSIS, M. P. Projetos de Qualidade de Vida no Trabalho: caminhos percorridos e desafios. **RAE Light**, São Paulo, p. 26-32, 1995.

LUNDGREN, K. **The global impact of e-waste:** addressing the challenge. International Labour Office, Programme on Safety and Health at Work and the Environment (SafeWork), Geneva: ILO, 2012.

MAGNI, A. A. C.; GÜNTHER, W. M. R. Cooperativas de catadores de materiais recicláveis como alternativa à exclusão social e sua relação com a população de rua. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 146-156, 2014.

MANDELI, M. C. C.*et al.* "Catando e Reciclando Saúde": Relatos do 1º. Encontro Universidade–Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis. **Cadernos Gestão Social**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 285-295, 2013.

MEDINA, M. Informal recycling and collection of solid wastes in developing countries: Issues and opportunities. In: **UNU/IAS working paper**. UNU/IAS, 1997.

_____. Scavenger cooperatives in Asia and Latin America. **Resources, Conservation and Recycling**, [S.l.], v. 31, n. 1, p. 51-69, 2000.

_____. The informal sector – a driving force for recycling management. In:_____. **Recovering resources, creating opportunities.** Integrating the informal sector into solid waste management. Eschborn: Aksoy Print, 2011. cap. 3, p. 8-24.

MINAYO, M. C. S.; HARTZ, Z. M. A.; BUSS, P. M. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 7-18, 2000.

MNCR – MOVIMENTO NACIONAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. **Declaração de princípios e objetivos do Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis – MNCR**. 2012. Disponível em: <http://www.mncr.org.br/box_1/principios-e-objetivos>. Acesso em: 01 fev. 2015.

MOSER, C. O. The asset vulnerability framework: reassessing urban poverty reduction strategies. **World Development**, v. 26, n. 1, p. 1-19, 1998.

MUZZIO, H. A Condição Paradoxal da Administração de Recursos Humanos: Entre a Racionalidade Instrumental e a Racionalidade Substantiva. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 706-718, 2014.

OLIVEIRA *et. al.* Aspectos jurídicos, ambientais e da participação social na gestão de resíduos sólidos do município de Poços de Caldas-MG. In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO AMBIENTAL E MEIO AMBIENTE, 2014, São Paulo, **Anais eletrônicos...** São Paulo: ENGEMA, 2014. Disponível em: <http://www.engema.org.br/anais-xvi-engema/>. Acesso em: 19 maio. 2015.

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial da Saúde em 1946.** Disponível em:<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organização-Mundial-da-Saúde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html> Acesso em: 01 fev. 2015.

_____. **Carta de Ottawa**. Primeira conferência internacional sobre promoção da saúde. Ottawa, novembro de 1986. Disponível em: <bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf> Acesso em: 25 jan. 2015.

_____. **Declaração de Sundsvall**. Terceira Conferência Internacional de promoção da saúde. Sundsvall, junho de 1991. Disponível em: <bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_sundsvall.pdf> Acesso em: 25 jan. 2015.

_____. PAHO - PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. **Health in the Americas**. V I; II. Scientific and Technical Publication. Washington, D.C. USA. 2012.

_____. **The World Health Report 2010 – A safer future:** global public health security in the 21st. century. 2010a. Disponível em: <http://www.who.int/whr/2010/en/index.html>. Acesso em: 15 jan. 2015.

_____. **International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems 10th Revision**. **ICD 10**. Version 2010. 2010b. Disponível em: <http://apps.who.int/classifications/icd10/browse/2010/en>. Acesso em: 28 fev. 2015.

PACHECO, E. S.M.; RIBEIRO, H. Grupos de catadores autônomos na coleta seletiva do município de São Paulo. **Cadernos Metrópole (PUCSP)**, São Paulo, v. 21, p. 60-80, 2009.
PEREIRA, M. C. G.; TEIXEIRA, M. A. C. A inclusão de catadores em programas de coleta seletiva: da agenda local à nacional. **Cadernos EBAPE. BR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 895-913, 2011.

PICCININI, V. C. Cooperativas de trabalho de Porto Alegre e flexibilização do trabalho. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 68-105, 2004.

PINHEIRO, L. R. et. al. Sujeitos, Políticas e Educação Ambiental na Gestão de Resíduos Sólidos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2. 2014.

PORTO, M. F. S. *et al.* Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1503-1514, 2004.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V.; **Manual de investigação em ciências sociais**. 6 ed. Lisboa: Gradiva, 2013.

REICHERT, G. A.; MENDES, C. A. B. Avaliação do ciclo de vida e apoio à decisão em gerenciamento integrado e sustentável de resíduos sólidos urbanos. **Engenharia Sanitária e Ambiental**, [S.l.], v. 19, n. 3, p. 301-313, 2014.

REIS JUNIOR, D. R. **Qualidade de Vida no Trabalho: Construção e validação do questionário QWLQ-78**. 2008. 114 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa.

REIS JUNIOR, D. R.; PILATTI, L. A.; PEDROSO, B. Qualidade de vida no trabalho: construção e validação do questionário QWLQ-78. **Revista Brasileira de Qualidade de Vida**, Paraná, v. 3, n. 2, 2011.

REVEILLEAU, A. C. A. A. Política Nacional de Resíduos Sólidos: Aspectos da Responsabilidade dos Geradores na Cadeia do Ciclo de Vida do Produto. **Revista Internacional de Direito e Cidadania**, Erechim, Rio Grande do Sul, n. 10, p. 163-174, 2011.

RIBEIRO, H. *et. al.***Coleta seletiva com inclusão social:** cooperativismo e sustentabilidade. São Paulo: Annablume, 2009.

SAMSON, M. **Refusing to be cast aside:** waste pickers organising around the world. Women in Informal Employment: Globalizing and Organizing (WIEGO), 2009.

SANTOS, G. O.; SILVA, L. F. F. Os significados do lixo para garis e catadores de Fortaleza (CE, Brasil). **Ciência e Saúde Coletiva**. [S.l.], v. 16, n. 8, p. 3413-9, 2011.

SEIDL, E. M. F.; ZANNON, C. M. L. C. Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 580-588, 2004.

SEMBIRING, E.; NITIVATTANANON, V. Sustainable solid waste management toward an inclusive society: Integration of the informal sector. **Resources, Conservation and Recycling**, [S.l.], v. 54, n. 11, p. 802-809, 2010.

SIQUEIRA, M. M.; MORAES, M. S. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.l.], v. 14, n. 6, p. 2115-2122, 2009.

SNIS – SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES SOBRE SANEAMENTO. **Programa de modernização do setor de saneamento:** diagnóstico da gestão e manejo de resíduos sólidos urbanos – 2008. Brasília: MCidades, SNSA, 2010.

_____. **Diagnóstico do manejo de resíduos sólidos urbanos – 2012**. Brasília: MCidades, SNSA, 2014.

SOUZA, M. T. S.; PAULA, M. B.; SOUZA-PINTO, H. O papel das cooperativas de reciclagem nos canais reversos pós-consumo. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 52, n. 2, p. 246-262, 2012.

The WHOQOL Group – THE WORLD HEALTH ORGANIZATION QUALITY OF LIFE GROUP 1997. **The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL):** Measuring Quality Of Life. Division of mental health and prevention of substance abuse. Geneva.

UN – UNITED NATIONS. **World urbanization prospects:** the 2014 revision. New York: United Nations Publications, 2014.

VAN ZEELAND, A. Challenges for sustainability of SSE. The interaction between popular economy, social movements and public policies-case study of the Global Alliance of Waste Pickers. In: **UNRISD conference on the Potential and Limits of Social and Solidarity Economy, Geneva**. 2013. p. 6-8.

VARELA, C. A.; LOPES, K. M. A reciclagem de latas de alumínio e a situação dos catadores: um estudo de caso da Coopamare. In: 8TH IBEROAMERICAN ACADEMY OF MANAGEMENT CONFERENCE. **Anais eletrônicos...** São Paulo IAM, 2013.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VIEIRA, A. C. G.; LIMONGI-FRANÇA, A. C. Um breve histórico sobre a atividade de gestão de pessoas e os fatores críticos da gestão de qualidade de vida no trabalho em entidades estudantis. **Ensaio RH, VII SEMEAD, São Paulo**, 2004.

WBCSD - WORLD BUSINESS COUNCIL FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT. **Vision 2050:** The new agenda for business. 2010.

WILSON, D. C.; VELIS, C.; CHEESEMAN, C. Role of informal sector recycling in waste management in developing countries. **Habitat international**, v. 30, n. 4, p. 797-808, 2006.
YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 4ª ed. Bookman, 2010.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. The WHOQOL Group. 2015. Disponível em: <http://www.who.int/mental_health/publications/whoqol/en/>. Acesso em: 28 set. 2015.

ZANETI, I. C. B. B.; SÁ, L. M.; ALMEIDA, V. G. Insustentabilidade e produção de resíduos: a face oculta do sistema do capital. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n.1, p. 173-192, 2009.

APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista Semiestruturada para os Gestores das Cooperativas

Roteiro de Entrevista Semiestruturada para os Gestores das Cooperativas

Dados Gerais

Nome da Cooperativa:
Nome do Gestor:
Idade:
Sexo:
Estado de nascimento:
Escolaridade:
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa?
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa como gestor?
Com o que trabalhava antes?
Além de gestor, executa outra atividade na cooperativa? Qual?

Dados da Cooperativa

1) Há quanto tempo existe essa cooperativa?
2) Essa cooperativa sempre esteve no mesmo local?
3) Como essa cooperativa foi criada?
4) Quais os materiais mais recolhidos pela cooperativa?
5) Como é feita a gestão da cooperativa?
6) Como são feitos os pagamentos para os catadores?
7) Quanto, em média, os catadores ganham por mês?
8) Quais doenças os catadores podem ter em contato com o lixo?
9) Quais são os perigos do trabalho de catação?
10) O que precisa ser feito para melhorar as condições de trabalho da cooperativa?
11) Como é feita a venda dos resíduos?
12) Vocês trabalham em parceria com alguma empresa?
13) Vendem para intermediários?
14) Vocês têm caminhões para coleta e outros equipamentos?
15) No seu ponto de vista, quais as vantagens e as desvantagens dos catadores trabalharem numa cooperativa?
16) Vocês têm alguma ajuda financeira de órgãos do setor público? Qual?
17) Quais são os principais problemas enfrentados pela cooperativa?

APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Semiestrutura para os Catadores de Materiais Recicláveis

Roteiro de Entrevista Semiestrutura para os Catadores de Materiais Recicláveis

Dados Gerais
Nome da Cooperativa:
Nome do Catador:
Idade:
Sexo:
Estado de nascimento:
Escolaridade:
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa?
Qual a sua atividade na cooperativa?
Você trabalha quantas horas por dia?
Já teve outro trabalho?

1 FÍSICO / SAÚDE	
QWLQ-78	**Roteiro Adaptado**
6) Quanto você se preocupa com a sua saúde?	1) Quais doenças você pode ter em contato com o lixo?
77) Em que medida você se sente confortável no ambiente de trabalho?	2) Quais são os perigos do seu trabalho?
16) Em que medida você tem dificuldades para cuidar da sua saúde?	3) Você tem acesso a serviço de saúde?
6) Quanto você se preocupa com a sua saúde?	4) Já tomou alguma vacina?
6) Quanto você se preocupa com a sua saúde?	5) Costuma ir ao médico?
6) Quanto você se preocupa com a sua saúde?	6) Faz exames?
11) Quanto você se preocupa com dores ou desconfortos no trabalho?	7) Você tem dores nas costas por causa do seu trabalho?
65) Em que medida suas dores e/ou saúde o impede de realizar o que precisa?	8) Essa dor (ou desconforto) te prejudica no trabalho?
43) Você sofre com cefaleias (dores de cabeça)?	9) Você sente alguma outra dor?
11) Quanto você se preocupa com dores ou desconfortos no trabalho?	10) Já sofreu cortes ou outros machucados?
2 PSICOLÓGICO	
QWLQ-78	**Roteiro Adaptado**
22) Em que medida você avalia a sua motivação para trabalhar?	11) Como você se sente trabalhando na cooperativa?
37) Em que medida você avalia o orgulho pela sua profissão?	12) O que você acha do seu trabalho?
27) Como você avalia o espírito de camaradagem dos seus colegas de trabalho?	13) Vocês cooperam um com o outro? Têm problemas de relacionamento?
32) Como você avalia sua liberdade de expressão no seu trabalho?	14) É melhor trabalhar como catador autônomo ou cooperado? Porquê?
44) Como você avalia a segurança no ambiente de trabalho?	15) Como é a segurança no seu trabalho?
22) Em que medida você avalia sua motivação para trabalhar?	16) Você tem algum plano para o futuro?
22) Em que medida você avalia sua motivação para trabalhar?	17) O que é qualidade de vida para você?

3 PESSOAL	
QWLQ-78	**Roteiro Adaptado**
33) Você se sente realizado com o trabalho que faz?	18) Você gosta do trabalho que faz?
45) Em que medida sua família avalia o seu trabalho?	19) O que a sua família e as outras pessoas acham do seu trabalho?
13) Em que medida você tem uma moradia adequada? 18) Você tem alguma dificuldade geográfica em relação ao seu trabalho? (deslocamento, viagens, mudanças)	20) Você tem casa própria? Tem coleta de lixo? Esgoto? Alagamento? É próxima da cooperativa?
33) Você se sente realizado com o trabalho que faz?	21) Sua vida melhorou na cooperativa?
33) Você se sente realizado com o trabalho que faz?	22) Quais foram as melhorias trabalhando na cooperativa?
4 PROFISSIONAL	
QWLQ-78	**Roteiro Adaptado**
39) Em que medida você se sente seguro quanto à prevenção de acidentes de trabalho?	23) O que precisa ser feito para melhorar o seu trabalho?
4) Com que frequência você falta ao trabalho por motivo de doença?	24) Você já faltou ao trabalho por causa de doença?
5) Com que frequência você fica doente devido ao seu trabalho?	25) Você já ficou doente por causa do trabalho?
34) Com que frequência você pensa em mudar radicalmente de emprego?	26) Você pensa em mudar de emprego?
47) Como você avalia a partilha de ganhos na produtividade na sua empresa?	27) Você concorda como é feito o pagamento para vocês?
52) Como você avalia a sua remuneração pelo trabalho?	28) O que você recebe nesse trabalho está bom para você?

APÊNDICE C – Entrevista com a Gestora da Cooperativa Fênix Ágape

Data da entrevista: 13 de julho de 2015
Local: Cooperativa Fênix Ágape – Itaim Paulista / Zona Leste de SP
Hora de início: 14:00hs Hora de Término: 15:15hs
Nome do entrevistado: Francisca Rabelo (representada pela sigla FR)
Cargo/Função: Diretora Administrativa
Mestranda: Audrey Silva (representada pela sigla AS)

AS: (...) mas isso que você está falando é verdade.

FR: é porque o nome cooperativa já tá dizendo, né? Cooperado, né? Quem quer que seja. Não é só o catador, é com você que tá fazendo um estudo. E você vai nos ajudar também, né? Porque o que eu falo, já fiz várias ((entrevistas)) entendeu? E eu só estou nesse trabalho hoje porque alguém me ajudou, porque alguém teve junto comigo.

AS: mas como que isso tudo aqui começou?

FR: Então, comecei em 2000, né, com outra associação de catador, na verdade não era nem associação ainda. A gente trabalhava informalmente com a dona de casa, né. Eu fiquei desempregada e aí eu tive que buscar alguma coisa aqui no bairro que eu pudesse fazer pra evitar de eu tá indo até o centro da cidade. Puxa, daqui até o centro é tão longe, que nem você viu, né, são duas horas ... de carro é uns quarenta minutos, mas de ônibus já é umas duas horas, e você teria que sair quatro hora da manhã, voltar oito hora da noite, entendeu? E tem filho. Eu falei não. Tem que descobrir alguma coisa aqui no bairro que me dê o meu sustento. E aí, juntei mais umas dona de casa e nós fomo pra rua fazer coleta.

AS: donas de casa fazendo coleta?

FR: donas de casa desempregada. Sempre foram mulheres, a maioria são mulheres até hoje, a maioria são mulheres que os homem...as mulheres geralmente ela complementa a renda, né, é uma complementação da renda. O homem ainda é o provedor, é ele que, né? E aí as mulheres, a gente foi pra rua com dona de casa mesmo e nós começamos a catar e guardar na garagem, né? Aqui tem algumas fotos que você pode até ver ((a mesa em que estávamos conversando tem um tampo de vidro com fotos embaixo)) quando a gente começou...

AS: essa aqui eu vi na internet ((uma foto em que a FR está sentada em cima de uma montanha de material reciclável em sacos grandes e se vê casas ao fundo))

FR: essa daqui eu já tava uns quatro ano de luta já. Aí nós começamos a juntar nas dona de casa mesmo, na garagem. E aí nós armazenava em cima da laje, ...entendeu? Pra vender. E aí que juntava durante um mês, a gente vendia e dividia pra todo mundo. Mas até então eu ainda estava com meu marido trabalhando. Na época, ele ainda trabalhava. Então ele sustentava a casa e eu somente ajudava essas famílias, né? Mas aí chegou um dia em que ele perdeu o emprego também, dezenove ano de firma e ficou desempregado e aí nós tivemos que sobreviver com aquilo que, até então, era só uma ajuda, né, que a gente tava fazendo pro bairro. Que ele ((o marido)) provia tudo, então ganhava bem. E aí, meu filho, nós fomos sobreviver da catação mesmo, da rua, né. Eu costumo dizer que o difícil não é você ser catador, né. O difícil é se tornar um catador. Porque se você já é, você já tá ali, tá acostumado com aquela, né, com aquela situação. Você tem um padrão de vida, de repente você tem que baixar, aí vem o preconceito, vem a discriminação.

AS: é muito forte o preconceito, a discriminação?

FR: então, como eu sempre achei que tenho que fazer uma alguma coisa diferente, né, então eu peguei um carro que eu tinha, que era um fusca, durante doze anos a gente sustentou essa cooperativa, três anos sustentando essa cooperativa com o fusca, né. Aí eu sentia famílias que aderiram ao projeto direitinho, mas tinha outras que chamavam a gente de vagabunda, sem ter o que fazer, fica pegando o lixo dos outros, essa coisa toda, né. Então, assim, foi muito difícil a gente conquistar esse espaço também, porque até então, nós não tínhamos. E aí a gente teve que provar por A mais B que a gente precisava de um espaço pra trabalhar. A maioria das pessoas que começaram comigo são essas famílias...essas família aqui. Cê vê que tinha muita criança na época, hoje já tá na terceira geração já, já tem gente...eles já tiveram filhos, né, então já tão na terceira. Tava na primeira com esses mais velho, esses aqui já tão na terceira ((aponta para o lado do galpão onde é feita a triagem)), que já cresceram todos. Todos, a maioria já tem filhos, entendeu? Então, eles já tão na terceira. São filhos de catador. E aí, assim, nem todos estão comigo. Não tem mais nenhum deles. Eu sou a única fundadora dessa cooperativa que continua aqui.

AS: daquelas donas de casa? Só ficou você?

FR: só ficou eu. Porquê? Porque era difícil a gente se manter, né. No trabalho, a rotatividade é muito grande, alguns desistiram no meio do caminho, outros não acreditaram que pudesse dar certo, né. Embora hoje as portas estejam abertas pra eles de volta, mas hoje eles vêm até aqui procurando um emprego. Eles quer uma carteira assinada, entendeu? Então, quer dizer, eles não acreditaram que esse é o nosso emprego, que esse é o nosso trabalho, que é daqui que a gente vai..., então quer dizer, eles guentaram até um certo ponto, chegou uma hora que não tinha mais...só tinha um sonho, entendeu? Só um sonho, um sonho de ter um lugar...esse prédio era abandonado quando nós chegamos aqui, não tinha nada aqui dentro, né. Aqui (...) que é um galpão, não tinha muro, era tudo feito com arame farpado que a gente fez, cercou, a gente não tinha banheiro, a gente não tinha nada. Então quer dizer, foi uma nova luta pra quê? Pra que eu pudesse me conveniar com a prefeitura. Só consegui o convênio com a prefeitura porque a gente teve uma parceria com o Instituto Ressoar da Rede Record e criamos A Casa do Fazer, né? E aí com a televisão nós conseguimos pressionar a prefeitura pra nos conveniar. Foi. Nós enfiamos o convênio com a pressão, né. Porque a prefeitura de São Paulo com o programa de coleta seletiva só poderia ter uma central conveniada com a prefeitura.

AS: só uma central?

FR: na época era só uma por subprefeitura, entendeu? Era só uma cooperativa. E aí o Itaim Paulista foi o único distrito, a única subprefeitura a ter duas cooperativas conveniadas. A luta por duas cooperativas. Então, já tinha uma, a segunda não podia. É tanto que até hoje eu não tenho os equipamentos da prefeitura, ficou tudo na primeira central. Aqui eu não tenho ainda os equipamentos que deveria ter, que é prensa, esteira...

AS: não tem?

FR: não. Hoje eu tenho um convênio que recebo o resíduo hoje e dois caminhões que trabalham com a gente, entendeu?

AS: o caminhão é de vocês?

FR: não. O caminhão é da prefeitura. Mas assim, o projeto teria bem mais, toda uma infraestrutura. Seriam prensas, esteira, balança, todos os EPI's. Hoje a gente conseguiu conquistar os EPI's e os dois caminhões pra fazer a coleta ((da prefeitura)), que é muito pouco pro Itaim Paulista. Aqui são mais de quatrocentos mil habitante. Então, eu teria que fazer porta

a porta. Eu fazia mais com o fusca do que com os caminhões. Quando eu trabalhava com o fusca, eu tinha cinco mil residências que eu fazia coleta porta a porta.

AS: e com os caminhões?

FR: com os caminhões eu consigo fazer bem menos. Porquê? Primeiro, os caminhões têm um horário pra se trabalhar, a gente trabalha de segunda à sábado, entendeu? Mas o setor que eu fazia com o fusca, não consigo fazer com o caminhão. O fusca era bem mais rápido, era mais doloroso assim, mas a gente conseguia atender melhor. Que esses dias, pra minha surpresa, eu fiquei sabendo por um morador, que preferia quando a gente tava com o fusca. Só que com o fusca, você vai até onde? Não tem como, né? E hoje o programa tá se mudando também, né, na cidade de SP. Mudou. Hoje a prefeitura quer o quê? Que a gente só receba esses materiais, que a gente só trie. Eles vão fazer a coleta, já fazem. No ano que vem eles vão fazer com compactadores, entendeu? Assim, é bom? Até certo ponto é, porque diminui um pouco o nosso trabalho. Hoje você não tem catador pra ir pra rua. Os catadores não querem ficar dentro das cooperativas. Eles não ficam. Porque eles são o imediatismo. Eles continua vendendo e pegando seu dinheiro todo dia, entendeu? Não caiu a ficha ainda que eles têm que tá dentro de uma cooperativa, que tem que ter endereço, um local bacana, uma referência. Não. Pra eles é ir aqui no ferro velho. Se você for mais um pouquinho aqui pra frente, você vai ver um ferro velho, e lá os caras vendem todo o material que eles coletam, eles vendem lá, pegam seu dinheiro e vão viver sua vida.

AS: na hora que eu tava vindo pra cá, eu vi uns catadores numas pracinhas que tem por aqui assim, e ainda fiquei pensando: será que eles, por acaso, porque eu não sabia se aqui tinham catadores que faz a cata na rua e vem pra cá...

FR: não. Aqui todas são dona de casa.

AS: são só mulheres?

FR: a maioria são mulheres. Hoje tem bastante homem que tá procurando. O desemprego aumentou, né? E assim, a estrutura já dá uma facilidade maior, porque as pessoas acredite que aqui ainda vai ter um dinheiro no final. Porque antes não tinha como. Você chegava num negócio todo acabado, né, não tinha dignidade, vamos dizer assim. Não dava uma credibilidade pras pessoas acreditar, né? E ele tá acostumado a chegar lá, o cara paga, ele vai embora. Se ele quiser beber, ele bebe. Se ele quiser comprar alguma coisa, ele compra. Ele não tem um horário pra cumprir. Cooperativa tem horário. A gente entra de manhã, sai de tarde. A gente tem que cumprir uma carga horária pra se atingir uma produção. Ainda tem muito, hoje a luta é grande pra eles entender que mesmo o desempregado que chega aqui, ele quer que eu seja a patroa dele, ele quer que eu faça o meu trabalho, ele faz o dele e que a gente tem que vender o material, tem que ter a produção pra ter dinheiro. Essa semana mesmo, o feriado acabou com a gente. Nós tinha que fazer pagamento sexta-feira, tinha que ter feito dia 10. Não consegui fazer...até hoje. E provavelmente ainda vou me estender até o final de semana. Porquê? Porque as empresas, elas compra, mas ela não paga na hora. Ela tem um sistema. Entra na produção dela. Ela tem mais três dias pra ela fazer transferência, ou ela dá um cheque. Então, não é assim, um dinheiro rápido, entendeu? Aí você corre o risco de ficar sem o trabalhador. Que nem, aconteceu nessa semana, depois do dia 10, duas (cooperadas), uma porque não atingiu a produção, porque nós temos um teto...

AS: como vocês fazem?

FR: a gente tem uma produção de 270 quilos por dia que tem que triar de todos os materiais pra que eu tire um salário mínimo, pelo menos. A lei diz que eu não posso ter uma pessoa ganhando menos que um salário mínimo. A lei diz isso, mas na prática ela é diferente, porque eu tenho senhoras, eu tenho moças aqui de 19, 20, 25, eu tenho senhoras de 40 e 60 anos, entendeu? Eu

tenho que trabalhar na capacidade que ela consegue produzir. Isso não é uma cooperativa? Então. Eu não posso exigir de uma pessoa, eu não posso ficar com ela ganhando nada, porque aí ela vai dizer que eu sou exploradeira, mas eu não posso fechar a porta pra ela. Se ela não tem aonde trabalhar? A cooperativa, ela tem essas coisas, entendeu? Só que é difícil você ficar com uma pessoa ganhando R$ 300,00, R$ 400,00, R$ 500,00. Não dá. A gente sabe que não dá pra viver gente, não dá. Eu não vivo com isso. E eles sabem, entendeu? Eu falo pra eles: não adianta eu dizer pra vocês que eu ganho igual à você, por que aí, eu vou estar te lesando. Não é justo eu que trabalhei toda essa história, que você mesma já viu, né, se você for buscar por aí, tem toda uma história, eu continuar ganhando a mesma coisa. Não. E aí? Eu não vou tá valorizando o meu trabalho e nem fazer com que ele tenha interesse de chegar onde eu cheguei, ser um diretor administrativo financeiro, ser um presidente, que é o que acontece nas outras cooperativas. Não sei. Talvez você vai ter oportunidade de ver outras. Seria interessante pra você comparar. O cara lá diz que eu ganho igual, mas lesa, rouba eles, entendeu? Não posso querer. Como é que eu vou despertar o interesse da pessoa querer ser um diretor? Se eu ganho igual a Francisca, pra quê que eu vou me esforçar, dar a cara a tapa, de tá brigando, de tá lutando, de tá indo buscar, de tá sofrendo de noite. Ontem era duas horas da manhã, não consegui dormir. Eu não conseguia dormir porque eu sei da necessidade. E agora? Como é que vou fazer pagamento? Dinheiro tem. Com certeza, vou ter até o final da semana, mas eles não têm mais condição de esperar até o final da semana. Já se passaram 30 dias, né?

AS: então vocês tem que triar 270 quilos por dia, dividem, depois no fim, quando vocês receberem...vocês vendem isso pras indústrias...

FR: Isso. Aí eu pago por produção. Por exemplo, 270 quilos, ele ganha R$ 35,00 por dia. O que passar de 270 quilos, ele ganha mais.

AS: são 270 quilos por catador.

FR: por pessoa.

AS: ah, não é catador no caso.

FR: não é catador, entendeu? Porque isso já é uma luta alguém querer ser catador. Hoje, que nem eu tenho o PROUNI, que é o cadastro lá, eu tenho que, pra mim passar fila, e ir adiante, eu tenho que me declarar catador e muitas pessoas não se declara, por que ela tem vergonha, entendeu?

AS: mas já é profissão.

FR: na verdade, ela não é um catador. Ela é um separador. Catador, quem cata é máquina, né? Se você for lá no português, lá ler no dicionário, o catador é um separador, um triador, né, mas ele não cata, né. Tem que olhar isso. Mas esse preconceito ainda é muito grande, as pessoas dizerem que eu sou catadora. Eu sou dona do meu negócio, entendeu? Ter vergonha? Gente vocês são dono de uma empresa. Como é que você vai lá e diz: não, eu não sou? Você é. Agora, eu não acredito. Quando aparece essa matéria nossa aqui ((aponta a reportagem que está na mesa)), que essa foi muito importante, que é um projeto que a gente vem trabalhando há muito tempo - "ex catadora vê oportunidade e vira empresária", o meu próprio contador chegou com o jornal de baixo do braço, chegou aqui "ó, Francisca. Eu vim aqui pra gente conversar sobre isso daqui. Ó isso aqui vai pegar mal. Empresária..." Porque, meu amigo? Eu disse pra ele: por quê? Qual o empresário no Itaim Paulista que tem o que eu tenho? Fala pra mim. Qual o empresário aqui no bairro que dá quarenta emprego? Que tem quarenta trabalhador junto com você gerando renda? Quem é o empresário aqui no Itaim que tem uma esquina como essa aqui? Que todo mundo quer e que vale mais de R$ 1 milhão? Quem é que tem? Eu tenho. O meu trabalho me deu isso. É minha área. Eu não posso nem ter, mas é uma conquista, que eu conquistei com um fusca velho, um papel de palha na cabeça e um saco nas costas, entendeu?

Aí, porque que eu não vou dizer (...). Se eu for num banco, se eu for lá enquanto pessoa física, vou ser tratada como pessoa física, mas se eu for como pessoa jurídica, com CNPJ da minha cooperativa, eu vou ter que ser respeitada como uma empresária, não é? E eu sou uma empresária muito bem sucedida. Porque a ignorância do povo fez com que eu me tornasse uma empresária. A ignorância. Porque você vai no mercado, compra uma garrafa dessa de refrigerante, um exemplo. Você chega na sua casa, você toma o líquido e joga a garrafa fora. Você jogou o seu dinheiro fora. Você pagou pela embalagem. Você pagou muito mais pela embalagem do que pelo produto que você consome. Aí você joga fora. Aí quer dizer, eu não posso gostar do que eu faço? Me orgulhar do que eu faço? Não, tô me aproveitando. Hoje, quanto mais lixo tiver, mais emprego eu vou dar. Que nem eu vejo gente que fala, que joga papel, "ai, se eu não jogar na rua, o gari não vai ter como trabalhar". É uma ignorância dele. É a educação que ele tem. Ele vai facilitar, ele tem que facilitar o nosso trabalho. Não é emporcalhar mais pra gente limpar, porque vai faltar trabalho. Não. Por isso a ideia de se criar o banco de resíduo.

AS: esse banco. Me explica um pouquinho. Eu vi a foto dele também. Eu li essa reportagem falando um pouco. Me explica um pouco sobre o banco? Como surgiu essa ideia?

FR: então, o banco, na verdade, a gente tem um rapaz que trabalhou com a gente. Na verdade, na frente, a gente foi perceber que era um oportunista, querendo se aproveitar um pouco da nossa situação. Mas a ideia ficou e a gente adotou a ideia e pegou, né. Adotamos a ideia. Um banco de resíduos qualquer um pode criar. Um banco, por exemplo, ecológico, qualquer um. Patentear um banco desse é um trabalho que qualquer um pode fazer, desde que você tenha a ideia e saiba como fazer. Então o que acontece, isso que eu te falei de jogar a embalagem fora, né, e você ter algo por isso. A ideia é que a gente faça com que a dona de casa consuma o refrigerante, mas que ela deposite o resíduo com a gente. E eu administro o resíduo dela. Ela me pague com resíduo. Ela não vai me dar dinheiro. Ela vai me dar o resíduo dela pra eu administrar. E no final do mês ela recebe e eu também recebo. Isso volta em poupança pra ela, né. A ideia é que ela...a princípio, nós troca por conhecimento. Nós trocamos bastante o ano passado. Esse ano nós paramos um pouco com a parte social, porque a cooperativa expandiu pro Nordeste e a gente tá levando a parte social da cooperativa pra lá.

AS: pro Nordeste?

FR: pro Nordeste. Nós já temos uma cooperativa lá.

AS: ela também chama Fênix Ágape?

FR: não. Lá é Resgate Total.

AS: tem alguma coisa dela na internet?

FR: tem. Depois eu coloco lá pra gente ver. Então, a gente viu que no Nordeste o povo gosta de estudar, diferente daqui. Aqui o povo, ele não tem tempo. Quem veio pra cá, já estudou, já terminou o ensino médio, então não tem mais tempo, por que a cidade de SP é a cidade das grandes oportunidades. Aqui, você vive do lixo tranquilamente. Lá no Nordeste, eu tenho que criar outras coisas, pra que o lixo seja uma complementação. Só o resíduo de lá, não dá pra sustentar uma cooperativa, entendeu? Mas lá eu posso trocar, posso trocar o tratamento odontológico, que é o que a gente tá levando pra lá também, o inglês, a informática, a costura, né. Então agora a cooperativa vai crescer no ramo só de trabalho mesmo aqui. A parte de educação ambiental, essas coisas vou deixar lá, por que em SP tem muita gente fazendo muito, né. Hoje nós temos os grandes movimentos ganhando dinheiro pra capacitar catador, quando na verdade não é interessante pra ele ter um catador capacitado, porque ele perde a fonte de dinheiro dele, que o governo federal paga pra essa instituições capacitar os catadores, entendeu? Então se os catadores ficarem todos capacitados, não vou ter por que capacitar. Então acaba a

minha fonte de dinheiro. É o que acontece muito hoje aqui. Então tem muita gente fazendo. Então deixa fazer. Eu quero trabalhar a questão do trabalho, entendeu? É que nem eu digo "gente, não adianta eu capacitar uma pessoa e não devolver ela ao mercado de trabalho". Aqui eu vou fazer um grande centro de capacitação profissional em todas as áreas futuramente, se Deus quiser. Você vai poder voltar aqui.

AS: Ah, eu quero voltar.

FR: nós já estamos trabalhando nisso, na questão da costura. Nós já vamos capacitar costureira. Aí um ramo que eu posso trabalhar um braço da cooperativa, a questão da costura. Provavelmente, daqui uns 60 dias a gente já começa nossa primeira, nosso espaço, nós já tem todas as máquinas, já temos espaço, só falta a capacitação das pessoas. E eu sou costureira, então eu vou capacitar, nós vamos abrir esse leque. A gente quer abrir pra área de limpeza também, né, então eu vou transformar isso aqui num centro de capacitação profissional em todos os segmentos que eu puder.

AS: o que não deixa de ser uma área social.

FR: sim. Por que a ideia da Casa do Fazer é isso, né. É fazer o quê?

AS: por isso que eu vi escrito lá Casa do Fazer, depois em baixo...

FR: esse é um projeto com a parceria que eu fiz com o instituto Ressoar da Rede Record. Eles criaram a primeira casa do fazer, aqui no Itaim e aí deram o nome e deram pra gente. Só que hoje é fazer. Então eu é que digo o que vai fazer. Eles não vieram aqui "Francisca, faz isso, faz aquilo". Não. Eles me deram os móveis, a casa. Tudo o que vocês vê aqui foi doação deles ((a entrevista foi no prédio do Banco e Casa do Fazer, a cooperativa fica no terreno ao lado)). Pra associação Resgate Total, por que nós começamos enquanto associação...

AS: ah, não era Cooperativa Fênix Ágape?

FR: não. Era associação. A associação faz o social, que é a capacitação, curso, essas coisas todas, ela atende a comunidade. Aí nós criamos a cooperativa pra trabalhar a questão do trabalho mesmo, da separação, da comercialização, da renda, gerar renda. Por que, enquanto associação, a gente não conseguia nem se conveniar com a prefeitura. Porque nós existia de fato e de direito, mas quando chegava lá, não. Tem que ser cooperativa. Então tá bom. Nós criamos a cooperativa. Essa associação cedeu o espaço aqui do lado pra criar a cooperativa. Só que nosso espaço é pequeno. Nós precisamos de um espaço maior. Só que como eu tô com a ideia de criar um centro de capacitação, que é o próximo projeto, você fica sabendo em primeira mão, porque não falei muito ainda, capacitar os trabalhadores. Por exemplo, eu preciso de uma costureira, pra isso você viu que nós temos uma agência aqui, onde eu capto as pessoas nessa agência e nós capacitamos ela.

AS: eu vi escrito lá "agência de empregos". Falei não tô entendendo.

FR: é uma parceria. A Casa do Fazer fez uma parceria com essa agência e ela vai captando as pessoas pro mercado de trabalho e aqui, o que a gente precisar também, a gente pega pra cooperativa. Mas com essa agência, nós vamos criar um centro de capacitação. Hoje temos três mil currículos aí de pessoas querendo trabalhar e não tem onde trabalhar. Três mil. Aí, o que acontece? Muito longe, né. É muito longe os empregos que aparece e a demanda na cooperativa, nem todo mundo quer trabalhar separando material.

AS: porquê?

FR: não é a praia dele. Eu concordo. Você tem que fazer o que gosta, né. Quando eu costurava, não gostava de costurar. Eu trabalhava pela necessidade. Pelo dinheiro. Você trabalhar pelo dinheiro, não vira. Você tem que gostar do que você faz. Quando eu fui catar lixo na rua, ficar

assim ((mostra uma foto em que está com uniforme da cooperativa)) – ah, mas você gostar mais de ficar assim do que assim ((aponta pra ela mesma se referindo a aparência melhor))? Não. Eu prefiro aqui. Por que aqui eu tô sendo útil. Eu tô fazendo minhas coisas e tô vendo um resultado daqui, entendeu? Quando eu fico arrumadinha, eu não vejo resultado. Eu vejo resultado com a mão na massa, entendeu? E aí a gente vai criar esse projeto nosso na Casa do Fazer de capacitação profissional, mas já encaminhando as pessoas pra área dela. Então, por exemplo, eu vou numa empresa e ela precisa de dez ajudante, eu vou lá, sei qual que é o perfil dele, eu quero um ajudante nisso, tá bom. Capacito o cara aqui, digo como que é, ele contrata essa pessoa por três meses, enquanto cooperativa, e aí, nesses três meses de experiência, se ele passar, aí a empresa absorve ele, senão volta pra cooperativa e a gente vai testando ele aonde der pra ele ficar. A parte da experiência, nós entra enquanto cooperativa, por causa da CLT, as empresas não quer, aquela coisa toda. Até pra ter um diferencial, pro cara querer ficar na empresa, então ele vai a princípio por nós, depois ele se torna lá dentro, mas a referência é nossa. Qualquer problema que der lá, vem aqui. A gente resolve, entendeu? Esse é o próximo projeto nosso. Agora, eu quero capacitar toda a mão de obra lá dentro das cooperativas. A prefeitura de SP, ela tem hoje 22 centrais, né, conveniada com a prefeitura de SP e mais 4 mega centrais que ela tá construindo. Eu quero capacitar todo esse pessoal pra que vá pra dentro das cooperativas. Que toda mão de obra saia dessa cooperativa, né. Então eu tenho que me preparar muito, porque os cara não quer, né. Por exemplo, eu tenho uma agência que é uma parceria, a outra cooperativa "não, que eu quero uma agência aqui", entendeu? Ele não fez, mas ele quer. Eu fiz, então eu fiz e agora eu quero? Não, você não quer. Pede pra mim, te dou, paga pra mim. Por que que eu vou dar meu serviço pra você? Entendeu? Criar parcerias. Eu tenho parceria com oftalmo, eu tenho com dentista, entendeu? Quando eu preciso, eles vêm aqui e atende todo meu pessoal.

AS: tudo dessa região aqui? Do Itaim Paulista?

FR: tudo dessa região. Eu tenho gente de Itaquá também que trabalha comigo, entendeu? Só que aí assim, que nem eu te falei, a gente...dei uma parada agora, por conta desse nosso projeto, mas vamos levar. Nós temos agora esse projeto de capacitação profissional na área que nós vamos tá iniciando e da costura que vamos começar quando eu voltar do Nordeste, que eu vou lá fazer a terceira comercialização deles. Que lá quem faz sou eu também. Eles ficam trabalhando e aí eu vou a cada dois meses. Quando tem material, eu vou lá e faço a comercialização. A ideia é trazer de lá pra cá pra valorizar um pouco mais o material.

AS: trazer o material do Nordeste pra cá?

FR: mas aí precisa ser prensado, feito o granulado, o *flake* desse material, por que aqui vende melhor o plástico, essas coisas toda, entendeu? Aí, se eu conseguir esses caminhões que vão pra lá e voltam, que eles vão e voltam pra completar carga, uma coisa assim, eles traz de volta, entendeu?

AS: puxa. Que sacada boa. Você tá me dando uma lição. Você tá falando até de logística.

FR: a minha presidente, que hoje não sou mais a presidente, sou a diretora financeira, é formada em logística, em logística de transporte. Ela se formou. Ela era motorista. Queria ser motorista de ônibus, começou a ser cobradora, né, aí depois se formou em logística pra poder fazer essa coisa, queria dirigir ônibus. Aí um dia ficou desempregada, a empresa que ela tava mandaram embora, aí veio fazer um teste comigo aqui e aí gostou do serviço e hoje é a presidente da cooperativa. Uma moça de 32 anos. Acabou de ter um nenê, tá de licença maternidade. Amanhã ela volta, que eu vou viajar e ela tem que assumir, entendeu? Ela hoje é a presidente da cooperativa. Mas assim, formada, entendeu? Eu tenho a minha outra presidente lá ((no Nordeste)), que eu não sou presidente lá também. Tem uma outra lá formada em técnica em meio ambiente, começou a fazer o curso lá não sabia por que, quando de repente surgiu a

cooperativa. Falei “tá preparada, vem trabalhar”. Lá o Douglas, meu filho, 18 anos, que ele que toca o trabalho.

AS: onde? No Nordeste?

FR: no Nordeste. É uma coisa de pai pra filho, né, que vai e ele que toca lá. Um menino que antes tinha vergonha da mãe, se você ver na matéria lá ((a reportagem)).

AS: e agora? Apoio total?

FR: Hoje ele é diretor financeiro da cooperativa de lá. Ele que toca tudo. Mas tinha vergonha. Chorou um dia, um dia que eu fui na escola dele. Porque eu saí desse jeito aqui ((aponta uma foto em que está com uma roupa simples pra fazer o trabalho na rua)). Tava na rua desse jeito. Com o fusca véio. O pai dele, nós pegava no meio da rua e da onde nós tava, a gente ia buscar o menino na escola, por que tinha que ir. Como que eu vou deixar, né? E aí trazia ele pra cá ((na cooperativa)). Ele vinha e ficava aqui até a gente ir embora, por que não tinha com quem deixar. Então quando eu chegava na escola, ele tinha vergonha. Até que um dia a diretora abriu uma brecha pra mim falar do meio ambiente, falar do meu trabalho, essa coisa toda. Nossa, quando foi no outro dia que eu fui buscar o menino “Douglas, sua mãe! Bacana sua mãe!” aí o menino mudou, sabe? Falei: nossa, eu não sabia que...quase que eu enlouqueço com trezentas crianças. Fazer uma palestra pra criança, eles põe você no bolso. Eles põe. Eles me deixaram numa situação. Levei uma tal dumas bexigas pra fazer uma dinâmica, no final as bexigas não deu muito certo, era criança chorando pra tudo quanto é lado e eu sem saber o que fazer com mais de trezentas crianças. Falei nunca mais eu invento essas coisas. Era criança que chora querendo bexiga, outra que não sei o quê. Estoura bexiga de um e de outro. Eu falei “meu Deus”. Tava no presinho (ensino pré), né, de quatro ano, ainda ia pra cinco ano, né.

AS: e você foi falar de reciclagem pra essa turminha?

FR: pra essa turminha pequena.

AS: quem teve a ideia? Foi a diretora da escola?

FR: não, eu tive a ideia. Eu tive a ideia por que vi meu filho chorando “mãe, não vai mais lá. Mãe fica na esquina”, entendeu? Porque as criança começou a falar que a mãe dele era uma catadora, que a mãe dele trabalhava com lixo. Então eu tive que explicar. E a diretora abriu e foi maravilhoso, sabe? Até hoje eu faço coleta no pré aqui. Até hoje sou chamada pra fazer ainda ((palestra)), só que de criança desse tamanho, depois que meu filho cresceu, nunca mais. Já fiz assim, a gente sofre porque eles têm conhecimento hoje muito avançado, mais do que o nosso, mais do que o meu. Hoje ela fuça na internet, coisa que eu tô aprendendo na prática. Eu fui fazer um curso de computação. Quando eu chego lá, ligo o computador, então já queria ir pra frente, porque ligar o computador já sabia, mexer no mouse eu já sabia, mas não. Eu tive que passar por aquele processo, né, que tinha que aprender tudo. Só que não é uma maneira de ganhar dinheiro. Quanto mais você fica na escola, então ninguém faz o básico, entendeu? A informática básica, mas você vai ter que aprender a ligar, aquela coisa chata, tudo que você já aprendeu e não quer mais passar por aquilo. Eu abandonei, falei não vou fazer. Não tenho paciência. Mas hoje a minha filha de seis anos, que eu tenho uma menina, ela já quer um computador o ano que vem com sete anos, quer um computador. Então, quer dizer, a tecnologia é uma coisa, eu digo que a tecnologia, ela ajuda, ela constrói muito rápido e ela também destrói muito rápido. Porque na época da televisão, se eu tivesse subido a minha cabeça, achando que eu era alguma coisa, passou aquela fase de *merchandising* pra televisão foram todo mundo embora, e quem ficou aqui? Francisca. Com a Casa do Fazer na mão. Fazer o quê? Porque aqui eu preciso pagar água, eu preciso pagar luz, aqui eu tinha que pagar o profissional pra trabalhar, porque voluntário você uma ou duas vezes, ninguém é voluntário a vida inteira, entendeu? De ouvir da comunidade, um dia eu tava aqui em cima, eu vi uma mulher ali “é, que isso aqui não

serve pra nada". Nossa, eu fiquei louca, sabe? Eu desci e falei "minha senhora, o que que a senhora fez pra isso daqui servir pra senhora? Nada. Então não tem como, minha filha. Se você não fez nada pra isso daqui, não vai servir mesmo pra você. Mas aqui, se a senhora não sabe, nós temos um monte de gente que depende disso daqui, que tá trabalhando ali com a cara no lixo". Que hoje tá bom, mas no dia que chove isso daqui não é mar de rosa, não, é lama. Porque? Por que nós temos uma prefeitura que fala bonito de um programa de coleta seletiva, de vez em quando você tá vendo o prefeito falando lá, mas vem ver a realidade. A realidade tá aqui. Gente que é usuário de droga, mães desempregada sem ter onde morar. Hoje eu tenho uma catadora que mora no meu apartamento, por que ela não tinha onde morar com dois filhos, entendeu? Um apartamento que eu demorei mais de oito anos pra conseguir naquelas moradia, entendeu? Hoje moro de aluguel e ela mora no meu apartamento. Por que a mulher me chega um dia chorando na minha casa, por que todos eles sabe onde eu moro, que não tinha mais como ficar, que a irmã tava explorando, que não sei o quê, não tava dando de comer pros filho. Eu falei, vai lá pra lá. Tá lá. Esse dia eu tava de joelho orando à Deus, peraí senhor, é pra mim vender meu apartamento, não consegui vender ainda, enquanto eu não vendo, fica lá. As parede, meu filho, não levar, nós somos olhos depois que morrer, não é? Você não vai levar nada daqui, fia. Nada. Agora um bom nome, né, a minha história. Eu vou morrer, vai ficar aí. Vai ficar pro resto da vida, vai servir de exemplo pra outra pessoa, os meus filhos vão ter em quem se espelhar, não é? É fácil? Não é fácil, não. É doloroso você não ter o que comer e ver os outros... meu filho não tinha uma bolacha pra comer, quem dava era os comprador que vinha comprar meu material. Quantas vezes que eles trazia bolacha pro meu filho comer, me dava R$ 20,00, vinha comprar as coisas e me dava R$ 20,00 pra mim comprar. Então, isso aí ninguém viu, entendeu? Mas isso só fez eu não desistir, ir pra frente. E eu vou virar banqueira nesse país. Vou ser a única mulher nesse país a ser banqueira. Vou ser banqueira, não sei quando. Mas eu tenho uma promessa de Deus na minha vida e eu creio que ela vai se cumprir no tempo certo. Quando eu fui lá pro Nordeste, Deus disse pra mim sair daqui, que ele ia na frente preparando tudo. Eu fui lá, minha irmã tinha uma casinha velha lá de pai, da pra ver nas foto que tá lá. Ela me deu a casa. Me deu, não. Ele me emprestou a casa. Quando eu cheguei aqui, eu olhei...eu saí daqui, troquei meu apartamento por uma fábrica de sorvete, veja só, uma fábrica de sorvete completa. Falei, no Nordeste, é tudo de bom, né? Montar uma fábrica de sorvete. Aí eu fiz a troca. Falei pro cara, segura as máquina aí que eu vou lá espiar, vamos dizer assim espiar o campo, né? Quando eu chego lá, eu vou parar onde? Dentro do lixão da cidade. Comecei a visitar o lixão da cidade. Tudo a céu aberto, sabe? Eu disse não. Não posso fazer isso. Tudo que eu sofri lá naquela cidade gigantesca pra ver a minha cidade com lixão a céu aberto ainda, gente trabalhando desse jeito, não dá. Aí eu falei pra minha irmã, minha irmã me doou a casa dela, me emprestou, eu comecei a pagar aluguel pra minha irmã, tirei a minha irmã da casa pagando aluguel pra ela, demoli a casa, mandei por no chão e, quando cheguei aqui, entreguei as máquinas pro homem e disse "não dá mais, não. Vou fazer o negócio não. Vou mexer com aquilo que eu sei mesmo". Aí eu demoli a casa. Nós começamos a fazer o trabalho. Um coronel lá da cidade entendeu o processo e me doou um outro terreno do lado, me vendeu um e me doou o outro. Tempos depois, quando eu voltei lá, ele me doou mais um terreno de 1.300 m^2 pra mim começar o trabalho. Aí a gente vem trabalhando, comprei todo o material de muro, ainda tô pagando fiado num depósito de construção. O cara me vendeu fiado. E a gente vem trabalhando. Dia 19 de julho do ano passado a gente inaugurou o projeto e começamos a fazer. Agora, como eu não consegui dinheiro ainda pra mim transferir os móveis que é pra gente começar os negócios lá, tô esperando vender esse apartamento pra gente fazer a transferência dos móveis daqui dessa casa. Por que eu vou trabalhar assim, a agência veio e trouxe os móveis dela, então o outro profissional que quer vim trabalhar, traz os móveis dele e trabalha aqui, entendeu, só pra poder a gente movimentar. Aí eu tô com a sala de aula parada aqui, os computador tudo parado, tá tudo pra levar pra lá.

AS: vai tudo pra lá?

FR: vai tudo pra lá.

AS: é a parte social que você tinha me falado. Eu vi também uma biblioteca. É essa aqui, não é? ((a biblioteca fica no mesmo prédio do Banco)).

FR: tem essa daí. Tem alguns livros que já tão encaixotados.

AS: vai pra lá também?

FR: vai tudo pra lá. Vai pra lá por que lá ninguém tem nada, entendeu? Então, ninguém tem e eu sei fazer. Então por que vou deixar aqui? Vai ser útil, né. Vai pra um lugar que é útil, pra onde tem que ser usado. Aí nós criamos a cooperativa lá. Olha esse mês passado, nós conseguimos comprar um caminhão sem nada. Eu tava aqui pensando. Por isso que eu digo que é Deus que vai na frente, Ele disse que ia preparando tudo e Ele preparou tudo. Sabe o que acontece? Meu irmão com um carrinho velho também fazendo coleta numa loja de móveis, o homem disse eu tenho um carro pra te vender, você quer comprar? Meu irmão disse eu não tenho como comprar. Ele disse, não, vai lá ver o carro. Ele foi ver o carro e o homem vendeu o carro pra ele. Um caminhãozinho pequeno que era tudo que a gente precisava lá por 25 vezes, sem dar entrada, sem nada. Você me paga todo mês R$ 1.100,00. O próprio trabalho já vai pagar o caminhão. Hoje nós já temos o caminhão que era o mais difícil. Coisa que eu não tive aqui, lá Deus já preparou, entendeu. Então, quer dizer, quando você faz as coisas com amor e põe Deus na frente, Ele vai, não precisa tá lá. Eu vou pra lá, eu não uso o dinheiro da cooperativa daqui pra ir pra lá, não. Lá me banca. Tô te falando que lá eu tenho mais de dez tonelada de material pra vender.

AS: lá?

FR: lá. Já tá tudo pronto. Eu vou lá e comercializo e eles me paga de volta pra vim pra cá. Eu venho pra cá, trabalho e eles me paga. Então fico só indo e voltando, entendeu? Até eu resolver todas as coisas. Até eu preparar as pessoas que vai tocar, entendeu? Aqui não. Aqui já toca. Aqui já caminha sozinho. Apesar que eu tô desde março, quando cheguei, pra levantar a cooperativa, por que dá uma queda violenta. Por que assim, o fato de eu estar parece que dá uma segurança maior, entendeu? Aí quando eu saio, vai gente embora, entendeu? Tem gente que não sabe por que eu tô aqui, mas tem algum problema lá, eu resolvo tudo. Eu posso tá, eles me liga “Francisca”...gente, vocês têm que aprender a viver sozinho.

AS: qual que é o maior problema da cooperativa? Essa aqui, a Fênix Ágape hoje? Seria o quê? A rotatividade, então?

FR: é. Hoje não é mais nem a rotatividade. Hoje é a falta de capital de giro. Porque se a gente tivesse um capital de giro, por exemplo, hoje se eu tivesse R$ 50.000,00, um exemplo, só pra capital de giro..., capital de giro que eu falo é mão de obra. Não é pra nós comprar, é pra gente pagar a mão de obra.

AS: pra pagar a mão de obra?

FR: é. Por quê? Porque eu teria tempo pra transformar o resíduo. Eu não teria que vender todo dia, entendeu? Eu poderia juntar um mês todo e armazeno o meu material, aí eu venderia, aí eu teria um preço melhor, entendeu? Separação menor.

AS: você vende todo dia, então?

FR: Eu tenho que vender todo dia 10, por exemplo, hoje eu perdi R$ 0,05 no quilo do papelão. Porquê? Porque eu preciso de dinheiro rápido. Então o cara já me adianta a produção, mas enquanto eu não terminar de pagar, ele não me adianta mais dinheiro, entendeu? Aí, pra mim quitar uma dívida, eu vou ter que perder R$ 0,05. Ou perco R$ 0,05 ou vou pro juro. Eu prefiro

não pegar juro, dinheiro a juro, não tem como. Como é que cê pega dinheiro a juro? Eu já fiz isso. Me ferrei, entendeu? Um dia eu saio daqui pra ir arrumar um dinheiro emprestado, um cara me arrumo e disse "ó, eu arrumo no seu nome, no nome da cooperativa não". Não, pode me arrumar. Nós já tava trinta dias atrasado o pagamento, o cara me arrumou R$ 7.500,00. Cheguei, fiz o pagamento e "ó gente, consegui o dinheiro, agora a gente vamo trabalhar pra pagar, né?" Vamo? Receberam o dinheiro, no outro dia não veio um pé de gente, ficou eu...

AS: eu ia entrar em pânico.

FR: foi todo mundo embora. Aí ficou eu, meu filho, essa minha sobrinha e meu marido. Fomo trabalhar. Eu e eles separando o material pra pagar os R$ 7.000,00 que eles foram embora. Por conta disso ainda tenho um processo trabalhista, porque duma delas que foram embora da cooperativa colocou a cooperativa na justiça. A justiça não quis saber, deu ganho de causa, entendeu? Até hoje eu tô prejudicada por causa disso. Então hoje eu não faço mais nada sem ter garantia. Espera, vende. Se tiver vende, se não tiver, paciência. Aquele que puder esperar, espera, aquele que...

AS: mas aí, o pagamento é feito todo dia 10 ou não?

FR: hoje nós temos, nós criamos o mês passado três formas de pagamento. Nós temos pessoas que recebe no dia 10, pessoas que recebe no dia 20 e outras que recebe no dia 30. Porquê? Por que eu ganho tempo, né, pra trabalhar mais o material. Então, o pessoal do dia 10, por conta do feriado, tá atrasado, por que eu não consegui vender nada semana passada. Tô começando a vender hoje. Aí eu vendo, é três dias pra mim receber, por que as empresas paga em cheque ou faz transferência, faz doc, essas coisa toda, entendeu? Então quer dizer, aí desmotiva as pessoas a ficarem esperando pra receber. Porque não é justo, entendeu? Eu concordo. Você trabalhou mais de 30 dias, por que do dia 10 a dia 10, dá 40 dias, não dá? Você trabalha do dia primeiro ao dia 30, fecha a folha, né. Tem mais 10 dias, não é brincadeira, não. Aí desanima. Aí uns vem trabalhar, outros não vem, né. Mas eu tenho um pessoal bacana aí. São gente boa. Gosto muito deles. Eu só queria vender meu apartamento hoje, só.

AS: você ia usar isso de capital de giro aqui, aposto.

FR: todinho aqui. Eu ia usa todinho pra botar a vida da cooperativa em dia pro povo trabalhar. Mas tá difícil. Não tem dinheiro o povo.

AS: essa daqui, a Fênix Ágape, tá aqui desde quando? Desde 2000?

FR: desde 2005.

AS: ah, 2005. 2000 era a outra a Resgate Total, a associação.

FR: que nós começamos com a outra associação em 2000. Nós estamos aqui desde 2005, nesse espaço, mas a gente já vinha. Nós formamos a cooperativa em 2005, entendeu?

AS: ela sempre esteve nesse espaço aqui?

FR: sim. Sempre foi aqui.

AS: o que poderia ser feito pra melhorar as condições? Só esse capital de giro já ajudaria bastante?

FR: Nesse caso porque hoje a gente não tem a estrutura ainda que nós precisa ter pra melhorar a qualidade de vida do trabalho, mas o capital de giro, ele seria uma das fontes que eu teria tempo. Eu com a barriga cheia, eu consigo pensar. Agora, com o estômago vazio, fia, eu não penso. Eu tomo atitude de qualquer jeito, entendeu? Então, quando eu falo eu, eu falo todo mundo. Por que a cabeça pensante sou eu. Eles são o corpo, mas eu sou a cabeça. Então quando eu penso, você não se incomodaria? Não, eu venderia o que eu tenho. Se eu tenho um

apartamento é por que eu tinha onde trabalhar. Se eu não tivesse onde trabalhar, não teria com o que pagar, não é? Então, que nem eu te falei, nada é meu. Faria? Faria numa boa, sem problema. Mas ainda não consegui. Que a ideia minha era pra mim vender pra comprar uma casa lá. Porque meus filhos estão lá, meus dois filhos. Eu mudei pro Nordeste, tão lá, meu filho e minha filha de seis anos que tá lá contando os dia pra mim chegar. Mas foi duro, viu. Pensa numa coisa mais difícil que é ficar longe da família. Tudo, menos ficar longe. Eu nos dois primeiros anos, eu suportei fácil, mas quando eu vi a coisa pegando pra promessa se cumprir que é o ano que vem, entendeu? Tô no segundo ano dessa promessa que Deus fez. Aí esse ano já chorei muito, de madrugada, chorei, chorei. Mas assim, Deus não tem nada com gente covarde, né? Ele quer que a gente seja forte. Por que Ele vai me ajudar. Ele vai fazer as coisas. Aí quando eu vejo a necessidade do meu irmão, Deus me deu um talento, né? Por que eu me sinto uma pessoa privilegiada. Uma mulher que não sabia nada, chegou aqui com uma mala velha de papelão na mão numa rodoviária, sem saber nada, nada.

AS: você veio muito cedo pra cá?

FR: com 15 anos.

AS: o que você fazia antes?

FR: costureira. Eu cheguei aqui. Aí comecei a trabalhar numa loja de confecção, pregando botão de roupa, depois fui ser arrematadeira, dobradeira, aí saí da empresa cinco anos depois como chefe de produção. Era eu que produzia toda essa lavagem jeans, eu sei fazer. Então, eu sei fazer tudo. Eu só não sabia que esse talento ia me servir tantos anos depois, que é agora, na minha empresa, que é o ramo que eu vou entrar agora na questão da costura. Porque que eu fui aprender a costurar então, se eu tô catando lixo no meio da rua? Só que é assim, eu não sabia o porquê. Hoje eu já sei. Quando chegou isso na minha mão, eu falei é agora, que no Nordeste também precisa. Eu tive que me capacitar, fazer, não tem nada de (...) mão que eu não saiba fazer. Mas, como eu te falei, eu não gostava, fazer pelo dinheiro. Quer dizer, eu trabalhava oito horas da minha vida, nunca fui de enrolar em serviço, essas coisas não. Eu chorava, eu fazia, mas eu sempre fui assim, por que eu sempre pensei que o que eu não quero pra mim, eu não quero pra ninguém. A mesma coisa é ser amante de alguém, ter relacionamento com homem casado. Sempre disse não um dia eu vou casar também, não vou querer passar por uma coisa, se foi eu que provoquei, por que a lei da semeadura, você planta, você colhe. É tanto que meu casamento não durou, não. Ele se quebrou no meio desse caminho.

AS: ele não aguentou esse seu trabalho?

FR: Não. Não aguentou. Porque eu avancei muito e meu marido, tipo assim, eu tô a cem e ele a vinte, não acompanhou. E ele não era. Um homem muito trabalhador, mas no meio do caminho a gente se perdeu por aí, mas tá bom. Ele tá vivendo a vida dele, eu a minha.

AS: Você falou uma coisa. Você falou em qualidade de vida no trabalho. Que aliás é um outro item que eu tenho que estudar pra entender um pouco das cooperativa de catadores. Eu tô estudando também sobre isso. ((a Francisca olhou pra o relógio no pulso)). Me desculpe, eu tô tomando muito seu tempo, mas eu...

FR: não, não. Pode falar. Eu tô olhando porque eu tô vendo se carregou o caminhão.

AS: você precisa ir lá ver?

FR: não. Pode ficar.

AS: eu queria entender, por exemplo, umas coisas que eu leio bastante, que eu tenho visto que o pessoal escreve bastante é sobre doenças que os catadores, eles estão expostos, mas eu vi muito mais catador de rua, né?

FR: então. É por causa daquilo que eu te falei. Eles não tomam os cuidados necessários. Se você tá dentro de uma cooperativa, uma das coisas, não pode trabalhar sem luva. Você não pode trabalhar sem bota, sem os EPI's, máscara. Você não obriga, que a máscara, eu tenho caixas de máscara.

AS: eles não usam?

FR: não usam. Um ou outro usa, o resto não. Se você for lá, eles tão com a máscara no cós da calça ou só no pescoço, mas não usa. Mas até aí, você não usar, porque você não quer, é uma coisa, porque você não tem, também é outra. Não quero, não vou te obrigar, mas depois não vem me dizer que não tinha. Então quer dizer, a responsabilidade da cooperativa...eu já trabalhei sem luva e nunca fiquei doente. Nunca peguei hepatite, dengue, leptospirose, que são as doenças que você acaba atraindo por causa do lixo, essa coisa toda. Nunca peguei. Deus, Ele sempre cuidou de todos nós. Aqui nunca ninguém ficou doente. Nunca por causa de resíduo. Nada. Ninguém. E estamos expostos o tempo todo, né. Acontece uma coisa ou outra? Acontece. Um acidente (...) esse dias um rapaz cortou o braço. Porquê? Porque não estava usando a luva. Foi jogar vidro dentro da caçamba, o vidro cortou o braço, né? Quer dizer, mas aí não tenho porquê. Outro dia caiu do caminhão, um dos carinha caiu do caminhão. Mas aí, eu tenho cinto de segurança no caminhão, porque que não usou o cinto?

AS: ou seja, os EPI's, eles existem, mas eles usam se quiser, se não quiser, não usa.

FR: é obrigação usar. A cooperativa tem que impor isso também, mas acabo ficando uma pessoa tão chata, entendeu?

AS: a cooperativa precisa impor isso pra eles?

FR: é uma das exigências. A gente tem que impor. Só que a gente impõe, mas assim, nós somos uma cooperativa, nós somos dono do nosso negócio. Então se eu for dono da minha empresa, eu sou dono da minha saúde. Porque que eu tenho que ficar toda hora, né? Eu não sou patroa deles, não sou mãe deles, não sou irmã deles, não. Eu sou uma cooperada. Eu vou cuidar de mim e vou avisar meu companheiro "ó, meu fio, fica doente, eu não vou te pagar não, viu?". Então, eu não posso ficar me impondo desse jeito, porque ao invés de ser uma parceira dele, vou ser a chata dele. Então eu não sou dona da cooperativa, sou só uma cooperada. Eu vou me cuidar o máximo. Hoje eu estou aqui te recebendo ((refere-se ao espaço)), mas antes eu te recebia aqui dentro ((aponta para o galpão)). Porque eu não tinha. Mas hoje se eu tenho o espaço, porque não? Não é? Não vou te receber bem? Apesar que tá faltando um café. A menina que faz a limpeza não veio hoje.

AS: ah, imagina. De jeito nenhum. Você tá me recebendo tão bem. Obrigada.

FR: quer dizer, não é terra de ninguém, quando eu vou lá e dou meus..., que eu sou muito boa, eu tô aqui, eu guento, eu brinco e tudo, mas quando eu piso dentro, respeito, entendeu? Eles têm respeito. Ter respeito é uma coisa, mas ter medo? Ter bronca? Ter nojo? Sabe, te achar? Respeito é bom e né, a gente quer. Porque também tudo que é pra resolver, vem em cima de mim. Hoje tô com uma causa trabalhista. A justiça apreendeu o quê? Meus bens. Meu carro foi roubado e não pude receber, porque a justiça bloqueou meus bens por causa de uma causa trabalhista. Então, quer dizer, o mínimo que eles têm que ter é respeito mesmo. Agora eu tô pra resolver. Se não resolver, o problema é meu. Eu tô sem cartão de crédito em banco, sem talão de cheque, sem nada. Tô fazendo compra numa quitanda pro meus filho comer lá no Ceará por causa de uma causa trabalhista de um cooperado. E eu nem fui a pessoa chata que eu deveria ter sido. Era uma senhora que entrava e saía da cooperativa. Entrava e saía. Hoje nós temos uma regra. Saiu, não entra mais. A não ser que seja por doença, ou tem um motivo que dê uma flexibilidade. Caso contrário, não entra mais na cooperativa. Porque eu não quero trabalhar? Porque eu não gostei? Eu vou esperar, se melhorar eu volto. Não. Porque tá cheio de gente

querendo voltar hoje. Dentro dessas três mil que eu te falei, tem um monte de gente querendo voltar pra cooperativa. Porquê? Porque hoje eu tenho um banheiro pra usar, eu tenho um refeitório pra gente comer, né? Hoje eu tenho todos os EPI's. Hoje eu tenho um espaço bacana, que não faz vergonha eu entrar e sair. Hoje eu não preciso ir pra rua. Não precisa. Hoje o cooperado, ele não vai pra rua a pé, ele vai de caminhão, entendeu? Mas no tempo do fusca não tem ninguém aqui. Eu disse "ó se eu perder o convênio, vocês tudinho vão embora. Vocês não têm coragem de pegar um saco e ir pra rua, não." Não tem. Nenhum dos que estão aí dentro. Só fazem porque ficam trancado aqui dentro e não tem que pôr a minha cara lá fora. Porque se tiver que pôr a minha cara lá fora, eu vou ter vergonha. É desse jeito. Hoje, que nem eu falo pra eles, se eu perder o convênio com a prefeitura, porque hoje a prefeitura me traz cinco toneladas por dia de resíduo pra mim triar.

AS: ela traz todo dia pra vocês?

FR: todo dia. Mas se eu tivesse que ir buscar lá fora, que nem eu ia buscar no fusca. Quantas vezes? Tinha gente que tinha pena da gente, mas tinha gente que ria da nossa cara. Tinha gente que ria de nós, achava "você é louca. Como é que alguém vai conseguir alguma coisa?" Quando eu chegava aqui, eu dizia...quando eu cheguei nesse prédio abandonado aqui, quando eu cheguei que não tinha nada, quando vinha gente visitar que nem você, eu saía dizendo "ó, aqui vai ser isso, vai ser aquilo", entendeu? Tudo o meu projeto na minha cabeça, eu falava como que era. Tinha gente que saía "essa mulher é louca". Mas quando foi um dia, Deus disse "clama à mim e eu responder-te-ei e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes que tu não conheces". Eu ó comecei a clamar à Deus. Um dia Deus colocou, entendeu? Hoje, eu vivo em SP, eu vivo no Ceará, vivo no Japão, vivo em qualquer lugar desse planeta muito bem, obrigada. Porquê? Porque eu tenho coragem de fazer aquilo que os outros não teriam. Enquanto houver lixo no planeta, não passo fome não, meu amigo. Não passo de jeito nenhum. Nunca passei fome, passei necessidade, é diferente, mas fome? Nunca. Fui criada na roça, fazendo carvão, telha. Tudo que tem dentro numa roça eu sei fazer. E eu não sabia porque que eu fazia tudo aquilo lá, mas minha mãe, analfabeta, quando eu saí de lá, que eu vim pra SP, ela tinha uma inteligência dada por Deus, que sabedoria pra criar os filhos quem dá é Deus, não é o homem, não, é Deus que dá. "Minha filha ó não peça informação pra qualquer pessoa na rua. Quando você quiser uma informação, você pede numa banca de revista, você entra numa loja. Sabe aquela coisa? Parecia que ela conhecia tudo aqui. Nunca veio à SP. Foi ver esses tempos, depois que a gente veio vê aqui. E eu precisei dos conselhos da minha mãe, porque um dia eu saí de casa pra arrumar um emprego, eu vim pra cuidar da sobrinha de uma tia. Minha tia, um belo dia, pegou as crianças, deixou na casa de uma pessoa que eu nem sabia quem era, acordei e não vi as crianças dentro de casa. Ela tinha deixado numa vizinha e eu esperei ela chegar de noite, eu desesperada não sabendo onde é que tava as crianças. Porque eu dormia e quando acordava eu ia perguntar das crianças. Ela simplesmente pegou as crianças e deixou numa outra pessoa cuidando. Eu fui pra casa dela e não tava as crianças lá. E aí eu saí um dia pra arrumar serviço, sozinha, sem conhecer SP, com 15 anos. Só que eu saí, e nessa firma que eu fiquei cinco anos, eu cheguei lá a moça disse "você sabe pregar botão?". Ah, eu pensava que era pregar botão com agulha, né, que a gente pregava muito. "Sei." "Eu sei pregar botão". "A gente tá precisando de uma botoneira". "Eu sei pregar botão". "Você sabe?" "Eu sei". Só que aí, ela me deu uma chance, mulher, de olhar. Quando eu vejo assim, o povo tava botando na maquininha o botão de pressão, sabe? E pregando. Aí ela veio "você vai fazer um teste". Só que nesse teste, eu já tinha visto como que a menina tava fazendo. De longe eu já vi. Eu encostei lá e ela disse "vou te ensinar aqui, mas a gente só dá uma explicação.". "Tá bom, me dê a explicação". Eu arrepiei. Quando foi cinco horas da tarde, a mulher disse "ó, você passou no teste, só que a gente tá precisando pra começar hoje. Você pode ficar até mais tarde?". Ah, quem tá começando minha filha, sem comer nada, sabe? Falei "fico até mais tarde". Só que eu entrei na empresa de dia, quando fui sair, dez hora da noite,

escuro, minha fia, escuro. De noite, todo gato, né? Quando eu saio na rua, minha fia, eu não sabia onde eu estava mais pra ir embora pra casa.

AS: e aí?

FR: e aí que eu me lembrei dos conselhos de mamãe, né? Nunca pegue informação com qualquer um na rua. Encontrei uma banca de revista. Eu tava com o endereço no bolso, né? Põe o endereço no bolso, porque eu não sabia, não conhecia nada. Nada, né. Nada dentro de SP. Não procure informação com qualquer pessoa. Me passou o quê? Me passou uma viatura na hora que eu tava na banca. Eu dei sinal pra viatura. "Moço, eu tô perdida, moço. Saí de casa pra vir trabalhar, arrumei serviço aqui nessa firma, só que eu não sei mais voltar pra casa." Ele disse "você tem o endereço?". "Tenho". Eles "entra aqui, nós vamos te levar.". Lá na vila Maria, na Guilherme Coute, ali. Na vila Maria, era ali que eu morava na época. Enchia demais lá. Dava enchente. Cinco vezes minha casa encheu ali. Quando eu cheguei nesse bairro aqui, eu cheguei com a roupa do corpo, pra morar na casa dessa tia, que um dia tinha me deixado na rua, quando nós viemo pra cá. Aí, quando eu chego, minha irmã, coitada, já tava no portão desesperada, sem saber o que fazer, que não sabia onde eu tava. Que antigamente não tinha celular. Você lembra que o celular era desse tamanho. Minha colega tinha um celular desse, que ela comprou, eu disse "ó, tu me empresta o celular que eu vou lá na quitanda, que tinha um rapaz que eu tava a fim dele. Quando eu chegar na quitanda, tu me liga pra eu atender na frente dele (risadas). Aí eu chego, minha irmã tá desesperada lá, quando ela me vê eu chegando na viatura, ela disse pronto, o que aconteceu com essa mulher que agora chega na viatura? Nada. Aí o policial me deixou na porta. Você acredita que num tempo desse ainda tinha gente que..., hoje em dia o policial não leva mais não. Mas, naquela época, ele me levou na porta de casa, porque era de noite, eu não sabia. Só que aí depois eu aprendi depois o caminho, porque eu saía a cinco hora tarde e fui crescendo desse jeito.

AS: nossa Francisca. E dentro dessa sua experiência toda, que é uma bela duma experiência. Você já passou por coisas que a grande maioria não passou. Hoje você tá aqui com a cooperativa. Obra tua. O banco. Essas parcerias. Projeto social no Nordeste. Capacitação aqui, que é o novo projeto. Na sua opinião, quais são as vantagens da cooperativa e quais seriam as desvantagens?

FR: então, uma das desvantagens é essa que eu tô te falando. É você não ser o patrão. Porque o que eu vejo muito aqui hoje, é alguém querendo um patrão, entendeu? É mais fácil eu ter um patrão, do que eu ser dono do meu negócio. Se eu sou a patroa, aí eu exijo, eu ponho o pé firme e digo eu quero isso, eu quero aquilo e você vai trabalhar, você vai fazer e no dia eu vou tá com o dinheiro pra te pagar, entendeu? Mais difícil pra mim é isso. Porque eu tenho vontade de ser patroa, viu, ainda por cima, lá na frente, né. Pra ter isso, pra quando chegar o dia, o cara me cobra, você cobra de mim, eu cobro de você. No dia eu vou ter o dinheiro. Então o mais difícil, creio eu, é isso, não ter o dinheiro pra ser o patrão realmente. Você é cooperada. Porque ninguém acredita que eu sou cooperada. Ninguém acredita que eu sei triar material. Porque esses dias, no mês passado, eu tava com a produção zero. Mil e trezentos quilos por dia.

AS: mil e trezentos quilos por dia só? De cinco toneladas que eles trazem?

FR: de cinco por dia. Hoje, nós estamos chegando quase a cinco por dia. Eu tava com mil e trezentos quilos por dia. Falei o que tá acontecendo? Botei meu uniforme e fui lá pra dentro. Disse eu quero saber. Porque eles acham que eu não sei fazer. Eu falei não tem nada dentro do meu negócio, minha filha, que eu não saiba fazer. Nada. Aqui dentro não tem nada que eu não saiba fazer. Desde a administração até a separação, comercialização, tudo eu sei fazer. Eu fui lá pra dentro. Eu disse "eu quero saber o que tá acontecendo". Aí eu comecei a ver gente que não trabalhava, o outro que queria trabalhar, né, e o outro que não tava nem aí pra nada. No

primeiro dia, eu já tirei quem não queria trabalhar. Disse vai pra lá você. Não quer fazer. Não mandei ninguém embora, mas eu quero saber porque você não tá produzindo.

AS: mas se ganha por produção, não quer trabalhar?

FR: então. Não quer. Tem gente que não quer. Aí, gente ganhando R$ 16,00 por dia, gente ganhando R$ 8,00, você acredita? Eu falei "gente, o que tá acontecendo?". O que te motiva a sair da tua casa, da tua cama quente, que eu acho que você tem uma cama, que você não mora na rua, entendeu? Ou você tem uma cama ou mora de favor, mas você tem um lugar pra dormir. Porque você nem veria aqui, se você não tivesse. Porque, primeiro, catador ele não entra aqui porque ele acha que ele não pode, né? O destino dele é puxar carroça e viver a vida inteira nessa vida miserável que ele escolheu pra ele. Porque é cada um que escolhe o seu futuro. Então, o que tá acontecendo? Fiquei o primeiro dia. Observei tudo. Vi quem tava, quem não tava, fui mudando. No segundo dia..., comecei na semana numa segunda, quando foi na sexta-feira, gente que tava ganhando R$ 8,00 já foram pra R$ 35,00. Gente que não ganhava R$ 16,00 foram pra R$ 40,00, R$ 60,00. Eu tenho gente que ganha isso, por dia. Tudo porquê? Desmotivado. Nós saímos de uma produção de 1.300 quilos, pra 4.000, 5.000. Hoje eu preciso de 20 pessoas na produção pra que eu faça 5 tonelada por dia. Mas porquê? Porque não queria trabalhar. Aí eu tirei todos aqueles que não queria. Eu disse, minha filha, aqui não é lugar pra você, não. Aqui a realidade nossa aqui é outra. Ou nós trabalhamos ou não pode ficar. Eu não vou ganhar R$ 8,00 por dia. Não tem essa condição. Eu já ganhei R$ 5,00. Eu já ganhei R$ 85,00 por mês. Já ganhei no passado. Eu não fiz tudo isso daqui pra mim tá ganhando e você dizer no final do mês que eu tô te explorando, que aqui não presta, que isso, que aquilo. Que aqui não paga ninguém. Como é que eu te pago, se você não produz? Não tem como. (...)

AS: ou seja, você arregaça a manga e foi lá.

FR: fiquei uma semana. Quase me lasquei de trabalhar, porque depois se você fica um tempo sem botar a mão muito na massa, você fica arrebentado. Chegar em casa, tomar banho e dorflex. (risadas). Eu tomo dois dorflex de noite. Tomava um banho bem quente. Não abro, não abro. Cê tá achando que eu não sei fazer? Cê tá achando que eu não sei fazer? Eu sei fazer, meu filho. E eu desafio qualquer um de vocês, mesmo moída do jeito que eu tava já, qualquer um de vocês a medir a minha produção aqui. Se eu não der esses 270 quilos por dia, eu me retiro do meu cargo. Eu vou lá pro Nordeste, que lá tão precisando de mim. Cês não tão precisando de mim aqui não, mas lá no Nordeste tão. Pessoal tão me esperando doidinho que eu vou lá, pra vender o material deles pra ele receber, que lá tem três meses que eles não recebem. Estão só juntando material. Porque não é que eles não sabem vender. É que eles não têm o traquejo ainda. Se eu deixar eles vender, eles vão perder dinheiro. Então eles preferem tá acumulando, pra quando eu chegar lá, eu fazer o negócio pra eles. Que já tô daqui tentando os contatos, entendeu? Eu vou lá pro Nordeste, porque meus filhos tão lá, minha mãe, meu pai, meu pai não, meu pai já é falecido, meus parente...

AS: sua família.

FR: minha família tá lá, eu fico aqui pra ajudar vocês e vocês não querem nada? Aí, tem uma senhora ali que ela não passava de 80 ((quilos)). Na segunda semana, ela arrebentou. Ela fez a produção dela. A Marinalva, até te apresento. Mas depois de uma semana, ela já tá desmotivada de novo. Ela vai e volta.

AS: tem que ser constante ali com ela? Junto dela?

FR: a conscientização é todo dia. Todo dia é uma injeção, como se fosse um comprimido que você tem que tomar. A motivação é todo dia. Todo dia. Todo dia você tem que tomar, entendeu? No dia que eu entro lá, tem dia que eu passo, que eu não falo com ninguém. Tem dia que eu tô com a minha cabeça em outro lugar, eu entro e saio e vou embora. Aí no outro dia, elas já vêm.

Francisca passou, mas nem falou comigo. Eu não falei com vocês, mas eu sei exatamente o que vocês estavam fazendo, entendeu? É sério. Eu não falei com vocês, mas elas sabem que eu tenho muitos problemas. Essa semana mesmo, foi uma semana louca.

AS: Nossa Francisca, muito obrigada por me receber. Que delícia.

FR: nada. Pra mim, eu te falei que é um prazer. Eu adoro. Mas assim gente, chega uma hora que a gente se cansa. Muitas vezes já deu vontade de desistir. Senão fosse uma promessa, eu já tinha desistido.

AS: você começou com uma promessa?

FR: não. Eu comecei por necessidade mesmo. O que me levou hoje a eu continuar foi uma promessa de Deus na minha vida, que Ele me disse que meus ganhos serão consagrado, todos à Deus, e os meus ganhos por de toda terra, entendeu? Então, onde tem lixo? Lixo tem em todo país. Um dia Deus disse pra mim que eu ia viajar os quatro canto do mundo, que iam me conhecer nos quatro canto do mundo. Eita, vou pegar um avião, né, e vou andar os quatro canto do mundo. Deus não trabalha como eu quero, não é no meu pensamento, é na forma Dele. Quando foi um belo dia eu fui parar em quarenta países com a rede Record de televisão com uma matéria que tá em mais de sessenta países hoje, né? Olha aí, se eu tivesse botado na minha cabeça que ia viajar, eu tava perdida, né?

AS: mas você foi pros quatro cantos. Conheceram você.

FR: mas não foi do jeito que eu queria, né? Foi do jeito que Deus quis. Ele disse que eu seria conhecida nos quatro cantos, e eu fui conhecida. Toda uma internet, é uma coisa fabulosa. Você coloca catadora Francisca.

AS: você tá lá. É muito fácil.Tem alguma coisa aqui? ((me referi as fotos e reportagens na mesa)).

* acontece uma interrupção pra perguntarem sobre quem é o responsável por carregar o caminhão.

AS: por falar nisso, qual é o material mais recolhido por vocês? Ou não tem isso? Não é o que vocês recolhem, é o que a prefeitura traz mais. Qual que é o mais triado?

FR: não. Hoje vem todo tipo, mas hoje vem mais papel, infelizmente.

AS: não é bom?

FR: não. O preço é muito baixo. O melhor é plástico, alumínio, entendeu? Mas assim, papel, todos os papéis tá terrivelmente, se você for lá agora, tão terminando de carregar um caminhão que vai dar mil e poucos reais, um caminhão lotado de material.

AS: depois você me apresenta lá. Pode?

FR: apresento, claro.

AS: eu também ia pedir a gentileza se eu podia tirar foto.

FR: pode.

AS: eu quero tirar principalmente das frentes. Achei tudo muito lindo, tudo arrumadinho, pintadinho. Nossa.

FR: então. Porque é assim. Todos nós produzimos lixo, mas ninguém quer o lixo perto de você. Então, primeira coisa que você faz? Tira o lixo. Tira e joga fora. Então eu sempre pensei assim, eu tenho que ter um lugar mais ou menos organizado possível. Difícil é manter isso com um monte de cabeça de que nós temos que trabalhar pra pagar uma faxineira, por exemplo. Nós

temos uma moça que faz toda a limpeza. Nós temos um rapaz que faz a manutenção quando dá. Uma vez por ano, nós pinta. A gente dá uma repaginada. Porquê? Alguém acreditou no que eu tô falando aqui. Eu quero que um dia, a mulher da Record que foi o sonho dela. Se um dia ela desejar e vim aqui, ela vai encontrar aquilo que ela deixou pelo menos cuidado, não é? Tem que tá cuidando. Não foi fácil. Isso aqui foi difícil. É dinheiro que alguém doou. Alguém pegou seu dinheiro sem me conhecer e pôs no bolso. Eu quero ver. Porque não foi no meu bolso. Porque um dia eu tive R$ 450 mil na minha conta. Essa obra custou aqui pra mim R$ 450 mil. Eu passei o final de ano com R$ 300,00 no meu bolso. Deus falava pra mim, não é seu, não toque, um dia você vai ter que prestar conta. E justamente. No dia de prestar conta, no dia quando um diretor grande da Record veio aqui, um dos cara que tava nesse negócio chegou aqui "Francisca, você sabe quanto que é a obra aqui?". Eu disse "sei, R$ 450 mil". Ele falou assim "não. Foi um milhão de reais." Eu disse "um milhão? Meu amigo, eu vou prestar conta de R$ 450 mil que entrou na minha mão. O restante é você". Que todo dinheiro que entrou, eu tenho nota pra pagar, eu tenho tudo. Eu com o fusca velho, ele falou o quê esse cara? Olha a intenção do maligno como que é. Tira da obra mil reais por semana e paga esse carro. Eu grávida da minha filha. Vai lá e compra umas roupas pra você, porque você vai precisar. Não. Não vou precisar não. Não se preocupe comigo, não. Ele queria me levar pra esse lado pra na hora que ele...eu tinha que ser conivente com ele. Eu tinha que dar um serviço pra ele, do qual ele me roubou, entendeu, prestar conta pra ele. Eu passei um dia, e meu ex marido, um cabra honesto, diz que um homem honesto custa caro. Ele ficou com trezentos reais no bolso. Nós passamos o final do ano. Nós podia pegar esse dinheiro e ir lá no Ceará. Tudo na minha mão. Cento e cinquenta e sete mil, nós tinha ainda no último ano no final da obra aqui. Podia pegar um avião e ir lá ver a minha família. Podia comprar a melhor ceia de Natal pra eles. Hoje a coisa mais fácil que tem é você pegar uma nota fria. Mas Deus disse que não era meu. E eu não deixei o poder subir a minha cabeça, não. Eu tô aqui, do mesmo jeito. Eu tô aqui, porque eu tô fazendo. Eu não tô contando mentira pra você. Se tá vendo. Lá você olhou. Então, tá aqui do jeito que eu tô falando. Se eu entrar lá dentro, se eu perguntar até hoje quem não recebeu até hoje? Todo mundo vai dizer, vai ter uns ou outros que vai começar até me xingar porque não recebeu ainda. Eu tô dizendo que o dinheiro tá lá. Se eu entregar esse material, até o final de semana eu tenho dinheiro. Não tenho na hora que você quer, mas vou ter. Eu falo pro pessoal "gente, eu não vou ficar aqui", mas eu quero que a porta esteja aberta pra mim voltar aqui. Que eu tenho um trabalho lá no Nordeste, vai ser espelhado daqui, né? Aqui vai servir como base pra mim lá. Prova disso foi o quê. O cara conhece minha história e fala "não, eu quero um negócio desse aqui também". Toma o terreno, toma isso, toma aquilo, eu te vendo o material. Tô pagando tudo, mas abriu porta, não abriu? Se eu tivesse feito uma sacanagem por aí? Tem gente que me ama, mas tem outros que me odeiam também, mas isso é normal. Eu acabei de vir de uma cooperativa que é aqui na rua da Assembira que fui eu que montei a cooperativa. Trabalhei três anos pra levar, passando fome. Indo em reuniões, não sei o quê. Consegui trazer a cooperativa pra dentro do Itaim, por isso que eu criei a Fênix, que se chama Fênix Ágape. Três anos depois, eu consegui a cooperativa toda montadinha pra cá. Esse tal de Movimento Nacional de Catador vinha capacitar os catador, eu não tinha uma visão capitalista, mas me deram uma missão de eu ir nos ferro velho, pegar gente e por dentro da cooperativa. Um espertão daqui do bairro viu a possibilidade dele crescer mais ainda, que ele dono de ferro velho, sabia quanto que gerava de dinheiro por mês numa cooperativa, porque se ele comprava material, então ele sabia. Eu nunca tinha vendido uma tonelada de material, mas ele vendia, então ele sabia quanto que dava de dinheiro. A primeira coisa que ele fez, fechou o ferro velho dele e foi pra dentro da cooperativa. Lá dentro começou a propor o quê? Compra de votos. Os catador pra votar nele pra ser o presidente. O próprio catador que eu tinha tirado da rua, me ameaçou de morte. Disse que não dava na minha cara...uma pessoa que eu tirei da rua. Eu deixei de colocar gente dessas daqui, gente boa pra ajudar, a mandado dele. Prometeu cesta básica, prometeu dar um dinheirinho a

mais pra cada um, se votasse nele. Nós fomos pra uma coisa democrática, votar e o cara comprou o voto. Os catador votou nele, ele foi o presidente. E eu? Dois meses depois fui convidada, pra não dizer expulsa de lá, a sair de dentro da cooperativa. Vim pra rua de novo. Então, fui parar aqui ó. Fui parar aqui, era um terreno de esquina. Fui parar na rua de novo. Sem nada. Sem o povo. Deixei tudo lá. Voltei pra rua. Fui catar lixo na rua. Montei outro grupo. Juntei outro grupo. Onze, grupo de novo. Juntei e criei a Fênix Ágape, fui pra dentro prefeitura e disse "você vai ter que me engolir". Hoje nós somos a única subprefeitura que tem duas centrais, dentro do programa antigo, conveniada. E hoje o cara é meu amigo. Meu amigo assim ó ((gestos de suspeita)), entre aspas, que ele faz as cagada dele lá e eu tô na minha. Tô na minha aqui. Mas foi uma luta. Pensa você ser ameaçada de morte? Ameaçada. No dia, o cara parou a esteira e disse "só não te dou na tua cara, porque tu é mulher". Ah menina, o negócio cresceu dentro de mim. Eu disse "ó, cê tem razão, sou mulher, mas eu tenho sangue que corre na minha veia que é de um homem. Pode dar. Só que é o seguinte, meu amigo, não deixa eu levanta, não. Me trata de cair pra eu não levantar nunca mais do chão, que se eu levantar, de uma forma ou de outra, não vai prestar. Porque você pensa que eu sou sozinha? Eu sou sozinha, mas eu tenho um Deus que tudo pode e eu tenho família, sou cão sem dono não". E aí eu tive que sair de dentro da cooperativa. Mas aí Deus falou que ia me dar tudo de novo. Eu tenho tudo de volta, melhor ainda. Se você chegar em qualquer cooperativa, você não vai sentir esse clima gostoso, entendeu?

AS: vocês são os primeiros que eu venho. Eu quero visitar mais, até pra conhecer a história. Fazer uma comparação. Como que é. Eu não imaginava assim. De chegar, de entrar, tudo organizadinho. Tudo certo.

FR: você vai. Lá dentro, lá é o operacional ainda, não é assim, né.

AS: você tem a parte administrativa separada. Eu pensei que fosse de repente tudo junto. Eu tinha visto as fotos, mas não dentro da cooperativa. Sempre do lado de fora, o Banco e a parte que tá escrito Fênix Ágape, tá bonito. Nossa. Bonito. Arrumadinho.

FR: é. Aqui é a parte administrativa, fica aqui na associação e o operacional é lá. Até porque eu tenho que desvincular. Que nem eu te falei, ninguém quer o feio perto, mas eu paguei um preço muito alto, até mesmo com os catadores, pra que a gente esteja organizado. Quem passa por aqui, assim tinha um, aqui não tinha um muro, era uma luta, porque o povo queria fazer baixo assinado pra tirar nós daqui. Quando na verdade, quando eu cheguei aqui, aqui era um lugar de velório. As pessoas morria, vinham velar aqui no galpão véio de ferro ((me mostra fotos)). Era onde velava as pessoas que morria aqui do bairro. E não tinha cerca nenhuma e aí os cara pegava as moças e trazia aqui pra dentro pra estuprar, pra fazer um monte de coisa. Usuário de droga. Então, quer dizer, quando eu cheguei aqui, era desse jeito.

AS: e eles ainda queriam tirar vocês daqui?

FR: queriam. Aí começaram a fazer...,porque quando cheguei aqui, os ratos andavam em cima do muro, dos muros das casas delas, eu via. Aí um dia chegou uma dona de casa "é porque tá muito mal", eu falei "ó, tá com a placa escrito Fênix?" ela disse "não". "Então não é meu. No dia que você chegar um rato lá com uma placa escrito Fênix, se traz ele pra cá, que eu vou cuidar. Porque a estatística mostra que cada um de nós tem tantos ratos. Se a senhora não sabe, a senhora tem direitos. A senhora tá fazendo o quê com os da senhora? Porque o meu, eu tô cuidando." Eu tenho a zoonose que passa aqui todo mês, tenho desratização que vem aqui, eu tenho o pessoal da saúde que acompanha a gente. Tá aqui, tudo assinado. Eu tô cuidando dos meus ratos, agora se tiver escrito Fênix lá, é meu. Pode trazer que eu cuido dele. Olha, mas esse dia.

AS: meu Deus. Imagina ela ouvir um negócio desse.

FR: até hoje eu dou risada disso.

AS: porque você não tá esperando isso.

FR: não. “é que a senhora tá trazendo rato.” “eu tô trazendo? A senhora tá fazendo o quê pelos seus? Os meus tá aqui.” Já mostro logo, que eu tenho um papelzinho aí. O acompanhamento da zoonose a cada quinze dias vem aqui. Eles faz a desratização, eu tenho acompanhamento da dengue, essas coisas todas a gente tem. Nós temos tudo. Nós somos legalizados, entendeu? Até então era dezesseis rato por cada moradia. Ah, a senhora tá cuidando do seu? Porque eu tô cuidando dos meus aqui. Se estiver escrito Fênix é meu. O pior é que você quebra o gelo de qualquer pessoa. “Tá brincando com a minha cara? Não, minha senhora. Tô falando a verdade.”

AS: quer dizer, eu tô fazendo a minha parte. Cada um tem que fazer a sua.

FR: exatamente.

AS: Muito obrigada, Francisca.

APÊNDICE D – Entrevista com as Gestoras da Cooperativa Cooperação

Data da entrevista: 14 de julho de 2015
Local: Cooperativa Cooperação – Vila Leopoldina (Lapa) / Zona Oeste de SP
Hora de início: 14:00hs Hora de Término: 14:45hs
Nome dos entrevistados: – Hélia Terezinha Pereira Oliveira (representada pela sigla HO) – Maria Ivete de Lara Lima Joviano (representada pela sigla IJ) – Regiane Rodrigues Farias (representada pela sigla RF)
Cargo/Função: respectivamente – Conselheira Fiscal – Conselheira Administrativa – Conselheira Administrativa
Mestranda: Audrey Silva (representada pela sigla AS)

AS: Eu queria saber a história dessa cooperativa...

HO: A história dela é quando ela se iniciou, né?

AS: Isso. Como que ela começou?

HO: Ela começou com grupos. Era assim, era sete grupos. Cada grupo em uma região, né?

AS: Seriam grupos de catadores? E cada grupo de uma região?

HO: Eram sete grupos de cada região, né. Tinha aqui do Jaguaré, tinha lá de Pirituba, aliás tinha duas de Pirituba, né Ivete? Tinha a Recicla Pirituba e tinha da onde eu vim. Então foi juntado três cooperativas, se juntou, né, pra formar a Cooperação. Em primeiro plano, a cooperativa ela ia ser uma cooperativa de segundo grau.

AS: O que é isso?

HO: Como que iria funcionar? Os grupos iriam levar o material pra cá. Aqui seriam juntados todos pra juntar o volume pra gente poder fazer a comercialização deles, né. Porquê? Pra gente vender pra empresa, nós teríamos que ter volume. Porque a empresa não vai buscar um "*ba*guinho" de material num lugar. O que ela quer é volume. Tudo prensado. É de tonelada que ela leva, a empresa. Então a ideia era essa. Os grupos, tirar dois ou três de cada grupo, vim pra cá e formar a Cooperação. Mas aí chegando esses grupos, nós estávamos na usina de compostagem. Foi o primeiro lugar que a Cooperação se fixou. E lá, a usina de compostagem, funcionava a usina de um lado e a cooperativa do outro.

AS: Onde era isso?

HO: Aqui do lado. Não tem um Extra ali? Atrás do Extra. Ali era uma usina de compostagem. Tá até desativada hoje. Foi desativada. Antes de ser desativada, a gente ficou lá, né. A gente trabalhou junto com a usina. Tem um bom tempo. Depois a usina foi desativada e a gente ficou. Aí a prefeitura, os moradores começaram a fazer palestra pra sair de lá, pra gente poder sair de lá, porque o cheiro era muito forte por causa da usina, e eles achavam que era por causa da cooperativa.

AS: E não era a cooperativa?

HO: Não, porque...é...de alguma forma, eles queria que a gente saísse já, de qualquer jeito. Mas tudo bem. Aí a prefeitura arrumou esse galpão pra gente.

AS: Esse aqui onde vocês estão hoje?

HO: É, esse aqui. A outra era bem mais espaçoso.

AS: Era maior do que esse?

HO: Era uma área livre, né.

IJ: Era umas dez vezes. Era muito. Era uns cinco mil metros?

HO: Acho que cinco mil é aqui, né?

IJ: Cinco mil é aqui, né? Era muito grande lá.

AS: Nossa. Aqui tem cinco mil metros quadrados? É tão grande.

HO: Eu acho que é, não tenho certeza, não.

IJ: Aqui é mil e quinhentos. Parece que eu vi num...

HO: É? Não sei. Sei que lá era bem grande.

IJ: Lá cabia três cooperativas e ainda sobrava. Três cooperativas, mais a nossa e ainda vem a Vira-Lata...

HO: E sobrava espaço.

IJ: Sobrava muito espaço lá.

HO: Então. Aí no fim, acabou acontecendo o quê? Que essa junção de Cooperação com os grupos não deu certo. Aí acabou morrendo os grupos, quase todos morrendo. Hoje só tem o quê? Nem...não tem nenhum mais. Nenhum hoje. Não tem nenhum grupo. Tá todos aqui ó ((aponta para a área operacional, pela janela)).

AS: O que aconteceu? Porquê não deu certo?

HO: Porque assim, não deu certo porque assim, o grupo precisa de..., pra fazer o trabalho precisa-se de maquinários, caminhões pra coleta e várias outras coisas, documentação que é pra prefeitura, essas coisas. Então, não tiveram perna pra fazer isso. Não tiveram dinheiro, porque não entrava. Era bem fraquinho mesmo. Então acabou morrendo os grupos. Só sobrou a Cooperação.

AS: A cooperação existe desde quando?

HO: Ela existe desde 2003, né Ivete?

IJ: Ela tá com treze anos, 2002.

AS: 2002? Estamos em 2015. É.

IJ: Ela fez treze anos agora dia 29 de maio.

HO: Eu vim pra cá, ela tava com um ano e uns meses.

AS: Então você veio logo no comecinho.

HO: Logo no começo que eu vim. 2003 eu já tava trabalhando aqui.

AS: Me desculpa, a “Beth” me apresentou, mas eu não ouvi o seu nome.

HO: Hélia.

AS: É diferente. Igual meu nome Audrey ((segue um pouco com risadas))

AS: Você faz parte hoje da coordenação daqui? ((pergunta para a Hélia))

IJ: Da tesouraria. Ela é tesoureira.

HO: Eu faço parte do administrativo. O administrativo a gente muda. São cinco integrantes, né, que é presidente, secretária, tesouraria, 1ª vogal e 2ª vogal, que seria suplentes. Seria dessa forma. E depois vem os fiscais que também são diretores, mas assim, ativos assim no caso, tá lá embaixo, produzindo, blá blá blá. Eles são bem fiscalizados, entendeu? Esses são seis fiscais, três afetivos ((deve ser efetivos)) e três suplentes, né. Todo mês eles sobe pra fiscalizar as pastas ((me mostra várias pastas com informações contábeis da cooperativa)).

AS: Esses fiscais são de onde?

IJ: São nossos cooperados mesmo.

HO: São daqui mesmo.

AS: É tudo cooperado?

HO: É tudo eleito pela uma assembleia. São todos eleito pela uma assembleia. Como que nós fazemos? Nós fazemos cédulas. Vamos montar o nosso corpo administrativo. Aí eu chamo ela, vamos supor. Chamo outro, chamo outro, até completar os cinco. É aceite assim. Dá a função pra cada um e mesma coisa é o conselho fiscal. Chama um, chama outro pra formar o conselho fiscal. O atuante e o efetivo. O atuante que vai atuar e o suplente que fica, se caso um faltar, né, do conselho fiscal. E assim é formada a parte administrativa. E que mais cê quer saber?

AS: É que é tudo tão grande (...). A sua atuação hoje nessa área administrativa, você fica no administrativo, você não vai mais pro campo operacional?

HO: Não. Enquanto eu tô no administrativo é só nessa área, pra cuidar das contas...De vez em quando é que a gente desce lá embaixo, se for necessário ajuda. Se tiver assim, porque nós temos uma contratada que ela mexe bastante, ela também ajuda na área administrativa. A maioria das coisas é ela quem faz. Então sobra um pouco de tempo pra gente ir lá embaixo ((dentro do galpão foram construídas salas para a administração, banheiros e refeitório e é necessário subir algumas escadas para se ter acesso)).

AS: Gostei, mas é bom porque vocês olham lá, vê o que tá acontecendo. Tem que ir lá ver.

HO: Isso. Mesmo porque...

IJ: No final de semana e feriado a gente também trabalha lá embaixo.

HO e IJ: De sábado e feriado a gente vai pra produção.

AS: Então vocês não ficam só no administrativo.

IJ: O escritório fica fechado, a gente vai trabalhar com aqueles que vem. Aqueles que vem, né? Porque é opcional, né. Então com aqueles que mais vem, nós trabalhamos lá embaixo.

((Nesse momento entra na sala a Regiane e um coordenador))

HO: Aqui ó. A Rê também é uma do nosso administrativo e ele é coordenador ((Sr. Roberto)).

AS: Oi. Tudo bom? Tudo bem?

IJ: Ela tem duas função, não sei porquê, mas ela é mais bonita que nós, né? ((em tom de brincadeira)).

RF: Mas não tenho dois salários.

AS: Então tá melhor, mas também trabalha mais.

RF: Ah, mas tô brigando pelos dois salários.

((risadas))

HO: Quem sabe um dia consegue?

((Me apresento para Regiane, explico quem sou e o que faço lá. Informo que a "Beth" já me mostrou a cooperativa))

RF: Então a minha parte ela já fez ((em tom de brincadeira)).

IJ: Eu te procurei pra você me ajudar lá embaixo. Não te achei ((para a Regiane)).

HO: ó Audrey. O Carlos ((rapaz que trabalha nas prensas)) é esposo dela.

((falo que fotos que tirei eu que vou enviar para o e-mail da cooperativa))

RF: Ele ((o esposo)) não é bem um cooperado, né, que ele tem pouco tempo.

HO: ((discordando)) Ele é cooperado. Entrou aqui, passou do portão pra dentro, é cooperado.

RF: Ele não é um cooperado ainda. Ele é uma pessoa assim que ainda precisa aprender um pouquinho mais de cooperativismo. Que ele ainda tem a cabecinha de empresa.

HO: Mas ele é um sócio.

RF: É um sócio.

AS: Ele ainda pensa aquela história de ser funcionário, de ter carteira assinada?

RF: Não. Carteira assinada, não. Mas ele acha que tem que ter patrão sim, que senão as coisas não anda. E ele ainda pensa aquele negócio assim, ele não entende, tipo assim, abaixa, aumenta, abaixa, aumenta ((se referindo ao recebimento mensal)). Ainda não cai. Uma pessoa que trabalha muito tempo fichado, demora cair um pouquinho a ficha.

AS: Ele tá há pouco tempo?

RF: Quatro, né?

AS: Quatro anos? Ah, não. Já deu pra cair a ficha.

RF: É porque tem pessoa que é mais lento.

HO: Talvez porque ele não aceite. Agora tem uma diferença de saber e conhecer e de aceitar. É que nem a verdade. Você sabe, você conhece, mas você aceita? Aí tá o problema. Aceitar as coisas

RF: A vida dele aqui que tem quatro ((anos)), outros que tem oito, sete, tem a cabeça um pouquinho mais aberta, um pouco. Então aos pouquinho, além de eu buzinar aqui, buzino um pouquinho também em casa.

((brinco um pouco sobre o assunto))

RF: A gente tem que ensinar. Ainda mais quando a gente sabe, a gente ensina.

AS: Pôxa, que bacana. Muito obrigada também, viu Rê?

RF: De nada.

AS: Eu tô aqui perguntando umas coisas, mas é só pra eu entender.

RF: Igual há onze anos atrás, não, há treze anos atrás que eu comecei a entrar no ramo de cooperativas. Eu trabalhei em grupo, trabalhei na rua...

HO: Ela puxou carrinho.

AS: Puxou carrinho? Mulher puxando carrinho?

HO: Ela foi uma das pessoas que puxou carrinho.

RF: Aí o que aconteceu? Quando que tava nós dois desempregado. Quando cheguei aqui, me explicaram como é que é.

HO: Ela é uma dos sete grupo.

RF: Aí o que acontece? Ele caiu fora de primeira. Tô desempregado, mas isso não é vida pra mim, não. Independente.

AS: E você continuou?

RF: Eu assisti a palestra. Eu falei eu preciso, eu quero e vou continuar. Ele ficou dois anos desempregado, enquanto eu tava na cooperativa, em grupo, mas ele não quis. Depois de muitos anos, depois de quase oito anos, ele pegou umas férias e aí veio aqui ajudar a gente a prensar aqui. Nessas férias que ele pegou, ele já tinha sete anos numa empresa. Aí ele conheceu o trabalho, viu a retirada. Você voltou pra empresa? Ele deu abandono de empresa. E tá aqui até hoje.

AS: Ele abandonou a empresa e ficou aqui até hoje?

RF: Ficou aqui. Não quer voltar. Alguns anos atrás ele não queria, depois ele abandonou sete anos de empresa.

AS: Mas a "Beth" tava me explicando que aqui no começo era bem diferente do que é hoje. Tem todo esse maquinário aí.

RF: E no tempo não tinha, era grupo pequeno, era na mão, na raça.

AS: É difícil.

RF: E hoje você fala assim pra ele, entre uma empresa e aqui? Ele fala fico por aqui mesmo. Ele não sai. Imagina você trabalhar sete anos numa empresa, todos seus direitos, férias, décimo, tudo, você largar, abandonar, não me voltar mais, nem nada.

AS: Então aqui pra ele foi muito melhor. Na verdade, pra vocês que formam um casal.

RF: Foi melhor assim. Tanto financeiramente, como saúde. Porque ele já tava assim, como ele trabalhava de pedreiro, ele se entregou. Ficou dois anos afastado da empresa. Deu desvio, dívidas pra pagar e mais coisas. Aí já não aguentava mais ficar na empresa. A empresa não queria mandar ele embora. A empresa ficava mandando ele pra fazer biquinho. Um em Santo Amaro, outro em Carapicuíba, ele ficava andando ele assim. Ele não queria mais isso aí e também não mandavam ele embora. Ele foi e abandonou. Aí ficou um homem doente, abandonou o emprego e veio pra cá.

AS: Mas pra cá ele pode vir trabalhar mesmo doente? Não teve problema?

RF: Ele tem. Quando ele tá ruim, ele não vem trabalhar, mas também não ganha, mas também não trabalha. E ele ficou até melhor quando veio pra cá no serviço daqui. Não é Ivete? Graças à Deus ele nunca mais se entregou. Só ficou você sabe, tem bico de papagaio, quando esfria um tempinho, ataca. Fica dois, três dias, vai no médico, toma um remedinho (...) e na empresa, ele faltava uma semana, duas, com atestado e tudo. Os médicos dava, né? Só que ele não aguentava mais. Não queria mais, não. Falei pra ele, você não devia ter feito isso. Imagina, sete anos de empresa, né?

AS: Não dava pra ele entrar num acordo?

RF: Tentou. Os caras não quis. Eles não deram de jeito nenhum. Aí eles fizeram isso aí, ficar mandando de lá pra cá, mas não mandaram ele embora. Até que ele viu que não ia, não queria, não foi.

AS: Hoje ele tá bem?

RF: Tá bem. O homem ficou em cima da cama dois anos. Eu tive que pagar, pra vim trabalhar, pagar uma pessoa pra olhar ele lá em casa, porque não levantava da cama sozinho mais.

AS: E é só vocês dois?

RF: Eu tenho duas crianças. Eu tenho um agora que tá com 19 e outro 13.

AS: O que eles acham disso? Dos pais em cooperativa. A mãe, inclusive, fazendo parte da administração.

RF: Ah, eles acham bom. O mais velho, como ele nunca passou por aquele processo de caminhar e andar comigo pra lá e pra cá, já o pequeno se pudesse já tava até sócio aqui dentro. Ele trabalhou comigo na rua pequeno. Ele não vê a hora de vim aqui, visitar. Ele gosta de vim pra cá vê o pessoal que conheceu ele de piquititico e agora ele tá um homem desse tamanho e outro também. Então eles acham muito bom, só que o grande fala que pra aqui ele não vem, isso não é vida pra ele, ele não quer. Já o pequeno fala se eu não quero vender a minha quota-parte pra ele, que ele é herdeiro quota-parte minha daqui.

AS: Ia ser legal. Ele vai ser o seu braço aqui dentro também.

RF: Conhece o material do tempo que eu trabalhei na rua, tinha vez que eu levava ele, quando a gente conseguiu o empréstimo. Então ele já conhece todo, conhece o que é material, o que não é.

AS: Deixa ele ficar de maior. Olha que interessante. A família toda aqui, que legal.

RF: Mas pra isso tem que esperar eu ou pai se aposentar.

AS: Ah, não pode?

RF: Não. É dois por família só.

AS: Ah, é dois por família? Não sabia que funcionava assim.

RF: Mas é uma coisa que nós decidimos entre a gente.

HO: Nós decidimos fazer assim, dessa maneira.

RF: Porque senão fica muito aquela coisa familiar. A partir que você tem um filho, você não vai querer depender de algumas coisas que acontece, é mais complicado, né.

AS: Vocês em assembleia resolveram isso.

RF: Sim, como a gente resolveu que não pega ninguém com menos de trinta ano. Uma pessoa muito nova dá muita dor de cabeça. Já deu futuramente ((talvez, anteriormente)) pra nós.

AS: É mesmo? Pessoa nova não é a pessoa que tem mais força, que aguenta mais?

RF: Sim. Num ponto, sim. Homem, sim, mas mulher, não. Agora você coloca um rapaz de dezoito e uma mulher de dezoito anos aqui. Que que vai dar?

AS: Não sei. O que é que dá?

RF: Dá muito namoro, da mulher casada e separada de marido, aí o marido...entendeu? Relacionamento.

HO: Nós tivemos muito esse problema.

AS: Vocês tiveram esse problema?

HO: Mesmo pegando acima de trinta. Tivemos muito esse problema.

RF: E os mais novo, antigamente, quando a gente decidiu pegar só acima de trinta? Teve gente que nós trabalhava lá na usina, que teve cara que pulou pra poder atirar no marido e no amante, não foi Hélia?

HO: Aí problema demais.

RF: Então assim, muito problema.

AS: Então só acima de trinta anos.

RF: Isso. Os homem, não, que é pra aguentar o tranco.

AS: Mas a mulherada...

RF: Acima de trinta, porque as menininha nova vem mais interessada no rapazinho bonito. Aí começa de namorico. A mulher mais velha tem um pouquinho mais de juízo, vai pensar duas vezes antes de acabar com seu casamento, alguma coisa assim no geral. Mas a mais nova já é mais descabeceada, né. Aí daqui, vamo ali tomar uma cervejinha, vamo ali, então é mais complicado. E você gerenciar problema particular não dá, né?

AS: Não. Vocês já têm muita coisa pra gerenciar aqui.

RF: Então é mais fácil a gente pegar uma pessoa mais velha, mais cabeça, do que gerenciar esse tipo de problema.

HO: É. A gente enfrenta muitos problemas.

RF: Tem lugar que pega gente mais nova, mas não pega casal. Porque aí o pessoal pode aprontar, a mulher e o marido também, não pode. Pega gente nova, mas não pega marido e mulher.

HO: Aqui a gente pega marido e mulher.

RF: Aqui a gente já pegamos marido e mulher, mas não pegamos gente novo. Já os outro pessoal, não. Pega o pessoal novo e dane-se acabar o casamento e o que que acontecer. Não presta, né? E a mulher é assim. A mulher sempre teve mais juízo, né, mais velha. A nova demais não tem muito. E tinha gravidez. Uma engravidava atrás da outra. Aí tavam de licença maternidade, não é Hélia? Lá na usina era muito.

AS: Igualzinho muitas empresas. Igualzinho. Eu tava lá embaixo com a "Beth" e disse assim "isso aqui é uma indústria, isso aqui é uma empresa, isso aqui não é uma cooperativa pequenininha, isso aqui é uma indústria". A quantidade...,com quantas pessoas vocês estão trabalhando aqui?

RF: Sessenta, né? Agora sessenta.

AS: Mas a maior parte são mulheres.

HO: São mulheres, é.

AS: Os homens são pra fazer aquela parte mais pesada.

RF: Sim. Nem tão pesada hoje em dia, porque tem maquinário, né?

AS: Aliás vocês têm um monte de maquinário.

RF: O que sai mais pesado é o quê? A coleta e a prensa. Que o resto das coisas é feito mais pelo maquinário, né. Mesmo assim, depende do que vim pesado no caminhão, a máquina vai pegar.

Os meninos tira de lá pra cá. E antigamente era na mão, viu? Você batia um carrinho e levava como daqui pro outro lado lá.

HO: Enchia o caminhão na mão, né Rê?

RF: Enchia o caminhão na mão. Quantas vezes eu subi em cima de caminhão virando carro?

AS: Na mão?

RF: Foi preciso também. Nesses anos tudinho, da coleta, da prensa, tudo já passei.

HO: Já foi presidente daqui também.

AS: Já foi presidente também?

RF: Em 2012. 2011 e 2012.

HO: Ela vai falando e eu vou ajudando ela ((risadas))

RF: Acho que em parte nenhuma, já passei em tudo, né Ivete?

IJ: Só falta secretária e tesouraria.

RF: Não, mas eu não quero, não.

AS: Não quer a parte da tesouraria?

RF: Não. Já chega o que eu administro o meu. Lá em casa sou que tenho que administrar minhas contas, que meu marido é meio...ele deixou pra mim.

AS: Ou seja, a parte de finanças é tua, lá.

RF: É minha lá. A parte de finanças é minha. Tenho que cuidar do marido, os filhos, tudo é eu. Pra gerenciar aqui também não, né? Secretária não, que tem que tá no telefone. Não sou muito paciente. Gosto de coisa movimentada.

AS: É porque você já está acostumada. É uma vida inteira assim. E antes de começar com cooperativa, essas coisas, o que vocês faziam? Antes da catação?

RF: Eu comecei porque eu mudei de Carapicuíba pra Perus. Fica eu e meu marido desempregado. Eu trabalhava em firma, já fui encarregada, já fui de linha de produção, já trabalhei com máquina de selagem, de prensagem. Comecei com treze anos em Barueri, tenho marca até hoje ó ((mostra os braços)). Era muito moleca, me queimei todinha nas máquinas. De lá, fui subindo, eu fiquei seis anos. Comecei na embalagem, depois fui pra selagem, fui encarregada, aí depois eu saí, quando casei. Depois entrei em firma, mexi até com negócio de carne, que mexe em tripa pra fazer salsicha, linguiça, essas coisas, também trabalhei. Mas o negócio com reciclagem foi há quinze anos atrás, pela dor mesmo. O marido não conseguia emprego, e foi aquele negócio de fazer a palestra, ele não quis, eu quis. Aí foi. Aí nunca mais eu larguei. Gostei, não quis mais parar.

AS: A sua vida nesse meio, nessa mudança toda, antes da cooperativa e depois da cooperativa?

RF: Antes da cooperativa eu era uma mulher que tinha casa, tinha máquina minha, era no terreno do meu pai, pagava aluguel. Hoje eu tenho minha casa, hoje eu tenho meu carrinho, já tô lutando pelo apartamento acolá. Financeiramente, graças à Deus, eu tô bem. Eu falo pro pessoal, a cooperativa depois (...) financeiramente, eu tenho o que é meu mesmo. Ponto. Não construí no terreno do meu pai. Não pago aluguel. Era um terreno do meu pai. Meu pai vendeu, fui pro aluguel e hoje eu tenho o que é meu. Quando eu comecei a mexer com reciclagem, tinha um terreno que comprei em duas pessoas. Porque como não podia comprar em uma, desempregada, ou você ia pra debaixo da ponte, ou ia pra um lugar de invasão pra trazer as pessoas. Aí nós compramos e com o tempo fui...paguei a parte do homem lá, hoje só é minha,

tenho meu carrinho velho de andar pra lá e pra cá. Foi roubado um aqui na frente, com a graça de Deus comprei outro.

IJ: E tem casa de aluguel.

RF: Tenho duas casas de aluguel. Onde eu moro hoje construí embaixo, aluguei, e moro em cima.

AS: Ou seja, você evolui, você melhorou. A sua vida melhorou. A sua, do seu marido, dos seus filhos.

RF: Igual sempre falo e graças à cooperativa. Porque quando trabalhava em firma, eu e ele, nós não tínhamos nada. Por isso então que eu falo "gente aqui, aqui a gente já ganhamos bem"(...). Mas eu falo que, graças à Deus, eu tenho minhas coisas. Depois que eu entrei, se falar assim "em entrei na cooperativa, não deu pra nada, mal deu pra comer", tô mentindo. Pelo contrário. Tenho minha casinha, graças à Deus, não é tão boa, maravilhosa, mas é maravilhosa pra mim, tenho meu aluguelzinho que, agora tô com um aluguelzinho de 350 ((reais)), que a outra casa tá desocupada, eu tô reformando. Mas eu tenho um salarinho só de aluguel, né. Tô lutando pra pegar meu apartamento esse ano, com fé em Deus, lá no centro, e vou indo. A maioria das pessoas tá aqui há muitos anos, né Helinha? A gente conseguiu muita conquista.

HO: Muitas.

RF: Muitas conquistas. Porque assim, os que não conseguiram é que nem te falei cabeça de pensar de ir pra um bar, entendeu? Zoeira. Né Ivete? Todos nós conseguimos. A Ivete pagou um carro novo.

IJ: Né, mas não tenho o carro. Mas ainda não tenho o carro.

RF: Ela pagou, mas não tem.

IJ: Paguei, mas não tenho.

RF: Um carro de trinta e poucos mil.

AS: Como que pagou, mas não tem?

IJ: Minha história é diferente das outras.

RF: É diferente da minha. Porque assim, ela pagou uma dívida de um carro, mas pagou uma coisa que ela fez uma bondade pra uma pessoa. Mas pra conseguir o nome dela, ela teve que pagar esse bendito carro.

AS: E aí trabalhando aqui, você conseguiu.

IJ: Consegui pagar mês passado, acho que dava uns trinta e cinco mil ao todo.

RF: A última parcela. É, trinta e cinco.

IJ: Porque foi duas contas. Uma só era trinta e dois mil, né. Vinte e nove parcela de quase R$ 400,00.

RF: Aqui, as mulher, se você pegar, a metade é antiga, a metade é novo o pessoal, né. Um ano, um ano e pouco, dois. Mas as pessoas, a maioria conseguiu muita conquista aqui dentro.

IJ: Ela conversou com a Dona Isabel, com a Dona Teixeira.

RF: Ah, mas elas são da antiga. Até é bom, de vez em quando, pegar uma das novas com esses dois, três anos, pra ver também. A maioria da gente temos muita coisa, e as que não tem, dessas mais velha, é que também tem muito daquela pessoa que não sabe administrar o seu dinheiro também. Tem essa também. Eu não posso ganhar dois mil e gastar quatro.

IJ: É a questão da Dona Isabel, né. Ela tem setenta ano, mas não tem um pingo de juízo ainda. É, cê que pensa, não é Rê?

RF: É cabecinha de criança. Gasta mais do que ganha. É aquele ponto que te falo, se ganho dois mil, tenho que tentar administrar. Tenho que pagar isso, isso e isso e tem que sobrar tanto. Ou dizer que você gaste tudo, mas tá investindo em alguma coisa. Eu não vou falar pra você tenho cinco, seis mil no banco. Não tenho. Mas todo mês, o dinheiro é investido em alguma coisa que futuramente vai valer mais do que esses quatro, cinco mil.

AS: Muito bom. Você podia dar umas aulas pro pessoal na faculdade.

RF: Ô meu Deus. Eu digo assim, eu tento o máximo, não sou mulher de sentir vontade de uma coisa e não ter, como muito bem, e penso que a gente tem que valer o que a gente também come, a gente não sabe o dia de amanhã, se amanhece vivo ou morto, mas eu também penso de fazer alguma coisa pro futuro. Porque não adianta guarda, guarda, guarda, e não comer uma coisa que sente vontade, né Hélia? Morre amanhã e não leva nada também. Meus meninos, ela sabe ((Hélia)), eu tento fazer o máximo. Eu tenho menino que tem vez que eu não posso comprar o remédio, quando não tem nas Clínicas, que ele tem uma doença rara. Tem mês que meu custo é R$ 7.000,00, que eu tento parcelar no cartão, jogo pra um canto, jogo pra outro, não consigo pegar nas Clínicas. Eu não tenho um pouquinho mais, devido a esse probleminha meu que tenho aqui. Já tá com sete, oito anos.

AS: Pôxa, mas você tá conseguindo cuidar dele.

RF: Com certeza. E quando não consigo pegar nas Clínicas, eu vou e compro, né. Quantas vezes parcelei no cartão. Parcelo no cartão, vou e compro. E graças à Deus, que ele começou com cinco anos, já tem treze, vai fazer catorze agora em agosto, ele começou a aparentar essa doença com cinco aninho. E de lá pra cá os médicos não achou cura. Só que eles tão dizendo que ele por causa dos anticorpos, né, que vai aumentando, e vai tá matando um pouco desse problema dele. Ele já teve um derrame, já teve convulsão, na vista, em uma das vista dele. Por causa desse problema não pode operar por enquanto. Mesmo assim eu vou.

AS: Firme e forte.

RF: Firme e forte.

AS: Deus abençoe.

RF: Amém. Porque assim, muita gente se desanima com o primeiro pequeno problema que tem, né Helinha? Não. A gente tem que...

RF: E quando veio pra cá o pessoal, a Hélia e o Neilton, eu ainda fiquei no grupo puxando carrinho durante dois anos na rua, né Helinha? Eu não vim pra cá logo no começo com eles.

AS: Vocês ainda tem isso?

HO: Ela veio em 2005, né Rê?

RF: Não. Eu vim em 2005. No finalzinho de 2004, 2005.

AS: Se a cooperativa é de 2002, 2003, então você veio no comecinho.

RF: Mas não foi bem junto com eles. Ainda levou mais dois ou três anos ((se refere a ficar catando na rua e só depois ir pra dentro da cooperativa)).

HO: É, foi bem isso. Ela ficou num dos sete grupos.

RF: Que é o grupo que veio o Neilton, a Cooper(...) que é da Luzia, do pessoal.

AS: Aí virou a Cooperação e vocês ficaram.

RF: Não. Veio um pouco pra cá, no começo pra operação, eu fiquei no grupo que eu era puxador de carrinho. Eu que trazia material pra dentro da cooperativa. Então, eu não podia vim. Veio a minha irmã, uma colega minha, que hoje em dia, não tão mais aqui. Como eu era da rua, que a gente fala da rua, da coleta, puxa carrinho, então não podia vim. Ainda fiquei dois anos numa cooperativa pequena, com salarinho de R$ 100,00, duzentos por mês. Aí chegou um tempo que eu carregava esse menino pequeno comigo, pra cima e pra baixo, porque não tinha quem olhasse ele. Aí um dia, o pessoal pegou no meu pé. Saí da cooperativa e fui lá trabalhar por conta. Levo pra minha casa, lá eu separo e vendo no fim de semana. Aí a (...nome de um outra cooperativa) começou a pegar em cima de mim. Aí eu saí da cooperativa pra pegar na rua. Aí eu liguei pro Neilton. "Neilton, tô em casa. Quero trabalhar". Aí Neilton falou "vem pra cá". Aí nisso eu vim. Final de 2004, 2005. E não saí mais.

AS: Ah, mas nem vai. Não vai. Você se achou.

RF: Não. Eu tô terminando uma obrinha que eu tenho lá em casa. Eu não quero ter sócio. Eu quero servir pra ser dona, meu negócio.

AS: Ah, entendi. Você tem planos pro futuro.

RF: Sim. Quero ser minha própria sócia ser eu. Não quero ter sessenta.

AS: É. Porque na cooperativa são todos sócios.

HO: É sócio cooperado.

AS: É tudo sócio cooperado, exatamente.

RF: Eu pretendo ter, no máximo, ser só eu e mais uma pessoa, e olha lá. Se brincar, só eu e eu.

AS: O seu negocinho. Você é a dona. Você manda. Você resolve e pronto.

RF: É meu sonho de consumo. E já comecei. Daqui no máximo quinze dias tô batendo plástico nessa obra.

AS: Pôxa Regiane, muito obrigada. Obrigada por tudo isso que você me passou. É um mundo à parte. Diferente. Isso aqui é tudo muito diferente. Adorei. E gostei muito de saber um pouco de você. Obrigada.

RF: De nada. Porque eu sou assim, eu sempre tive um sonho assim. Como eu comecei a trabalhar muito nova, sempre pus na minha cabeça assim, quando eu chegar aos quarenta, eu não trabalho mais pra ninguém. Eu sei que não vou conseguir me aposentar mesmo. Quarenta anos isso não existe, mas eu vou ser minha própria aposentadoria. Não consegui. Cheguei aos quarenta o ano passado, mas tô quase conseguindo.

AS: Tá chegando lá.

RF: É, porque não vou aguentar chegar até os oitenta ano pra me aposentar. Agora com essa lei. Ainda mais quando a gente trabalha com serviço pesado (...) não tem condição.

AS: Não aguenta mesmo. Eu tava dando uma olhada ali, até conversei com um, com outro. Falei "isso não dói as costas", porque eu imaginei eu lá. Isso ia acabar com as minhas costas. Já tenho problema de coluna, eu travo, não saio nunca mais do lugar.

RF: No começo, as pessoas não sente muito, mas quando vai chegando um certo tempo, vai se desgastando sim, a gente vai se cansando. Se eu falar pra você que o que eu fazia há dois anos atrás, eu faço de novo? Não faço. Eu pulava em cima de um caminhão desse e ia pra coleta. Hoje minhas perninhas já não me ajuda mais, não. Que hoje tenho diabete. Tô com pressão alta. Tô com problema de coração. Então hoje minha saúde não me ajuda mais a fazer o que eu fazia há dois anos atrás.

HO: Mas é guerreira.

RF: Tô vendo. Ela não para.

HO: Ela não para. Ela é guerreira. Ela é desse jeito aí.

RF: Eu sou meio elétrica. Eu não sirvo pra sentar. Ficar no escritório sentada. Ai, você ia me matar de tédio ((risadas)). Eu não conseguiria. Já tentei, né Helinha, quando fui presidente. Mesmo assim, eu fazia o que tinha que fazer e corria lá pra baixo.

((entra um homem na sala e ouve a conversa, é um dos cooperados e diz que ela não morre do coração))

RF: Até a hora de almoçar tem que ser rápido...((e continua falando sobre o fato de fazer várias coisas até quando chega em casa, pra somente depois ir dormir))

RF: Foi um prazer. Helinha tô indo.

HO: Tá indo?

RF: Vô nega, tenho médico hoje. Vou esperar pagar quatro horas hoje, não.

AS: Muito obrigada. Tchau.

AS: Vou dar uma agilizada. Obrigada Hélia. Acabei prendendo você.

HO: Não ((risadas))

AS: Quais os materiais que vocês recolhem mais? Porque eu vi que tem de tudo. Tem plástico. Tem vidro. Tem material eletrônico.

HO: Tem todos os tipo de material.

AS: Vi que vocês têm pessoal capacitado pra trabalhar com os eletrônicos. Eu vi que tem uma área separada só pra trabalhar com o alumínio, com eletrônico.

HO: Exatamente, pro eletrônico, pro alumínio.

AS: Tem um material que vem mais?

HO: Não. A base é toda igual. Tem época que quando a gente tá pegando material do correio, que a gente pega, por licitação. Aí sim, vem mais papelão, papel branco. É um volume maior desse material, mas o restante sempre a mesma coisa.

AS: E como vocês fazem o pagamento aqui pro pessoal? É individual? É por produção?

HO: Por produção.

AS: E como vocês fazem? Pesa?

HO: Nós pesamos diariamente esse material. Cê vê, eles tão separando lá. Chegar no fim do dia, elas separam e no dia é pesado todos os material e é marcado numa planilha. Tem uma planilha de cada material, né. Aí nós coloca o peso lá. Tem a ficha diária de presença de cooperado que coloca lá também a presença do cooperado. ((abre uma pasta pra me mostrar)). Essa pasta aqui é do mês de abril, ela tá mais completa. Essa aqui é a comercialização de abril, 2015. Aqui vem todos os material, conciliação bancária. Nós fazemos diariamente a conciliação bancária. Têm dois bancos que é o Banco do Brasil e o Banco Unibanco. Aqui é a comercialização, todos os tipo de material, e conforme ela vai pagando, ela vai mudando a cor ((planilha impressa com várias cores)). Pagou, ela mudou a cor. Muda a cor da planilha. Então, ao chegar no fim do mês que dá esse valor, aí é dividido por produção. As notas fiscais.

AS: Nossa, quanto. Vocês trabalham com parceria com alguma empresa?

HO: Parceria, não. Só com a BR, mas essa não é uma empresa. A BR é uma parceria nossa só pra manter uma pessoa lá pra pegar o material no Extra ((supermercado)).

AS: Que legal. Nesse Extra aqui, que tá aqui perto?

HO: Tem do Jaguaré, aqui, deve ter mais Extra.

AS: Em qualquer Extra?

HO: Não. Tem específico os Extras.

AS: E como vocês fazem a venda desse material todo?

HO: Empresa.

AS: Vocês têm umas empresas pra quem vocês vendem?

HO: Isso.

AS: Vocês têm várias empresas pra vender?

HO: Isso. Ó, deixa ver se tem aqui ((olhando a pasta)).

AS: Aqui os nomes dos cooperados.

HO: Isso aqui é retirada. São as retiradas dos cooperados.

AS: Vocês vendem pra intermediários ou é só pra empresa, assim?

HO: Os atravessadores?

AS: Isso.

HO: Tem alguns. A gente não gosta de vender muito pra eles, não.

AS: É ruim?

HO: É ruim porque, assim o intuito da cooperativa de ter nascido é pra eliminar mesmo os atravessadores, né, por causa dos catadores que...

AS: Vocês têm dia certo pra pagamento pra funcionário? Funcionário, desculpa, pra cooperado.

HO: Tem o dia certo. Depois do quinto dia útil.

AS: E isso é pra todo mundo? Sem exceção?

HO: É pra todo mundo, sem exceção. Quando passa isso, eles briga. Ó, aqui são as empresas, tá vendo? São as empresas que vêm buscar durante o mês o nosso material.

AS: Eles vem aqui buscar. Vocês fazem a triagem do material...

HO: Isso. Nós fazemos a separação, a triagem, prensa e estoca pra venda e fazemos a coleta também.

AS: Vocês fazem coleta por aqui? Vocês têm caminhões de vocês, né?

HO: Tem um caminhão e, por enquanto, nós temos seis caminhões da prefeitura. A prefeitura nos doa. Nós temos parceria com a prefeitura de SP também, né.

AS: Esse material que a prefeitura traz pra vocês, costuma vir misturado?

HO: Com certeza. Vem sempre. Até que nos últimos anos melhorou bastante o material que eles trazem, né. Porque a prefeitura também dá em cima, né, fica atenta aos recibos, a esses materiais. Mas ainda vem também. Porque antes vinha até animal morto, né. Bem no comecinho. Mas depois a gente começou a reclamar também, e parou. Só de vez em quando que vem.

AS: Vocês têm ajuda financeira de algum órgão público?

HO: Não.

AS: Ninguém ajuda?

HO: Não. Só ajuda com material mesmo. Que assim, um exemplo, o correio ele nos doa, eles são obrigados a doar, por licitação, 10% do material que eles têm, é obrigatório por lei.

AS: 10% do material que pode ser reciclado?

HO: A empresa. Todas as empresas têm uma lei do cooperativismo, né, pela prefeitura. Que todas as empresas..., nós não fazemos as empresas, mas elas são obrigadas a nos doar 10%, se tiver material, entendeu?

AS: Isso é bom pra cooperativa?

HO: É bom porque vem bastante... Agora não, porque é assim, antes era só a Cooperação e mais uma cooperativa, agora têm várias cooperativas que entrou nessa licitação. Então o material diminui bastante. Então quer dizer, é bem pouco.

AS: Você poderia me dizer hoje quais são os principais problemas que a cooperativa enfrenta? Algumas coisas vocês já falaram, algumas coisas pra evitar a rotatividade, mas deve ter ainda. Apesar que vi uma mulherada um pouco mais velha, um pessoal que tá aqui há um bom tempo...

HO: Realmente as mulheres são realmente como ela falou, de trinta pra cima, pra não dar problema. Mas como todo lugar que tem muito humano, tem problema. Todos os lugares. Até mesmo dentro de uma família, você sabe que tem problema até demais. Aqui não é diferente.

AS: O principal problema que vocês enfrentariam hoje, qual que seria?

HO: A relação entre cooperados. É muito grande esse problema, porque são pessoas diferentes uma da outra, não tem o mesmo pensamento, então acaba arrumando encrenca e intriga. Então, que mais é isso.

AS: Esse é o maior problema que vocês enfrentam hoje?

HO: Por enquanto, é esse o maior problema.

AS: Se a gente puder falar, do seu ponto de vista, quais são as vantagens e quais são as desvantagens de uma cooperativa?

HO: Do meu ponto de vista, a vantagem de uma cooperativa, se ela trabalhar adequadamente, ela vai ter muitas vantagens, né, porque pra gente mesmo, nós consideramos aqui uma empresa realmente. Uma empresa que tem que crescer, que é da onde a gente tira nosso dinheiro, nossa retirada sai daqui de dentro, então tem que ser considerada como uma empresa, com outra responsabilidade também, né. E também, não só aqui dentro, mas temos que ter responsabilidade com as pessoas lá fora, que é o mais importante, que é de lá que parte pra gente ter o nosso retorno. Então a responsabilidade com as pessoas lá fora é muito maior. Pra mim, é vantajoso trabalhar aqui. Eu gosto de trabalhar aqui, da forma que a cooperativa age, né. Tem que, é uma coisa assim, todo mês é uma expectativa, todo fim de mês é uma expectativa pra gente. Como que a gente vai fazer a receita, como que a gente vai fazer a distribuição, sabe o resultado final de todas as coisas? A gente fica muito apreensivo quando a gente faz o resultado final de todas as coisas. Não tem diferença de outros lugares, entendeu?

AS: Entendi. Muito obrigada, Hélia.

APÊNDICE E – Entrevista com os Gestores da Cooperativa Coopamare

Data da entrevista: 15 de julho de 2015
Local: Cooperativa Coopamare – Pinheiros / Zona Oeste de SP
Hora de início: 14:00hs Hora de Término: 14:40hs
Nome dos entrevistados: – Walisson (representada pela sigla WN) – Dulcinéia (representada pela sigla DN)
Cargo/Função: respectivamente – Administrativo – Presidente Administrativo
Mestranda: Audrey Silva (representada pela sigla AS)

AS: Por favor, me explica então como que começou aqui? Você falou que começou primeiro no Glicério.

WN: É começou no Glicério em 83. ((esqueceu o nome da organização e a Dona Dulcinéia também não se lembrava)). Tinha uma ONG, era a OAF.

AS: Como? OAF?

WN: Isso.

AS: Começou com essa ONG?

WN: Então, essa ONG cuidava de população de rua, entendeu? Aí tinha um sopão, os pessoal, tal, uma história deles, né? Aí, o que que deu? Viu que o sopão cresceu muito, não tava dando conta. Aí nisso, os pessoal começou ver na rua um monte de papelão, nessa. Muito jogado. Aí começaram a pegar na cabeça, leva na cabeça. Começou a armazenar, armazenar. Na hora que vendia, viu que dava um benefício, né, uma ajuda. Aí começou crescer, crescer. Em 89 não suportou mais a área, né? Aí o que que fizeram? Pediram esse espaço pra prefeitura que era a Erundina.

AS: Esse aqui? Era a Erundina na época?

WN: Erundina. Erundina cedeu esse espaço e a única que ajudou assim...

AS: A Erundina foi a única que ajudou a Coopamare?

WN: Que o resto tudo queria tirar nós.

AS: Queria tirar vocês daqui? Mas porquê?

WN: Uma briga muito feia aqui, viu. Porque essa área é nobre, né, Pinheiros, né. Eles via..., a visão deles era outra na época, mendigo, essas coisas, né. Não tinha um conceito, né, entendeu? Aí nisso, o pessoal conseguiram puxar esse pessoal pra nossa história também. Tinha muito. Às vezes, o pessoal passava de carroça e jogava casca de banana na gente, xingava...

AS: Um preconceito muito forte...

WN: Muito forte. Mas, graças à Deus, nós conseguimos passar por cima e ter nossa...como se fala? Nosso trabalho visto pela população. Eles começaram a entender (...)

AS: Eles começaram a entender o valor do trabalho?

WN: Começaram a entender o valor do trabalho. Trabalho digno, né?

AS: Sim, muito digno.

WN: Então é isso. Aí em 2005 teve o abraço da Coopamare, não sei se você ouviu.

AS: Abraço da Coopamare? Não.

WN: Na época era, quem que era gente? O Serra? 2005. O prefeito.

AS: Acho que era o Serra.

WN: Acho que era o Serra. Então, veio o intimato que nós tinha 24 hora pra sair desse espaço. Aí o mundo todo veio dar o abraço. Isso aqui, o viaduto todo de mãos dadas. Uma cena muito bonita. (...) o mundo todo abraçou, então ele não conseguiu tirar, né.

AS: Quem que fez o abraço? Todos vocês? Com a população?

WN: Nós a Coopamare com a ONG...

DN: Todas as cooperativas também vieram.

AS: Outras cooperativas vieram também?

DN: A comunidade em torno também. Veio todo mundo. Todo mundo.

WN: Muita gente. Aí 2007 nós teve a visita do Lula.

AS: Em 2007?

WN: em 2007 a visita do Lula. Primeiro presidente que vê uma cooperativa debaixo de um viaduto, né.

AS: Que bacana. É por causa da importância.

WN: Então, como nós temos o movimento dos catadores ((MNCR)). Então o movimento ele conseguiu, todo ano, eles visitar não só as cooperativas, mas tipo, população de rua, essas pessoas que, né...e ele ((Lula)) sempre abraçou essa causa, né. Até o ano passado foi com a Dilma, então, os dois presidentes tá vindo visitar todos nós. Quer dizer, aqui ficou pequeno, ficou pequeno aqui, mas muita gente veio. Então eles faz mais num espaço grande, né. Foi no Anhembi no ano passado, porque lota mesmo.

AS: Aqui você falou que é pequeno?

WN: Aqui ficou pequeno, a visita dele vem muita gente.

AS: É mesmo? Aí se tiver visita dele, tem que ir pra onde? Se, por exemplo, um presidente viesse, aqui é pequeno e vem com uma comitiva, então. Deve vir muita gente.

WN: Não. Ele vem. Aqui só ficou pequeno porque é muita gente, entendeu? Nós teve que se virar, essas coisas aqui tudo a gente teve que jogar dentro de caçamba. Nós se virou. Não sei se você viu, tem uma foto atrás de você ((nessa foto estão os cooperados da Coopamare, a Dulcinéia e o ex-presidente Lula)).

AS: Olha que legal.

WN: Olha ele lá.

AS: E você? Cadê você? Olha que novinho. Você tá aqui há quanto tempo?

WN: 13 anos. Comecei com 18. Minha história foi meia complicada. Faltava dois meses pra mim completar 18. E como é que eu era de menor, eu fui empurrando com a barriga, escondendo meus documentos, mas ...

AS: Antes de vir pra cá, o que você fazia?

WN: Só estudava.

AS: E agora que você tá aqui?

WN: Agora tô aqui mesmo. Daqui pra casa. De casa pra cá. Não tem jeito.

AS: Eu lembro quando eu liguei e você me atendeu. Eu perguntei, o que você faz na Coopamare? Você "eu faço tudo".

WN: Eu faço de tudo um pouco.

AS: Eu vi que tem uma esteira ali onde tá o pessoal.

WN: Ali é bancada, né. Um mesão.

AS: Um mesão? É assim que vocês chamam?

WN: É. Um mesão.

AS: Então você deve fazer esse trabalho da triagem também.

WN: Às vezes eu vou pra triagem, vou na coleta, dirijo.

AS: Você fica na parte administrativa também?

WN: Na administrativa também. No eletrônico. Eu faço tudo. A única coisa que eu tento fazer, mas não faço é computação, só, de resto. Só faz no curso mesmo, mas.

AS: E quais são os materiais mais recolhidos pela Coopamare hoje? Ou não tem isso?

WN: Mais é papel.

AS: Mais papel? Nessa região aqui?

WN: Mais é papel.

AS: Dá um bom retorno? Ou não?

WN: Isso que ia te explicar. Dá uma verba boa, mas ao mesmo tempo se torna pouco pra nós. Porquê? Porque como que a gente não tem a ajuda de ninguém, a despesa aqui é alta. É descontado tudo, né.

AS: Vocês não têm nenhuma ajuda financeira? Nada? Ninguém?

WN: Ninguém.

AS: Você tava me falando que vocês não trabalham com a prefeitura. E você falou graças à Deus. Dá muito problema? Porquê? Vocês já trabalharam com a prefeitura?

WN: Graças à Deus. Não. Nem quer. A escravidão já acabou, né? O tempo da escravidão já era. Deus me livre.

AS: Eles não ajudam? Pensei que eles ajudavam.

WN: E nessa conversa do Lula lá, ele liberou uma verba pras cooperativas, pra poder tá recebendo. Mas o prefeito daqui não quer ceder.

AS: Ele não liberou a verba pra vocês?

WN: O Lula liberou, mas o prefeito não. O interior tudo tão recebendo o serviço, prestação de serviço pra prefeitura, né. Infelizmente não era assim, né?

AS: Quantas toneladas de material vocês recebem? Eu não sei como vocês fazem, se por dia, por mês.

WN: Nós recebe, mais ou menos, umas 120 toneladas, mas nós não consegue.

AS: Mês?

WN: Mês. O que é vendido mesmo é entre 80 à 90 tonelada.

AS: Vocês vendem direto pra quem? Só pra indústria?

WN: Hoje nós temos só duas indústrias, que é Suzano e Saint Gobain.

AS: Saint Gobain é conhecida.

WN: É conhecida e explora muito.

AS: Sério?

WN: Tô aqui há 12 anos, teve um aumento só de vim, um vez só. Eles falam monopólio, né? Como só tem mais é ele, né, na área.

AS: Ela monopoliza. Ela que faz os preços do material?

WN: Ela faz os preços, infelizmente.

AS: Gente, que absurdo. E como vocês fazem nesse caso?

WN: Fazer o quê? Não pode jogar fora, né. Tem que vender, né.

AS: Hoje vocês estão com quantos cooperados hoje?

WN: Cooperados? 20 cooperados.

AS: Eu vi que vocês, logo lá na entrada, eu vi que tem eletrônicos também, né.

WN: Fui e mais dois que fizemos curso na USP.

AS: Vocês fizeram curso na USP?

WN: Com o Instituto GEA.

AS: Pra poder lidar com esse material, pra fazer a separação, tudo.

WN: Porque é perigoso esse material. Ele tem um valor, mas é perigoso.

AS: Então, e mesmo assim esse material que vocês separam, esse trabalho todo que você tem, ainda teve que fazer curso, tudo. Você leva esse material pra Saint Gobain, você falou, e eles fazem o preço?

WN: O vidro, mas nós também cata outros ((materiais recicláveis)).

AS: Mas eles colocam o preço?

WN: Não. Aí tem tabela de preços. Caso tá melhor, eu venho pra uma outra. Aí tem eletrônico, tem vários aí. Como é valioso, né. Aí tem vários preços, nós procura o melhor.

AS: Eu vi que vocês têm homens e mulheres ali na...

WN: Mais mulher. Poucos homens.

AS: Os homens sei lá, porque eu olho assim, pra mim é pesado. Olho acho pesado. Aqueles fardos. Aquilo é pesado. Os homens ficam com essa parte? Ou a mulherada também?

WN: É pesado. Ah, tem vez que a mulher vai lá, ajuda, tá super carregada e tem que ajudar.

AS: E pra ir pra coleta também?

WN: Às vezes, mulher vai também. Quando falta bastante homem, as mulher tem que ir, não tem jeito.

AS: Vocês recebem da população? Por exemplo, eles vem aqui, deixa aqui?

WN: Recebo. Eles vem. Vem. Vem muita gente, de domingo à domingo.

AS: Vocês ficam abertos de domingo à domingo?

WN: Domingo à domingo.

AS: Quantas horas assim por dia?

WN: Então, nós faz turno que é nós mesmo que fica no portão. Nós faz tudo. Vem das sete às quatro e da uma às dez. De noite tem um segurança. Aí no domingo também, mesmo. Natal, ano novo, nós não fecha. Só que natal e ano novo ninguém entra, porque os pessoal paga pra vim deixar, né. Como é consumo maior, né. Então tem gente que paga o caminhão pra vim, né.

AS: O pessoal paga o caminhão pra descarregar aqui?

WN: Enche muito.

AS: Tem catador autônomo que vem pra cá, vende pra vocês? Ou não? Isso não pode? Isso não existe?

WN: Não. Não. Na verdade nós somos tudo autônomo, né? Mas avulso você fala, né?

AS: É. Sem ser cooperado. Porque pelo que eu entendi vocês não catam na rua. Vocês fazem coleta com caminhão.

WN: Então, nós temos dois carroceiros só que faz esse serviço, mas é cooperado. Só que ele ganha pela produção dele. Porque na Coopamare começou mesmo de cabeça e depois foi carroça mesmo, de carrinho, né. Coleta seletiva veio em 2009 mesmo e agravou a coleta seletiva aqui dentro.

AS: E como vocês fazem o pagamento pros cooperados? Como que é feito? Vocês dividem tudo igual?

WN: Não. O que nós faz? Tem horas. Tem coisa com todo mundo, seu nome, esse tipo de coisa. A hora de chegada, a hora de saída. Aí tem uma produção. Dessas horas, ele faz o que é produção, não adianta ter horas. A produção, dessa produção vem pras horas que você fez.

AS: Ah, então não é a produção de cada um. Você pega a produção total da cooperativa.

WN: Menos dos carroceiros.

AS: Eles são a parte?

WN: É.

AS: Aí vocês pegam tudo que produziu...

WN: Que produziu, que vendemos, aí disso aí, que tira a despesa. Tira a despesa e depois da despesa, vem as horas.

AS: Aí vocês dividem pelas horas trabalhadas de cada um?

WN: É. E tem o INSS que nós paga que é 11%.

AS: Eles acham bom? Pra ter acesso ao sistema de saúde?

WN: Eles acham bom. Ah, precisa, né? Precisa. Teve uma vez, uma pessoa que se acidentou e que...

AS: Se acidentou aqui? Aí precisou usar?

WN: Ela foi botar um sapato com coisa fino, aí cortou, coisou o pé dela. Aí teve que ficar encostada. Se não tivesse, aí é mais grave, né? É bom pra todo mundo, né?

AS: Costuma ter acidente?

WN: Só essa mesmo.

AS: Vocês têm algum tipo, sei lá. Qual seria o maior problema da cooperativa hoje?

WN: O maior problema?

AS: Fora pensar que o governo não ajuda, que vocês têm que se virar sozinhos, mas tem alguma coisa que acontece hoje, de repente vocês falam "pôxa, esse é o maior que a gente tem que lidar"?

WN: ((demorou pra responder)) Às vezes, como é que se fala? Às vezes é nós mesmo, o cooperado com problemas que trava a cooperativa.

AS: Trava? Entre os cooperados? Como assim? Faz greve? Alguma coisa assim?

WN: Não. Se eu fiz uma coisa que o outro não gostou, já dá uma confusão. Ah, pensa que onde trabalha assim umas 20 pessoas não vai ter problema? Aí começa uma encrenca com a outra, aí começa a travar.

AS: E problema com rotatividade, alguma coisa assim? Vocês têm ou não?

WN: Como assim?

AS: O pessoal vai muito embora? Vai muito? Muda muito o pessoal?

WN: ah, sim. Vai muito.

AS: Como que vocês fazem? Eu, por exemplo, se eu vier trabalhar aqui hoje, vocês têm que me treinar, porque eu não sei fazer nada disso aí.

WN: Então, o mais velho, nós faz a reunião e o mais velho fica na mesa pra ensinar, né. E também vê se dá certo ou não. Porque também tem uns que fica enrolando, enrolando, enrolando, aí só junta a hora e a produção não tem, aí não adianta.

AS: Ah, então vocês conseguem medir, além da hora que a pessoa trabalha aqui, a produção dela também? Apesar de vocês pegarem o total da cooperativa, mas tem que ver a produção também?

WN: A produção. Tem que ver a produção.

AS: Fora vocês ensinarem, vocês passam por algum outro tipo de treinamento? Alguma coisa?

WN: Não. É só o treinamento mesmo, é.

AS: Porque isso é difícil. Eu acho um trabalho difícil.

WN: É a primeira vez que você vê. Depois começa e vê e já pega rapidinho.

AS: Eu ia me matar lá no meio.

WN: Ia nada.

AS: Você falou que tem vidro, tem mais não sei o quê. Ó, eles usam alguma coisa pra se proteger?

WN: Ó, ter tem, mas alguns usam, outros não. Vai da pessoa.

AS: O que eles acham que é melhor ou que não é pra eles?

WN: Uns falam que não tem rapidez, aí vai.

AS: Eles costumam faltar? Ou é normal? Vem trabalhar?

WN: Umas duas ou três pessoas que gostam de uma falta. É tem problema. Aqui tem problema. Não tem jeito, né?

AS: É como em qualquer empresa. Se você pensar, você que tá aqui há tanto tempo, né. Você falou que você estudava, aí você veio pra cá e, pelo que eu entendi, você não tem tempo pra mais nada. Você trabalha direto, não voltou pra estudar. Eu acredito, então, que você tá feliz aqui. Você gosta do que faz?

WN: É. Eu gostei daqui e gosto, né?

AS: E ficou. Qual seria a vantagem da cooperativa?

WN: Não ter uma pessoa ficar mandando, né?

AS: Não ter patrão. Cooperativa todo mundo é dono, né? Todo mundo é sócio. Não ter patrão é o ideal? E o que seria uma desvantagem?

WN: Só os benefícios ((CLT)), né? Caso eu sair, não tenho nada, né? Mas tamo tentando procurar uma solução, né? Que, tipo assim, a pessoa que entra tem que pagar a quota parte da cooperativa. Aí, caso ele saia, ele recebe a quota parte, mas é pequeno, né. Então nós quer ampliar, né. Cada, todo mês, tirar um pouquinho, desse pouquinho, no final se torna um montante, né? Aí nós tamo pensando em fazer.

AS: Seria uma garantia pro futuro, se precisasse sair?

WN: Eu tô aqui 12 anos, se eu sair não tenho nada. Só tenho a experiência. Isso aí ninguém tira mais de mim.

AS: Não. Não tira mesmo. Uma bela experiência. Bom, você já me falou que não tem ajuda financeira de ninguém, problemas enfrentados da cooperativa...hoje ninguém pensa mais em tirar vocês daqui, não?

WN: Eu creio que não.

AS: A população...até depois daquele abraço que você falou de 2005, foi tão bacana...

WN: Não. O Kassab queria tirar também. 2009, queria tirar o Kassab.

AS: E o que ele alegava? Queria tirar vocês daqui, porquê?

WN: Como se fala? Resíduo perigoso, né, debaixo do viaduto. Como é material muito inflamável, isso aí eu concordo com ele. Mas, tipo assim, não era pra tirar, era pra conversar pra ver o que precisava, né. Ele queria tirar de qualquer jeito. Aí nós, não. Corremos atrás de umas ajudas. Aí nós conseguimos a brigada de incêndio. A primeira cooperativa que tem uma brigada de incêndio.

AS: Vocês têm uma brigada de incêndio? Que legal.

WN: E amanhã vai ser, como foi 2010 que foi feito. Nós consegui com o movimento ((MNCR)) a parceria com a..., amanhã nós vamos fazer o treinamento pra ver o que nós esquecemos, caso pegar fogo.

AS: Amanhã tem. Então é parceria com o...

WN: Corpo de Bombeiros também. Como manusear correto, né.

AS: Aí, eles vêm aqui...

WN: Vem aqui, conversa com a gente, explica...

AS: Que maravilha. Isso é muito bacana. Isso foi um meio que vocês encontraram então pra não serem retirados do local e pra evitar algum problema, sei lá, algum incêndio, alguma coisa.

WN: E também ele pediu, como essa área tinha muito carroceiro, muito assim. A Coopamare teve muito carroceiro.

AS: Agora não mais? Só os dois que você falou?

WN: Aqui já teve mais de cem carroceiros.

AS: Mais de cem carroceiros?

WN: Mais de cem. O quê que o Kassab também alegou? Que tinha muito carroceiro na rua atrapalhando o trânsito. Aí ele pediu só pra nós diminuir. Aí foi diminuindo. O pessoal foi pra ferro velho, outros foi embora, não sei a vida. Eu vi uns cinco carroceiros que ainda trabalham nessa região, no ferro velho.

AS: Aí eles vêm aqui, costumam vir aqui?

WN: Não.

AS: Vocês recebem, assim tipo, agora me deu uma curiosidade. Você falou dos carroceiros. Mas pelo que você tá falando não deve ter mais, de vir aqui e tentar vender pra vocês? Porque o carroceiro quer vender todo dia, né?

WN: Quer receber todo dia.

AS: Ele não vem aqui procurar vender pra vocês?

WN: Não, já teve, só que não tem verba pra isso, né, pra ajudar eles. É ajuda pra eles mesmo, né, que ferro velho explora muito, né. Explora muito. Se ele fizer R$ 100,00 lá no ferro velho, aqui ele faz quase R$ 300,00. Que nosso material já tem, já vai pra indústria, melhor mercado nós temos. O ferro velho não.

AS: O ferro velho é atravessador, né?

WN: É o pior atravessador.

AS: São os piores? Exploram?

WN: Exploram muito. É que tem dono já ali. Aqui não. Aqui é tudo dono, então.

AS: É, mas se até a indústria tá explorando.

WN: Então, mas, então. O papelão nós vende aqui a R$ 0,35. Lá no ferro velho tá uns R$ 0,10.

AS: É quase quatro vezes menos.

WN: Então. É isso que tô falando. Se fosse vender o papel, e as vezes nem quer comprar mais.

AS: Tem isso?

WN: Tem isso.

AS: Aqui, o que vocês fazem? Separam o material...

WN: Separam, alguns prensa, outros não, joga dentro da caçamba.

AS: Que equipamentos vocês têm? Dois caminhões...

WN: Três caminhões.

AS: Aí vocês têm...

WN: Três prensas

AS: É eu tinha visto. Deve ser prensa. Tenho até medo dessas máquinas.

WN: Uma balança. Quê mais? Uma empilhadeira.

AS: Ah, é verdade. Eu vi. Aquela empilhadeira é de vocês?

WN: É nosso. Tudo é nosso aqui.

AS: Vocês têm que triturar vidro? Alguma coisa assim?

WN: Não. Mas antigamente nós moía tudo no braço. No final do dia...

AS: Nossa. Como vocês faziam isso?

WN: Sabe essas caçambas de entulho?

AS: Sei.

WN: Então, a Saint Gobain trabalha com nós com a caçamba. Deixava a caçamba aqui e todos nós jogava e moía. Como é pequeninho, eles quer peso, né. Nós tinha que moer o vidro deles.

AS: Como que vocês moíam o vidro?

WN: Barra de ferro. No braço. O ódio que o outro tava aqui do outro, descontava tudo no vidro. ((risadas)).

AS: Se estivesse bravo um com o outro, descontava tudo no vidro.

WN: Descontava tudo no vidro. É. Então, antigamente nós conseguiu esses maquinário foi 2006. Antigamente, comecei em 2002, então nós não tinha isso. Então sabe como que era? Tudo no braço. Nós enchia caminhão de fardo de papelão, mais de 250 quilos no braço. A gente enchia. Fazer o quê? Tinha que...antigamente sofria.

AS: Hoje melhorou?

WN: Melhorou muito com esses maquinário.

AS: E qual o problema que vocês enfrentam mais?

WN: Agora hoje, nós ganhava muito benefício, mas hoje o que vale mesmo é o nosso sonho mesmo pra ser concluído, é só a reforma do espaço.

AS: Vocês queriam reformar o espaço?

WN: Hoje a luz tá precária. O chão também, precário. Na hora que chove, a água entra. Tivesse isso, pronto, acabou nossos problemas.

AS: Sério? E não tem nenhum órgão pra auxiliar na área?

WN: Não tem verba. Então, a Suzano nós fizermos um projeto, um projetinho com a Suzano, mas ficou muito caro e ninguém quer ajudar, né. Ficou quase um milhão.

AS: Um milhão pra reformar? Nossa.

WN: Um milhão. Que é grande aqui, né. Tem até aqui embaixo aqui. Ficou esse valor foi por causa do muro lá embaixo. É, porque tem que ter o muro de arrimo, entendeu? Esse que é o mais caro.

AS: Isso que encarece mais. Agora que você falou da chuva, fiquei olhando aqui. Aqui o viaduto, aqui é aberto.

WN: Não é nem por causa do viaduto. É por causa da enxurrada que desce dali, desce lá de cima.

AS: Vem enxurrada aqui. Como é que vocês fazem? Vocês perdem material?

WN: Não. Não chega a perder, mas pra nós passar aqui é muita água, né.

AS: E pra vocês trabalharem assim? E consegue trabalhar quando chove muito? Não entra muita água?

WN: Só se nós fica e não molha, né, porque aqui tudo molha, mas lá na frente não. Aqui chove, é feio.

AS: Uma coisa, né, engraçado. A gente tem uma visão diferente. Eu cheguei aqui, e eu vi que tem espaço pra cada coisa. Então, tem uma área pra plástico, outra pra papelão, eu vi. Tá tudo separadinho, né. Aí eu imaginava que ia ser, sei lá, a gente não sabe, não conheço, que ia ser tudo misturado, uma bagunça.

WN: Igual nós têm lá na frente, tudo separado os nossos material. Lá na frente é o material que chega, a seleção, aí tem a prensa que já tem os material já separado. Então, plástico aqui que como é vários tipos de plástico que é separado, então lá na frente não dá. Então tem uma bancada aqui na frente. Ah, às vezes quando enche de saco lá na frente, enche de material separado, puxa pra cá, fica pouco mais bagunçado. Lá embaixo que cê não viu é tudo vidro.

AS: É, eu não vi. Depois você me mostra, por favor? Aí eu tiro umas fotos, se você permitir. Se por acaso tiver alguma pessoa, eu vou lá e pergunto se eu posso tirar, senão eu não tiro. Eu gostei...Você tem quantos anos Walison? Você falou, eu esqueci.

WN: 29, vou fazer 30.

AS: Você é novo.

WN: Tô ficando velho, tá passando dos trinta.

AS: E você não pensa em fazer alguma outra coisa? Ou você fala não, aqui é o meu lugar, eu gosto daqui, aqui eu vou ficar?

WN: Então, eu tô pensando, eu tirei, consegui tirar a carta agora de motorista. Aí eu tô vendo se faço curso de empilhadeira, e depois tirar carta D de caminhão. Aí eu posso, talvez lá na frente, eu posso ser motorista, quem sabe?

AS: Entendi. Sua vida melhorou aqui na cooperativa? Depois que você veio pra cá?

WN: Melhorou, né. Como era minha época de adolescente, adolescente sempre tá de cabeça virada, né. Ainda mais aqui, que SP é doido. Assim, eu tinha uns inimigos, né, que amigo é só a mãe, né. Que o resto...eu consegui saí, graças à Deus.

AS: Aí você veio pra cooperativa e saiu disso.

WN: Eu saí. Tô mais em casa mesmo, sou caseiro.

AS: Que bom! A casa é sua? Você conseguiu pela cooperativa?

WN: A casa é da minha mãe, mas eu tô construindo, né, dois andarzinho. Tá faltando acabamento, só.

AS: Você mora aqui perto?

WN: Moro em Interlagos.

AS: É longe.

WN: Não. Não é longe, é perto, mas tipo assim, o trânsito não ajuda, né. Aquela área ali...

AS: Como você faz pra vir pra cá todo dia?

WN: Tem que sair seis da manhã e ir embora às dez da noite. É que não tem trânsito, aí vou embora sossegado.

AS: Entendi. Mas você pega o quê? Condução? Ou você vem de carro?

WN: Então eu comprei um carrinho, né.

AS: Muito bom.

WN: Tem que investir, né. Senão, dinheiro fica aí, e o pessoal briga, se mata. Tem que gastar, senão...

AS: Se eu perguntar assim pra você, qualidade de vida. O que te vem na cabeça?

WN: Tirando assim que eu vejo assim, o pessoal em balada, pra mim tá muito bom. Em casa eu tenho tv, assisto na hora que eu quero...

AS: Tem a casa...

WN: Só tem a cozinha que não terminou. Assim eu moro com a minha mãe.

AS: Pra você tá tranquilo, gosta do trabalho...muito bom Walisson.

WN: Única coisa que eu tô pensando é ter um filho só, mas o resto.

AS: É? Você já é casado? É o filho sem casar, tá bom, já entendi. Você foi até que ano na escola, Walisson?

WN: Até a oitava. E na hora que eu comecei a trabalhar, eu na oitava eu não passei, não quis repetir a oitava, mas tá bom. Não sei se lá pra frente vou precisar de estudo, mas nesse momento se eu conseguir fazer o que tô pensando, tá bom demais. Fazer o curso de empilhadeira...

AS: O curso de empilhadeira vai te permitir, de repente, uma renda melhor?

WN: Se nesse caso acontecer alguma coisa, caso eu saí daqui, eu posso trabalhar nessa área aí. Eu vi que é uma área que precisa e a renda é boa, o benefício é bom.

AS: É porque você falou que o maior problema de trabalhar numa cooperativa é que não tem os benefícios, né?

WN: É, mas também por outro lado não tenho patrão, né. Então, tipo assim, se caso eu quiser faltar, alguma coisa, é só comunicar. Patrão não, não tem que vim. Se eu quiser descansar, vou descansar hoje, venho amanhã, tudo bem. Agora vai com patrão, opa, justa causa, pode ir embora.

AS: Quanto que em média um cooperado recebe por mês? É em um dia de pagamento como é em qualquer empresa? Nas empresas geralmente a gente tem o adiantamento e depois o pagamento, né? Aqui também?

WN: Aqui antigamente era quinzena, começou vale e agora só mensal mesmo.

AS: Só mensal. Quanto que eles costumam tirar? Só uma média assim. Porque deve variar, se é por produção.

WN: Tem mês que é quinhentos. Tem mês que é mil e duzentos, mil e trezentos.

AS: De quinhentos à mil e trezentos?

WN: É. Na hora que a despesa é muito alta, aí não tem como correr. Às vezes, por causa de despesa quase sem ...quase 40% da produção que a gente faz, então.

AS: Depois que vocês vendem tudo, tira a despesa.

WN: Por isso que eu falo, não é barato. Três caminhões nós temos, um motorista e esse é contratado.

AS: Ah, é um motorista contratado? Ele não é cooperado?

WN: Não. Esse que é o mais, o mais pesado é ele. Só ele é quase dois mil, três mil.

AS: E aí como vocês fazem? Tem que contratar mês? Pagar de dois a três mil pra ele?

WN: Tem que produzir, então. É que é tipo assim, eu não quero essa área pra mim de motorista.

AS: Você não quer?

WN: É muito estressante. Uma coisa só, ainda a empilhadeira, né, é mais pesado ainda pra mim. Às vezes eu dirijo. O motorista falta eu dirijo rapidinho, mas pra mim não é bom, não adianta.

(...)

WN: Você "À Margem do Lixo"? De vez em quando passa na TV Brasil.

AS: O que é À Margem do Lixo?

WN: É um documentário das cooperativas.

((continua mostrando foto, reportagem no painel))

AS: Eu vou procurar, deve ter alguma coisa na internet, eu acho. Você estava com quantos anos aqui?

WN: tava com uns vinte e cinco, vinte e seis. É um documentário. Não sei se tá no You Tube, que ele é grande, né.

AS: Que bacana. Walisson, muito obrigada.

APÊNDICE F – Entrevista com os Gestores da Cooperativa Coopere-Centro

Data da entrevista: 16 de julho de 2015
Local: Cooperativa Coopere-Centro – Bom Retiro / Região Central de SP
Hora de início: 9:00hs Hora de Término: 9:30hs
Nome dos entrevistados: – Adelson (representada pela sigla AD) – Marta (representada pela sigla MT)
Cargo/Função: respectivamente – Agente Operacional (Técnico do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos) – Agente Operacional
Mestranda: Audrey Silva (representada pela sigla AS)

AS: Como é o nome do Senhor?

AD: Eu sou Adelson.

AS: Ah, eu falei com você. Eu falei no telefone, Adelson. Você foi muito gentil comigo. Falei com o Cristiano e falei com você. Aí vocês falaram pra mim qual telefone que eu tinha que ligar e falar com a Marta.

AD: Exatamente.

AS: Qual que é a sua função aqui dentro, Adelson?

AD: Aqui eu estou como Agente de..., agente, deixa eu ver.

AS: Você faz parte aqui do setor administrativo?

AD: Administrativo, então, mas na verdade, eu sou assistente social de formação. Agora aqui eu estou como agente operacional. E digamos assim, conforme que as pessoas perguntam, que que? Eu sou do serviço social, eu sou assistente social, mas do portão pra fora. Do portão pra dentro, eu sou agente.

AS: Entendi. Você fica aqui nessa parte, mas como você é operacional, você também vai pra lá, né? (pra área de separação dos materiais).

AD: Exatamente, é. Tem coisas que eles mandam o trabalho pra mim, eu pá, executo e entrego pronto pra eles. E tem coisas que, o que acontece, o cadastro do pessoal, a ficha cadastral sempre faço. Aí me trazem a documentação e tal, tudo bem, eu pego, examino a documentação, faço entrevista com esse pessoal e esse pessoal começa a trabalhar, mediante documentação completa. Se não tiver documentação completa, a gente não consegue inserí-los. Até mesmo que tem pessoas que têm benefícios que pode perder. A gente orienta também. Pergunta tudo. Nessa entrevista a gente descobre muita coisa, né. A respeito de benefícios. Por exemplo, a LOAS. Quem recebe a LOAS ((Benefício de Prestação Continuada da Lei Orgânica da Assistência Social – BPC/Loas)) não pode trabalhar. Porquê? Ele ganhou aquele benefício porque ele estava em vulnerabilidade social. Então ou a senhora prefere trabalhar ou perder o benefício? Exatamente, então é aí que a LOAS vai na faixa e um salário mínimo. Um salário mínimo, ele trabalha aqui na faixa, deixa ver, tem vez que dá mil e duzentos, tem vez que dá novecentos, tem vez que dá menos de novecentos. Tem vez que dá o salário.

MT: O salário oscila.

AS: O salário oscila. É de acordo com a produção de cada um?

MT: É de acordo com a produção de todo mundo junto.

MT: Tem o rateio que a cooperativa vende o material, aí vai colhendo aquele montante, vai somando e tal, no fim do mês faz um rateio. É dividido entre cooperados esse rateio.

AS: É dividido entre cooperados, por exemplo, a produção do dia por acaso é pesado ou vocês fazem outro tratamento?

AD: Exatamente. A gente pesa o material, vende e vão juntando aquele montante para que faça o pagamento e pagar as despesas da cooperativa.

AS: Entendi. Se eu estou na esteira, por exemplo, aí eu faço a minha separação, que a Marta me mostrou lá como é que funciona, aquilo que eu separei depois eu peso no fim do dia?

MT: Não. No final do dia, eles recolhe e prensa. Aqui não sai por peso, sai por tonelada.

((nesse momento, entra na sala o Sr. Roberto))

MT: Esse é o Seu Roberto, coordenador geral, essa aqui é a Audrey.

AS: Eu sou a Audrey. Eu sou estudante de sustentabilidade. Eu falei com o Sr., também? Eu não lembro, eu lembro que eu falei com o Adelson, falei com a Marta.

Sr. Roberto: Comigo não.

AS: Com o Senhor, não? Tudo bem? Eu quero conhecer um pouco sobre a cooperativa.

Sr. Roberto: É? Leva ela lá.

AS: Ela já me mostrou lá. Agora eu tô conversando também com o Sr. Adelson pra ele me explicar.

Sr. Roberto: Ele deu a explicação direitinho?

AS: Ele explica direitinho, vai ser ótimo.

Sr. Roberto: Falou. Fica à vontade aí, viu?

AS: Muito obrigada, Sr. Roberto.

Sr. Roberto: Serve um cafezinho pra ela também, né?

AS: Muito obrigada. Obrigada.

((Marta se retira pra pegar o café))

AS: Então a cooperativa junto tudo o que ela vendeu no mês, aí ela divide? Ela faz o rateio?

AD: Porque não é individual, né, então...

AS: Como que é feito o rateio?

AD: É assim. Por exemplo, o rateio dá sessenta mil ou dá cem mil, quantos cooperados são? São tantos cooperados. Quantas horas eles fizeram? Tanto que eles trabalharam?

AS: Por hora?

AD: Exatamente. Então, aí divide esse rateio entre cooperados. Todos são cooperados, tanto coordenadores, como os que estão na esteira. Todos eles são cooperados.

AS: Todo mundo. Toda a gestão da cooperativa é com, é que assim, a gente fala cooperativa de catadores, né. Então todos...

AD: A função é essa, catadores de material reciclável.

AS: Isso. Então tá bom. Aí o salário, salário. Salário é pra funcionário. A retirada mensal, vocês pagam num único dia do mês?

AD: Dia 5 é o pagamento normal e dia 15 sai o vale.

AS: Ah, tem o vale? Igual em empresa?

AD: É, exatamente. É, só difere uma coisa, que não assina carteira, não paga 13º, entendeu? E, mas faz o contrato, ele arrecada o INSS, faz arrecadação do INSS para sua aposentadoria. Ele é segurado nessa parte. E tem também, tem uma parte aí que eles descontam, que são o fundo férias. Fundo férias. E ele completa um ano, ele tira férias ou ele recebe aquilo que ele pagou.

AS: Ele pode escolher?

AD: Exatamente. Ou ele tira férias ou recebe de volta. Se ele por acaso quiser viajar, quiser sair "olha, vou embora, não quero mais, tudo bem?", tudo bem. Recebe tudo de volta. Como se fosse o 13º, como se fosse.

AS: Como que a Coopere começou?

AD: A Coopere começou há onze anos atrás.

AS: Onze anos? Nós estamos em 2015, então em 2004.

AD: Esse pessoal é o seguinte, não tem o pessoal em vulnerabilidade social que está na rua, e tal, que são ex-presidiários, aqui tem ex-presidiários, aqui tem pessoas que tão cumprindo em semiaberto, então a gente pega e tem o compromisso também com a justiça de ir lá e acompanhá-los para que eles possam fazer seus compromissos, assinar as folhas que tem lá. E tem todo fim de mês tem alguma coisa pra eles assinarem, né, uma pendência, né. Zerou a pendência, pronto, eles ficam livres, né. A gente faz esse acompanhamento.

AS: Vocês fazem esse acompanhamento com eles?

AD: Exatamente. Lá no fórum, contanto que ele assinou a última pendência dele, então, opa, já fica livre, e dá o respaldo dele ficar trabalhando livre.

AS: E catadores? Tem também?

AD: Tem. Tem catadores.

MT: De carrocinha, não.

AS: É, de carroça não tem? Mas tem ...

MT: De carrinho, não.

AD: Não. Essa é a função. Essa é a função, tá escrito aqui. A função são catadores de material reciclável, a função.

AS: Isso é a função, mas de pegar na rua, não?

AD: Não, não, não. De pegar na rua é caminhão, né.

AS: Vocês estão junto com a prefeitura?

AD: Assim, tem essa LOGA, ao lado aí, uma mega central de reciclagem. ((a LOGA – Logística Ambiental de São Paulo S.A. presta serviços de coleta, transporte, tratamento e disposição final dos resíduos domiciliares e dos serviços de saúde. Site: www.loga.com.br)). Ela é holandesa. Ela tem convênio com a prefeitura e eles ocupam de 50 a 53 pessoas diariamente daqui da cooperativa.

AS: De vocês?

AD: Exatamente.

AS: E eles usam lá?

AD: Exatamente.

AS: Fora o pessoal que tá aqui?

AD: Fora esse pessoal. Tem mais pessoas lá dentro (LOGA) trabalhando.

AS: Nossa. São quantas pessoas hoje cooperados?

AD: São na faixa de 120 à 130.

AS: Nossa, é bastante gente. Como é nome dessa? Eu fui parar lá, eu não sabia.

MT: É LOGA.

AD: LOGA, uma mega central.

MT: Mega central mecanizada.

AS: Fui parar lá. Você me disse que era 300 A.

MT: Eu jurava que a sua visita era ontem.

AS: Não. Era hoje. Desculpa, Marta.

MT: Não, eu não li na agenda.

AS: Imagina. De 120 à 130 cooperados hoje. Aí essa LOGA pega uma parte desse pessoal pra trabalhar com eles.

MT: Cinquenta e quatro a cooperativa presta serviço pra mega, pra LOGA. Pega cinquenta e quatro pessoas daqui e trabalha pra lá.

AS: Marta, quanto tempo você trabalha aqui?

MT: Seis anos.

AS: Há seis anos. O que você fazia antes de vir pra cá?

MT: Eu era manicure.

AS: É mesmo? Como você veio parar aqui na Coopere?

MT: Eu fui na Recifran que é uma parceira, uma escola de reciclagem. Eu fiz uma entrevista na Recifran, passei, comecei a trabalhar na Recifran, aprendi a lidar com materiais. Aí fiquei lá um ano. Depois de um ano me mandaram pra cá pra Coopere.

AS: Aí você não saiu mais.

MT: Eu não saí mais.

AS: E você Adelson? Como que você veio pra cá?

AD: Eu vim pra cá porque eu me comuniquei com o pessoal, porque tem pessoas aqui que nós recebemos um pessoal aqui de uma entidade que chama Reviravolta ((do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos)).

AS: Já ouvi falar.

MT: Gaspar Garcia.

AD: Reviravolta. Então esse Reviravolta trabalha com pessoal de rua em vulnerabilidade social. Então o pessoal tá em vulnerabilidade social, entra lá, às vezes tá até doente, eles mandam para o médico, tal tudo bem, ensinam também a trabalhar com reciclagem, só que é um volume menor que aqui. O material também é diferenciado, tem essa também. Eles pegam papelão, papel e tal, tudo bem. Aqui pega tudo, é geral, né.

AS: Eu vi inclusive que tem isopor.

AD: Exatamente.

AS: Vocês pegam até isopor. Tem um material que vocês pegam mais? Ou não?

MT: Papelão e PET.

AS: Desculpa, Sr. Adelson. Eu esqueci de perguntar. Na verdade, o Sr. estava me explicando e eu cortei sem querer. Como é que a Coopere começou. Você falou onze anos atrás, e tava me contando a história, desculpa.

AD: Então é assim. Segundo que eu ouço, um colega aqui como ele compartilhou aqui da montagem, ele é o engenheiro, chama-se René, né. É do Gaspar Garcia de direitos humanos. Ele coordenador do Gaspar Garcia de direitos humanos. Essas pessoas que estão em vulnerabilidade social, e tal, tudo bem, ex-presidiários. Pra ex-presidiário ninguém dá trabalho nas empresas. É difícil até agora. Em qualquer momento, se o cara examina o currículo do cara, pá, aí filtra aquilo, né? Tem condições de filtrar. E verifica que aquele é um ex-presidiário, tal, que tem problema com a justiça. Eles já pegam. Empresa nenhuma pega. A gente pega, porque sabe que aqui começou assim. Então, se juntaram esse pessoal todinho, então, já que ninguém pega a gente, vamos fazer alguma coisa. Aí teve alguém que teve a ideia de cooperativa. Se juntaram, bom, ninguém dá trabalho pra gente, nós estamos em vulnerabilidade social, nós estamos na rua, ou então ninguém trabalho também. Teve uns anos aí que teve crise, igual agora, né. Até mesmo pro profissional que não tem nada, que não tem nada problema com a justiça, tá difícil. Exatamente então montaram a cooperativa e deu certo. Foi aumentando, foi aumentando e tal, tudo bem. Não pegavam lá, mas pegavam aqui. Então esse Reviravolta tem pessoas nessa situação. Tem travesti aqui. Tem adversidade. Tem casais aqui masculinos e casais femininos. A gente já pega e tal e até põe o nome social ((na ficha cadastral)), o nome social de fulano de tal é Cat, é Cat, mas o nome dele é Raimundo. Então a gente considere isso também. A gente trabalha com todo mundo. Então tem pessoas aqui com problemas na justiça, negócio de filhos e tal, tudo bem, foram presidiários. Aí, quando tavam na prisão, os filhos tavam no abrigo. Veio o regime de adoção. Aí quando saiu já tinha sido adotado o filho, tem esse problema também, às vezes. E aqui vai lá com o juiz, vai lá na justiça, vai, tem aquela conversa toda até...

AS: Até resolver.

AD: Até resolver, exatamente.

AS: E você tá aqui há quanto tempo, Adelson?

AD: Tô aqui há dez meses. E meu colega aí tem quase dois anos.

((me servem café)).

AS: Obrigada.

AS: Eu tava olhando. Vi que vocês são bastante organizados.

AD: A gente fica nessa salinha porque a gente ficava juntamente com eles lá em cima, mas devido o atendimento lá em cima que é muito em massa, né, atrapalhava um pouco. No atendimento vinha alguém, a pessoa tá falando, aí pronto. Aí a gente veio pra essa salinha. Nos

organizamos aqui. Montamos um escritório aqui. Até o atendimento médico pode ser aqui algumas vezes. Ele usar uma mesa aqui ao lado e atende o pessoal.

AS: Vocês têm atendimento médico? O médico que trabalha...

MT: A gente tem uma parceria com o Posto Escola Barra Funda.

AD: Barra Funda, Boracéia.

AS: É um posto escola?

MT: Da Santa Casa.

AS: Que legal. Vocês têm outras parcerias?

MT: Temos, com a Coca-Cola, com a Tetra-Pak...

AS: Que bom, vocês têm algum tipo de ajuda financeira aqui?

AD: Olha, nem sempre.

MT: Nem sempre, mas às vezes depositam um dinheiro na nossa conta.

AD: Eles comunicam pra cá e tal, faz uma doação legal.

MT: Faz doação de alimentos.

AS: A Coopere sempre esteve no mesmo lugar?

MT: Sempre, nunca saiu daqui.

AD: Sempre esteve. Esse lugar é da prefeitura.

AS: Ah, a prefeitura cedeu essa área. Quantos metros quadrados tem que ter? É muito grande. É enorme isso. Eu achei enorme.

AD: Eu não sei.

AS: Eu fui entrando e não acabava mais.

AD: Dá pra montar mais coisas, inclusive tem uma casinha lá na frente (...) que fosse montado lá o escritório. Até mesmo porque...

AS: Eu ia lá, mas como não vi ninguém ali, fui entrando. Qualquer coisa, se eu não puder, eu peço desculpas.

AD: Até mesmo se alguém chegasse lá e é desconhecido, perguntaria logo lá, né? Alguém está aí?

AS: Verdade, porque tá logo ali na entrada.

AD: Sim, já voltava de lá, não viria até aqui.

AS: Mas é que eu não vi ninguém, falei ah eu vou entrar. Porque o segurança da LOGA me avisou, né, "não é ali". Aí fui entrando. Aí eu encontrei o pessoal e perguntei da Marta. Aí eu nem deixei a Marta tomar café hoje.

MT: Não. Eu tomei.

AS: Vocês já me explicaram um pouco da gestão, como são feitos os pagamentos, como que ela foi criada, porque eu marco algumas coisas porque isso me ajuda pra poder entender. Você que trabalha, a sua formação é de assistente social. Tô vendo que você tem um conhecimento bem amplo, você fala de vulnerabilidade social, você já tem um...

AD: Exatamente. Inclusive aqui, eu estagiei no primeiro setor, né. Tem o primeiro setor, o segundo setor e o terceiro setor. Este aqui é o terceiro setor. O primeiro setor são as escolas, hospitais, essas coisas, é o primeiro setor. Então estagiei no primeiro setor. Tem o segundo setor. O segundo setor, vou dar um exemplo muito amplo, concessionárias, rodovias, é o segundo setor. O segundo setor, ele é muito legal, em compensação não pega coisas que o terceiro setor já pega. Ele não insere pessoas em vulnerabilidade social. Então quer dizer que o pessoal ganha a concessão e só pega técnico, às vezes, daí pra frente.

AS: Entendi. Aí, nesse caso, você deve conhecer bem, por exemplo, como que é o trabalho do pessoal, se acontece algum tipo de acidente de trabalho...

MT: Difícil.

AS: É difícil? Porque são 120 cooperados, né.

AD: Ele é segurado.

MT: Ele é segurado pelo INSS. A gente paga o INSS de todo mundo aqui. Se acontecer algum acidente, a pessoa tem como se encostar e receber algum benefício.

AS: Entendi. Quando acontece algum tipo de acidente, é do quê? Algum tipo de corte?

MT: Corte, cortado no vidro.

AS: Vi bastante vidro ali.

AD: Por isso mesmo são, os EPI's são normais.

AS: Vi todo mundo de bota.

AD: Ele recebe bota, ele recebe óculos, ele recebe luvas, ele recebe máscaras pra que isso não venha acontecer, né, pra evitar de acontecer.

AS: Tem alguma, eles têm alguma restrição, eles não têm vontade de usar algum equipamento?

MT: Às vezes tem.

AD: Às vezes não tem vontade de usar, mas os coordenadores pegam no pé dele pra que eles usem. Por exemplo, tá mexendo com vidro, tem que usar óculos, é claro, né. Tá muito cheio de pó, tá poluído, então tem que usar máscara. Não podem trabalhar sem luvas. Não podem trabalhar sem ser vacinados. Porque eu já vi exemplos aqui que já teve sacos cheios de agulhas e...

MT: Lixo hospitalar.

AS: Vem parar lixo hospitalar aqui?

AD: Tem vezes que vem. Aí tem vezes que a pessoa tá sem luvas e aí? Não dá. Trabalha com luva. Trabalha com luva que é obrigatório, mesmo que esse lixo vem de todos os lugares. São todos os tipos de lixo, são orgânicos e não orgânicos.

AS: Quem que traz isso pra vocês?

AD: Esses têm os carros que são específicos daqui.

AS: São vocês que fazem a coleta?

MT: Nós fazemos a coleta.

AS: Vocês recebem da prefeitura também ou não?

MT: Não.

AS: Não. Tudo que tá aqui, vocês que fazem a coleta.

AD: Exatamente.

AS: E ainda assim, vem misturado de hospital, de clínica?

AD: Vem porque o pessoal quando deposita muitas vezes, não sei. Digamos assim, como têm clínicas também que a gente não sabe se existe, o governo também não sabe que existe. Tem clínicas aí que o governo não sabe que existem. Aí vai depositando...

MT: Posso falar uma coisa? Podemos ser breve? Eu ainda tenho um relatório pra fazer.

AS: Já? Então eu vou só...algum tipo de doença? Existe isso? Por exemplo, em função do trabalho, que eles reclamam?

MT: Dor nas costas, dor nas pernas.

AS: Isso deve ser mais comum pela posição.

MT: É oito horas em pé.

AS: Vocês trabalham direto de segunda à segunda?

MT: De segunda à sábado.

AD: O que eu já acompanhei aqui, que eu vou sempre acompanhar pessoas ao médico, então é micose. Tem uma senhora aí que tá com micose. Já fui levá-la ao hospital, o médico passou o retorno dela e tal, ela retornou e tal e tá beleza.

AS: São quantas toneladas por mês?

MT: Não sei.

AS: Por dia dá pra ter uma ideia?

AD: Tem uma meta, inclusive na LOGA, que seria bom até que você fosse lá ver. Lá eles cobrem até 120 tonelada, mas não é possível. Porquê? A velocidade da máquina é muito mais que o ser humano, né? E ela é preparada também para um povo mais é, de estatura maior que a nossa brasileira, ela é holandesa.

AS: Tem isso? O equipamento é de fora. Então...

AD: O pessoal sempre reclama da altura da esteira, do posicionamento. Na Holanda o pessoal é bem mais alto, né?

AS: Ah, bem que você me falou que a LOGA é holandesa. Então eles trazem o equipamento da Holanda que é programado pro pessoal, os holandeses são gigantes.

AD: A nossa estatura é diferente.

AS: Exatamente. Nós somos menores.

AD: Não sei se alguém já lembrou de falar isso em algum contato com a prefeitura, mas eu observo isso daí.

AS: Olha, tá vendo? É um outro olhar, por isso que eu tinha que vir. Porque uma coisa é você ficar lendo sobre cooperativas e outra é você vim conhecer. E essa aqui é enorme.

AD: Não diz a origem.

AS: Não explica, não fala. E como que vocês vendem? Vocês vendem direto pra indústria?

MT: Uma parte pra indústria e uma parte pro atravessador.

AS: O atravessador é o quê? O ferro velho?

MT: O atravessador é pessoas que vem até aqui, compra, seleciona e revende.

AD: Revende para o empresário.

AS: E vale a pena quando é atravessador? Porque se ele revende, eu acredito que ele não deva pagar o que uma indústria pode pagar.

AD: É que tem tipo de material que o empresário recebe, mas o atravessador não recebe.

MT: Que é pouco, não faz tonelada. Não faz tonelada.

AS: Bom, eu sei que vocês têm caminhões pra coleta, que tem prensa, que tem esteiras, tem algum outro tipo de equipamento?

MT: Tem picotadeira, a gente tem a cozinha, é isso.

AD: Tem o refeitório.

MT: A gente ganha um fundo de verba de mil quatrocentos e pouco pra fazer a compra do mês.

AS: É? De quem?

MT: Da Gaspar Garcia.

AD: Nessa aqui na qual eu sou inserido. É que nós damos apoio. Aqui nós somos três. O Otávio, eu e a Arlete da contabilidade. Um suporte técnico que a gente oferece. A Gaspar Garcia oferece. Então, qualquer orientação, eles correm aqui. No tanto que a gente pode oferecer, a gente oferece. Nem tudo, porque nem tudo também a gente está capacitado. É, digamos, com o governo, às vezes tem coisas que a gente não tá atualizado, mas sempre vem pessoas do governo também. Anteontem veio uma pessoa da prefeitura e toma conhecimento.

AS: Vem pra auditar?

AD: Não. Não é uma auditoria. É só visita à respeito de saber como é que tá funcionando mesmo. É bom que tivesse uma auditoria em todos os negócios do governo também. Seria muito melhor.

AS: Qual seria o principal problema que a cooperativa enfrenta hoje?

AD: Difícil. hoje é o seguinte. Aqui ó, o que eu vejo, aqui tem muita evasão. Evasão tem constante. Tem pessoas que entram aqui, trabalham três dias, mas também o que que eu acho? A pessoa está em vulnerabilidade, ele não tá trabalhando. Ele não recebe nada, muitas vezes se alimenta pouco por aí. Chega aqui, ele não chega forte. Ele chega vulnerável realmente. Ele não recebe logo e continua trabalhando. Mas a alimentação aqui também, de sexta-feira, a cooperativa dá. Então de segunda à quinta ele vai comer o quê? Aí tem umas ajudas da prefeitura aqui ao lado, a gente passa autorização, eles vão aqui comer. Tem aqui o coreano também, que a gente não conhece, que a gente não foi lá, eles também não vieram aqui, né? Mas eles também vão lá e eles cedem comida. Já alivia um pouco. Mas a maior parte do motivo da evasão é por aí.

AS: É porque ele não recebe todo dia?

AD: Se ele não consegue aqui o apoio da prefeitura ou desse evangélico, aí fica difícil.

AS: Quais seriam, do ponto de vista de vocês, as principais vantagens qual seria uma desvantagem da cooperativa?

MT: Vantagem é que você é seu próprio patrão. Você não é empregado de ninguém. Tá trabalhando pra você. Autonomia é tudo. E chega pessoas aqui de albergue que em dois meses já alugou quarto, já saiu do albergue. Autonomia.

AD: É funciona isso aí.

MT: Funciona. A coisa aqui dentro funciona.

AS: Essa seria uma vantagem. E desvantagem, teria? De trabalhar em cooperativa?

MT: A desvantagem é que quem trabalha muito tempo em cooperativa não recebe fundo de garantia, 13º. Eu tenho seis anos, se eu fosse sair da cooperativa? Eu tinha um dinheirinho pra receber, né?

AD: Você recebe o fundo férias, em contrapartida.

MT: Recebe o fundo férias, em contrapartida. Mas se fosse os meus seis anos eu ia adorar, né?

AD: Em compensação ela tem arrecadação para o INSS que vale para a aposentadoria dela, que aqui se faz.

AS: Que bom. Agora eu paro e deixo vocês. Muito obrigada.

APÊNDICE G – Entrevistas com os Cooperados da Cooperativa Fênix Ágape

Nome da Cooperativa: Fênix Ágape
Cooperado: C-FA1
Idade: 35 anos
Sexo: Masculino
Estado de nascimento: SP
Escolaridade: “Faz tempo. Não sei, não.”
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa? “Tem dois anos.”
Qual a sua atividade na cooperativa? “Eu carrego os caminhões. Levo as bags e carrego, mas quando dá, eu ajudo a separar.”
Você trabalha quantas horas por dia? “Trabalho todos os dias, o dia inteiro.”
Já teve outro trabalho? “Já trabalhei em firma de escapamento, mas fechou e eu fiquei desempregado.”

1) Quais doenças você pode ter em contato com o lixo?
   “Aqui acho que o problema são os ratos.”

2) Quais são os perigos do seu trabalho?
   “Não tem perigo, não.”

3) Você tem acesso a serviço de saúde?
   “Se a gente precisar aqui é só falar com a Francisca.”

4) Já tomou alguma vacina?
   “Que me lembre só quando era criança.”

5) Costuma ir ao médico?
   “Não gosto de médico, não.”

6) Faz exames?
   “Não.”

7) Você tem dores nas costas por causa do seu trabalho?
   “Minhas costas doem, sim. Essas bags são pesadas.”

8) Essa dor (ou desconforto) te prejudica no trabalho?
   “Às vezes dói pra caramba, mas ainda sou novo.”

9) Você sente alguma outra dor?
   “Às vezes eu tenho dor de cabeça.”

10) Já sofreu cortes ou outros machucados?
"Com vidro é direto. Sempre tô cortado, mas é pequeno [o corte]."

11) Como você se sente trabalhando na cooperativa?
"Vou pra onde, dona? Aqui pelo menos tem trabalho."

12) O que você acha do seu trabalho?
"Não é bom, não, mas tem pior e a gente, pelo menos não cata na rua."

13) Vocês cooperam um com o outro? Têm problemas de relacionamento?
"Pra mim é de boa."

14) É melhor trabalhar como catador autônomo ou cooperado? Porquê?
"Aqui não confundem a gente com lixo."

15) Como é a segurança no seu trabalho?
"Tem os EPI, mas nem sempre eu uso porque me atrapalha."

16) Você tem algum plano para o futuro?
"Eu quero ter a minha casa com meus filhos."

17) O que é qualidade de vida pra você?
"Eu tenho que ter saúde pra trabalhar. Enquanto eu tiver firme, eu trabalho e levo as coisas pra casa."

18) Você gosta do trabalho que faz?
"Eu não penso nisso não. Eu só trabalho."

19) O que a sua família e as outras pessoas acham do seu trabalho?
"Eu não ligo pra isso, não. Quem tem que gostar sou eu. Eu tenho dois filhos grandes e não quero isso pra eles, não."

20) Você tem casa própria? "Não." Tem coleta de lixo? "Sim." Esgoto? "Sim" Alagamento? "Não." É próxima da cooperativa? "Sim."

21) Sua vida melhorou na cooperativa?
"Sim. Pelo menos não tô desempregado."

22) Quais as melhorias trabalhando na cooperativa?
"Eu tenho trabalho. Eu e minha mulher. A gente coloca as coisas em casa."

23) O que precisa ser feito para melhorar o seu trabalho?
"Se tivesse alguma coisa que ajudasse com o peso das bags seria bom."

24) Você já faltou ao trabalho por causa de doença?
"Não."

25) Você já ficou doente por causa do trabalho?
"Não."

26) Você pensa em mudar de emprego?
"Era bom a carteira assinada. Se aparecer algo por aí..."

27) Você concorda como é feito o pagamento pra vocês?
"Eu acho que eu tinha que ganhar mais. O meu trabalho é mais pesado, me canso mais."

28) O que você recebe nesse trabalho está bom pra você?
"Ia ser bom se tivesse carteira assinada, mas dá pra viver."

Nome da Cooperativa: Fênix Ágape
Cooperado: C-FA2
Idade: 46 anos
Sexo: Feminino
Estado de nascimento: SP
Escolaridade: 1º grau (até a 5ª série)
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa? "Em 25 de janeiro do próximo ano, faço 3 anos."
Qual a sua atividade na cooperativa? "Faço separação, mas onde me colocar, eu fico. Se for pra separar plástico também. Em qualquer lugar."
Você trabalha quantas horas por dia? "Das 8:00hs às 17:00hs de semana e aos sábados até às 15:00hs."
Já teve outro trabalho? "Nunca trabalhei antes, mas me assustei com o trabalho quando entrei, mas resolvi tentar mesmo assim."

1) Quais doenças você pode ter em contato com o lixo?
   "Aqui tem rato, leptospirose, dengue, mas aqui até agora nada. Tem uns ratinhos, mas doença nenhuma."

2) Quais são os perigos do seu trabalho?
   "Pode machucar um pouco, se não cuidar."

3) Você tem acesso a serviço de saúde?
   "Eu tenho meu médico."

4) Já tomou alguma vacina?
   "Não."

5) Costuma ir ao médico?
   "Eu tenho o meu médico mesmo."

6) Faz exames?
   "Eu faço por causa das minhas doenças."

7) Você tem dores nas costas por causa do seu trabalho?
   "Às vezes dói bastante, mas a gente leva."

8) Essa dor (ou desconforto) te prejudica no trabalho?
   "Quando tenho que faltar não é bom, porque não recebo."

9) Você sente alguma outra dor?
   "Dor de cabeça, só."

10) Já sofreu cortes ou outros machucados?
"Às vezes uns "machucadinhos" com vidro. Às vezes vem material com seringas e a gente separa. A gente já tem experiência, já vê e separa."

11) Como você se sente trabalhando na cooperativa?
"Como nunca trabalhei em lugar nenhum, eu me sinto bem aqui. Eu gosto de trabalhar aqui. Quando eu não venho, sinto falta. Eu fico em casa, mas sinto falta."

12) O que você acha do seu trabalho?
"Meu marido trabalha, mas completa a renda. Ajuda bastante."

13) Vocês cooperam um com o outro? Têm problemas de relacionamento?
"Aqui a gente trabalha separado. Cada um faz o seu, a sua parte. Antes era em dupla, mas agora é individual."

14) É melhor trabalhar como catador autônomo ou cooperado? Porquê?
"Eu prefiro aqui. Pra rua não vou."

15) Como é a segurança no seu trabalho?
"A segurança é bem. Só que no primeiro dia eu não sabia de nada e vim trabalhar de bermuda. Aqui é cheio de pernilongo e as minhas pernas saíram toda picadinha."

16) Você tem algum plano para o futuro?
"Não. [não soube responder nem mesmo perguntando sobre planos futuros para os filhos]."

17) O que é qualidade de vida pra você?
"Eu trabalhando me sinto melhor do que quando ficava em casa. Em casa tem os filhos dando problema."

18) Você gosta do trabalho que faz?
"Eu gosto. Já acostumei."

19) O que a sua família e as outras pessoas acham do seu trabalho?
"Meu filho mais novo já trabalhou aqui por 6 meses. O do meio ficou uma semana, mas não gostou e saiu. O mais velho ficou 3 meses, mas saiu também. Os meus filhos pedem pra eu parar, porque me canso muito. Minha família não acha nada. Eles só acham bom porque nunca trabalhei. Tem um primo meu que me chama de Maria do barro, que eu trabalho no lixão, mas é brincadeira."

20) Você tem casa própria? "Não, é do meu sogro." Tem coleta de lixo? "Sim." Esgoto? "Sim." Alagamento? "Não." É próxima da cooperativa? "Não. São uns 40 minutos à pé. Só uso ônibus quando não estou bem."

21) Sua vida melhorou na cooperativa?
"Sim."

22) Quais as melhorias trabalhando na cooperativa?
"Consegui comprar mais coisas pra mim que eu sou muito vaidosa e pra casa. Minha vida agora tá melhor. Agora eu sei que tô fazendo alguma coisa."

23) O que precisa ser feito para melhorar o seu trabalho?
"Não. Pra mim tá tudo bem."

24) Você já faltou ao trabalho por causa de doença?
"Já. Eu falto algumas vezes. Só falto quando tô bem ruim."

25) Você já ficou doente por causa do trabalho?
"Não. Eu já vim com meus "probleminhas" de saúde. Tenho problema de tireoide e dores de cabeça, mas já entrei aqui com isso."

26) Você pensa em mudar de emprego?
"Não. Se eu sair daqui não vou procurar outra coisa pra fazer."

27) Você concorda como é feito o pagamento pra vocês?
"Acho justo. Tem dia que eu não tô bem e produzo pouco, mas a Francisca já sabe. Agora é pelo banco, é melhor ainda."

28) O que você recebe nesse trabalho está bom pra você?
"Pra mim tá."

Nome da Cooperativa: Fênix Ágape
Cooperado: C-FA3
Idade: 52 anos
Sexo: Feminino
Estado de nascimento: SP
Escolaridade: 1º grau (até a 4ª série)
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa? “Sete anos.”
Qual a sua atividade na cooperativa? “Eu separo as garrafas PET, os vidros, qualquer material.”
Você trabalha quantas horas por dia? “Todo dia. Se abrir de domingo, eu venho também [não abre aos domingos].”
Já teve outro trabalho? “Já fui costureira e já catei na rua também. Se precisar, a gente faz qualquer coisa.”

1) Quais doenças você pode ter em contato com o lixo?
   “Aqui dá pra pegar um monte de coisa. Tem pernilongo, às vezes aparece um rato.”

2) Quais são os perigos do seu trabalho?
   “Eu cuido pra não me machucar. Uso luvas, botas, o que precisar, senão a gente machuca mesmo.”

3) Você tem acesso a serviço de saúde?
   “Quando preciso, vou no posto.”

4) Já tomou alguma vacina?
   “Não.”

5) Costuma ir ao médico?
   “Às vezes vou no posto porque tenho dor de cabeça e as costas ardem.”

6) Faz exames?
   “Difícil o posto pedir.”

7) Você tem dores nas costas por causa do seu trabalho? (Essas dores nas costas e a dor de cabeça é por causa do seu trabalho?)
   “As dores nas costas é sim. A gente fica o dia inteiro ou de pé ou agachando o tempo todo. A dor de cabeça não é não, acho que é velhice.”

8) Essa dor (ou desconforto) te prejudica no trabalho?
   “Não. Eu venho trabalhar normal.”

9) Você sente alguma outra dor?
   “Não precisa mais não, né?”

10) Já sofreu cortes ou outros machucados?
"Já me cortei e uma vez entrou um prego na minha mão."

11) Como você se sente trabalhando na cooperativa?
"É a necessidade. É bom. Eu tiro um dinheirinho."

12) O que você acha do seu trabalho?
"Eu preciso trabalhar e aqui ninguém é patrão de ninguém."

13) Vocês cooperam um com o outro? Têm problemas de relacionamento?
"Não precisa ajudar, não. Cada um faz a sua parte."

14) É melhor trabalhar como catador autônomo ou cooperado? Porquê?
"Melhor na cooperativa. Na rua é muito ruim. As pessoas pensa que a gente é indigente, que vai roubar."

15) Como é a segurança no seu trabalho?
"É isso que você tá vendo. Eu cuido do meu trabalho, presto atenção."

16) Você tem algum plano para o futuro?
"Queria ter uma casa minha. A gente já entrou nesses planos do governo pra ver se consegue."

17) O que é qualidade de vida pra você?
"Pra mim é poder trabalhar, não passar fome, ter as coisas em casa."

18) Você gosta do trabalho que faz?
"Depois de tanto tempo trabalhando com isso, acho que tá bom."

19) O que a sua família e as outras pessoas acham do seu trabalho?
"Quando eu tava na rua tinha gente que me xingava. Agora não. Meus filhos não gostam, não, mas todos já trabalharam aqui."

20) Você tem casa própria? "Não." Tem coleta de lixo? "Sim." Esgoto? "Sim." Alagamento? "Não." É próxima da cooperativa? "Sim."

21) Sua vida melhorou na cooperativa?
"Sim."

22) Quais as melhorias trabalhando na cooperativa?
"Eu compro o que preciso. Ajudo em casa."

23) O que precisa ser feito para melhorar o seu trabalho?
"Não. Tá bom assim."

24) Você já faltou ao trabalho por causa de doença?
"Tem vezes que saio antes pra ir no posto."

25) Você já ficou doente por causa do trabalho?
"Nenhuma vez nesses sete anos."

26) Você pensa em mudar de emprego?
"Quem vai querer uma velha? Aqui, pelo menos, todo mundo é igual e ninguém manda em ninguém."

27) Você concorda como é feito o pagamento pra vocês?
"Sim. Às vezes demora pra receber."

28) O que você recebe nesse trabalho está bom pra você?
"Ajuda bastante."

APÊNDICE H – Entrevistas com os Cooperados da Cooperativa Cooperação

Nome da Cooperativa: Cooperação
Cooperado: C-CO1
Idade: 57 anos
Sexo: Feminino
Estado de nascimento: SP
Escolaridade: todo o primeiro grau.
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa? “Tem uns cinco anos.”
Qual a sua atividade na cooperativa? “Eu trabalho na separação, mas tem vezes que trabalho enchendo a esteira.”
Você trabalha quantas horas por dia? “Desde que abre até a hora que fecha [8 horas e trabalha aos sábados também].
Já teve outro trabalho? “Eu sempre trabalhei em firma, com máquina, mas aí onde eu tava fechou e com a minha idade fica difícil alguém querer.”

1) Quais doenças você pode ter em contato com o lixo?
   “Dá pra pegar um monte de coisa. Eu já tive coceira na mão.”

2) Quais são os perigos do seu trabalho?
   “Perigo de pegar doença, se machucar. Eu uso tudo, não quero me machucar e perder dia de trabalho. Se não trabalhar, também não recebe.”

3) Você tem acesso a serviço de saúde?
   “Tenho.”

4) Já tomou alguma vacina?
   “Já tomei a antitetânica e pra gripe.”

5) Costuma ir ao médico?
   “É difícil. A última que fui foi porque não tava aguentando de coceira na mão.”

6) Faz exames?
   “O médico falou que eu tava com micose e passou pomada e uns remédios.”

7) Você tem dores nas costas por causa do seu trabalho?
   “Só quando vou encher a esteira. Tem que tirar dos sacos que vem do caminhão e a gente agacha muito pra coloca na esteira.”

8) Essa dor (ou desconforto) te prejudica no trabalho?
   “Não posso ficar dois dias seguido nessa função [encher a esteira], senão não consigo vir trabalhar.”

9) Você sente alguma outra dor?
   “Não.”

10) Já sofreu cortes ou outros machucados?
"Não. Eu uso luvas."

11) Como você se sente trabalhando na cooperativa?
"Eu gosto de trabalhar aqui. Me sinto bem."

12) O que você acha do seu trabalho?
"Acho ele difícil. Não é todo mundo que aguenta, não."

13) Vocês cooperam um com o outro? Têm problemas de relacionamento?
"Aqui tem umas pessoas com tempo pra cuidar da vida do outro. Devia trabalhar mais."

14) É melhor trabalhar como catador autônomo ou cooperado? Porquê?
"Então, é melhor trabalhar aqui do que na rua."

15) Como é a segurança no seu trabalho?
"Eu uso os EPI's, só tem que tomar cuidado com os caminhões. É muito entra e sai."

16) Você tem algum plano para o futuro?
"Eu vou comprar a minha própria casa. Eu e meu marido."

17) O que é qualidade de vida pra você?
"É poder fazer as coisas e não depender de ninguém."

18) Você gosta do trabalho que faz?
"Eu gosto."

19) O que a sua família e as outras pessoas acham do seu trabalho?
"Meus filhos não gostam, mas sou eu que paga as contas, então eles não têm que falar nada."

20) Você tem casa própria? "Não. É da família do meu marido." Tem coleta de lixo? "Sim." Esgoto? "Sim." Alagamento? "Não." É próxima da cooperativa? "Sim."

21) Sua vida melhorou na cooperativa?
"Eu não tô mais desempregada."

22) Quais as melhorias trabalhando na cooperativa?
"Tenho minhas coisas, pago as contas, minha família não pode falar nada."

23) O que precisa ser feito para melhorar o seu trabalho?
"Aqui não tem muito o que fazer, não. É assim mesmo."

24) Você já faltou ao trabalho por causa de doença?
"Só por causa da coceira. Tive que ficar uns dias fora."

25) Você já ficou doente por causa do trabalho?
"Essa coceira eu peguei aqui, mas tá resolvido. É só usar luva."

26) Você pensa em mudar de emprego?
"Ninguém vai me querer. E depois, tudo o que eu preciso, eu tiro daqui."

27) Você concorda como é feito o pagamento pra vocês?
"Acho justo. Se você trabalhar mais, recebe mais, senão não pode reclamar."

28) O que você recebe nesse trabalho está bom pra você?
"Se eu precisar de mais, dou um jeito. Que a vida tá difícil, aí faço uns bolos pra fora."

Nome da Cooperativa: Cooperação
Cooperado: C-CO2
Idade: 65 anos
Sexo: Feminino
Estado de nascimento: SP
Escolaridade: “estudei uns quatro anos”
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa? “Que nem a Isabel. Viemos pra cá no mesmo tempo. 2004 mais ou menos.”
Qual a sua atividade na cooperativa? “Hoje eu tô no papel, mas tem dia que vou lá na esteira separar.”
Você trabalha quantas horas por dia? “Também vou o dia todo [são 8 horas diárias].”
Já teve outro trabalho? “Já fiz de um tudo. Fui empregada, cozinheira, faxineira. O que aparecia tava bom. Quando fiquei desempregada, fui catar e aí depois vim pra cá.”

1) Quais doenças você pode ter em contato com o lixo?
   “Nunca fiquei doente. Só tive um acidente aqui com vidro que cortou minha mão [me mostrou o corte cicatrizado].”

2) Quais são os perigos do seu trabalho?
   “Tem que usar luva. Se usar não tem problema. Apesar que eu não tô usando que eu fico lerda pra separar isso aqui [me mostra as pastas suspensas com o ferro].”

3) Você tem acesso a serviço de saúde?
   “Tenho o SUS.”

4) Já tomou alguma vacina?
   “Não.”

5) Costuma ir ao médico?
   “Às vezes, mas não gosto, não.”

6) Faz exames?
   “Esses dias tive que fazer pro estômago, que ando meio enjoada.”

7) Você tem dores nas costas por causa do seu trabalho?
   “Ah, dói. Já cheguei a ficar uma semana inteira no hospital, mas que nem a Isabel, tô acostumada.”

8) Essa dor (ou desconforto) te prejudica no trabalho?
   “Tem vez que preciso faltar, mas é ruim, porque aí nós não recebe.”

9) Você sente alguma outra dor?
"Não."

10) Já sofreu cortes ou outros machucados?
"Só esse da mão."

11) Como você se sente trabalhando na cooperativa?
"Eu gosto também, mas preferia tá em casa com meus netos."

12) O que você acha do seu trabalho?
"É bom. Eu trabalho tranquila."

13) Vocês cooperam um com o outro? Têm problemas de relacionamento?
"Nunca tive problema com ninguém. Eu faço o meu aqui e tá tudo bem."

14) É melhor trabalhar como catador autônomo ou cooperado? Porquê?
"É melhor aqui. Não tenho idade e nem força mais pra puxar carrinho."

15) Como é a segurança no seu trabalho?
"Aqui não tem perigo, não. Eu só tinha que usar a luva."

16) Você tem algum plano para o futuro?
"Eu quero poder chegar uma hora que eu possa descansar um pouco com a minha família."

17) O que é qualidade de vida pra você?
"Saúde, não sentir dor e ter força pra seguir e tá com minha família também."

18) Você gosta do trabalho que faz?
"É a precisão que faz a gente trabalhar até agora. Se tem aqui, então a gente trabalha aqui."

19) O que a sua família e as outras pessoas acham do seu trabalho?
"Eles gostam que eu ajudo. Ficou melhor. Eu faço as compras pra casa. Pago as contas de água, de luz..."

20) Você tem casa própria? "Sim." Tem coleta de lixo? "Sim." Esgoto? "Sim." Alagamento? "Não." É próxima da cooperativa? "Sim."

21) Sua vida melhorou na cooperativa?
"Eu posso comprar as coisas que precisa."

22) Quais as melhorias trabalhando na cooperativa? [tem outras coisas que melhoraram pra senhora, vindo pra cooperativa?]
"Eu me mantenho ocupada, não fico pensando bobagem. Esses dias comprei uma televisão boa, ajudei a comprar um fogão novo..."

23) O que precisa ser feito para melhorar o seu trabalho?
"Precisava de um lugar melhor pra sentar. Assim dá dor na coluna."

24) Você já faltou ao trabalho por causa de doença?
"Já aconteceu, sim."

25) Você já ficou doente por causa do trabalho?
"Só quando cortei a mão. Tive que ficar uns dias longe."

26) Você pensa em mudar de emprego?
"Com a minha idade? Não."

27) Você concorda como é feito o pagamento pra vocês?
"Também acho que podia ser mais, mas a gente vê como elas trabalham, elas são um de nós."

28) O que você recebe nesse trabalho está bom pra você?
"Ajuda bastante."

Nome da Cooperativa: Cooperação
Cooperado: C-CO3
Idade: 70 anos
Sexo: Feminino
Estado de nascimento: SP
Escolaridade: “estudei muito pouco, fia”
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa? “Tem muitos anos, desde o começo. Acho que desde 2003, 2004.”
Qual a sua atividade na cooperativa? “Eu sempre fiz tudo, mas hoje tô aqui no papel. Se precisar, ainda vou em qualquer lugar.” [faz a separação por tipo de papel; tira o ferro de pastas suspensas e separa o ferro do papel da pasta]
Você trabalha quantas horas por dia? “O dia inteiro.”
Já teve outro trabalho? Já trabalhei na rua, catando. Era precisão. Antes eu fui faxineira.

1) Quais doenças você pode ter em contato com o lixo?
   “Eu nunca tive nada, não, mas quando não tô bem, não dá pra vir muito.”

2) Quais são os perigos do seu trabalho?
   “Às vezes corta, mas é pouco. Aqui eu fico sentada, trabalhando e conversando, tá tudo bem.”

3) Você tem acesso a serviço de saúde?
   “Se precisar, tem o médico da firma do meu filho [pelo convênio médico do filho].”

4) Já tomou alguma vacina?
   “Não.”

5) Costuma ir ao médico?
   “Às vezes precisa, quando eu travo é mais complicado.”

6) Faz exames?
   “Faço alguns pras costas e pra cabeça.”

7) Você tem dores nas costas por causa do seu trabalho?
   “Aqui machuca um pouco, mas já tô acostumada, são muitos anos.”

8) Essa dor (ou desconforto) te prejudica no trabalho?
   “Às vezes eu travo, aí não dar pra vir.”

9) Você sente alguma outra dor?
   “Só de cabeça, às vezes, e nas pernas um pouco.”

10) Já sofreu cortes ou outros machucados?
Eu não, mas a Teixeira já.

11) Como você se sente trabalhando na cooperativa?
"Aqui eu tô feliz. Venho pra cá ganhar meu dinheiro, não fico em casa pensando em doença. Dou bastante risada. A gente trabalha, mas se diverte."

12) O que você acha do seu trabalho?
"Tá bom demais. É só aqui dentro. Na rua é pior."

13) Vocês cooperam um com o outro? Têm problemas de relacionamento?
"Eu me dou bem com todo mundo. Conheço todo mundo e gosto de todo mundo."

14) É melhor trabalhar como catador autônomo ou cooperado? Porquê?
"É bem melhor aqui. Puxar carrinho é muito pesado e as pessoas não respeita."

15) Como é a segurança no seu trabalho?
"É isso aqui. A gente senta em cima das bag e faz o trabalho."

16) Você tem algum plano para o futuro?
Eu queria ganhar na loteria [muitas risadas].

17) O que é qualidade de vida pra você?
"Faz bem ter saúde, um lugar pra descansar, uma novela, poder comer o que gosta."

18) Você gosta do trabalho que faz?
"Eu gosto. Tô bem aqui."

19) O que a sua família e as outras pessoas acham do seu trabalho?
"Meus filhos não gostam, não. Acham que eu tenho que parar, mas aí eu faço o quê? Esse dinheiro faz falta."

20) Você tem casa própria? "Não." Tem coleta de lixo? "Sim." Esgoto? "Sim." Alagamento? "Não." É próxima da cooperativa? "Sim."

21) Sua vida melhorou na cooperativa?
"É bom trabalhar aqui. Eu levo um dinheirinho pra casa. Antes eu sofria muito mais."

22) Quais as melhorias trabalhando na cooperativa?
"Eu ajudo em casa, né. Lá tem muita gente."

23) O que precisa ser feito para melhorar o seu trabalho?
"Não precisa nada."

24) Você já faltou ao trabalho por causa de doença?

"Eu falto quando a dor nas costas tá muito grande."

25) Você já ficou doente por causa do trabalho?
"Não. Não tem o que ficar doente aqui. Só dá dor nas costas."

26) Você pensa em mudar de emprego?
[Deu muitas risadas.]

27) Você concorda como é feito o pagamento pra vocês?
"Ah, podia ser um pouco mais, mas elas fazem certinho."

28) O que você recebe nesse trabalho está bom pra você?
"É a necessidade, fia. Preciso do dinheirinho. Ajuda."

APÊNDICE I – Entrevistas com os Cooperados da Cooperativa Coopamare

Nome da Cooperativa: Coopamare
Cooperado: C-CP1
Idade: 35 anos
Sexo: Feminino
Estado de nascimento: SP
Escolaridade: “até a quarta série.”
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa? “Já fez um ano.”
Qual a sua atividade na cooperativa? “Eu separo o material e às vezes vou pra prensa.”
Você trabalha quantas horas por dia? “Seis, sete horas.”
Já teve outro trabalho? “Eu trabalhava de diarista e já fui cozinheira num bar, mas não dava quase nada.”

1) Quais doenças você pode ter em contato com o lixo?
   “Eu nunca tive nada, não. Aqui a gente organiza as coisas, não tem perigo, não.”

2) Quais são os perigos do seu trabalho?
   “Não tem perigo nenhum, não.” [Perguntei sobre não usar luva e me respondeu que dessa forma é melhor pra trabalhar, não atrapalha].

3) Você tem acesso a serviço de saúde?
   “Eu vou na unidade perto de casa.”

4) Já tomou alguma vacina?
   “Só quando era criança, eu acho.”

5) Costuma ir ao médico?
   “Não. Eu sou forte ainda, não tenho nada.”

6) Faz exames?
   “Não. Nunca fiz exame nenhum.”

7) Você tem dores nas costas por causa do seu trabalho?
   “Só quando eu vou pra prensa, porque tem que ficar abaixando. Aqui não [estava na bancada].”

8) Essa dor (ou desconforto) te prejudica no trabalho?
   “Não. Quando eu falto é porque estou cansada mesmo.”

9) Você sente alguma outra dor?
   “Acho que todo mundo. Às vezes a gente tem umas dor aqui, outras lá.”

10) Já sofreu cortes ou outros machucados?
"Já me cortei várias vezes. Sou meio atrapalhada."

11) Como você se sente trabalhando na cooperativa?
"Eu trabalho porque precisa, não dá pra não ter nada e aí faço como pra comer?"

12) O que você acha do seu trabalho?
"É como qualquer outro. Aqui eu não tenho patroa me explorando."

13) Vocês cooperam um com o outro? Têm problemas de relacionamento?
"Sei lá. Cada dia é um que aparece aqui. Se não me atrapalhar..."

14) É melhor trabalhar como catador autônomo ou cooperado? Porquê?
"Hoje eu tô aqui, amanhã não sei."

15) Como é a segurança no seu trabalho?
"É tranquilo. Se eu quiser usar alguma coisa, eu uso, se não quiser, não tem problema."

16) Você tem algum plano para o futuro?
"Eu queria trabalhar de carteira assinada pra ficar tranquila."

17) O que é qualidade de vida pra você?
"Eu queria poder descansar um pouco, ficar em casa sossegada, fazer o que eu quiser, ter as coisas. A gente só vê na tv, mas cadê que tem?"

18) Você gosta do trabalho que faz?
"Não, mas a gente tem que fazer se quiser alguma coisa. Eu preferia ter a carteira por causa dos benefícios, mas quem quer pagar?"

19) O que a sua família e as outras pessoas acham do seu trabalho?
"Falam que eu mexo com lixo, que isso não é vida. Tem gente que olha torto quando fica sabendo. Mas na hora que eu chego com o dinheiro, ninguém reclama."

20) Você tem casa própria? "Não." Tem coleta de lixo? "Sim." Esgoto? "Sim." Alagamento? "Sim, quando chove muito." É próxima da cooperativa? "Não."

21) Sua vida melhorou na cooperativa?
"Nem sim, nem não. A gente tem que trabalhar e pronto."

22) Quais as melhorias trabalhando na cooperativa? [Mas trabalhando aqui, você conseguiu fazer alguma coisa diferente?]
"A única coisa boa aqui é que quando não tô bem, não venho e tá tudo bem."

23) O que precisa ser feito para melhorar o seu trabalho?
"A gente só precisa tirar mais [dinheiro]."

24) Você já faltou ao trabalho por causa de doença?
"Só dor de cabeça, que eu tenho enxaqueca."

25) Você já ficou doente por causa do trabalho?
"Não."

26) Você pensa em mudar de emprego?
"Se aparecer alguma coisa melhor, eu vou. Quem não vai? Vai ficar aqui a vida inteira?"

27) Você concorda como é feito o pagamento pra vocês?
"Tá bom assim, mas é pouco."

28) O que você recebe nesse trabalho está bom pra você?
"Quando aparece uns outros bicos, a gente faz também, tipo faxina."

Nome da Cooperativa: Coopamare
Cooperado: C-CP2
Idade: 39 anos
Sexo: Feminino
Estado de nascimento: SP
Escolaridade: terminou a sétima série.
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa? “Há dois anos.”
Qual a sua atividade na cooperativa? “Eu trabalho na separação.”
Você trabalha quantas horas por dia? “Tem vez que seis, tem vez que oito.”
Já teve outro trabalho? “Trabalhei como manicure, caixa de supermercado, e já puxei carrinho também.”

1) Quais doenças você pode ter em contato com o lixo?
   “Eu tive micose, mas agora acho que a pele acostumou [estava sem luvas ou botas, usava uma sapatilha]. Dá pra ter doença do rato também, mas nunca tive.”

2) Quais são os perigos do seu trabalho?
   “Algum acidente. Corte com vidro, com faca. Aparece até seringa no meio disso.”

3) Você tem acesso a serviço de saúde?
   “SUS.”

4) Já tomou alguma vacina?
   “Não lembro.”

5) Costuma ir ao médico?
   “Eu ia quando a mão coçava muito e virava ferida.”

6) Faz exames? [Fez exames? E hoje faz algum?]
   “O médico só disse que era micose e passou remédio. Hoje não tenho nada.”

7) Você tem dores nas costas por causa do seu trabalho?
   “Quando tenho que puxar os sacos ou ficar na boca da esteira [quando “alimenta” a esteira com o material pra ser separado – precisa ficar agachando o tempo todo, além de arrastar sacos pesados].”

8) Essa dor (ou desconforto) te prejudica no trabalho?
   “Só quando eu não consigo vir trabalhar. Às vezes a dor é muita.”

9) Você sente alguma outra dor?
   “Não.”

10) Já sofreu cortes ou outros machucados?
"Só uma vez que tinha uma faca velha no meio do material. Aí tive que lavar e pôr a luva."

11) Como você se sente trabalhando na cooperativa?
"Me sinto bem. Trabalho é trabalho."

12) O que você acha do seu trabalho?
"Ele é bom, ajuda todo mundo."

13) Vocês cooperam um com o outro? Têm problemas de relacionamento?
"Cada um cuida da sua área, faz o seu, aí não tem problema."

14) É melhor trabalhar como catador autônomo ou cooperado? Porquê?
"Cooperado. Aqui a gente tem mais ajuda, já sabe o que vai encontrar. Na rua, tem "nego" que odeia a gente."

15) Como é a segurança no seu trabalho?
"É boa porque a gente já tem experiência, já sabe o que faz."

16) Você tem algum plano para o futuro?
"Quero ter a minha casinha."

17) O que é qualidade de vida pra você?
"É estar bem com a família, com os filhos."

18) Você gosta do trabalho que faz?
"É melhor do que ir pra rua ou não ter nada pra fazer."

19) O que a sua família e as outras pessoas acham do seu trabalho?
"Os meus filhos falam que isso não é vida pra eles. Meu marido trabalha em firma e prefere lá."

20) Você tem casa própria? "Não." Tem coleta de lixo? "Sim." Esgoto? "Sim." Alagamento? "Não." É próxima da cooperativa? "Não."

21) Sua vida melhorou na cooperativa?
"Acho que sim."

22) Quais as melhorias trabalhando na cooperativa?
"Eu ajudo meu marido, meus filhos."

23) O que precisa ser feito para melhorar o seu trabalho?
"O lixo tinha que vim mais separado, sem comida."

24) Você já faltou ao trabalho por causa de doença?
"Só quando as costas não me deixam levantar."

25) Você já ficou doente por causa do trabalho?
"Não. Eu trabalho direito. O problema é só as costas."

26) Você pensa em mudar de emprego?
"Meu marido ainda não conseguiu pra mim lá na firma dele."

27) Você concorda como é feito o pagamento pra vocês?
"Sim, só acho que tinha que ser por semana."

28) O que você recebe nesse trabalho está bom pra você?
"Podia ser um pouco mais, mas tá bom."

Nome da Cooperativa: Coopamare
Cooperado: C-CP3
Idade: 48 anos
Sexo: Masculino
Estado de nascimento: SP
Escolaridade: só o primeiro grau.
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa? “Tem quatro anos.”
Qual a sua atividade na cooperativa? “Depende. Eu faço o mais pesado. Eu prenso. Às vezes dirijo. Vou pra empilhadeira [mas não tem curso de empilhadeira, disse que aprendeu sozinho].”
Você trabalha quantas horas por dia? “Pelo menos oito. Mas eu mudo os horários [às vezes trabalha de manhã, outras à noite].”
Já teve outro trabalho? “Eu trabalhei em firma a vida toda, mas cansei e vim pra cá.”

1) Quais doenças você pode ter em contato com o lixo?
   “Dá pra ter um monte de coisas. Tem inseto, bichos, mas a gente toma cuidado.”

2) Quais são os perigos do seu trabalho?
   “Se não tomar cuidado, a gente se machuca. Pode se cortar, pode pisar onde não deve. Esses dias eu não prestei atenção e quase caí dentro de uma bag que tava com vidro.”

3) Você tem acesso a serviço de saúde?
   “Tenho sim, pelo SUS.”

4) Já tomou alguma vacina?
   “Faz muito tempo.”

5) Costuma ir ao médico?
   “Acho que nem se eu tiver morrendo, eu não vou.”

6) Faz exames? [Então também não faz exames?]
   “Não.”

7) Você tem dores nas costas por causa do seu trabalho?
   “Dói todo dia. Até quando tô no caminhão, porque são muitas horas, tem que fazer volume.”

8) Essa dor (ou desconforto) te prejudica no trabalho?
   “Não. Eu trabalho mesmo assim.”

9) Você sente alguma outra dor?
   “Só a das costas mesmo.”

10) Já sofreu cortes ou outros machucados?
"Já cortei o braço, mas não foi nada."

11) Como você se sente trabalhando na cooperativa?
"Tá bom aqui sem patrão."

12) O que você acha do seu trabalho?
"A gente ajuda o meio ambiente, então ajuda as pessoas."

13) Vocês cooperam um com o outro? Têm problemas de relacionamento?
"Só não gosto que pisa no meu calo, fora isso."

14) É melhor trabalhar como catador autônomo ou cooperado? Porquê?
"Aqui. Na rua não dá, não."

15) Como é a segurança no seu trabalho?
"Tem os EPI's lá dentro se a gente precisar. Vai ter o treinamento amanhã dos bombeiros. Então é boa."

16) Você tem algum plano para o futuro?
"Eu quero ver meus filhos bem, o resto não importa."

17) O que é qualidade de vida pra você?
"É poder trabalhar em paz, ter seu cantinho, ver a família bem."

18) Você gosta do trabalho que faz?
"Acho um trabalho importante, apesar de nem toda pessoa entender."

19) O que a sua família e as outras pessoas acham do seu trabalho?
"Pra minha família tá tudo bem, mas tem pessoa que acha que a gente é lixo."

20) Você tem casa própria? "Sim." Tem coleta de lixo? "Sim." Esgoto? "Sim." Alagamento? "Não." É próxima da cooperativa? "Não."

21) Sua vida melhorou na cooperativa?
"A minha melhorou e da minha família."

22) Quais as melhorias trabalhando na cooperativa?
"A gente passa a ter mais coisa. Terminei minha casa, meus filhos não precisam trabalhar aqui, estão estudando."

23) O que precisa ser feito para melhorar o seu trabalho?
"O governo precisa olhar pra nós."

24) Você já faltou ao trabalho por causa de doença?
"Não."

25) Você já ficou doente por causa do trabalho?
"Não."

26) Você pensa em mudar de emprego?
"Também não. Aqui tá bom."

27) Você concorda como é feito o pagamento pra vocês?
"Concordo."

28) O que você recebe nesse trabalho está bom pra você?
"Tá bom sim. Dá pra fazer mais horas também. Minha mulher também trabalha, faz doces pra fora."

APÊNDICE J – Entrevistas com os Cooperados da Cooperativa Coopere-Centro

Nome da Cooperativa: Coopere-Centro
Cooperado: C-CC1
Idade: 22 anos
Sexo: Feminino
Estado de nascimento: SP
Escolaridade: 4ª série
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa? “Tem um ano.”
Qual a sua atividade na cooperativa? “Eu trabalho na esteira e aqui nos eletrônicos também.”
Você trabalha quantas horas por dia? “Oito horas.”
Já teve outro trabalho? “Desde menina que sou empregada, mas não dava mais. As patroas exploram muito.”

1) Quais doenças você pode ter em contato com o lixo?
   “Posso pegar coceira ou me cortar.”

2) Quais são os perigos do seu trabalho?
   “Me cortar só.”

3) Você tem acesso a serviço de saúde?
   “A gente aqui tem sim.”

4) Já tomou alguma vacina?
   “Tomei.”

5) Costuma ir ao médico?
   “Pra fazer exame da mulher [se refere ao exame preventivo papanicolau].”

6) Faz exames? [Você faz algum outro exame?]
   “Não, que não preciso.”

7) Você tem dores nas costas por causa do seu trabalho?
   “Às vezes quando tô na esteira.”

8) Essa dor (ou desconforto) te prejudica no trabalho?
   “Fica mais difícil trabalhar.”

9) Você sente alguma outra dor?
   “Tem vez que a cabeça dói um pouco. Acho que é o cheiro.”

10) Já sofreu cortes ou outros machucados?
    “Não.”

11) Como você se sente trabalhando na cooperativa?
"Só de não ter nenhuma patroa buzinando no meu ouvido, tá ótimo."

12) O que você acha do seu trabalho?
"Eles explicaram pra gente que é um trabalho importante pras pessoas, pro meio ambiente. Então acho que é bom."

13) Vocês cooperam um com o outro? Têm problemas de relacionamento?
"A mulherada é meio complicada, mas qualquer problema eu posso falar com os coordenadores."

14) É melhor trabalhar como catador autônomo ou cooperado? Porquê?
"Como cooperada, pra não ter problema na rua."

15) Como é a segurança no seu trabalho?
"É boa, não tem problema."

16) Você tem algum plano para o futuro?
"Ter uma casinha nossa."

17) O que é qualidade de vida pra você? [Como seria uma vida boa pra você?]
"Ter uma casa. Ver meus filhos estudando, minha mãe aposentada sem ter que trabalhar pra fora. Hoje já tá melhor."

18) Você gosta do trabalho que faz?
"Gosto. Fico aqui com a minha musiquinha e nem vejo a hora passar."

19) O que a sua família e as outras pessoas acham do seu trabalho?
"Minha mãe achava que eu tinha que continuar na casa dos outros, mas eu não volto. Quando eu falei pra minha mãe que eu não volto, ela parou. Os outros não sabem direito o que é."

20) Você tem casa própria? "Não, é de aluguel." Tem coleta de lixo? "Sim." Esgoto? "Sim." Alagamento? "Não." É próxima da cooperativa? "Sim."

21) Sua vida melhorou na cooperativa?
"Tá melhor."

22) Quais as melhorias trabalhando na cooperativa?
"Eu ganho mais do que de empregada. Minha mãe viu isso também. Dá até pra ter uns luxo [me mostrou o celular da marca Motorola]."

23) O que precisa ser feito para melhorar o seu trabalho?
"Não sei."

24) Você já faltou ao trabalho por causa de doença?
"Não. Só por causa dos meus filhos, quando minha mãe não pode ajudar. Aí eu ligo e aviso."

25) Você já ficou doente por causa do trabalho?
"Não."

26) Você pensa em mudar de emprego?
"Não. Apesar de ser lixo, eu prefiro aqui. Não vão me querer em outro lugar."

27) Você concorda como é feito o pagamento pra vocês?
"Concordo. A gente faz as horas e tá tudo certo."

28) O que você recebe nesse trabalho está bom pra você?
"Tá bom, sim. Minha mãe costura e nós duas juntas damos conta."

Nome da Cooperativa: Coopere-Centro
Cooperado: C-CC2
Idade: 25 anos
Sexo: Masculino
Estado de nascimento: SP
Escolaridade: 7ª série
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa? “Tem dois anos.”
Qual a sua atividade na cooperativa? “Eu trabalho nas prensas.”
Você trabalha quantas horas por dia? “O dia inteiro.”
Já teve outro trabalho? “Eu me perdi muito nessa vida. Tava na rua e catava qualquer coisa que desse pra vender pra comprar droga.”

1) Quais doenças você pode ter em contato com o lixo?
   “Eu já tive tudo. Umas coceiras, feridas. Agora não tenho mais.”

2) Quais são os perigos do seu trabalho?
   “A prensa é um pouco perigosa. As coisas caem no pé da gente.”

3) Você tem acesso a serviço de saúde?
   “Aqui, sim. A gente fala lá com o pessoal do escritório e marca.”

4) Já tomou alguma vacina?
   “Aqui a gente toma.”

5) Costuma ir ao médico?
   “Espero não precisar mais, nunca mais [se referia ao tratamento para drogado].”

6) Faz exames?
   “Hoje, não.”

7) Você tem dores nas costas por causa do seu trabalho?
   “Todo mundo tem. Na prensa dói pra carregar e colocar nela.”

8) Essa dor (ou desconforto) te prejudica no trabalho?
   “Depois do que eu já passei, nada me prejudica.”

9) Você sente alguma outra dor?
   “Só a das costas mesmo.”

10) Já sofreu cortes ou outros machucados?
"Não. Eu não fico lá na separação. E depois tem luva."

11) Como você se sente trabalhando na cooperativa?
"Me sinto gente. Agora eu sou gente. Na rua eu era pior que lixo, não era nada."

12) O que você acha do seu trabalho?
"Eu gosto daqui. Gosto do que faço. Isso aqui me salvou."

13) Vocês cooperam um com o outro? Têm problemas de relacionamento?
"De vez em quando dá uns problemas, mas a gente resolve."

14) É melhor trabalhar como catador autônomo ou cooperado? Porquê?
"Aqui, porque não tem patrão. Aqui todo mundo é dono."

15) Como é a segurança no seu trabalho?
"A gente tem que usar proteção, senão eles brigam com a gente [os coordenadores]."

16) Você tem algum plano para o futuro?
"Eu penso em ter família. Crescer [financeiramente] pra cuidar dos moleques [os filhos que pretende ter].

17) O que é qualidade de vida pra você? [como seria uma vida boa pra você?]
"Já tá boa. Saí das drogas. Tô me tratando. Trabalho. Tá bom demais. Agora as pessoas olham pra mim, na cara."

18) Você gosta do trabalho que faz?
"Pô, moça, eu tava no fundo do poço. Aqui tá muito bom."

19) O que a sua família e as outras pessoas acham do seu trabalho?
"Eu não tenho família, não. Minha família tá aqui [na cooperativa]. Aqui o trabalho é digno."

20) Você tem casa própria? "Tenho um quarto alugado." Tem coleta de lixo? "Sim." Esgoto? "Sim." Alagamento? "Não." É próxima da cooperativa? "Não."

21) Sua vida melhorou na cooperativa?
"Muito. Estou feliz aqui."

22) Quais as melhorias trabalhando na cooperativa?
"Me tirou da vida que eu levava. Ninguém quer saber de drogado, nem mesmo se tá se tratando. Aqui eles me aceitaram."

23) O que precisa ser feito para melhorar o seu trabalho?
"Pra mim, nada. Tá bom assim."

24) Você já faltou ao trabalho por causa de doença?
"Desde que eu vim pra cá, eu nunca faltei. Eu tenho medo de não vir."

25) Você já ficou doente por causa do trabalho?
"Nunca. Doente eu tava antes."

26) Você pensa em mudar de emprego?
"Pra quê? Aqui tá bom."

27) Você concorda como é feito o pagamento pra vocês?
"Sim, se você trabalha, você recebe. Se não trabalha, não recebe."

28) O que você recebe nesse trabalho está bom pra você?
"Tá sim. Agora não fico na rua, tenho meu quartinho."

Nome da Cooperativa: Coopere-Centro
Cooperado: C-CC3
Idade: 32 anos
Sexo: Masculino
Estado de nascimento: SP
Escolaridade: 5ª série
Há quanto tempo você trabalha na cooperativa? "Já tem cinco anos."
Qual a sua atividade na cooperativa? "Tudo. Prensa, esteira, puxar bag, às vezes vou pra empilhadeira também [não tem treinamento para empilhadeira]."
Você trabalha quantas horas por dia? "Vou o dia todo."
Já teve outro trabalho? "Já tive outros trabalhos, mas fiz umas coisas erradas aí e agora tô pagando [não quis falar mais]."

1) Quais doenças você pode ter em contato com o lixo?
   "Aqui dá muito rato, por causa da mistura. Então é perigoso."

2) Quais são os perigos do seu trabalho?
   "Se não cuida, se corta."

3) Você tem acesso a serviço de saúde?
   "Daqui da cooperativa."

4) Já tomou alguma vacina?
   "A gente tem que tomar aqui."

5) Costuma ir ao médico?
   "Não."

6) Faz exames?
   "Não."

7) Você tem dores nas costas por causa do seu trabalho?
   "Tenho sim, mas a gente é novo ainda."

8) Essa dor (ou desconforto) te prejudica no trabalho?
   "Não. Não dá nada."

9) Você sente alguma outra dor?
   "Às vezes as pernas doem um pouco, mas é porque a gente fica pra lá e pra cá o dia inteiro."

10) Já sofreu cortes ou outros machucados?
    "Eu já cortei a mão puxando uns sacos e tinha vidro no meio."

11) Como você se sente trabalhando na cooperativa?
"Comecei a ser cidadão de bem."

12) O que você acha do seu trabalho?
"A gente sabe que ele é importante, ajuda a salvar o planeta."

13) Vocês cooperam um com o outro? Têm problemas de relacionamento?
"Nada sério."

14) É melhor trabalhar como catador autônomo ou cooperado? Porquê?
"A melhor coisa é não ter patrão."

15) Como é a segurança no seu trabalho?
É só usar os equipamentos que não tem problema."

16) Você tem algum plano para o futuro?
"Quero construir minha casa."

17) O que é qualidade de vida pra você? [Como seria uma vida boa pra você?]
"É não se meter mais em encrenca, cuidar da própria vida, da família."

18) Você gosta do trabalho que faz?
"Eu gosto. Me sinto útil."

19) O que a sua família e as outras pessoas acham do seu trabalho?
"A minha família tá feliz, parei de fazer besteira e agora ajudo em casa."

20) Você tem casa própria? "Tenho um quarto alugado." Tem coleta de lixo? "Sim." Esgoto?
"Sim." Alagamento? "Não." É próxima da cooperativa? "Não."

21) Sua vida melhorou na cooperativa?
"Tive uma chance."

22) Quais as melhorias trabalhando na cooperativa?
"Agora compro as coisas, ajudo em casa."

23) O que precisa ser feito para melhorar o seu trabalho?
"Tem umas áreas que se a gente fizesse de dois ficava mais fácil, mas nem sempre dá."

24) Você já faltou ao trabalho por causa de doença?
"Não minha. Faltei uma vez que tive que levar minha mãe no posto."

25) Você já ficou doente por causa do trabalho?
"Não."

26) Você pensa em mudar de emprego?
"Não. Vou ficar por aqui. Quem sabe um dia até vou lá pro escritório?"

27) Você concorda como é feito o pagamento pra vocês?
"Sim. Tá certo assim, mas acho que homem tinha que tirar mais porque a gente faz o mais pesado."

28) O que você recebe nesse trabalho está bom pra você?
"Tá bom, mas era bom tirar mais."

APÊNDICE K – Observações Diretas

Observação Direta: 13 de julho de 2015
Local: Cooperativa Fênix Ágape – Itaim Paulista / Zona Leste de SP

- ✓ São duas áreas distintas:
  - — Uma para a administração, onde está o Eco Banco Fênix Ágape, a agência de empregos e a Casa do Fazer. Tem uma biblioteca que será levada para o Nordeste (na cooperativa criada lá). Essa área é bonita e organizada.
  - — A outra área é a operacional, onde estão o refeitório, banheiros e o galpão de triagem. Aqui observa-se alguns problemas. O chão dificulta o trabalho porque não é cimentado. As bags são arrastadas pelo chão o que provoca alguns buracos. Quando chove fica tudo enlameado. Tinham poças d'água no chão. Muitos pernilongos, mas não vi ratos. A primeira impressão é de bagunça, mas há uma área para cada material triado.

- ✓ As bags têm um preço e por serem arrastadas, rasgam com o tempo;
- ✓ Um pouco de mau cheiro onde a prefeitura deposita os sacos de materiais;
- ✓ Não há cartazes no galpão;
- ✓ O galpão é todo murado;
- ✓ Recebe os resíduos da prefeitura em dois caminhões;
- ✓ Tem caixas de EPI´s no escritório;
- ✓ A coleta é realizada pela prefeitura e a cooperativa realiza a triagem;
- ✓ Francisca criou outra cooperativa no Nordeste (Resgate Total);
- ✓ Para SP o próximo projeto é o de capacitação profissional e encaminhamento às empresas;
- ✓ Para o Nordeste deseja levar a parte social: cursos de inglês, informática e a biblioteca;
- ✓ Quem administra a cooperativa no Nordeste é o filho;
- ✓ A cooperativa trabalha de 2ª à sexta, das 8:00hs às 17:00hs e aos sábados, das 8:00hs às 15:00hs;
- ✓ Cada cooperado tem um caderno onde é anotada a sua produção e o valor diário. O acesso ao caderno é liberado ao cooperado;
- ✓ Os rapazes trabalham no apoio para encher as bags e colocar nos caminhões;
- ✓ Pagamentos nos dias 10, 20 e 30, de acordo com a necessidade de cada cooperado;
- ✓ Há vezes em que o material que a prefeitura entrega vem misturado com lixo hospitalar. Quando isso acontece, separam, tiram foto e enviam o material de volta à prefeitura e a foto por e-mail;
- ✓ Material misturado com orgânico acontece, mas em menor frequência;

- ✓ Depois da entrevista, a Francisca me mostrou o facebook da Resgate Total;
- ✓ Já passaram por roubo, onde levaram todos os computadores;
- ✓ Retirou a placa da Record da frente do prédio, porque chamava muito a atenção;
- ✓ O bairro já tentou tirá-los do local. A situação melhorou depois da divulgação da Record e da colocação do muro em todo o galpão;
- ✓ Há uma coordenadora para ajudar a organizar o trabalho, mas muitos cooperados não usavam EPI.

Observação Direta: 14 de julho de 2015
Local: Cooperativa Cooperação – Vila Leopoldina (Lapa) / Zona Oeste de SP

- ✓ Me foi pedido que levasse uma cesta básica quando fosse à cooperativa;
- ✓ Possuem auxílio de uma empresa contratada para a administração da cooperativa;
- ✓ Muita movimentação com entrada e saída de caminhões;
- ✓ O rapaz que dirige a empilhadeira não tem carteira de motorista e nem habilitação para dirigir a empilhadeira. Dirige perigosamente, mas os cooperados gostam, dão risadas e dizem que ele trabalha bem;
- ✓ Os homens trabalham de apoio, onde o trabalho é mais pesado;
- ✓ Existem caixas de EPI's, mas poucos usam;
- ✓ Há dois homens capacitados para trabalhar com os eletrônicos;
- ✓ Há uma sala para o alumínio, outra para os eletrônicos e uma área maior para o papel e papelão;
- ✓ O material vem misturado, mas está melhor, antes havia animais mortos. Encontrei lixo orgânico;
- ✓ O extintor de incêndio (o único que achei no galpão) parecia misturado aos demais materiais. Não tinha um lugar próprio, adequado;
- ✓ Vários cartazes sobre segurança no trabalho e o uso de EPI's no galpão e cartazes com patrocínio;
- ✓ Foi construído um andar para a administração, refeitório e banheiros. É organizado e com vários documentos pela parede, para facilitar o acesso do cooperado.

Observação Direta: 15 de julho de 2015
Local: Cooperativa Coopamare – Pinheiros / Zona Oeste de SP

- ✓ OAF – Organização e Auxílio Fraterno – projeto de auxílio a moradores de rua, de onde surgiu a Coopamare;
- ✓ Muitos problemas com a prefeitura de SP. Várias tentativas de retirá-los do local;
- ✓ Estrutura precária (embaixo do viaduto, chão ruim);
- ✓ As mulheres assumem serviços pesados;
- ✓ No dia da visita nenhum cooperado usava qualquer tipo de EPI, nem mesmo a gestora;
- ✓ As informações apresentadas diferem das que estão no site da Coopamare (desatualização);
- ✓ Maior dificuldade em entrevistar os cooperados. Algumas pessoas não quiseram nem tirar foto. Para tirar a foto da esteira, onde estavam trabalhando, algumas pessoas se retiraram, inclusive a própria Dulcinéia (que também estava separando e sem EPI);
- ✓ São 20 cooperados, mas contei sete pessoas no local;
- ✓ Havia um pouco de mau cheiro;
- ✓ Há uma área na cooperativa com material que não é reciclável, como madeira, colchão e cadeira de plástico. Walisson disse que estão acumulados naquele local há 5 anos. As pessoas deixam na calçada da cooperativa e eles “guardam” para evitarem problemas com os moradores e a prefeitura;
- ✓ Existem doações da própria população dos bairros próximos direto no portão da Coopamare;
- ✓ Antes o material vinha bastante misturado, mas melhorou muito. Hoje vem menos.

Observação Direta: 16 de julho de 2015
Local: Cooperativa Coopere-Centro – Bom Retiro / Região Central de SP

- ✓ Ao lado da Coopere-Centro há a Mega Central de Triagem Mecanizada – LOGA, com segurança na entrada e cancela;
- ✓ Senti mau cheiro logo na entrada da cooperativa. O material estava misturado com lixo orgânico;
- ✓ Haviam ratos andando entre os materiais e muitas moscas;
- ✓ Cheguei na cooperativa antes de iniciarem as atividades. Estavam tomando café da manhã. Alguns no refeitório e muitos outros no galpão, sentados entre as bags. Expliquei sobre a vontade de conhecer um pouco sobre eles e a cooperativa. Alguns gostaram, mas outros sequer quiseram falar comigo e se afastaram. Os que gostaram me ofereceram café e nós conversamos;
- ✓ Ao falar sobre o motivo da minha ida para a cooperativa, um dos coordenadores deu uma bronca na Marta, especificando que todo tipo de visita tem que passar por ele;
- ✓ Coletam todo tipo de material, inclusive isopor;
- ✓ Entre os cooperados há ex-presidiários, casais homossexuais e transexuais;
- ✓ O espaço é grande e organizado por setores de materiais (o maior das cooperativas visitadas). Apesar disso, a sensação é de que as pessoas se misturam ao lixo;
- ✓ Há áreas cobertas e outras não;
- ✓ Todos os cooperados estavam uniformizados;
- ✓ Todos com EPI's, como luvas, máscaras, óculos e botas. Alguns usavam tênis;
- ✓ Muitas mulheres cooperadas. Poucos homens que se encarregam da parte mais pesada do trabalho;
- ✓ A única cooperativa em que na área administrativa há uma pessoa com formação superior. No entanto ele pertence ao Centro Gaspar Garcia;
- ✓ São vários coordenadores divididos por funções: operacional, administrativo e fiscal;
- ✓ Enquanto a Marta me mostrava a cooperativa, vários cooperados a abordaram perguntando se iriam para a LOGA nesse dia.